



Grupos Escolares de Curitiba na primeira metade do século XX

Elizabeth Amorim de Castro



Grupos Escolares de Curitiba na primeira metade do século XX

Elizabeth Amorim de Castro

Equipe Técnica

PESQUISA

Allan Thomas Tadashi Kato
Ana Paula Pupo Correia
André Luiz Largura
Elizabeth Amorim de Castro
Janice Bernardo da Silva

ILUSTRAÇÕES E DESENHOS

André Luiz Largura

FOTOGRAFIA

Elizabeth Amorim de Castro

PRODUTOS CARTOGRÁFICOS

Ana Paula Marés Mikosik
Eduardo Vedor de Paula

TEXTOS

Elizabeth Amorim de Castro

PROJETO GRÁFICO

André Luiz Largura
Elizabeth Amorim de Castro

REVISÃO

Claudia Rodrigues de Oliveira Pansera

CD-ROM

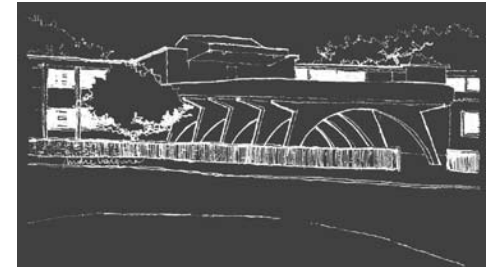
Origi Comunicação

TRILHA SONORA

Mário Amadeu Gallera

COORDENAÇÃO GERAL

Elizabeth Amorim de Castro



Dados internacionais de catalogação na publicação.
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

Castro, Elizabeth Amorim de, 1963-
Grupos Escolares de Curitiba na primeira metade
do século XX / Elizabeth Amorim de Castro. -
Curitiba : Edição do autor, 2008.
160p. : il. ; 21 x 30cm.

ISBN 978-85-904968-4-7
Inclui bibliografia.

1. Arquitetura - Curitiba (PR). 2. Edifícios
escolares - Curitiba (PR) - História. I. Título.

CDD (22ª ed.)

720.981621

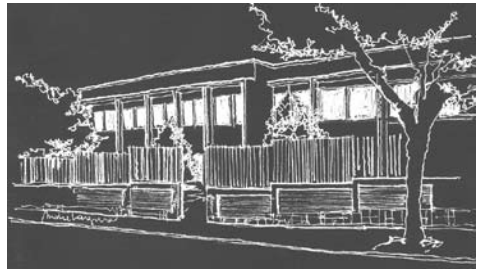
© Elizabeth Amorim de Castro, 2008. Todos os direitos reservados.



Grupos Escolares de Curitiba na primeira metade do século XX

Elizabeth Amorim de Castro

Curitiba, 2008
Edição da Autora





Sumário



Considerações iniciais.....	6
Período: Final do século XIX.....	8
As primeiras escolas no Paraná e em Curitiba.....	9
Escola Carvalho.....	18
Escola Oliveira Bello.....	22
Escola Tiradentes.....	26
Período: Primeira República.....	30
As escolas da Primeira República.....	31
Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva.....	46
Casa Escolar Cruz Machado.....	50
Grupo Escolar Professor Cleto.....	52
Casa Escolar Presidente Pedrosa.....	54
Casa Escolar Conselheiro Zacarias.....	56
Casa Escolar Professor Brandão.....	58
Grupo Escolar Rio Branco.....	60
Grupo Escolar Dezenove de Dezembro.....	62
Grupo Escolar D. Pedro II.....	64

Período: 1930-1945.....	68
As escolas de Manoel Ribas.....	69
Escola Municipal do Cajuru.....	80
Escola Municipal de Santa Felicidade.....	82
Escola Municipal do Guabirota.....	83
Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa.....	84
Grupo Escolar Júlia Wanderley.....	88
Período: 1945-1951.....	90
As escolas de Moisés Lupion.....	91
Grupo Escolar do Boqueirão.....	98
Escola Experimental Maria Montessori.....	100
Grupo Escolar do Bacacheri.....	102
Grupo Escolar do Cristo Rei.....	104
Grupo Escolar do Alto Cabral.....	106
Grupo Escolar Guaíra.....	108
Grupo Escolar do Novo Mundo.....	110
Grupo Escolar do Seminário do Barigüi.....	112
Grupo Escolar da Vila Hauer.....	114
Período: 1951-1955.....	116
As escolas de Bento Munhoz da Rocha Netto.....	117
Grupo Escolar Barão do Rio Branco.....	124
Grupo Escolar Paula Gomes.....	128
Grupo Escolar Hildebrando de Araújo.....	130
Grupo Escolar Pietro Martinez.....	132
Grupo Escolar Tiradentes.....	136
Considerações Finais.....	142
Glossário.....	144
Relação de Imagens.....	146
Agradecimentos.....	158





Considerações Iniciais

É assim mesmo, a escola planejada para uma determinada época encontrará, mais tarde, uma outra forma, melhor condizente com a realidade dos processos educacionais sempre em evolução e por ela será invariavelmente substituída.¹

Grupos Escolares de Curitiba na primeira metade do século XX é um projeto de pesquisa desenvolvido com recursos do Fundo Municipal de Cultura de Curitiba que estudou a arquitetura de 31 escolas de instrução primária de Curitiba ao longo de mais de 60 anos. O trabalho atravessou o Império, a Primeira República, a Era Vargas, chegando aos anos dourados da década de 1950.

Todos os edifícios escolares aqui apresentados foram projetados especialmente para esta atividade e, nesta condição, materializaram em seu espaço demandas pedagógicas e higienistas com o saber e o fazer arquitetônico daquele momento. Ao projetar, o arquiteto registra o tempo no espaço. Os edifícios escolares, portanto, contam histórias. Ao estudá-los, pode-se conhecer um pouco de Curitiba, da Educação Pública no Paraná e da Arquitetura.

A definição do universo estudado partiu de alguns critérios: edifícios projetados e construídos para a instrução primária, durante a primeira metade do século XX, situados dentro dos limites urbanos de Curitiba e construídos em alvenaria de tijolos. Com o desenvolvimento da pesquisa, o número inicial de 20 escolas foi aumentado para 31.

Características comuns entre os edifícios escolares, como data de projeto, programa e vocabulário arquitetônico empregado, definiram a divisão deste grupo em cinco períodos. O primeiro, final do século XIX, abriga as escolas construídas antes da graduação do ensino primário. Em seguida, na Primeira República, registra-se a implantação dos primeiros grupos escolares na cidade. Os próximos momentos, estruturados nos Governos de Manoel Ribas, Moysés Lupion e Bento Munhoz, mostram a consolidação deste sistema e a ampliação constante da rede de escolas primárias.

Esses períodos também foram marcados por mudanças significativas na arquitetura e na pedagogia, impressas no edifício escolar, mas, às vezes, a construção de uma escola não respeita o tempo de um mandato político. Um governo freqüentemente inaugura

¹ DUARTE, Hélio. O problema escolar e a arquitetura. In Revista Habitat - revista das artes no Brasil. Nº 4. São Paulo: Habitat, set-dez de 1951. (p. 5)





edifícios do anterior. Dessa forma, considerou-se, na delimitação temporal, a data do projeto arquitetônico e não a da conclusão da obra. É no momento da concepção do edifício que demandas pedagógicas, técnicas construtivas e vocabulário formal são definidos.

Em cada período, há um texto introdutório com o contexto nacional e estadual. Estabelece-se também uma relação com os demais edifícios escolares projetados e construídos no Paraná. Depois, cada escola é apresentada com dados históricos e atuais. Fotografias e análise da arquitetura completam as informações. Como o estudo está voltado para a concepção inicial de cada edifício escolar, adotou-se a sua primeira denominação.

Dentro de um universo de 31 edifícios, não foram encontrados os projetos arquitetônicos de quatro escolas. Este fato, felizmente, não comprometeu a pesquisa, mas confirma outro: o registro não é um hábito brasileiro. A pesquisa foi dificultada pela falta de documentos, projetos, fotografias. Em algumas escolas, não se sabia a data de inauguração. Conseqüentemente, não há uniformidade nas informações. Algumas têm muitas, outras quase nada.

É importante ressaltar que o objetivo deste trabalho não foi resgatar a história de cada escola. Tarefa impossível diante dos escassos documentos encontrados. A presente pesquisa está voltada para a arquitetura. Para isso, foi realizado o levantamento das escolas construídas e uma análise comparativa, tendo como parâmetros critérios e elementos fundamentais para a elaboração do projeto arquitetônico e a materialização do edifício escolar. Foram eles: o programa arquitetônico de necessidades que define os ambientes necessários à escola; a técnica construtiva que se utiliza de um conjunto de métodos e procedimentos de edificação e de um grupo de materiais construtivos aprimorados ao longo do tempo; a ordenação espacial que organiza e distribui os diferentes ambientes a partir de critérios, como setorização, hierarquia, fluxo de atividades, etc.; e a linguagem formal ou plástica que indica o tratamento estético recebido pelo edifício, considerando um vocabulário estilístico.

Os parâmetros relacionados contribuem para a identificação de permanências e mudanças no edifício escolar e a relação destas com as demandas pedagógicas e arquitetônicas de cada momento. Nas páginas seguintes será possível ver se tais características confirmam ou não as palavras do arquiteto Hélio Duarte colocadas na epígrafe destas Considerações Iniciais.

Boa leitura!





Período: Final do século XIX



As primeiras escolas no Paraná e em Curitiba

A escola era uma unidade de ensino com um professor. O termo escola era utilizado com o mesmo sentido de cadeira, ou seja, uma aula régia de gramática latina ou uma aula de primeiras letras. Correspondia cada uma, a uma cadeira específica, o que representava uma unidade escolar, uma escola. Cada aluno freqüentava as aulas que quisesse, não havendo articulação entre as mesmas.¹

O texto de Tereza Cardoso explica a estrutura da instrução pública no período imperial brasileiro. Esta escola era freqüentemente instalada em prédios existentes, que serviam precariamente como local de ensino e residência do professor. A falta de edifícios escolares apropriados era apenas um entre tantos problemas encontrados nesta área. Estes cômodos ressentiam-se de mobiliário, não havia material escolar e o método de ensino não garantia um aprendizado satisfatório. A alta evasão escolar, o pouco preparo dos mestres de primeiras letras e a pouca assiduidade de professores e alunos completavam este triste quadro, delineado pelo estudo da historiadora Maria Luiza Marcílio para São Paulo e que pode ser transportado para todo o Brasil.²

Outro trabalho, sobre as escolas no Rio de Janeiro, de Alessandra Shueler, acrescenta a esta lista a “falta de higiene e a insalubridade destas casas de escolas”.³ Este texto ainda apresenta algumas descrições dos ambientes destas escolas. Uma delas seria composta de “uma sala e um quartinho, com cabides provisórios e duas bacias para os meninos urinarem; para outras necessidades corporaes, atravessam o interior da casa e vão para o terraço onde tem uma latrina”. Há registros de uma solitária para castigar alunos desobedientes.⁴ Justifica-se, desta forma, a associação entre prisão e escola, o que contrasta com o ideal modernizador e civilizador do Império.

Neste contexto, a necessidade de instalações adequadas para as escolas públicas já era

1 CARDOSO, Tereza Fachada Levy. A construção da escola pública no Rio de Janeiro Imperial. In Revista Brasileira de História da Educação. Nº 5. Campinas: Editora Autores Associados, jan/jun 2003. (p. 201)

2 MARCÍLIO, Maria Luiza. O bê-a-bá no caos. In Revista de História. Ano 1, nº 4. Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional, outubro de 2005. (p. 82-85)

3 SCHUELLER, Alessandra Frota Martinez de. No tempo da palmatória. In Revista de História. Ano 2, nº 23. Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos da Biblioteca Nacional, agosto de 2007. (p. 67)

4 SCHUELLER, A. F. M. No tempo... 2007. (p. 68)

apontada por autoridades na década de 1840. Tereza Cardoso identificou neste período a elaboração de projetos para edifícios escolares que não foram construídos por falta de recursos.⁵

Datam da segunda metade do século XIX os primeiros edifícios escolares construídos especificamente para esta atividade no Brasil. Localizaram-se no Rio de Janeiro, nas freguesias de Santana, Santa Rita, Santo Antonio, São José e Glória.⁶ No final da década de 1880, das 94 escolas primárias em funcionamento no Rio de Janeiro, apenas 13 localizavam-se em edifícios escolares projetados para o ensino.⁷ A realidade da escola-residência ainda se mantinha.

Na 5ª Comarca da Província de São Paulo, a situação não era diferente. Em Curitiba, o primeiro registro de um espaço escolar é de 1836, quando, após insistentes solicitações ao governo provincial, o professor João Baptista Brandão conseguiu “uma boa, decente e grande sala que serve de consistório da começada igreja de São Francisco de Paula, igreja que se acha em completo abandono”.⁸ A primeira escola de Curitiba localizou-se, portanto, em uma ruína.

Após a criação da Província do Paraná, em 1853, surgiram colégios secundários públicos e particulares em Curitiba, Paranaguá, Castro, Ponta Grossa e Morretes, funcionando simultaneamente com as aulas avulsas financiadas pelo governo.⁹ Segundo Alir Ratascheski, havia, naquele ano, 26 escolas na província paranaense, atendendo 711 alunos.¹⁰ Em 1865, o número de escolas elevou-se para 133 (no entanto, 89 eram particulares, atendendo apenas a 930 crianças) e de alunos para 2.432. As informações revelam uma grande disparidade: a média de estudantes em estabelecimentos particulares era de 10,4 alunos/escola, enquanto que a das escolas públicas, de 34,14 alunos/escola, ou seja, 304% mais alta.

5 CARDOSO, T. F. L. A construção... 2003. (p. 202)

6 CARDOSO, T. F. L. A construção... 2003. (p. 202) e SCHUELLER, A. F. M. No tempo... 2007. (p. 69)

7 SCHUELLER, A. F. M. No tempo... 2007. (p. 69)

8 Requerimento do professor João Baptista Brandão de Proença ao Vice-presidente da Província de São Paulo. Curitiba, 2 de novembro de 1935. In KUBO, Elvira Mari. A Legislação e a Instrução Pública de Primeiras Letras na 5ª Comarca da Província de São Paulo. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, 1986. (p. 205)

9 TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. Cultura e Educação no Paraná. Curitiba: SEED, 2001. Coleção História do Paraná; textos introdutórios. (p. 61-62)

10 RATACHESKI, Alir. Cem anos de ensino no Estado do Paraná. In Álbum Comemorativo do 1º Centenário da Emancipação Política do Paraná. Curitiba: Governo do Paraná: Câmara de Expansão Econômica do Paraná, 1953. (p. 30)



O número maior de alunos nas escolas públicas não estava relacionado à maior qualidade de ensino. Da mesma forma que Rio de Janeiro e São Paulo, as escolas de Curitiba e do Paraná funcionavam precariamente em espaços arranjados e os problemas referentes à instrução pública eram os mesmos.

No entanto, mesmo ciente deste diagnóstico, o governo não cogitou em construir escolas. Zacarias Góes e Vasconcellos, primeiro Presidente da Província do Paraná, em 1854, condenou a utilização da residência do professor como escola e pediu que estas fossem instaladas em edifícios públicos ou em prédios alugados exclusivamente para esta finalidade.¹¹

O primeiro edifício escolar projetado e construído para este fim foi inaugurado em 1857 e destinado ao Liceu de Curitiba, de ensino secundário. Além da atividade pedagógica, abrigou outras instituições: a Tesouraria Provincial, a Inspetoria-Geral de Instrução Pública e a Biblioteca Pública. Alguns anos depois, a escola foi desativada permanecendo na edificação os outros serviços.¹²

Os prédios escolares só foram projetados e construídos bem mais tarde. A legislação referente à instrução pública do Paraná também revelou que a preocupação com as instalações físicas das escolas demoraria. Em 8 de abril de 1957, o “Regulamento de ordem geral para as escolas da instrução primária, preparação, organização do professorado, condições e normas para o ensino particular, primário e secundário” definiu o ensino simultâneo como método pedagógico oficial (Artigo 8º), um número de alunos em cada sala de aula que poderia variar entre 70 e 90 (Artigo 11º) e no Capítulo III, do material das escolas, Artigo 42º, determinou que “as salas deve[ria]m ser claras e arejadas, varridas todos os dias e lavadas duas vezes ao menos por mês”. No item seguinte (Artigo 43º) consta que à porta da escola haverá uma “tabuleta com as armas imperiais, designando a freguesia, vila ou cidade a que pertence e a sua ordem”.¹³

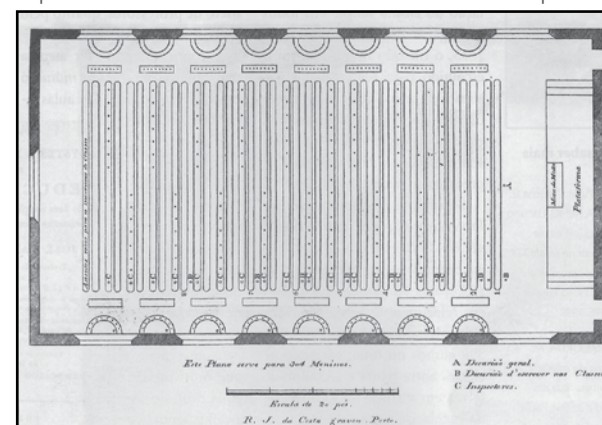
11 KUBO, E. M. A Legislação... 1986. (p. 212)

12 CASTRO, Elizabeth Amorim de; IMAGUIRE, Marialba Rocha Gaspar. Ensaio sobre a Arquitetura em Curitiba - 2. Colégios e Educandários. Curitiba: Edição das Autoras, 2006. (p. 44)

13 Regulamento de ordem geral para as escolas da instrução primária, preparação, organização do professorado, condições e normas para o ensino particular, primário e secundário - de 8 de abril de 1857. In MIGUEL, Maria Elisabeth Blank; MARTIN, Sonia Dorotea (org). Coletânea da Documentação Educacional Paranaense no período de 1854 a 1889. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2004. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.publicacoes.inep.gov.br/detalhes.asp?pub=4138>. Acesso em 12 de junho de 2008. (p. 52-54)

Desconsiderando a possibilidade de construções de sedes adequadas, a legislação exigia apenas salas claras e arejadas, sem definição do que poderia ser entendido com isso. A identificação das escolas e a colocação das armas imperiais já tinha sido uma determinação do Regulamento de 1854 do Rio de Janeiro.¹⁴ Mas como deveria ser o espaço físico de uma escola primária que adotava o ensino simultâneo? Este método, também conhecido como “Lancaster”, estruturava-se na figura do monitor, aluno mais adiantado, que sob a orientação do professor passaria conhecimentos aos demais colegas. Em uma única sala, alunos em diferentes estágios de conhecimento poderiam ser atendidos simultaneamente por vários monitores. Um artigo de Tereza Cardoso mostra uma planta de uma escola com esta característica, que pode ser conferida na Figura 01.

↓ Figura 01:
Planta do pavimento térreo de uma sala de aula de ensino mútuo para 304 alunos



Trata-se de uma sala ampla, destinada a 304 alunos. As carteiras estão dispostas em linhas, nas quais os alunos de mesma condição agrupam-se para receber as orientações do monitor. O professor fica sobre um tablado de madeira, controlando o trabalho geral. As escolas do Paraná poderiam atender no máximo 90 alunos, mas o esquema apresentado contribui para o entendimento da organização do espaço interno da sala de aula. Entende-se desta forma a importância do mobiliário, pois se não for adequado ao enfileiramento das carteiras ou bancos escolares, por exemplo, pode comprometer a ordenação da sala de aula.

14 SCHUELER, A. F. M. No tempo... 2007. (p. 68)



No Paraná, os primeiros passos para a construção de casas escolares destinadas à instrução primária foram dados com a visita de D. Pedro II, em 1880. O imperador fez donativos a várias cidades da província com este objetivo. João José Pedrosa, Presidente do Paraná na ocasião, nomeou comissões em Antonina, Ponta Grossa, Morretes, Castro, Palmeira e Lapa para dar andamento à iniciativa imperial. Respeitáveis cidadãos foram convocados para arrecadar mais recursos.

Muito espera esta presidência do zelo e patriotismo da comissão ora nomeada, cujos sentimentos em prol da causa publica terão mais uma ocasião para manifestar-se, acreditando a presidência que o generoso pensamento de S. M. o Imperador, sendo nessa cidade perfeitamente acolhido, será traduzido em realidade no mais curto prazo possível, por bem da instrução que merece e desafia, na era presente, os mais incessantes desvelos dos povos livres.¹⁵

Não havendo possibilidade de arcar com o custo da obra, o governo provincial transferiu esta responsabilidade à comunidade. O projeto arquitetônico foi solicitado ao “Ministerio d’Agricultura, Commercio e Obras Publicas” em 22 de junho de 1880.

Com o aviso datado de 11 de abril próximo findo [1881], o ministerio da agricultura enviou-me o projecto de typos e a descripção feita pela inspeccia geral de obras publicas, para a construcção, nesta provincia, das casas escolares a que se refere meu antecessor, Exm. Dr. Dantas Filho, no relatorio com que me passou a administração a 4 de agosto do anno transacto [1880].

Communiquei o recebimento deste trabalho as comissões que estão encarregadas de agenciar donativos para as casas de escolas na provincia, e aguardava participação de já poderem ellas dar começo a construcção dos edificios, alem de enviar-lhes cópia da planta respectiva.¹⁶

As primeiras casas escolares foram construídas em Curitiba em 1882 e 1884, a Escola Carvalho e a Oliveira Bello respectivamente. Ambas serão analisadas separadamente nas próximas páginas. Cabe registrar aqui o avanço que houve, naquele momento, na regulamentação construtiva destes edificios.

Lei nº 734, de 22 de outubro de 1883: Determina a construção de casas escolares
Artigo 1º: As camaras municipais da Provincia, farão construir nas sedes dos seus municipios casas escolares, segundo o plano que for ministrado pelo Presidente da Provincia.

15 PARANÁ. Provincia. 1880. Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. Manuel Pinto de Souza Dantas Filho passou ao Exm. Snr. Dr. João José Pedrosa a administração, em 4 de agosto de 1880. Curitiba: Typ. Perseverança, 1880. (p. 12)

16 PARANÁ. Provincia. 1881. Exposição com que o Dr. João José Pedrosa passou a administração da Provincia do Paraná ao Presidente Dr. Sancho de Barros Pimentel, no dia 3 de maio de 1881. Curitiba: Typ. Perseverança, 1881. (p. 16)

Artigo 2º: Em cada uma das localidades de que trata o artigo antecedente, serão edificadas sucessivamente duas casas escolares para cada sexo, salvo se forem ambas edificadas com entradas em frentes diversas e incomunicaveis.

Artigo 3º: A capacidade do edificio será regulada: pela categoria do povoado, pelo desenvolvimento local e pela frequencia escolar.

Artigo 4º: As construcções dos edificios menores serão executadas de modo que possam ser estas ampliadas sem inconveniente, quando o aumento de alunos o exigir.¹⁷

Após a edificação da primeira casa escolar em Curitiba, determinou-se que os demais municípios fizessem o mesmo. O Artigo 2º fez uma imposição importante: a necessidade de separação física de meninos e meninas. Para isso, dois edificios diferentes ou duas escolas incomunicáveis no mesmo edificio. A primeira solução foi seguida em Curitiba, a segunda foi adotada nas Cidades de Paranaguá (Escola Faria Sobrinho), Antonina (Escola Brasília Machado) e Lapa (Escola Manoel Pedro). A possibilidade de ampliação das escolas não foi conseguida, como será visto adiante.

No ano seguinte, foi decretado o “Regulamento para a construção de casas escolares”. Ali as determinações estabelecidas anteriormente foram mantidas e definidas algumas condições de implantação do edificio e de seu programa arquitetônico.

Ato nº 287, de 14 de outubro de 1884:

Regulamento para a construção de casas escolares

Artigo 4º: guardar-se-ão nas construcções de casas escolares os seguintes preceitos:

§ 1º: Quanto à localização deve ser preferido:

- 1) o centro da circunscrição escolar, e neste:
- 2) o local mais acondicionado as exigências de higiene, e neste:
- 3) o terreno com capacidade de isolamento para o edificio e ajardinamento circular.

§ 2º: Quanto à distribuição do edificio, poderá conter:

- 1) um vestíbulo;
- 2) duas saletas anteriores, uma servindo de locutório para o professor, outra de vestiário para os alunos;
- 3) a classe;
- 4) o ginásio, ou avarandado coberto;
- 5) uma privada ou duas, nas escolas promiscuas;
- 6) o pátio ou fundo;
- 7) o jardim em roda.

§ 3º: Para a classe exige-se:

- 1) capacidade superficial correspondente pelo menos a 1m.9,2 ms. por aluno, se o móvel for de um lugar, ou a 1m.9 se o móvel for de dois lugares;

17 MIGUEL, M.E. B. Coletânea... 2004 (p. 366-367)



- 2) capacidade cúbica nunca inferior a 5,5 m³;
 - 3) forma retangular, guardando o comprimento e largura entre si a proporção de 1 ½:1 mais ou menos;
 - 4) luz direta unilateral pela esquerda, ou bilateral, sendo mais entrusa pela esquerda;
 - 5) aparelhos de ventilação.
- § 4º: O exterior guardará o mais possível os elementos de distribuição interna.¹⁸

O “Regulamento para a construção de casas escolares” parece uma simplificação da normatização francesa sobre o tema. A instrução pública e os edifícios escolares deste país europeu e dos Estados Unidos eram citados como modelos a serem seguidos.

Uma interessante retrospectiva da regulamentação francesa foi apresentada no “*Traité d’architecture*”, um manual de projeto arquitetônico, elaborado por Georges Tubeuf. O arquiteto francês, herdeiro da tradição acadêmica da Escola de Belas Artes, considerou a Instrução Ministerial francesa, de 17 de junho de 1880, como a mais completa regulamentação elaborada sobre o tema desde 1850. Ali as questões sobre o terreno, a implantação do edifício e o programa arquitetônico foram minuciosamente detalhadas.¹⁹

A legislação paranaense orientou que o terreno para a escola deveria ser central e adequado às exigências de higiene. Quais seriam estas exigências? A alínea seguinte estabeleceu duas: um terreno com capacidade de isolamento para o edifício e ajardinamento circular. A norma francesa esmiuçou o assunto. Delimitou que o terreno destinado a receber uma escola deveria ser central, de fácil acesso, longe de qualquer estabelecimento barulhento, insalubre ou perigoso e distante pelo menos 100 metros dos cemitérios. As imposições higienistas trataram do tipo de terreno, evitando aqueles que retêm umidade, das suas dimensões (um mínimo de 300 m² ou ainda 10 m²/aluno) e da orientação do edifício (que vai proporcionar melhores índices de iluminação e ventilação).²⁰

O programa arquitetônico do edifício escolar no Paraná ficou determinado. Além da sala de aula, um gabinete para professor, um vestiário para os alunos e um vestíbulo precedendo estes ambientes. As instalações externas: um pátio coberto, outro descoberto e instalações sanitárias. O jardim circundando o edifício possibilitaria que este, afastado

da divisas do terreno, recebesse maior índice de insolação e ventilação. Estes elementos são indispensáveis, mesmo nas escolas mais simples, segundo outro arquiteto francês Julien Guadet. No tratado “*Éléments et théorie de l’architecture*”, o professor da Escola de Belas Artes Francesa ressaltou que o núcleo de uma escola é formado pela sala de aula, as áreas de recreação coberta e descoberta e as instalações sanitárias e destaca que a ventilação e a iluminação devem ser condicionantes permanentes da distribuição interna das escolas.²¹

Em relação à sala de aula, a legislação paranaense determina a forma retangular, a iluminação pela esquerda e área e volumes mínimos por aluno. Tais definições também estão presentes na norma francesa de 1880. No entanto, os índices diferem: no Paraná, 5,5 m³/aluno, na França 5. Quanto à área mínima das salas, a situação se repete: no Paraná, 1,92 m², na França, 1,25 m².²²

A pequena comparação realizada demonstra que ao elaborar o “Regulamento para a construção de casas escolares”, o governo paranaense tinha conhecimento sobre o tema, mas suas determinações não podem ser consideradas simples reproduções das normas francesas. Foram adaptadas às condições locais.

Após esta legislação foram construídos edifícios escolares em Antonina (inaugurado em 1885), Paranaguá (inaugurado em 1888), Lapa (construção iniciada em 1888) e Curitiba (a Escola Tiradentes, inaugurada em 1895). Os registros referentes a estas escolas são escassos. Algumas imagens, poucas referências em relatórios oficiais e matérias de jornais e apenas dois projetos arquitetônicos (da escola de Paranaguá e da Lapa) foram encontrados.

As fotos revelam edifícios de um pavimento, construídos em bloco único. Todos podem ser considerados de orientação eclética. As escolas de Curitiba apresentam maior esmero formal e tratamento diferenciado na entrada, demarcando o acesso ao edifício com frontão ou pórtico. Todas elas foram construídas na região central da cidade. O Mapa 01 mostra a proximidade desses edifícios com a Praça Tiradentes, marco inicial da cidade. As Fotos 01 a 04 trazem imagens da cidade neste período.

18 MIGUEL, M. E. B. Coletânea... 2004 (p. 401-402)

19 Règlement pour la construction et l’ameublement des maisons d’école. Instruction ministérielle du 17 juin 1880. In TUBEUF, Georges. *Traité d’architecture théorique et pratique*. Vol. IV: Types de constructions diverses. Paris: H. Chairgrasse fils, [s.d.]. (p.1-15)

20 Conditions générales - Emplacement. Règlement pour la construction et l’ameublement des maisons d’école. Instruction ministérielle du 17 juin 1880. In TUBEUF, G. *Traité d’architecture*... [s.d.]. (p.2)

21 GUADET, Julien. *Éléments et théorie de l’architecture*. Livre VIII. Les Éléments de la composition dans les édifices d’enseignement et instruction publique. Paris : Librairie de la Construction Moderne, 1909. 1ª edição : 1901. (p. 212)

22 La classe. Règlement pour la construction et l’ameublement des maisons d’école. Instruction ministérielle du 17 juin 1880. In TUBEUF, G. *Traité d’architecture*... [s.d.]. (p.3)



O Mapa 01 apresenta os seis edifícios escolares construídos no final do século XIX no Paraná: três em Curitiba e as demais nos Municípios da Lapa, Paranaguá e Antonina. Impressiona o tamanho do território do Paraná e a diminuta quantidade de escolas construídas, indicando o início deste processo no Estado.

Não foram encontrados registros fotográficos e o projeto arquitetônico da escola de Antonina. Os prédios das escolas de Paranaguá e da Lapa são mostrados nas Fotos 08 e 09. Possuem linhas retas, formas simplificadas e um tratamento formal semelhante. Verifica-se a presença de platibanda em todo o perímetro dos edifícios. Foram concebidos para duas salas de aula. As Figuras 02 e 03 apresentam as plantas arquitetônicas destes edifícios. A organização espacial das duas escolas define um núcleo “sala de aula e ambientes de apoio”. Este núcleo foi duplicado formando duas seções, com acessos independentes conforme a determinação do regulamento de 1884.



← Foto 01: Vista panorâmica do Centro de Curitiba a partir da Rua Borges de Macedo - 1889



← Foto 02: Passeio Público, em Curitiba - 1887
A Escola Tiradentes foi construída alguns anos depois nas proximidades deste parque.

↓ Foto 03: Rua XV de Novembro, em Curitiba - 1907



↓ Foto 04: Curitiba - 1875. Ao fundo, a antiga Igreja Matriz.



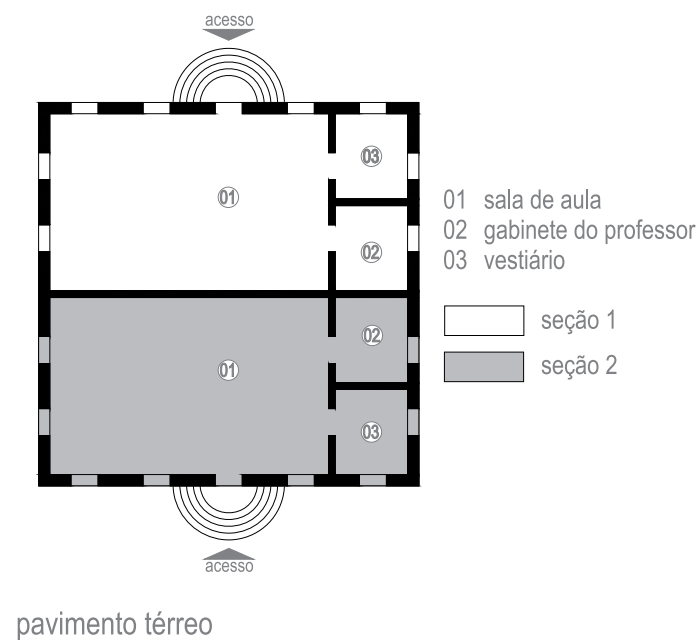
Escola Faria Sobrinho, em Paranaguá



↑ Foto 05: Escola Faria Sobrinho, em Paranaguá - sem data

A escola de Paranaguá foi inaugurada em 24 de junho de 1888. O relatório de governo daquele ano registra que o edifício foi projetado para uma escola.¹ Sem que conste nenhuma obra de ampliação nos relatórios subsequentes, o edifício aparece em 1923 com quatro salas de aula.² A planta arquitetônica da escola de 1941 mostra um edifício em alvenaria com dois salões, cada qual com dois ambientes de apoio. Cada salão apresenta uma parede de madeira que o divide, portanto tem-se quatro salas de aula. Esta adaptação foi feita na década de 1920 em vários edifícios escolares construídos nos primeiros 15 anos do século XX, uma vez que as salas foram projetadas com grandes dimensões. Em vista destes dados, parte-se do pressuposto que o edifício de Paranaguá possuía a organização inicial apresentada na Figura 02: duas salas de aula.

↓ Figura 02: Planta do pavimento térreo da Escola Faria Sobrinho, em Paranaguá



1 PARANÁ. Província. 1888. Relatório apresentado à Assembléia Legislativa do Paraná, no dia 29 de dezembro de 1888 pelo Presidente da Província o Exm. Snr. Dr. Joaquim d'Almeida Faria Sobrinho. Curitiba: Typ. Da Gazeta Paranaense, 1888. (p. 109)

2 PARANÁ. 1923. Relatório apresentado ao Exmo Sr. Secretario Geral de Estado pelo Professor César Pietro Martinez, Inspector Geral do Ensino. Curitiba: Typ. da Penitenciaria do Estado, 1923. (p. 91)



Escola Manoel Pedro, na Lapa



↑ Foto 06: Escola Manoel Pedro, na Lapa - sem data

D. Pedro II, em sua visita ao Paraná em 1880, fez um donativo para a construção de uma casa escolar na Lapa. Consta que a obra estava em andamento em 1888.¹ Victor Ferreira do Amaral e Silva, em 1902, anunciou que

A casa escolar da cidade da Lapa, que foi pela municipalidade ultimamente transferida, por compra, ao governo do Estado, é um prédio amplo, onde podem ser installadas duas escolas; mas não está ainda concluída, o que se conseguirá com pequeno dispêndio.²

Este trabalho considera que o edifício escolar da Lapa, depois denominado Manoel Pedro, foi concebido com duas salas de aula, cada uma contando com dois ambientes de apoio e um vestíbulo como mostra a Figura 03.

↓ Figura 03: Planta do pavimento térreo da Escola Manoel Pedro, na Lapa



1 PARANÁ. Província. 1888. Relatório apresentado á Assembléia Legislativa do Paraná, no dia 29 de dezembro de 1888 pelo Presidente da Província o exm. Snr. Dr. Joaquim d'Almeida Faria Sobrinho. Curytba: Typ. da Gazeta Paranaense, 1888. (p. 109)

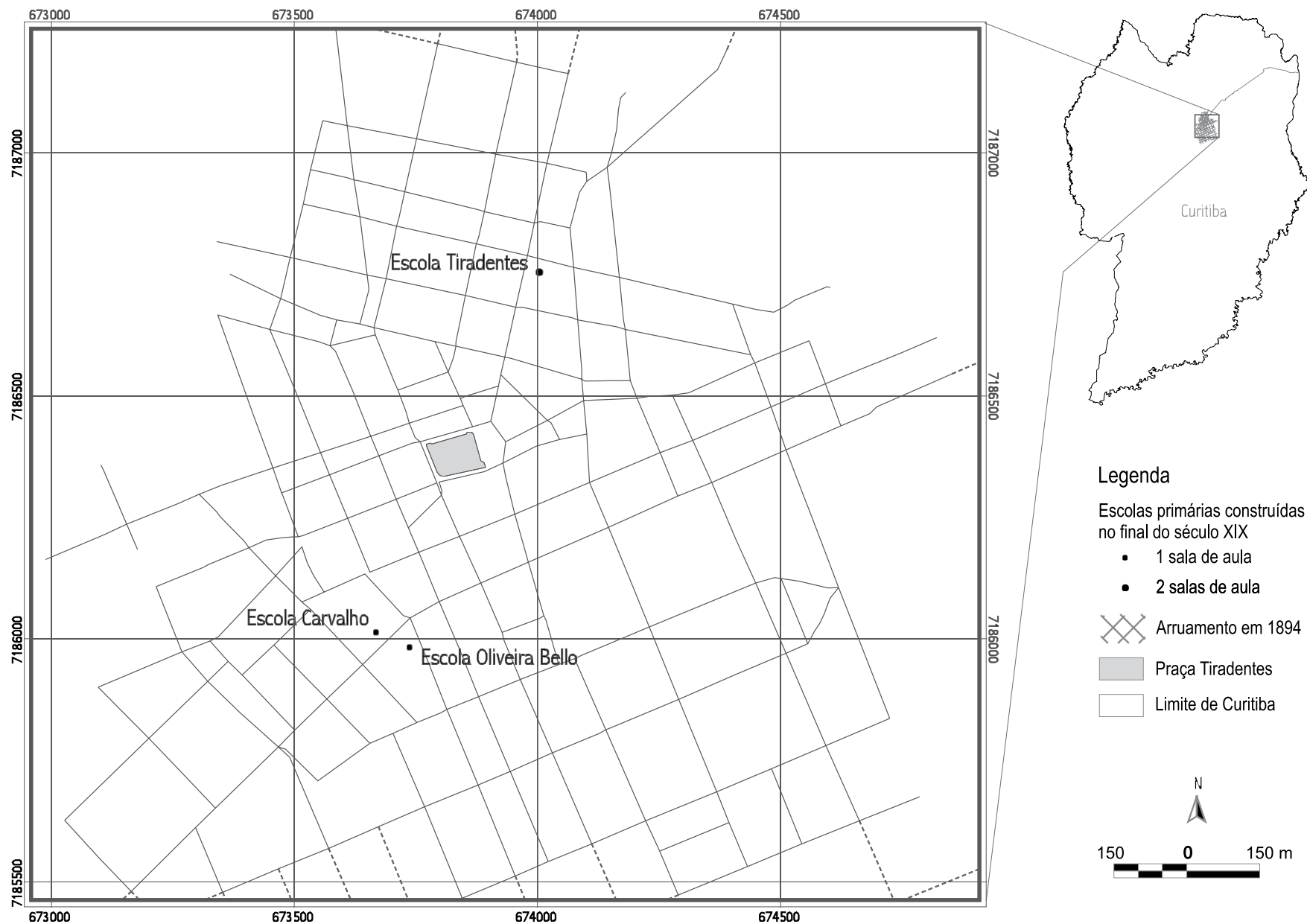
2 PARANÁ. 1903. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Governador do Estado do Paraná, pelo Dr. Octavio Ferreira do Amaral e Silva., Secretario de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Publica, em 31 de dezembro de 1902. Curytba: Typ. d'A Republica, 1903. (p. 12)



Mapa 01: Edifícios escolares construídos no Paraná até 1903



Mapa 02: Edifícios escolares construídos em Curitiba até 1895



Escola Carvalho



Ficha Técnica

Denominação Inicial	Escola Carvalho
Denominação Atual	
Endereço	Rua Emiliano Pernet, 92 – Centro
Autor do Projeto Arquitetônico	Inspeção Geral das Obras Públicas da Corte
Data do Projeto Arquitetônico	1881
Data da Inauguração	03/12/1882
Edifício Original	Demolido
Área Total Construída	216,79 m²
Número de Pavimentos	01
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Bloco único

Em terreno doado pelo Comendador Antônio Martins Franco, situado na então Rua Aquidaban, hoje Rua Emiliano Pernet, foi construído o primeiro edifício escolar de instrução primária, projetado especificamente para esta finalidade.

Este processo foi iniciado em 1880 com a visita ao Paraná do Imperador D. Pedro II. Na ocasião, ele fez donativos para a construção de casas escolares na província. Manuel Pinto de Souza Dantas Filho, Presidente da Província, nomeou comissões para “levarem a efeito semelhante ideia” e solicitou o projeto arquitetônico à Inspeção Geral das Obras Públicas da Corte.¹ O projeto acompanhado de orçamento e especificações de mobiliário chegou às mãos de seu sucessor, João José Pedrosa, em 11 de abril de 1881.² No ano seguinte, em 6 de maio de 1882, Carlos Augusto de Carvalho, à frente do governo da Província, iniciou as obras de construção, administradas pelo Capitão Evaristo Cícero de Moraes e com recursos de donativos particulares.³

Em 3 de dezembro de 1882, a casa escolar foi inaugurada.

Os cofres provinciais não despendem um só real com a construção do edifício. Obtive donativos que cobrirão toda a despesa na importância de Rs.15:064\$213. Esta escola não está provida de tudo quanto constitui uma escola-modelo. Esforcei-me, porém, para dotá-la com alguns melhoramentos. Os bancos-carteadas oferecem as condições desejáveis. Para os exercícios escolares mandei vir:
O museu escolar do Dr. Saffray;
O necessário métrico de Carpentier;
O contador vertical-horizontal de Chaumeil;
Um globo terrestre.⁴

A cerimônia contou com a presença de autoridades locais e alunos de escolas da capital e foi notícia nos jornais da cidade. O Dezenove de Dezembro, em 7 de dezembro de 1882, fez o seguinte relato:

1 PARANÁ. Província. 1880. Relatório com que o Exm. Sr. Dr. Manuel Pinto de Souza Dantas Filho passou ao Exm. Sr. Dr. João José Pedrosa a administração, em 4 de agosto de 1880. Curitiba: Typ. Perseverança, 1880. (p. 12)

2 PARANÁ. Província. 1881. Exposição com que o Dr. João José Pedrosa passou a administração da Província do Paraná ao Presidente Dr. Sancho de Barros Pimentel, no dia 3 de maio de 1881. Curitiba: Typ. Perseverança, 1881. (p. 16)

3 PARANÁ. Província. 1882. Relatório apresentado à Assembleia Legislativa do Paraná por ocasião da instalação da 1ª sessão da 15ª Legislatura, no dia 1º de outubro de 1882 pelo Presidente da Província o Exmo Sr. Dr. Carlos Augusto de Carvalho. Curitiba: Typ. Perseverança, 1882. (p. 89)

4 PARANÁ. Província. 1884. Relatório que ao Exm. Sr. Dr. Brazílio Augusto Machado de Oliveira apresentou o Exm. Sr. Dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello ao passar-lhe a administração, em 22 de agosto de 1884. Curitiba: Typ. Perseverança, 1884. (p. 94)



Em frente ao edifício achava-se postada uma guarda de honra do corpo policial, e formavam alas, para receberem S. Ex. o Sr. Presidente, os alunos das diversas escolas publicas e particulares e da escola nocturna; destacando-se o collegio do distincto Sr. Nivaldo Braga, que apresentou uma luzida plêiade de alunos caprichosamente uniformizados.

Cada um desses collegios e escolas, bem como das meninas, que elegantemente e com igualmente trajadas também formavam alas desde o interior até às escadarias do edifício, era representado por estandarte com inscrição dourada.

À entrada foi o Exm. Sr. Dr. Carlos de Carvalho recebido debaixo de abundantes flores, ao som de musicas e ao estrepito de inumeros foguetes e girandolas.

Era tal a concurrencia de povo, que á custo, se podia ter ingresso no edificio.

Distribuidos os alumnos pelas bancadas ou carteiras, e tomando assento o Exm. Sr. Dr. presidente da provincia e sua comitiva á mesa destinada ao professor, proferio o mesmo Exm. Sr. uma breve eloquente allocução e declarou inaugurada a casa escolar, dando logo posse da respectiva cadeira ao professor, Sr. Miguel Schleder, a quem S. Ex. escolhera para dirigir-a.

O mesmo professor agradeceu a distincção com que foi honrado.

Depois de proferido pelo distincto Sr. Dr. Moysés Marcondes, na qualidade de director da instrucção, um bello e agradável discurso, e de haverem também eloquentemente fallado os Srs. Dr. Vicente Machado, Dr. João Manoel da Cunha, e diversos meninos, procedeu-se á distribuição de medalhas de ouro e de prata, como premio aos alumnos que, segundo indicação dos respectivos professores, mais se teem distinguido.⁵

Em 25 de setembro de 1884, a escola da Rua Aquidaban, destinada aos meninos, recebeu a denominação de “Carvalho”, homenagem ao Presidente da Província que a edificou. Poucas são as notícias depois disso. Em 8 de outubro de 1888, a Escola de Desenho e Pintura, recebeu autorização governamental para a utilização das dependências da Escola Carvalho. Quase um ano depois, em 30 de julho de 1889, a instituição fundada por Antonio Mariano de Lima passou a funcionar na Rua Aquidaban.⁶

São desta época as primeiras imagens apresentadas. A Foto 01 mostra uma vista geral do edifício, ostentando em sua fachada duas denominações: Escola Carvalho e Escola de Artes e Indústrias do Paraná. Trata-se de um edifício de orientação eclética, concebido em bloco único e com planta quadrada.

A composição tem como elemento de destaque um frontão triangular sobreposto a três dos cinco vãos existentes - a porta e as duas janelas adjacentes. O conjunto fica

5 FESTA POPULAR. Dezenove de Dezembro. Curitiba, 7 de dezembro de 1882. Anno 29. n. 93. (p. 2-3)

6 ESCOLA DE ARTES e Indústrias do Paraná. Datas e conquistas principais do estabelecimento. Quadro comemorativo. Curitiba, 31 de dezembro de 1891.



↑ Foto 01: Escola Carvalho como sede da Escola de Artes e Indústrias do Paraná - 1891



→ Foto 02: Vista posterior da Escola Carvalho como sede da Escola de Artes e Indústrias do Paraná - 1891



completo com a presença nas extremidades de pilaretes adossados. O entablamento é liso e simplificado, remetendo-se à ordem toscana. Embora seja um ornamento colocado no alinhamento da fachada, o frontão demarca e valoriza a entrada da escola. Este destaque do acesso ao edifício foi um recurso constantemente utilizado nos edifícios escolares e poderá ser conferido na maioria dos exemplares aqui apresentados.

A fachada principal é a única que apresenta platibanda, as demais possuem um pequeno beiral.

Cada fachada possui cinco aberturas, todas apresentando arcos apontados. As dimensões reduzidas do edifício e a proximidade dos vãos fazem com que estes também se destaquem na composição. Portas e janelas, tratadas de forma semelhante, apresentam bandeiras fixas e ornamentos em forma geométrica. Chama a atenção, na Foto 02, a presença de venezianas na fachada lateral. Considerando o posicionamento leste-oeste das paredes laterais e a grande possibilidade de pertencerem à sala de aula, as venezianas contribuiriam para o controle da incidência de luz solar nos ambientes.

↓ Foto 03: Sala de espera da Escola de Artes e Indústrias do Paraná - 1891



↓ Foto 04: Portaria e zeladoria da Escola de Artes e Indústrias do Paraná - 1891



↓ Foto 05: Secretaria e arquivo da Escola de Artes e Indústrias do Paraná - 1891



O acesso às dependências internas ocorre pela fachada frontal e pela posterior. Uma pequena escadaria vence o desnível entre o terreno e o piso interno, indicando a existência do porão alto - técnica bastante utilizada na época para evitar o contato do piso com a umidade do solo.

O projeto arquitetônico não foi localizado, mas algumas considerações podem ser feitas. Segundo o programa da época, haveria apenas uma sala de aula e, eventualmente, um gabinete para o professor e um vestiário para os alunos. A matéria da Gazeta Paranaense, em 9 de dezembro de 1882, confirma a existência de um único salão, palco dos discursos e da entrega de medalhas já citados.⁷

Além das fotografias externas da Escola de Artes e Indústrias do Paraná, outras internas contribuem para o entendimento do espaço. Três ambientes estão ali relacionados: sala de espera (Foto 03), portaria e zeladoria (Foto 04) e secretaria e arquivo (Foto 05).

Em 1902, o edifício da Escola Carvalho voltou para a administração estadual e foi novamente transformado em uma escola primária. Em seu relatório anual, Victor Ferreira do Amaral e Silva, Diretor-geral da Instrução Pública do Paraná, anunciou também a realização de uma reforma do prédio, que passou a contar com duas salas de aula.

Na Capital, o prédio denominado Escola Carvalho, que durante muitos anos esteve ocupado pela Escola de Bellas Artes e Indústrias do Paraná, foi este ano reconstruído e dividido em duas secções para funcionarem duas escolas, sem dependência uma da outra, onde, por designação desta Directoria, já estão installadas duas cadeiras do sexo feminino.⁸

A Foto 06 apresenta uma visão panorâmica da Escola Carvalho após a citada reforma. Algumas alterações são percebidas: já não há um acesso frontal e novos elementos formais integram o conjunto. O frontão triangular foi substituído por uma pequena coroa arredondada, imediatamente acima da janela central, onde foi colocado o nome da escola. Este conjunto foi demarcado por dois pilaretes. A platibanda recebeu ainda vasos ornamentais e não há mais o destaque na entrada da escola.

7 PRIMEIRA CASA ESCOLAR. Gazeta Paranaense. Curitiba, sábado, 9 de dezembro de 1882. (p.2)

8 Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. Secretario do Interior, Justiça e Instrução Publica pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva, Director Geral da Instrução Publica do Estado. In PARANÁ. 1903. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Governador do Estado do Paraná, pelo Dr. Octavio Ferreira do Amaral e Silva, Secretario de Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrução Publica, em 31 de dezembro de 1902. Curitiba: Typ. d'A Republica, 1903. (p. 37)





Ao visitar a escola em 1907, Laurentino de Azambuja apresentou o seguinte relatório:

Escolas da Capital

Escola Carvalho. Professora normalista D. Josephina Carmen Rocha. Matricula 80 alunos de ambos os sexos, presentes 76. O edifício é espaçoso e oferece boas condições hygienicas. Necessita de recreio mais amplo.

Os alunos mostraram aproveitamento nas disciplinas do 1º grão e a professora manifesta bastante dedicação no desempenho de seus deveres profissionais.

Os livros do archivo escolar estão regularmente escripturados. Há falta de utensílios escolares. Visitada em 26 de maio de 1906.⁹

Em 1922, foi inaugurada a Escola Normal, em terreno contíguo ao da Escola Carvalho. Esta recebeu outra reforma, na qual foram aproveitadas somente as paredes externas. Ali foram colocados o anfiteatro e o jardim de infância, integrando o conjunto arquitetônico da Escola Normal, a partir de 1928.¹⁰

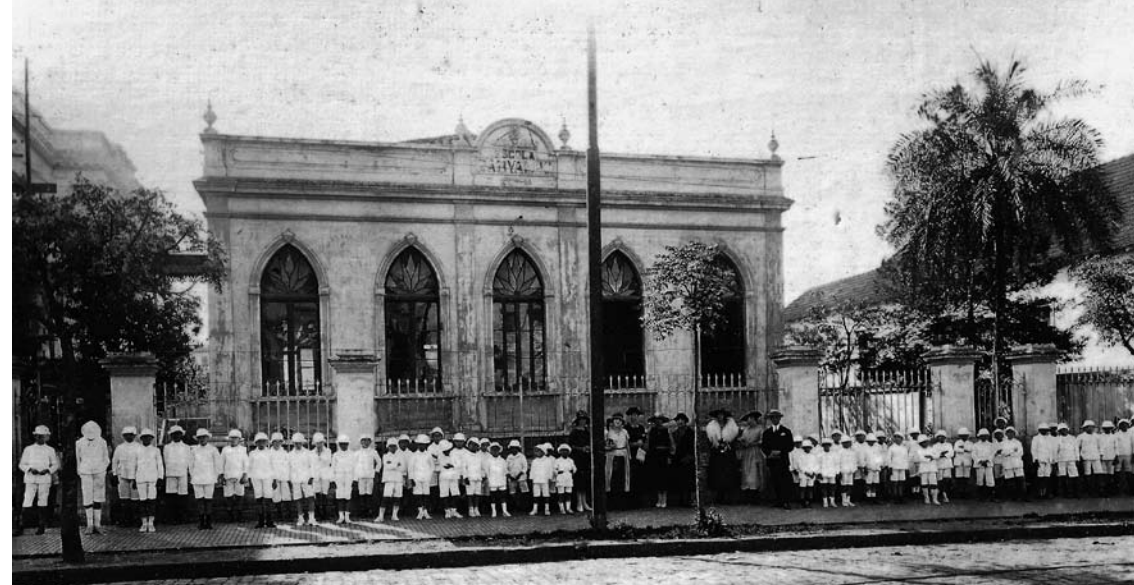
As Fotos 07 e 08 registram esta fase. Novamente, o edifício passa por modificações plásticas. Permanece o repertório eclético, mas aberturas, platibandas, revestimentos e ornamento de paredes acompanham o tratamento apresentado na Escola Normal, reforçando a idéia de conjunto.

Em 1980, o jardim de infância foi demolido, dando lugar ao Bloco 2 do Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto.¹¹

9 Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Director Geral da Instrução Publica pelo Delegado Fiscal da 1ª Circunscrição Escolar, Dr. Laurentino de Azambuja, em 27 de dezembro de 1907. [anexo, p. 57-68]. In PARANÁ. 1908. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva, Vice-Presidente do Estado do Paraná, pelo Bacharel Bento José Lamenha Lins, Secretario d'Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrução Publica. Curitiba, 1908. (p.63)

10 PARANÁ. Governo. 1928. Mensagem ao Congresso Legislativo do Estado do Paraná, em 1º de fevereiro de 1928. Curitiba, 1928. (p. 117)

11 CASTRO, Elizabeth Amorim de; IMAGUIRE, Marialba Rocha Gaspar. Ensaio sobre a Arquitetura em Curitiba - 2. Colégios e Educandários. Curitiba: Edição das Autoras, 2006. (p. 60)



↑ Foto 06: Escola Carvalho - sem data



← Foto 07: Vista aérea da Escola Normal. À direita, o jardim de infância (antiga sede da Escola Carvalho) - sem data



← Foto 08: Jardim de infância da Escola Normal (antiga sede da Escola Carvalho) - sem data



Escola Oliveira Bello



Ficha Técnica	
Denominação Inicial	Escola Oliveira Bello
Denominação Atual	
Endereço	Rua Desembargador Westphalen, 16 – Centro
Autor do Projeto Arquitetônico	Inspeção Geral das Obras Públicas da Corte
Data do Projeto Arquitetônico	1881
Data da Inauguração	28/09/1884
Edifício Original	Demolido
Área Total Construída	
Número de Pavimentos	01
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Bloco único

A história da Escola Oliveira Bello tem muitos aspectos em comum com a da Escola Carvalho. O período é o mesmo, década de 1880. Também recebeu como doação o terreno para abrigar sua sede, situada na Rua Aquidaban esquina com a Rua Ratcliff, hoje Emiliano Perneta com Desembargador Westphalen. Se aquela foi destinada a meninos, esta seria para meninas. A comissão encarregada de arrecadar recursos foi formada por senhoras da sociedade local.

Na mesma rua do Aquidaban e em um terreno que me foi oferecido para a instrução publica pela Exma. Sra. D. Escholastica Joaquina de Sá Ribas Franco, viúva do Exm. Brigadeiro Manoel de Oliveira Franco, mandei no dia 15 de Agosto d'este anno começar uma outra casa escolar para meninas. É meu intento levantar-a com donativos das senhoras paranaenses. Embora por falta de tempo, ainda não tenha podido solicitar tão gentil concurso, já a Exma. Sra. D. Francisca Corrêa Alves de Araújo, esposa do Snr. Commendador Antonio Alves de Araújo, contribuiu com 500\$000 e a Exma Sra. Baronesa de Guaraúna mandou pôr á minha disposição igual quantia. Tendo fundada esperança que os cofres provinciaes não serão postos em contribuição. O novo edificio não gastará mais de 12:000\$000 e por sua elegancia há de trahir a origem dos donativos. Está encarregado da administração das obras o Tenente coronel Antonio Ricardo Lustosa de Andrade.¹

A construção da casa escolar para meninas iniciou-se em 15 de agosto de 1882.²

Casa Escolar da Capital

Essa casa escolar, destinada ao sexo feminino, está acabada; não me foi possível ir inaugural-a por ter urgencia de seguir para o Rio de Janeiro; o digno administrador tenente coronel Lustosa de Andrade empenhou ingente esforço em ultimar-a, de modo a me caber a honra de abril-a ao ensino; agradeço-lhe a gentileza; vou satisfeito, deixando esse modesto monumento, erigido a instrução do sexo feminino curitybano, começado durante a administração do meu distincto antecessor e acabado na minha.³

Foi Brazilio Augusto Machado de Oliveira, como Presidente da Província, que inaugurou o edifício escolar, em 28 de setembro de 1884. Três dias antes do evento a escola recebeu a denominação de “Oliveira Bello”. A imprensa comemorou:

1 PARANÁ. Província. 1882. Relatório apresentado á Assembléia Legislativa do Paraná por ocasião da instalação da 1ª sessão da 15ª Legislatura, no dia 1º de outubro de 1882 pelo Presidente da Província o Exmo Sr. Dr. Carlos Augusto de Carvalho. Curityba: Typ. Perseverança, 1882. (p. 89)

2 PARANÁ. Província. 1882. (p. 89)

3 PARANÁ. Província. 1884. Relatório que ao Exm. Snr. Dr. Brazilio Augusto Machado de Oliveira apresentou o Exm. Sr. Dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello ao passar-lhe a administração, em 22 de agosto de 1884. Curityba: Typ. Perseverança, 1884. (p. 49)





↑ Foto 01: Alunos da Escola Oliveira Bello - sem data





↑ Foto 02: Alunos da Escola Oliveira Bello - sem data



O dia de amanhã

Amanhã, terá lugar a inauguração da Escola Oliveira Bello, do sexo feminino, e a abertura do Liceo d'Ouro - da municipalidade. Esta festa brilhante, grandiosa e eminentemente democratica, para a qual fica convidada a população desta capital, deve deixar nos espíritos dos que a ella assistirem, um vigoroso traço de luz. Sim, leitores. É este um acontecimento único, em que a instrucção e a liberdade, unidas intimamente num consorcio indissolúvel, assim como uma enorme estrella dupla, lançam uma larga projecção luminosa sobre os destinos civilisadores desta provincia. A alma popular, sempre generosa e boa, com senso profundamente exacto do futuro da patria brasileira, prepara-se, com entusiasmo, para a solemnidade do glorioso 28 de Setembro e sente-se, desde já, embriagada de uma alegria tumultuosa, franca e revigorante. Que o povo paranaense, avido de progresso, continue a elevar-se á altura deste seculo de abolição e de sciencia.⁴

O edifício possui linguagem eclética, condizente com a época em que foi construído. De planta quadrada, a edificação tem a entrada definida por pórtico. A composição apresenta entablamento mais trabalhado com frisos e dentículos. Três colunas sustentando arcos plenos delimitam o acesso à escola. A platibanda circunda toda a edificação.

Poucas imagens do edifício foram encontradas. Uma ilustração pertencente à coleção da Escola de Belas Artes, sem data, mostra alguns detalhes da arquitetura. Nota-se a presença de venezianas na fachada principal, voltada para o leste. Novamente, presume-se que é uma forma de controle da incidência da luz solar no ambiente.

O projeto não foi encontrado, porém pode-se afirmar que possuía apenas uma sala de aula, como ditava o programa arquitetônico escolar em vigor. Victor Ferreira do Amaral e Silva, Diretor de Instrução Pública, ao implantar o regime seriado no Paraná, no início do século XX, determinou uma reforma no edifício, dividindo em duas a única sala de aula existente:

A Escola Oliveira Bello foi também, por intervenção minha, dividida em dois salões, onde funcionam duas escolas para o sexo masculino.⁵

4 O DIA DE AMANHÃ. Dezenove de Dezembro. Curitiba, 27 de setembro de 1884. Anno XXXI. n. 226. (p. 2)

5 Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. Secretario do Interior, Justiça e Instrução Publica pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva, Director Geral da Instrução Publica do Estado. In PARANÁ. 1903. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Governador do Estado do Paraná, pelo Dr. Octavio Ferreira do Amaral e Silva, Secretario de Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrução Publica, em 31 de dezembro de 1902. Curitiba: Typ. d'A Republica, 1903. (p. 37)

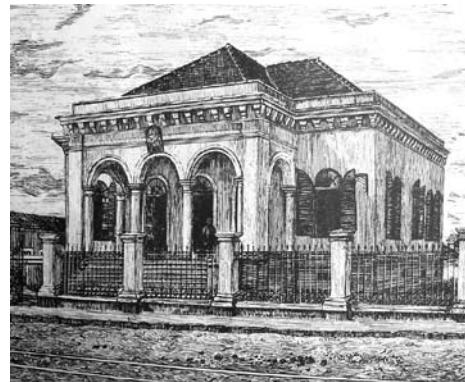
Neste momento, a Escola Oliveira Bello passou a receber meninos e a funcionar como um meio-grupo, ou seja, “com duas escolas de séries diferentes”.⁶

Ainda em relação ao edifício escolar, Laurentino de Azambuja, Delegado Fiscal, ao inspecionar a escola relatou:

Escolas da Capital

Escola Oliveira Bello. Sexo masculino, 4ª cadeira, regida pelo professor normalista Julio Theodorico Guimarães. Matricula 80 alumnos. Frequência 79. A sala das aulas é espaçosa, ventilada, mas não oferece os requisitos hygienicos relativos á distribuição solar. O material escolar é igual ao de todas as escolas da capital e sobre o mesmo já emiti opinião. Os alumnos responderam sobre as materias do programma official do 1º grão. A escripturação está em ordem. Foi visitada em 26 de maio de 1906.⁷

A reclamação do delegado sobre as condições de iluminação pode ser atribuída a dois fatores: à implantação do edifício ou à divisão da sala de aula em duas. Mesmo apresentando alguns problemas, esta escola permaneceu em atividade até o final da década de 1920. Em 28 de janeiro de 1928 foi inaugurado o novo prédio do Laboratório de Análises Clínicas e Dispensário, construído no mesmo local onde se situava a escola.⁸



← Figura 01: Escola Oliveira Bello - sem data

6 Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. Secretario do Interior, Justiça e Instrução Publica pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva, Director Geral da Instrução Publica do Estado, em 31 de Dezembro de 1903. In PARANÁ. 1904. Relatório da Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrução Publica e anexos, em 31 de dezembro de 1903. Curitiba: Typ. d'A Republica, 1904. (p. 8)

7 Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Director Geral da Instrução Publica pelo Delegado Fiscal da 1ª Circumscrição Escolar, Dr. Laurentino de Azambuja, em 27 de dezembro de 1907. [anexo, p. 57-68]. In PARANÁ. 1908. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva, Vice-Presidente do Estado do Paraná, pelo Bacharel Bento José Lamenha Lins, Secretario d'Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrução Publica. Curitiba, 1908. (p.63)

8 PARANÁ. Governo. 1928. Mensagem ao Congresso Legislativo do Estado do Paraná, em 1º de fevereiro de 1928. Curitiba, 1928. (p. 112)



Escola Tiradentes



Ficha Técnica

Denominação Inicial	Escola Tiradentes
Denominação Atual	
Endereço	Rua Presidente Carlos Cavalcanti esquina com Rua Barão do Serro Azul – Centro
Autor do Projeto Arquitetônico	Diretoria de Obras Públicas Provinciais do Paraná
Data do Projeto Arquitetônico	1888
Data da Inauguração	08/02/1895
Edifício Original	Demolido
Área Total Construída	
Número de Pavimentos	01
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Bloco único

Desde 1896, há registros da intenção do Governo do Paraná em construir uma escola na Rua do Serrito (hoje Presidente Carlos Cavalcanti), em Curitiba. A Lei nº 874, de 23 de dezembro daquele ano, determinou a construção da escola, em terreno em frente à Estação de Telégrafo. Havia, no entanto, uma dificuldade: a área escolhida pertencia à Santa Casa de Misericórdia e à Ana Teixeira de Moraes.¹ Iniciou-se um processo de desapropriação dos terrenos que se estendeu até 1892, quando finalmente a questão foi resolvida. Determinou-se o início da construção.

Lei nº 10, de 16 de maio de 1892.

Contratação da Sociedade Propagadora da Herva-Mate para a construção de um edifício para a Escola Tiradentes

O Congresso Legislativo do Estado do Paraná decretou e eu sanciono a lei seguinte:

Art. 1º. Fica o Governo do Estado autorizado a contractar com a sociedade

“Propagadora da Herva Matte” a construção de um edifício para a escola de instrução primaria, que terá a denominação perpetua de “Escola Tiradentes”.

Art. 2º. Com essa construção, que será feita de accordo com a planta apresentada pela secretaria das Obras Publicas, se despendará até a quantia de vinte contos de reis, que será retirada dos fundos cobrados pelas collectorias de Paranaguá e Antonina para a propaganda do matte na Europa.

Art. 3º. A “Escola Tiradentes” ficará situada nos terrenos pertencentes ao Estado, na rua do Serrito, esquina da Graciosa, desta capital.

Art. 4º. Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, á todas as autoridades a quem o conhecimento e execução desta lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contém.

O Secretario deste Governo a faça imprimir, publicar e correr.

Palácio do Governo do Estado do Paraná, em 16 de Maio de 1892, 4º da Republica.

Francisco Xavier da Silva²

A inauguração da Escola Tiradentes ocorreu em 8 de fevereiro de 1895.

Seção Livre

Escola Tiradentes

Aos oito dias do mez de Fevereiro de mil oitocentos e noventa e cinco, setimo da Republica, nesta cidade de Curytiba em um dos salões do edificio escolar recentemente construído e que se denomina Escola Tiradentes, achando-se presente o Digníssimo Director Geral da Instrucção Publica Dr. João Pereira Lagos e os alumnos que a freqüentam, foi por essa autoridade declarada aberta e installada a dicta Escola para o fim de funcionar sob as condições do Regulamento em vigor, bem como empossada a abaixo assignada na qualidade de sua directora.

1 PARANÁ. Provincia. 1887. Relatório apresentado á Assembléia Legislativa do Paraná, no dia 17 de fevereiro de 1887 pelo Presidente da Provincia o Exm. Dr. Joaquim d'Almeida Faria Sobrinho. Curityba: Typ. Da Gazeta Paranaense, 1887. (p. 14)

2 PARANÁ. 1892. Leis e Regulamentos do Estado do Paraná. Curityba: Typ. D'Republica, 1892. (p. 13)



Por essa ocasião o Director Geral referido, dirigio rapida allocução ás crianças, mostrando a afinidade a que devem experimentar entre a grandesa do bello edificio que lhes é destinado e os raros predcados pedagogicos que se dignou reconhecer-me, e as esperanças com os estímulos que lhes hão de vir de taes circumstancias na educação que recebem e no ideal da vida publica ou domestica que os aguarda. Do que para constar, lavrei este termo por ordem daquella autoridade, o qual vai assignado como abaixo se vê.

Eu, Julia Augusta de Wanderley, Professora Publica da 1ª cadeira do sexo feminino da Capital, o escrevi e assigno.

João Pereira Lagos

Júlia Augusta de Wanderley³

Júlia Wanderley foi e continua sendo uma grande referência na história da educação

3 ESCOLA TIRADENTES. A Republica. Curityba, 10 de fevereiro de 1895. Anno X, N° 35. (p.2)

paranaense. Foi a primeira mulher a se formar na Escola Normal de Curitiba e a primeira professora a ser nomeada pelo governo para assumir uma cadeira em escola promíscua, em 1893. Dedicou grande parte de sua carreira à Escola Tiradentes.⁴

Assim como ocorreu com as escolas anteriores, o projeto arquitetônico não foi encontrado. No relatório anual apresentado à Assembléia Legislativa referente a 1896, Dr. Joaquim d'Almeida Faria Sobrinho, presidente do Paraná, afirmou que o plano (projeto arquitetônico e orçamento) tinha sido elaborado e “assignado pelo engenheiro director de obras publicas”.⁵

4 BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS. Um olhar para o futuro: coleção Júlia Wanderley. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 29, n. 129, nov. 2005. (p. 1-6)

5 PARANÁ. Provincia. 1887. (p. 14)



← Foto 01: Escola Tiradentes - sem data





↑ Foto 02: Alunos da Escola Tiradentes - setembro de 1905

O edifício, eclético, construído em bloco único e de planta quadrada. O acesso é centralizado e marcado por arcada com três vãos, levemente recuado do alinhamento frontal, formando um vestibulo aberto. Completa o tratamento diferenciado da entrada, um frontão ornamentado com um medalhão central e estátuas nas suas extremidades. A platibanda contorna o edifício, sobre a qual, em alguns pontos, estão distribuídos vasos. São ainda elementos compositivos: janelas duplas, estreitas e finalizadas em arco pleno e pilaretes canelados e adossados marcando o ritmo vertical.

Este edifício, diferente dos anteriormente apresentados, foi projetado após a promulgação do Ato nº 287, de 14 de outubro de 1884, que regulamentou a construção de casas escolares.⁶ Como noticiou o jornal, eram duas salas de aula. Mesmo sem o projeto arquitetônico, a análise das imagens apresentadas, as fotos encontradas e o conhecimento da exigência mínima da existência de um vestibulo e duas saletas, uma para o gabinete do professor e outra para vestiário dos alunos (Artigo 4º, § 2º do Ato nº 287), permitem supor que esses ambientes estão presentes no edifício. A Figura 01 apresenta uma planta esquemática do pavimento térreo da Escola Tiradentes baseada nestas considerações.

Em 1903, após a implantação do sistema seriado de ensino, passou a escola passou a ser considerada meio-grupo, contando com duas classes de séries diferentes.⁷

O Delegado Fiscal, Laurentino de Azambuja, em inspeção à escola fez o seguinte relatório:

Escola Tiradentes. Sexo feminino, 1ª cadeira regida pela professora normalista D. Julia Wanderley Petrik.

Achavam-se presentes 60 alumnas, que foram argüidas pela professora nas disciplinas do programma do 1º e 2º graos e responderam satisfactoriamente.

Assisti aos exames finaes do 2º grão, que se procederam ultimamente nesta escola e, em vista das provas exhibidas pelas alumnas, cumpro o dever de assignalar a proficiência e dedicação da respectiva preceptora em prol da educação de nossa infância. As alumnas nos referidos exames obtiveram boas notas de aprovação.

6 Ato nº 287, de 14 de outubro de 1884: Regulamento para a construção de casas escolares. In MIGUEL, Maria Elisabeth Blank; MARTIN, Sonia Dorotea (org). Coletânea da Documentação Educacional Paranaense no período de 1854 a 1889. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2004. disponível no endereço eletrônico: <http://www.publicacoes.inep.gov.br/detalhes.asp?pub=4138>. Acesso em 12 de junho de 2008. (p. 401)

7 Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. Secretario do Interior, Justiça e Instrução Publica pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva, Director Geral da Instrução Publica do Estado, em 31 de Dezembro de 1903. In PARANÁ. 1904. Relatório da Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrução Publica e anexos, em 31 de dezembro de 1903. Curitiba: Typ. d'A Republica, 1904. (p. 8)





↑ Foto 03: Professora Júlia Wanderley e alunos na Escola Tiradentes - 1900

↓ Figura 01: Planta esquemática do pavimento térreo da Escola Tiradentes



No mesmo predio funciona também a escola promiscua do 1º grão (7ª cadeira) sob a direcção da professora normalista D. Maria do Carmo G. de Menezes; ahi verifiquei uma freqüência de 55 alumnos de ambos os sexos, que mostraram regular aproveitamento e bôa disciplina.

Na 1ª escola estão matriculadas 70 alumnas e na 2ª, 73 de ambos os sexos.

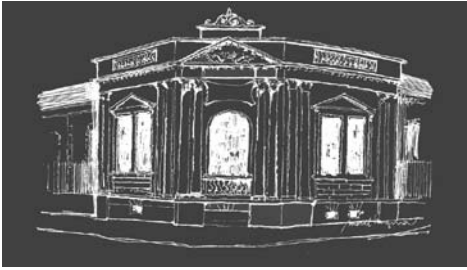
A escripturação está em dia e as salas dos trabalhos lectivos e recreios em estado de aceio.⁸

Em 1934, o edifício da Rua do Serrito foi demolido, passando a Escola Tiradentes a funcionar, precária e provisoriamente, em diversos endereços.⁹ A sede definitiva foi inaugurada somente em 6 de outubro de 1962 e será objeto de análise mais adiante.

⁸ Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Director Geral da Instrucção Publica pelo Delegado Fiscal da 1ª Circumscripção Escolar, Dr. Laurentino de Azambuja, em 27 de dezembro de 1907. In PARANÁ. 1908. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva, Vice-Presidente do Estado do Paraná, pelo Bacharel Bento José Lamenha Lins, Secretario d'Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrucção Publica. Curityba, 1908. (p. 62-63)

⁹ COLÉGIO ESTADUAL Tiradentes. Histórico da Escola Tiradentes. Curitiba, sem data. Mimeo, 3f. (p.2)





Período: Primeira República



As escolas da Primeira República

A Proclamação da República, de inspiração positivista, buscou uma nova estruturação social, procurando romper com aquela vinculada ao Império, considerada arcaica, e trazer parâmetros modernos ao país. E modernidade significaria não só a eliminação da mão-de-obra escrava e um novo regime político, mas também a incorporação da ciência e das novas tecnologias surgidas na Europa e nos Estados Unidos e a inserção do país na economia capitalista.¹

A Instrução Pública, nesse contexto, assumiu um papel fundamental, na medida em que era vista como transformadora da sociedade. Uma das principais ações no período foi a estruturação do ensino primário com a criação de grupos escolares e o estabelecimento de um programa de ensino: a escola graduada, surgida na Europa e nos Estados Unidos. Este novo modelo agregaria qualidades pedagógicas e econômicas, tais como uma melhor divisão do trabalho do professor e o aumento da oferta da instrução popular. Essa escola moderna passaria, portanto, a representar uma articulação entre a expectativa da renovação do ensino, o projeto político de disseminação da instrução popular e vantagens econômicas.

A nova escola definiu um ensino seriado, no qual os alunos eram distribuídos homogeneamente sob a orientação de um professor. Foi implantada primeiramente no Estado de São Paulo, em 1895, recebendo a denominação de grupo escolar.² Em 1891, foi inaugurada a Escola Normal de São Paulo, que reuniu, de forma pioneira, novos métodos de formação de professores e um edifício projetado especificamente para esta finalidade. Neste contexto, consagrou-se uma nova modalidade de arquitetura, a escolar, que responderia às novas demandas pedagógicas, higienistas e, sobretudo, simbólicas. As escolas republicanas passaram a representar um instrumento de desenvolvimento moral e intelectual da sociedade concebido com base científica e, necessariamente, suas formas deveriam demonstrar essa importância.

1 MORAES, João Quartim de. O positivismo nos anos 20: entre a ordem e o progresso. In LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da (org.) A década de 1920 e as origens do Brasil moderno. São Paulo: Iluminuras/Edusp/Fapesp, 1997. (p. 73-92)

2 Em 17 de agosto de 1895, foi inaugurado, na capital paulista, o Grupo Escolar Prudente de Moraes, o primeiro edifício escolar do Brasil projetado para abrigar uma escola graduada. O projeto arquitetônico é de autoria de Ramos de Azevedo - CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. Ramos de Azevedo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. (Artistas Brasileiros; 14). (p. 188)

As inovações desse modelo exigiram alterações no programa arquitetônico da escola, com a incorporação de diversos ambientes: várias salas de aula, atendendo cada uma a uma série, sala do diretor, biblioteca e pátio de recreação e de prática desportiva. Além disso, desenvolveu-se uma nova organização espacial com definições de setores e fluxos internos.

Portanto, a escola graduada, estruturada em novos paradigmas, necessitou de um espaço especializado onde suas atividades pudessem ser desenvolvidas. O edifício escolar concebido especialmente para esta finalidade tornou-se imprescindível para a implantação do novo modelo. Segundo um manual de arquitetura americano, publicado em meados do século XIX, uma escola, projetada e construída com critérios pedagógicos e higienistas, proporcionaria um ambiente adequado de ensino e aprendizado e o desenvolvimento de conceitos como ordem, disciplina e higiene.³

O edifício escolar revestiu-se características físicas e simbólicas que definem não só esses conceitos, mas também o rigor científico, os avanços pedagógicos e higienistas, os princípios racionais e a modernidade das instalações. Todos esses aspectos estiveram presentes na escolha do terreno, na definição do programa, na implantação das escolas e na configuração de seus edifícios. Tanto que Trajano Reis, médico e Inspetor-geral de Higiene do Paraná nos primeiros anos republicanos, ao tratar do edifício escolar em seu livro “Elementos de Hygiene Social”, de 1894, fez uma relação nítida entre o concreto e o simbólico:

A sala de escola destinada a dirigir os primeiros passos de futuros servidores da Patria, necessita de obedecer a diversos preceitos higienicos que a façam aprasivel.

Para isso attender-se-ha a que esteja em local bem ventilado, que receba bastante luz e bem dirigida, que seja asseada e encerre moveis apropriados, que tenha espaço sufficiente para evitar a agglomeração.

O local para a casa de escola será secco, elevado, espaçoso, para que fique ella isolada, ventilada e clara.

Em torno d’ella convem formar um jardim, porque as arvores e as flores alegrarão a vista das creanças, servir-lhes-hão para instrucção pratica e as convidarão aos exercicios, além da purificação que trazem no ar.⁴

3 School Architecture de Henry Barnard, Superintendente das Common Schools de Connecticut, publicado em 1854. In BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. Arquitetura e Educação: Organização do Espaço e Propostas Pedagógicas dos Grupos Escolares Paulistas, 1893/1971. São Carlos: Brasília: EdUFSCar; INEP, 2002. (p. 19)

4 REIS, Trajano Joaquim dos. Elementos de Hygiene Social. 1ª edição. Curitiba: Impressora Paranaense, 1894. (p. 263)



Neste trecho foram colocadas no mesmo patamar demandas higienistas (em relação ao edifício escolar e ao local de sua implantação) e psicológicas (a escola como ambiente aprazível e alegre) que deveriam ser materializadas no espaço pela arquitetura. Com tantas características específicas, a importância dos edifícios escolares projetados e construídos para esta finalidade não foi mais questionada. Esta valorização pode ser constatada mesmo antes do período republicano. As palavras de Joaquim de Almeida Faria Sobrinho, Presidente da Província do Paraná, em 1888, antecipam temas constantes nos anos seguintes no Brasil: a necessidade de edifícios escolares e a estreita relação entre estes e a qualidade da educação:

Aconselhado pela hygiene e prescripto pelos salutareos principios da pedagogia moderna, o edificio apropriado para a escola, com especial e exclusivo destino a ella, constitue uma necessidade do ensino, é uma condição essencial para a marcha regular da instrucção e educação da infancia.⁵

Mesmo reconhecida a importância de sedes apropriadas para escolas, o grande desafio republicano foi superar as dificuldades financeiras e construí-las. Em 1902, Victor Ferreira do Amaral e Silva, então Diretor de Instrução Pública do Paraná, ao relatar os problemas enfrentados pelo governo nesta área, destacou esta carência. No entanto, reconheceu que a questão da falta de casas escolares não era a única que comprometia a qualidade da instrução primária no Paraná.⁶ O despreparo dos professores e a precária fiscalização eram também responsáveis pela situação.

Francisco Xavier da Silva iniciou a reestruturação da instrução pública no Paraná com a construção de dois importantes edifícios escolares em Curitiba: o Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva (Foto 01), destinado à educação primária e inaugurando o sistema de escola graduada, e o Ginásio Paranaense (Foto 02), para abrigar o ensino secundário.

A nova sede do Ginásio Paranaense foi projetada por Affonso Teixeira de Freitas, engenheiro e professor de geometria e trigonometria da instituição, e abrigou também, desde sua inauguração, em 24 de fevereiro de 1904, a Escola Normal e a Biblioteca Pública.

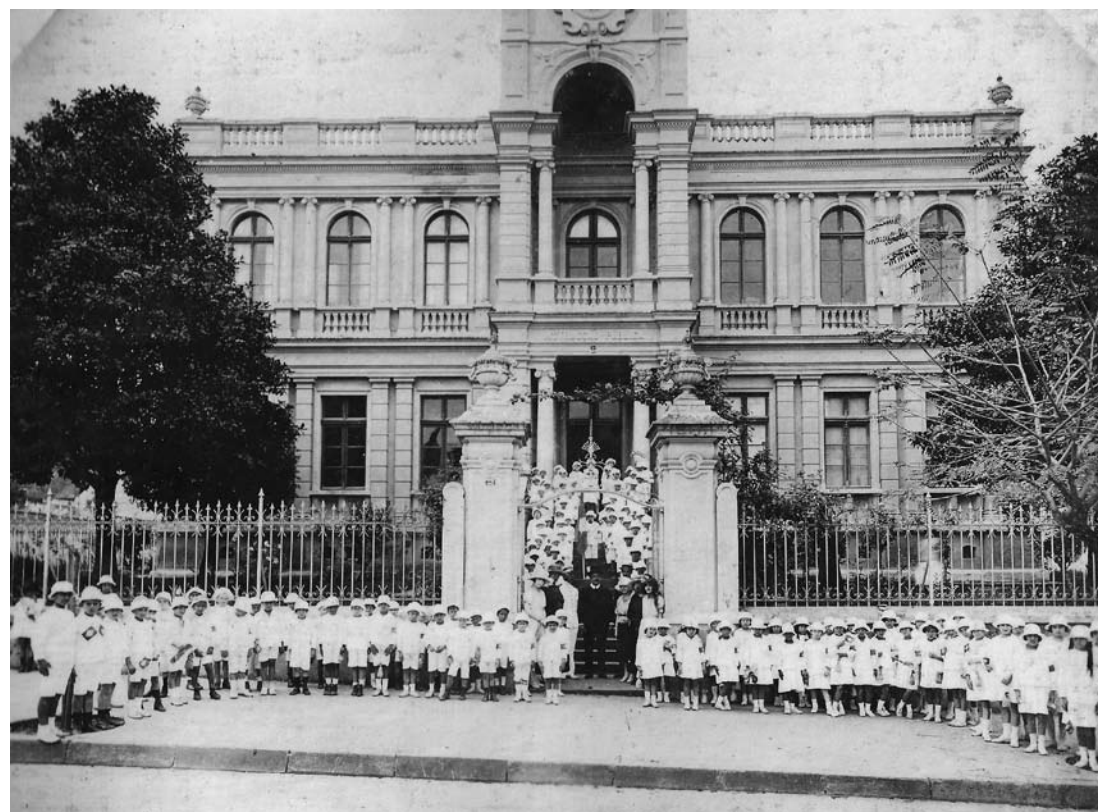
5 PARANÁ. Província. 1888. Relatório apresentado á Assembléia Legislativa do Paraná, no dia 29 de dezembro de 1888 pelo Presidente da Província o exm. Snr. Dr. Joaquim d'Almeida Faria Sobrinho. Curitiba: Typ. Da Gazeta Paranaense, 1888. (p. 108)

6 Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. Secretario do Interior, Justiça e Instrução Publica pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva, Director Geral da Instrução Publica do Estado, em 31 de Dezembro de 1902. In PARANÁ. 1903. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Governador do Estado do Paraná, pelo Dr. Octavio Ferreira do Amaral e Silva, Secretario de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Publica, em 31 de dezembro de 1902. Curitiba: Typ. d'A Republica, 1903. (p. 36-43)



↑ Foto 01: Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva, em Curitiba - sem data

↓ Foto 02: Ginásio Paranaense, em Curitiba - sem data



A construção deste edifício representa a valorização do ensino secundário e normal do Estado.⁷

O primeiro grupo escolar de Curitiba, o Dr. Xavier da Silva, iniciou o processo de construção sistematizada de casas escolares na cidade.

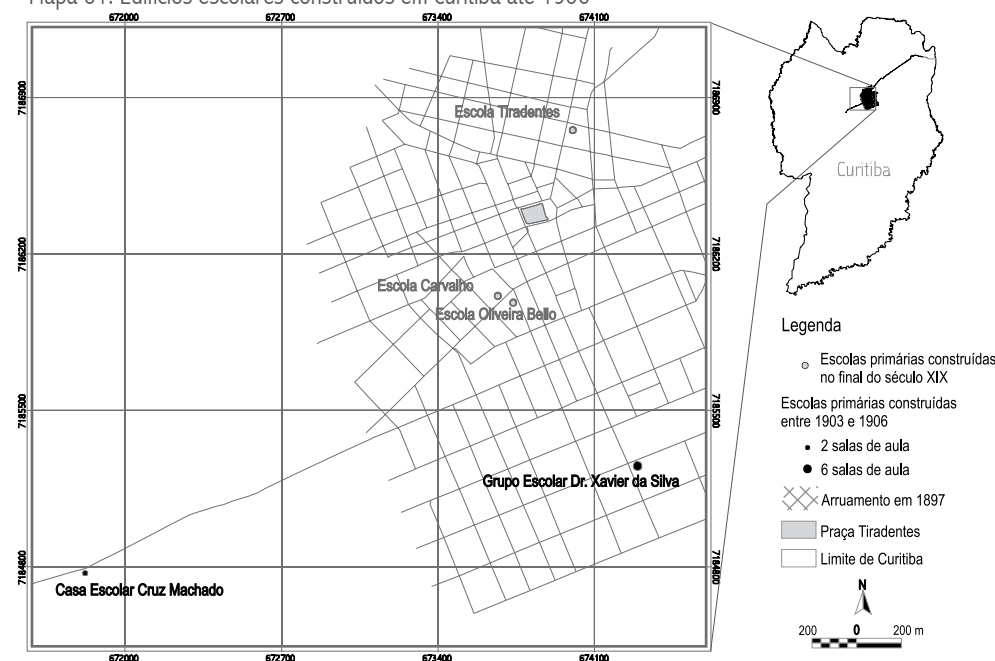
Um dos escolhos para a boa distribuição das escolas, não só nas cidades como nos pequenos povoados, continua a ser a falta de prédios apropriados, dificuldade que só será saneada quando o Estado puder mandar construir casas escolares adequadas nos lugares mais convenientes. Muitos quarteirões e mesmo bairros ficam privados das escolas, a que por sua população tinham direito, pela falta de casa para o funcionamento das aulas. Tal inconveniente só poderá ser sanado, quando o erário publico dispuser de recursos suficientes para a construção de casas escolares em profusão.⁸

Se associada à falta de casas escolares estava a questão da distribuição destes edifícios, o Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva foi construído afastado das escolas existentes (Mapa 01). Destaca-se também que, neste início do século XX, havia a determinação de implantação de um sistema de escolas graduadas.

E, a proposito de grupos escolares de que sou apologista entusiasta, lembro a necessidade de irem-se criando paulatinamente nas principais cidades do Estado. Na Capital já temos tres meios grupos, cada um com duas escolas de series ou grãos diferentes: na Escola Tiradentes, na Escola Oliveira Bello e na Escola Carvalho. Há apenas, por em quanto, um grupo completo em construção - o Grupo Escolar Xavier da Silva. No grupo escolar Xavier da Silva, em adiantada construção á rua Marechal Floriano Peixoto, pretendo instalar tres escolas para cada sexo, completamente separadas, sendo uma para a 1ª serie do primeiro grão, uma para a 2ª serie do 1º grão e a 3ª para ambas as series do 2º grão.⁹

Em termos de programa arquitetônico, o primeiro grupo escolar do Paraná distanciou-se das casas escolares até então construídas no Estado e dos similares paulistas. Em relação às escolas do final do século XIX no Paraná, o Xavier da Silva contou com um número maior de salas de aula. As escolas graduadas de São Paulo, na Primeira República, apresentaram salas de apoio administrativo: portaria, diretoria e/ou sala de professores. Os estudos sobre

Mapa 01: Edifícios escolares construídos em Curitiba até 1906



esses edifícios mostram que, mesmos com diferenças entre si, os edifícios escolares possuíam alguns desses ambientes.¹⁰ O Xavier da Silva não. Seu programa arquitetônico consistia de um vestíbulo, seis salas de aula e dois pátios de recreação cobertos. Estes últimos, imprimindo uma inovação dentro do contexto brasileiro, apesar das referências francesas não abrirem mão deste espaço. Os manuais de arquitetura desta época definem os pátios cobertos como imprescindíveis.¹¹



7 Para maior detalhamento ver CASTRO, Elizabeth Amorim de; IMAGUIRE, Marialba Rocha Gaspar. Ensaios sobre a Arquitetura em Curitiba - 2. Colégios e Educandários. Curitiba: Edição das Autoras, 2006.

8 Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. Secretario do Interior, Justiça e Instrução Publica pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva, Director Geral da Instrução Publica do Estado, em 31 de Dezembro de 1902. In PARANÁ. 1903. (p. 11-12)

9 Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. Secretario do Interior, Justiça e Instrução Publica pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva, Director Geral da Instrução Publica do Estado, em 31 de Dezembro de 1903. In PARANÁ. 1904. Relatório da Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrução Publica e anexos, em 31 de dezembro de 1903. Curitiba: Typ. d'A Republica, 1904. (p. 3-19)

10 ARTIGAS, Vilanova. Sobre escolas. In Caminhos da Arquitetura. São Paulo: Cosac & Naipya Edições, 1999. (p. 87-98); CORREIA, Maria Elizabeth Peirão; NEVES, Hélia Maria Vendramini e MELLO, Mirela Geiger de. Arquitetura Escolar Paulista : 1890-1920. São Paulo: FDE. Diretoria de Obras e Serviços. 1991; RAMALHO, Maria Lúcia Pinheiro; WOLF, Sílvia Ferreira Santos. Escolas públicas paulistas na Primeira República. In Projeto Revista Brasileira de Arquitetura, Planejamento, Desenho Industrial, Construção, nº 87. São Paulo: Projeto Editores Associados Ltda., maio de 1986; BUFFA, E.; PINTO, G. Arquitetura... 2002 e CARVALHO, M. Ramos de Azevedo. 2000.

11 TUBEUF, Georges. Traité d'architecture théorique et pratique. Vol. IV: Types de constructions diverses. Paris: H. Chairgrasse fils, [s.d.]. (p. 7-8) e GUADET, Julien. Éléments et théorie de l'architecture. Livre VIII. Les Éléments de la composition dans les édifices d'enseignement et instruction publique. Paris: Librairie de la Construction Moderne, 1909. 1ª edição: 1901. (p. 218-219)





↑ Foto 03: Grupo Escolar Vicente Machado, em Castro - sem data



↑ Foto 04: Grupo Escolar Cruz Machado, em Curitiba - 2008

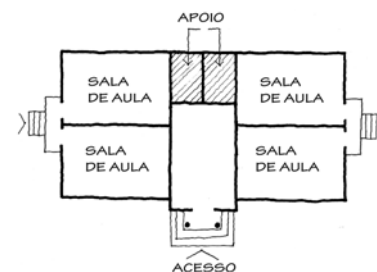


↑ Foto 05: Grupo Escolar Jesuíno Marcondes, em Palmeira - sem data

Quanto à organização espacial, as salas de aula estão dispostas em alas perpendiculares entre si, dividindo a escola em duas seções, uma masculina e outra feminina, e atendendo à necessidade vigente de separação dos sexos.

O primeiro edifício construído especialmente para um grupo escolar no Paraná apresentou um programa arquitetônico de necessidades simplificado e uma ordenação espacial singular em relação aos análogos paulistas. As páginas seguintes irão esmiuçar a história e a arquitetura desta escola. Coube a esta introdução ressaltar algumas características de projeto e estabelecer algumas relações contextuais. Como modelo, serviu de referência, mas não foi repetido nas escolas posteriormente construídas no Estado.

Nos anos seguintes foram construídos três edifícios escolares: o Grupo Escolar Vicente Machado, em Castro, o Cruz Machado, em Curitiba, e o Jesuíno Marcondes, em Palmeira. O primeiro foi inaugurado em 29 de novembro de 1904. O edifício, projetado e construído pelo governo, possuía “quatro escolas para dois sexos”¹² e, segundo Vitor Ferreira do Amaral, Diretor de Instrução Pública, era “de singela e elegante architectura”.¹³



O projeto arquitetônico não foi encontrado e a Foto 03 apresenta uma vista da escola. O edifício, concebido em bloco único, utilizou o repertório formal do ecletismo.¹⁴

As outras duas escolas foram projetadas por Ângelo Bottechia, arquiteto do quadro da Diretoria de Obras e Viação, e construídas entre 1906 e 1907. O Grupo Escolar Cruz Machado (Foto 04), em Curitiba, e o Jesuíno Marcondes (Foto 05)¹⁵, em Palmeira, têm em comum a sofisticação plástica e um programa baseado no núcleo “sala de aula e ambiente de apoio” definido no “Regulamento para a construção de casas escolares” (Ato nº 287), de 14 de outubro de 1884¹⁶, como foi visto no capítulo anterior. A primeira com duas salas de aula, a segunda com quatro. A ordenação espacial é a mesma, centrada em um vestíbulo. Permanece a configuração simétrica, em bloco único, e com definição de dois setores (masculino e feminino) e a hierarquia de acessos (um central e dois secundários).

12 PARANÁ. 1903a. (p. 18)

13 Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva, Director Geral da Instrução Pública do Estado, em 31 de Dezembro de 1902. (p. 36-43). In PARANÁ. 1903. (p. 11)

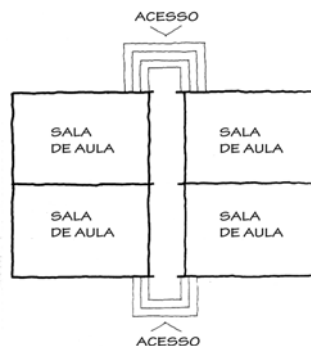
14 Em 1935, a escola ganhou uma nova sede, construída pelo interventor Manoel Ribas. O antigo edifício passou a ser utilizado pela prefeitura da cidade. Situado no antigo Lago do Porto, foi demolido e no local construída a nova sede do Paço Municipal.

15 Este edifício situa-se à Rua Cel. Pedro Ferreira, 223 e foi tombado pelo Patrimônio Estadual, em 2004, sob o número 152-II.

16 MIGUEL, Maria Elisabeth Blank; MARTIN, Sonia Dorotea (org). Coletânea da Documentação Educacional Paranaense no período de 1854 a 1889. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2004. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.publicacoes.inep.gov.br/detalhes.asp?pub=4138>. Acesso em 12 de junho de 2008. (p. 401-402)



Um novo grupo de escolas foi construído a partir de 1910, quando Francisco Xavier da Silva governava pela terceira vez o Paraná. O Grupo Escolar Professor Cleto, em Curitiba, iniciou este processo. Concluído no final de 1910, este edifício localizou-se na Rua Visconde de Nacar, em Curitiba. Seu programa arquitetônico foi ainda mais simplificado: apenas quatro salas de aula.¹⁷



Embora nas Mensagens e Relatórios de Governo não houvesse referência a projetos padronizados, este recurso foi utilizado com frequência. Outras quatro escolas foram construídas utilizando o projeto do Grupo Escolar Professor Cleto: o Grupo Escolar Macedo Soares, em Campo Largo (Foto 06), o Barão de Antonina, em Rio Negro (Foto 07), o Professor Raposo, em Jacarezinho (Foto 08), e o Izabel Branco, em Jaguariaíva¹⁸ (Foto 09) - todos concluídos em 1911¹⁹.

Outros exemplos podem ser dados. O Grupo Escolar Dias da Rocha, em Araucária (Foto 10), o Manoel Eufrásio, em Deodoro, hoje Piraquara (Foto 11), o Conselheiro Zacarias e o Presidente Pedrosa, ambos em Curitiba, possuem o mesmo projeto e foram concluídos no início de 1912.²⁰ Estas “casas escolares” possuíam “dois salões de 7m,40 x 10 m,50 [e] um vestibulo commum de 4 m,70 x 2m,00”.²¹ Com um número de salas de aula menor em relação aos grupos escolares anteriores, este projeto não apresenta circulação interna. O vestibulo corresponde a um avanço da fachada e marca o acesso principal ao edifício. Os salões comunicam-se diretamente com ele. Nas duas laterais do prédio localizam-se as entradas de alunos. É uma solução simétrica e compacta. Persiste a utilização do porão alto para nivelamento da construção no terreno e a colocação das instalações sanitárias fora do corpo do prédio.



↑ Foto 06: Grupo Escolar Macedo Soares, em Campo Largo - sem data

↓ Foto 08: Grupo Escolar Professor Raposo, em Jacarezinho - sem data



↑ Foto 07: Grupo Escolar Barão de Antonina, em Rio Negro - sem data

↓ Foto 09: Grupo Escolar Izabel Branco, em Jaguariaíva - sem data



Neste mesmo ano, foram edificadas, com o mesmo projeto arquitetônico, os Grupos Escolares Professor Brandão, em Curitiba (Foto 12), e Dr. Franco Valle, em Imbituva.²² Trata-se da mesma organização espacial só que posicionada de forma invertida: o vestibulo passou para a parte posterior do edifício, transformando-se em sala de apoio.

No final de 1912, mais um conjunto de cinco escolas foi concluído apresentando o projeto padronizado: o Grupo Escolar Visconde de Guarapuava, em Guarapuava (Foto 13), o Professor Serapião, em União da Vitória, o Barão de Capanema, em Prudentópolis (Foto 14), o Silveira da Motta, em São José dos Pinhais, e o Senador Correia, em Ponta Grossa.²³

17 PARANÁ. 1910. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Presidente do Estado do Paraná, em 31 de Dezembro de 1910, pelo Bacharel Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, Secretario d'Estado dos Negócios de Obras Pública e Colonização. Curitiba: Typografia d'A Republica, 1910. (p. 40)

18 Este edifício situa-se à Rua Marieta Camargo, 385 e foi tombado pelo Patrimônio Estadual, em 2001, sob o número 139-II.

19 PARANÁ. 1910. (p. 40-41)

20 PARANÁ. 1912. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Presidente do Estado do Paraná, em 31 de Dezembro de 1911, pelo Bacharel Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, Secretario d'Estado dos Negócios de Obras Públicas e Colonização. Curitiba, 1912. (p. 23-25)

21 PARANÁ. 1910. (p. 41)

22 PARANÁ. 1912. (p. 25)

23 PARANÁ. 1912. (p. 24-26) e PARANÁ. 1913a. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, Presidente do Estado do Paraná, em 31 de dezembro de 1912, pelo Engenheiro Civil José Niepce da Silva, Secretario d'Estado dos Negócios de Obras Públicas, Terras e Viação, Dr. Marins Alves de Camargo. Curitiba: Impressora Paranaense, 1913. (p.59-60). Nas descrições dos edifícios encontradas nos relatórios existem pequenas diferenças de dimensões nos diversos ambientes. Tais alterações eram correntes no período estudado. No entanto, a ordenação espacial e a linguagem formal permaneceram em todos os edifícios estudados.

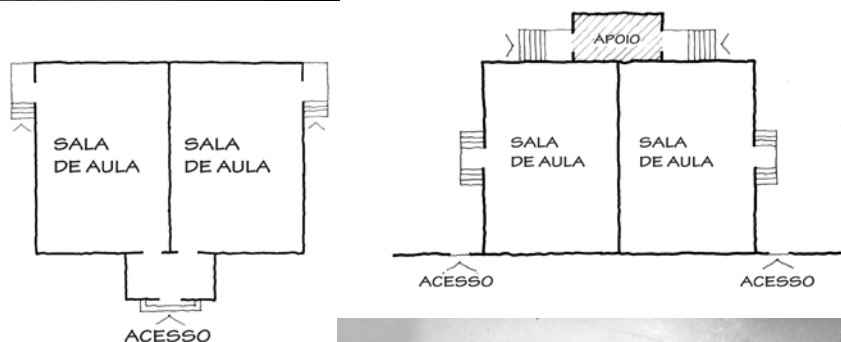




← Foto 10: Grupo Escolar Dias da Rocha, em Araucária - sem data



← Foto 11: Grupo Escolar Manoel Eufrásio, em Piraquara - sem data



→ Foto 12: Grupo Escolar Professor Brandão, em Curitiba - sem data

Os ambientes de apoio retornaram ao programa arquitetônico destas escolas, podendo ser identificado o núcleo “sala de aula e ambiente de apoio”. As duas seções estão completamente separadas, sem comunicação interna. Um pequeno vestíbulo faz a distribuição das salas. São duas entradas localizadas em extremidades opostas do edifício, marcadas pelo avanço da fachada. Assim como as escolas anteriores, não há acesso diferenciado para professores e visitantes.

↓ Foto 13: Grupo Escolar Visconde de Guarapuava, em Guarapuava - sem data



↓ Foto 14: Grupo Escolar Barão de Capanema, em Prudentópolis - sem data



↓ Foto 15: Grupo Escolar Silveira da Motta, em São José dos Pinhais - sem data

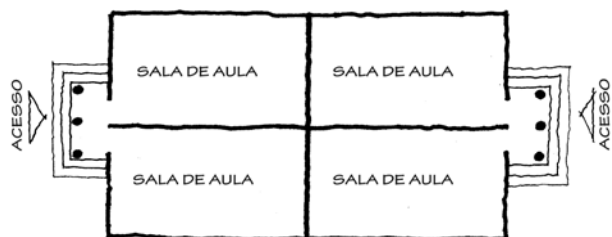


↓ Foto 16: Grupo Escolar Senador Correia, em Ponta Grossa - sem data





↑ Foto 17: Grupo Escolar Rio Branco, em Curitiba - sem data



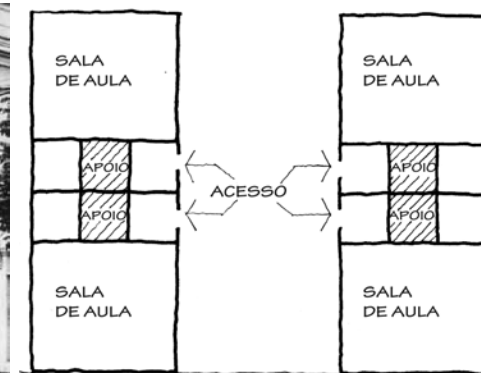
O Grupo Escolar Rio Branco, construído em Curitiba entre 1910 e 1913²⁴, apresentou um tratamento formal e uma ordenação espacial semelhante àquela encontrada nas escolas de Ponta Grossa e São José dos Pinhais, sem a presença das salas de apoio. Além disso, o vestíbulo, que fazia a distribuição dos ambientes no exemplo anterior, transforma-se em um pórtico externo (Foto 17).

Outra escola em Curitiba merece destaque na presente análise: o Grupo Escolar Dezenove de Dezembro (Foto 18). Seu projeto arquitetônico traz uma solução ímpar no universo estudado. A separação dos sexos foi levada ao extremo. Meninos e meninas foram abrigados em edifícios diferentes. Estabeleceu-se um núcleo: sala de aula, sala de professores e instalações sanitárias repetido quatro vezes. Esta célula incorporou, de forma inédita - no mesmo pavimento que as salas de aula -, o banheiro no corpo do edifício. A disposição é simétrica. A implantação dos edifícios foi feita no alinhamento predial.

24 PARANÁ. 1910. (p. 40) e PARANÁ. 1912. (p. 23).



↑ Foto 18: Grupo Escolar Dezenove de Dezembro, em Curitiba - sem data



No final do ano de 1913, Marins Alves de Camargo, respondendo pela Secretaria de Estado dos Negócios de Obras Públicas e Colonização, anunciou a construção dos Grupos Escolares Telêmaco Borba, em Tibagi (Foto 19), e Dr. Claudino dos Santos, em Ipiranga²⁵ (Foto 20). Os dois edifícios foram construídos com o mesmo projeto da escola de Palmeira (Foto 05), de 1907. Além desses, em Santo Antônio da Platina, foi edificada uma escola com duas salas de aula, duas para professores e um vestíbulo.²⁶



↑ Foto 19: Grupo Escolar Telêmaco Borba, em Tibagi - sem data



➤ Foto 20: Grupo Escolar Dr. Claudino dos Santos, em Ipiranga - sem data

25 O edifício situa-se à Rua João Ribeiro da Fonseca, 74 e foi tombado pelo Patrimônio Histórico Estadual em 1991 sob o número 113-II.

26 PARANÁ. 1913. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, Presidente do Estado do Paraná pelo Secretário d'Estado dos Negócios de Obras Públicas, Terras e Viação, Dr. Marins Alves de Camargo. Anno de 1913. Curitiba: Impressora Paranaense, 1913. (p. 105-106)



Os edifícios escolares apresentados até aqui, com exceção do Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva, de 1903, podem ser divididos em dois tipos: de duas e de quatro salas de aula. Nesses dez anos, há uma permanência deste programa arquitetônico. O relatório que Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, então Diretor-geral de Instrução Pública, redigiu no final de 1913, explicou que, por imposições do Regulamento de 1901²⁷, até aquele momento

os grupos escolares não obstante possuímos com esse nome casas onde funcionam duas, quatro e até mais de quatro escolas, que, independentes sem a mínima relação entre si, naturalmente se fazem concorrência e se perturbam, em vez de se combinarem e se auxiliarem. (...) Temos hoje, nas cidades mais importantes do Estado, casas escolares onde funcionam, independentes, quatro escolas, cada uma com excessivo número de alunos, distribuídos em quatro classes.²⁸

Ou seja, as classes ou séries estariam reunidas em um mesmo edifício, mas não agrupadas administrativamente. Se as escolas, até 1913, funcionaram de forma independente umas das outras, justifica-se a ordenação espacial encontrada que privilegia a divisão do edifício em duas seções com acessos independentes e, em muitos casos, sem ligação interna. Ao mesmo tempo, os ambientes de apoio, quando existentes, são em número de dois, um para cada seção, ou quatro, um para cada sala. Provavelmente, destinar-se-iam às salas de professores. Não há salas de direção, secretaria ou portaria, uma vez que as escolas não possuíam administração centralizada. Configura-se uma célula programática composta por “uma ou duas salas de aula e uma sala de professor”, que é multiplicada.

Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo procurou, em 1914, implantar a escola graduada:

Durante o ano de 1914, foram postas em execução nesta Capital e em diversas outras localidades que eu pude visitar, as instruções que foram expedidas por esta Directoria e aprovadas pela Secretaria do Interior (Portaria n. 4 de 17 de Janeiro de 1914) para a reorganização das escolas públicas primárias, sendo o ensino dividido em quatro séries, com um programma comprehensivo de todas as disciplinas essenciaes para a educação popular, de accordo com os mais adeantados ensinamentos da pedagogia. Reuni escolas systematisando e dividindo os trabalhos, por series, entre os respectivos professores e confiando a um destes a função de director; formei, assim o que em falta

de melhor denominação, chamamos grupos e semigrupos escolares. Sem duvida, esses estabelecimentos não são organizados à feição dos afamados grupos escolares paulistas, compostos de uma secção para meninas e outra para meninos, dispondo de todo o material tecnico para o ensino e tendo pessoal administrativo differente do pessoal docente. As nossas actuaes casas escolares são, em regra, de bello estylo architectonico, têm todas as condições de aeração e de luz, dotadas umas de quatro amplos salões, outra apenas de dous: nas de quatro salões pudemos installar as quatro séries do ensino, uma a cargo de cada professor, - é o nosso grupo escolar; nas de dous salões deixamos cada professor com duas séries, - é o semigrupo.²⁹

O então Diretor-geral de Instrução Pública estabeleceu nessa reorganização das escolas públicas uma reforma estrutural em seu funcionamento. No texto, elogiou os edifícios escolares existentes, que, a seu ver, eram adequados às exigências higienistas e de “bello estylo architectonico”. No entanto, quando afirmou que não eram organizados à feição dos afamados grupos escolares paulistas, explicou que, em termos de espaço construído, não havia seções feminina e masculina. Não é o que foi mostrado até aqui. Todos os edifícios apresentam as duas seções. Porém, ao querer implantar um grupo escolar de quatro séries (o que exigiria oito salas de aula, quatro para meninas e quatro para meninos) ou um semigrupo de duas (necessitaria de quatro salas, duas para cada sexo), os edifícios existentes não conseguiram atender à essa demanda. Provavelmente, os grupos escolares e os semigrupos de Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo reuniam no mesmo ambiente alunos dos dois sexos.

Voltando ao texto de Marins Alves de Camargo, datado de 1913, que, como Secretário de Estado dos Negócios de Obras Públicas e Colonização, era colega de Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, constata-se o anúncio da elaboração de novos projetos de construções escolares:

Pretendendo esta Secretaria construir diversas casas escolares em varias localidades do Estado, foram pela Directoria Technica confeccionados diversos typos para esses prédios, sendo notável a economia que aquella Directoria introduziu nos respectivos projectos, graças a redução das exaggeradissimas espessuras com que até aqui eram feitas as paredes dessas casas, o que constituía um verdadeiro attentado aos cofres do Estado, pois que nenhum motivo de ordem technica justifica o desperdício de material que se nota nessas construcções em todo o Estado.³⁰

A primeira argumentação tratou da redução de custos construtivos, baseada na diminuição

27 Decreto nº 93, de 11 de março de 1901. Regulamento da Instrução Publica do Estado do Paraná. in PARANÁ. Regulamento da Instrução Publica do Estado do Paraná. Curitiba: Typ. d'A Republica, 1910.

28 PARANÁ. 1914. Relatório apresentado ao Exm. Snr. Dr. Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, Secretario do Interior, Justiça e Instrução Publica, pelo Dr. Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, Director Geral da Instrução Publica. Curitiba: Typ. do Diario Official, 1914. (p. 11-12)

29 PARANÁ. 1915. Relatório apresentado ao cidadão Dr. Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, Secretario d'Estado do Interior, Justiça e Instrução Publica, pelo Dr. Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, Director Geral da Instrução Publica, em 31 de Dezembro de 1914. Curitiba: Typ. do Diario Official, 1915. (p. 3-4)

30 PARANÁ. 1913a. (p. 115)



da espessura da alvenaria - uma questão de técnica construtiva. Marins Alves de Camargo acrescentou ainda que as alterações dos novos projetos não se limitavam a estes aspectos, apresentavam melhorias estéticas, higienistas e pedagógicas.

Alem dessa modificação foram feitas outras, não só sob o ponto de vista esthetico, como em relação a hygiene e outras exigências de ordem pedagógica, que os actuaes predios não possuem, chegando estes a causar certa impressão desagradavel ao viajante que percorre as nossas cidades do Interior, pois depara sempre com o mesmo typo de prédio escolar, o que lhe faz conjecturar desfavoravelmente do nosso gosto artístico.³¹

Os mesmos edifícios elogiados pelo Diretor-geral de Instrução Pública, no texto de 1914, anteriormente apresentado, como de “belo estylo architectonico [e com] todas as condições de aeração e de luz”, foram definidos como inadequados sob o ponto-de-vista higienista, pedagógico e estético. As demandas de ensino já foram explicitadas e referem-se basicamente ao número de salas de aula. A questão higienista não está esclarecida. Em relação ao ponto de vista esthetico, não há dúvidas que se referiu à repetição de um mesmo projeto em cidades diferentes, prática corrente no período. Na continuação do texto, Marins Alves de Camargo explicou que não abriu mão de projetos padronizados, mas apresentaria mais opções:

Os projectos confeccionados ultimamente pela Directoria Technica são de construcção leve e elegante e variam de typo embora conservem, mais ou menos o estylo. Para cada ordem de grupo escolar foram estudados 2 ou 3 typos.

Assim temos: grupos escolares modelos, com 8 salas de aula, um grande salão para aulas em commum, gabinete para a Directoria, professores, porteiro, etc., variando o custo desses prédios de 60 a 80:000\$000; grupos com 4 salas de cidade e de villa, variando o seu custo entre 12 e 16:000\$000 se é de madeira ou entre 30 ou 40:000\$000 se é de alvenaria; grupos com duas salas typo de villa e povoado, variando o respectivo custo entre 15 e 20:000\$000 se é de alvenaria e entre 5 e 8:000\$000 se a construcção é de madeira.³²

O programa arquitetônico das novas escolas apresentou edifícios de duas e quatro salas de aula. Esta configuração do edifício escolar já tinha sido disseminada pelo Estado, sendo no mesmo documento alvo de críticas. Entretanto, atendia à demanda de cidades pequenas. Tanto que escolas deste porte foram construídas, pelo menos, até a metade do século XX. O texto também apresentou novidades com os “grupos escolares modelos”, compostos

31 PARANÁ. 1913a. (p. 116)

32 PARANÁ. 1913a. (p. 116)

por oito salas de aula³³ (atendendo, de forma plena, as duas seções para as quatro séries primárias) e ambientes administrativos e de apoio: diretoria, sala de professores, portaria e um salão. Este programa aproxima-se daqueles encontrados nos primeiros grupos escolares paulistas. A visita oficial que o então Diretor de Instrução Pública do Paraná, Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, fez às escolas de São Paulo, em meados de 1912, contribuiu para a conformação dos novos projetos.³⁴

Quatro anos mais tarde, foi promulgado um novo “Código de Ensino” (Decreto nº 17 de 1917), no qual entre outros temas definiu que o ensino primário dividia-se em quatro séries (Artigo 55, Seção III, Capítulo II), instituiu um grupo escolar modelo em Curitiba, com “8 cadeiras, 4 para cada sexo” (Artigo 70, Seção III, Capítulo II) e ainda estabeleceu parâmetros para os edifícios escolares, que mantiveram muitas características até então vigentes. As instalações sanitárias permaneceram externas, assim como os pátios de recreação e de ginástica - não foram mencionados salões ou galpões cobertos. As exigências higienistas foram explicitadas: implantação em terreno que não acumule umidade e afastada de locais ruidosos e insalubres, isolamento do edifício em relação ao solo (porão alto) e índices de área mínima de iluminação e por aluno. Em termos de programa arquitetônico, foram definidos grupos escolares modelos, já mencionados em 1913, com oito salas de aula e a necessidade de um ambiente para “um pequeno museu escolar e para o acondicionamento dos trabalhos manuaes e materiais respectivos”. Os demais ambientes, já previstos nos projetos de 1913, tais como diretoria, portaria e salão, nem sequer foram citados.

O “Código de Ensino” de 1917³⁵ foi elaborado em um período de pouquíssimas construções escolares. O governo de Francisco Xavier da Silva, Presidente do Paraná entre 1908 e 1912, construiu 11 escolas, a grande maioria nos dois últimos anos. Seu sucessor, Carlos Cavalcanti de Albuquerque (1912-1916), edificou oito.³⁶ A gestão de Affonso Alves de Camargo (1916-1920) erigiu apenas uma. No próprio “Código de Ensino”, esta dificuldade foi exposta no Artigo 157 do Capítulo IX: “á medida que os recursos financeiros do Estado o permittirem, construir-se-ão casas escolares nas cidades, villas e importantes povoações que ainda não tiverem sido dotadas desses melhoramentos”.

33 É preciso lembrar que o Grupo Escolar Xavier da Silva, até então modelo para as demais escolas, possuía seis salas de aula.

34 PARANÁ. 1912a. Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. Secretario do Interior, Justiça e Instrução Publica pelo Dr. Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, Director Geral da Instrução Publica, em virtude do officio de 24 de Junho de 1912. Curitiba: Typ. do Paraná Moderno, 1912.

35 Decreto nº 17, de 9 de janeiro de 1917. PARANÁ. 1917. Código de Ensino do Estado do Paraná. Curitiba: Typ. d'A Republica, 1917.

36 Estes números referem-se às construções em alvenaria situadas em centros urbanos.



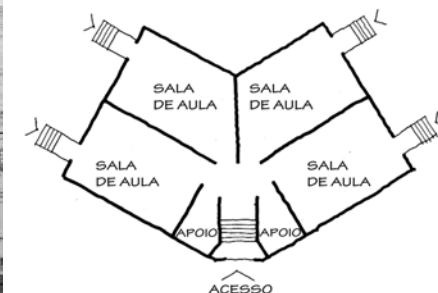
O único edifício escolar construído nesse período foi a nova sede do Grupo Escolar Professor Serapião, em União da Vitória, devido a uma situação específica.

Em função da perda de território do Paraná para Santa Catarina, ocorrida após o fim da Guerra do Contestado (1912-1916), União da Vitória foi dividida entre os dois Estados. O primitivo centro urbano passou a pertencer à nova cidade catarinense de Porto União. O governo paranaense teve que projetar “uma nova sede para o município”. Este planejamento compreendeu o traçado de ruas, com aproveitamento e prolongamento das existentes e criação de novas, e a construção de três edifícios - situados em torno da praça central e inaugurados em 1917: um para a sede conjunta da Câmara Municipal, Fórum, Coletoria e Quartel, outro para um hotel e o terceiro para uma escola, uma vez que a primeira sede do Grupo Escolar Professor Serapião encontrava-se na região que ficou para Santa Catarina.³⁷

Atendendo às condições financeiras excepcionais que experimenta o Estado, no actual momento, esses edifícios foram estudados de modo a ser adoptado o maximo coefficiente de economia, d'ahi porque cada um possui tão somente as imprescindíveis dependências.³⁸

A “máxima economia” e apenas “ambientes imprescindíveis” determinaram a adoção de um programa arquitetônico para o edifício escolar já conhecido: quatro salas de aula e duas administrativas, divididas em duas seções definidas e com acessos diferenciados. Apesar disso, João Moreira Garcez, então Diretor de Obras e Viação, elaborou um projeto com uma ordenação espacial original, como pode ser visto no esquema ao lado da Foto 21. A implantação em uma esquina possibilitou a definição de um acesso centralizado, com escadas internas que vencem o desnível entre a rua e o piso e conduzem a um pequeno vestibulo.

A gestão de Caetano Munhoz da Rocha (1920-1928) empenhou-se em reverter a escassez de construções escolares no Paraná, apoiado por um período de maior estabilidade econômica. César Pietro Martinez, então diretor da Escola Normal de Pirassununga, foi convidado para coordenar uma reestruturação da instrução pública paranaense. Segundo



← Foto 21: Grupo Escolar Professor Serapião, em União da Vitória - sem data

Alir Ratacheski, Martinez, entre 1920 e 1925, “estabeleceu as linhas mestras do ensino” no Estado. Reformou o “Código de Ensino” de 1917 e impôs novos parâmetros para a educação primária.³⁹

Convictos de que uma das bases da educação primária é o professor, Caetano Munhoz da Rocha e César Pietro Martinez investiram na sua formação criando uma rede de escolas normais, todas com sedes construídas especialmente para este fim: em Curitiba (1922 - Foto 22), em Ponta Grossa (1925 - Foto 23) e em Paranaguá (1927 - Foto 24).

O primeiro grupo escolar construído por Caetano Munhoz da Rocha e César Pietro Martinez foi em Ribeirão Claro no ano de 1925. Seu projeto apresenta um programa arquitetônico conhecido: quatro salas de aula e duas salas de apoio, destinadas ao diretor e aos professores. Entretanto, sua ordenação espacial possui características distintas em relação aos edifícios anteriormente construídos.

Assim como foi reportado em 1913, houve nesse momento um estudo mais amplo de edifícios escolares, resultando em um conjunto de projetos que atenderiam a diferentes demandas:

A Directoria de Obras Publicas, tendo a sua frente um illustre discipulo de Ramos de Azevedo, - Dr. Carlos Ross, interessando-se por tão importante assumpto, estudou vários typos de edificios escolares para uma, duas, quatro e oito salas, de madeira ou de alvenaria, casa para residência do professor rural, etc.⁴⁰

37 Na nova condição, sua denominação passou a ser Grupo Escolar Balduino Cardoso - SILVA, Cleto. Apointamentos históricos de União da Vitória. 1708-1933. Curitiba: Max Roesner & Filhos Ltda., 1934. (p. 109)

38 PARANÁ. 1917. Relatório apresentado ao Exmo Snr. Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Secretario d'Estado dos Negocios de Fazenda, Agriculturas e Obras Publicas pelo Engenheiro Director de Obras e Viação, Engenheiro Civil João Moreira Garcez. Exercício de 1916-1917. Curityba: Typ. d'A Republica, 1917. (p. 19)

39 RATACHESKI, Alir. Cem anos de ensino no Estado do Paraná. In Álbum Comemorativo do 1º Centenário da Emancipação Política do Paraná. Curitiba: Governo do Paraná: Câmara de Expansão Econômica do Paraná, 1953. (p. 31)

40 PARANÁ. 1924. Relatório apresentado ao Exmo Sr. Secretario Geral de Estado pelo Professor César Pietro Martinez, Inspector Geral do Ensino. Curityba: Typ. da Penitenciaria do Estado, 1924. (p. 45)





↑ Foto 22: Escola Normal de Curitiba - sem data



↑ Foto 23: Escola Normal de Ponta Grossa - sem data



↑ Foto 24: Escola Normal de Paranaguá - sem data

O Grupo Escolar de Ribeirão Claro (Foto 25) faz parte do “tipo com quatro salas de aula”, cada uma com dimensões de (5,90 x 8,90)m. Pela primeira vez em uma escola primária paranaense foi utilizada uma configuração em “U”, simétrica, repetindo a solução das recém-projetadas escolas normais. Esse formato define três alas: uma central e duas laterais. Nestas situam-se as salas de aula e os acessos ao edifício, naquela os ambientes de apoio, um para o diretor e outro para os professores. Com essa disposição, as seções feminina e masculina ficam espacialmente delimitadas. O programa arquitetônico é enxuto e não apresenta entrada principal. A linguagem formal é eclética. O edifício foi construído em alvenaria, com porão alto e instalações sanitárias externas.

Os “tipos” de seis salas de aula possuem o mesmo projeto arquitetônico de Ribeirão Claro, acrescido de mais dois ambientes de ensino colocados no prolongamento das alas laterais. Esta característica define uma padronização do projeto arquitetônico (considerado aqui de forma integral, ou seja, de programa de necessidades, ordenação espacial, técnica construtiva e linguagem formal) e a possibilidade de ampliação. Esta é, sem dúvida, a característica que mais diferencia este conjunto de projetos dos demais aqui apresentados, uma vez que os edifícios em bloco único não têm esta flexibilidade. Entendendo que há um crescimento da população em idade escolar, a ordenação espacial em “U” permite um aumento do número de salas de aula sem comprometimento da área já construída. Esta solução irá se consolidar nos anos seguintes.

Entre janeiro de 1928, no final do mandato de Caetano Munhoz, seis grupos escolares, apresentando o projeto com seis salas de aula, foram inaugurados: em Piraí do Sul (Foto

26), São Mateus do Sul, Colônia Mineira (depois Siqueira Campos), Carlópolis, Cambará e Santo Antônio da Platina. Uma pequena variação deste projeto foi construída em Tomazina (Foto 27). Ali foram incluídas salas mais amplas para os professores e instalações sanitárias para alunos e professores.

Além dos edifícios já relacionados, Caetano Munhoz inaugurou, no final de seu mandato, grupos escolares em Entre Rios, Foz do Iguaçu e Curitiba. O primeiro era composto de quatro salas de aula e gabinete de direção.⁴¹ O projeto arquitetônico, fotografias do edifício e outras informações sobre a escola não foram encontradas.

O Grupo Escolar de Foz do Iguaçu (Foto 28), concluído em dezembro de 1927 e inaugurado em janeiro de 1928, possuía seis salas de aula distribuídas em dois pavimentos, embora a Mensagem de 1928 anunciasse “oito salas de aula, gabinete do diretor etc. distribuídos em dois pavimentos”.⁴² O Grupo Escolar Caetano Munhoz da Rocha foi a primeira escola pública primária criada na cidade, cuja fundação data de 1914. No Governo de Affonso Camargo recebeu a denominação de Bartolomeu Mitre.⁴³

O Grupo Escolar D. Pedro II foi o último grupo escolar da Primeira República. Esta escola, construída no rocío do Batel, em Curitiba, apresenta o programa arquitetônico mais completo do período. As suas 12 salas de aula ultrapassam a demanda de oito para

41 PARANÁ. Governo. 1928. Mensagem ao Congresso Legislativo do Estado do Paraná, em 1º de fevereiro de 1928. Curitiba, 1928. (p. 111)

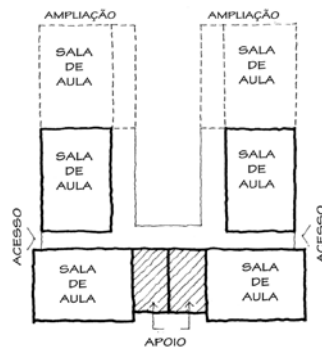
42 PARANÁ. Governo. 1928. (p. 111)

43 FOZ DO IGUAÇU. Secretaria Municipal de Turismo. Colégio Bartolomeu Mitre. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.camarafpz.pr.gov.br/museudaimg.php>. Acesso em 27 de setembro de 2007.





↑ Foto 25: Grupo Escolar de Ribeirão Claro - sem data



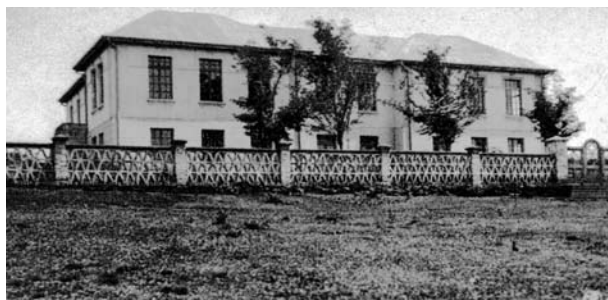
→ Foto 26: Grupo Escolar de Pirai do Sul - sem data



→ Foto 27: Grupo Escolar de Tomazina - sem data



→ Foto 28: Grupo Escolar de Foz do Iguaçu - sem data



o ensino primário (quatro séries, com separação de meninos e meninas). Além disso, possui um salão de recepção no primeiro pavimento e ambientes administrativos que vão além de uma sala para diretor e outra para professores, tais como a portaria e o vestiário. Mostrou aprimoramento construtivo com dois pavimentos e instalações sanitárias internas.

A configuração em “U” é a mesma dos projetos arquitetônicos apresentados anteriormente. No entanto, a ordenação espacial dos ambientes modifica-se. O acesso é centralizado e único, valorizado formalmente pela presença de arcada e escadaria. O vestibulo apresenta dimensões generosas e um tratamento mais sofisticado: colunas compostas, escadaria com gradis em ferro fundido e grande vitral.

A solução arquitetônica desta escola expressou de forma plena todos os avanços pedagógicos, higienistas, técnicos e políticos ali incorporados. O Grupo Escolar D. Pedro II estabeleceu um novo parâmetro para as construções escolares, passando a ser um marco referencial e um modelo. Poucos foram os grupos escolares construídos posteriormente que adotaram plenamente seus padrões.

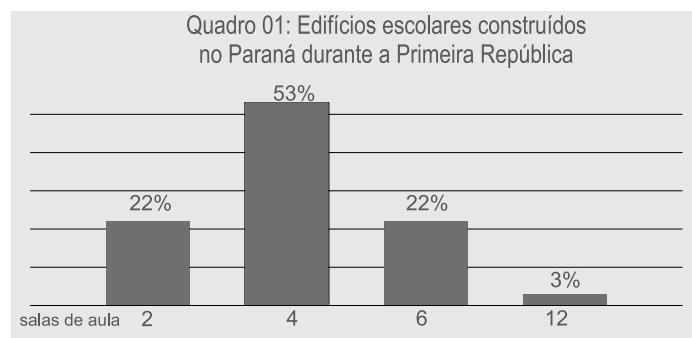
Com a construção do Grupo Escolar D. Pedro II, estava implantada a política dos “grandes grupos”, anunciada oito anos antes, em 1920, por César Pietro Martinez.⁴⁴ Este foi o último edifício escolar construído na Primeira República. Affonso Camargo, sucessor de Caetano Munhoz da Rocha no Governo do Paraná, não construiu escolas. Na Mensagem de 1929, anunciou que, entre outras coisas, “aumentar o numero dos edificios escolares” era “objeto de determinações já dadas no sentido de se proceder a estudos e projectos, obedientes á situações, natureza e fins dos edificios a construir”.⁴⁵ Sendo assim, Affonso Camargo solicitou, ou iria solicitar, novos projetos arquitetônicos de escolas para depois construí-las. Não houve tempo para isso. Em 05 de outubro de 1930 deixou seu cargo, sendo substituído pelo interventor Mário Alves Monteiro Tourinho.

No Paraná, durante a Primeira República, 36 edifícios destinados à instrução primária foram construídos. O Quadro 01 mostra que a maioria destas escolas possuía quatro salas de aula. Em seguida, estão as unidades com duas e seis salas, representando 22% cada uma.

44 PARANÁ. 1920. Relatório apresentado ao Exmo Sr. Secretario Geral de Estado pelo Professor César Pietro Martinez, Inspector Geral do Ensino. Curitiba: Typ. da Penitenciaria do Estado, 1920. (p. 27-28)

45 PARANÁ. Governo. 1929. Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado do Paraná pelo Presidente Dr. Affonso Alves de Camargo ao instalar-se a 2ª Sessão da 19ª Legislativa, em 1º de fevereiro de 1929. Curitiba, 1929. (p. 83)

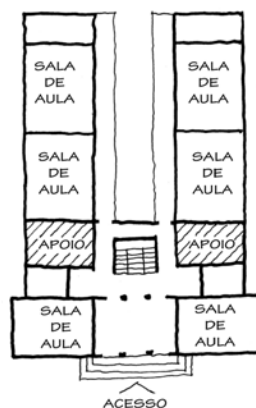




O Mapa 02 localiza estes equipamentos e possibilita verificar sua concentração na Região Leste, conhecida como Paraná Tradicional. Também destaca o grande número destas escolas na capital do Estado, 22% do total. Curitiba ganhou, no período, oito edifícios projetados e construídos como escolas primárias, enquanto que as demais cidades, quando contempladas, receberam apenas um.

O Mapa 03 apresenta os nove grupos escolares de Curitiba na Primeira República. A malha urbana desenhada refere-se ao ano de 1927, final do período estudado. A maioria das escolas situa-se em áreas próximas ao centro da cidade, representado em cinza pela Praça Tiradentes. Os Grupos Escolares Cruz Machado, D. Pedro II e Presidente Pedrosa são os mais afastados.

↓ Foto 29: Grupo Escolar D. Pedro II, em Curitiba - 2005



↓ Foto 30: Praça Tiradentes, em Curitiba - 1900



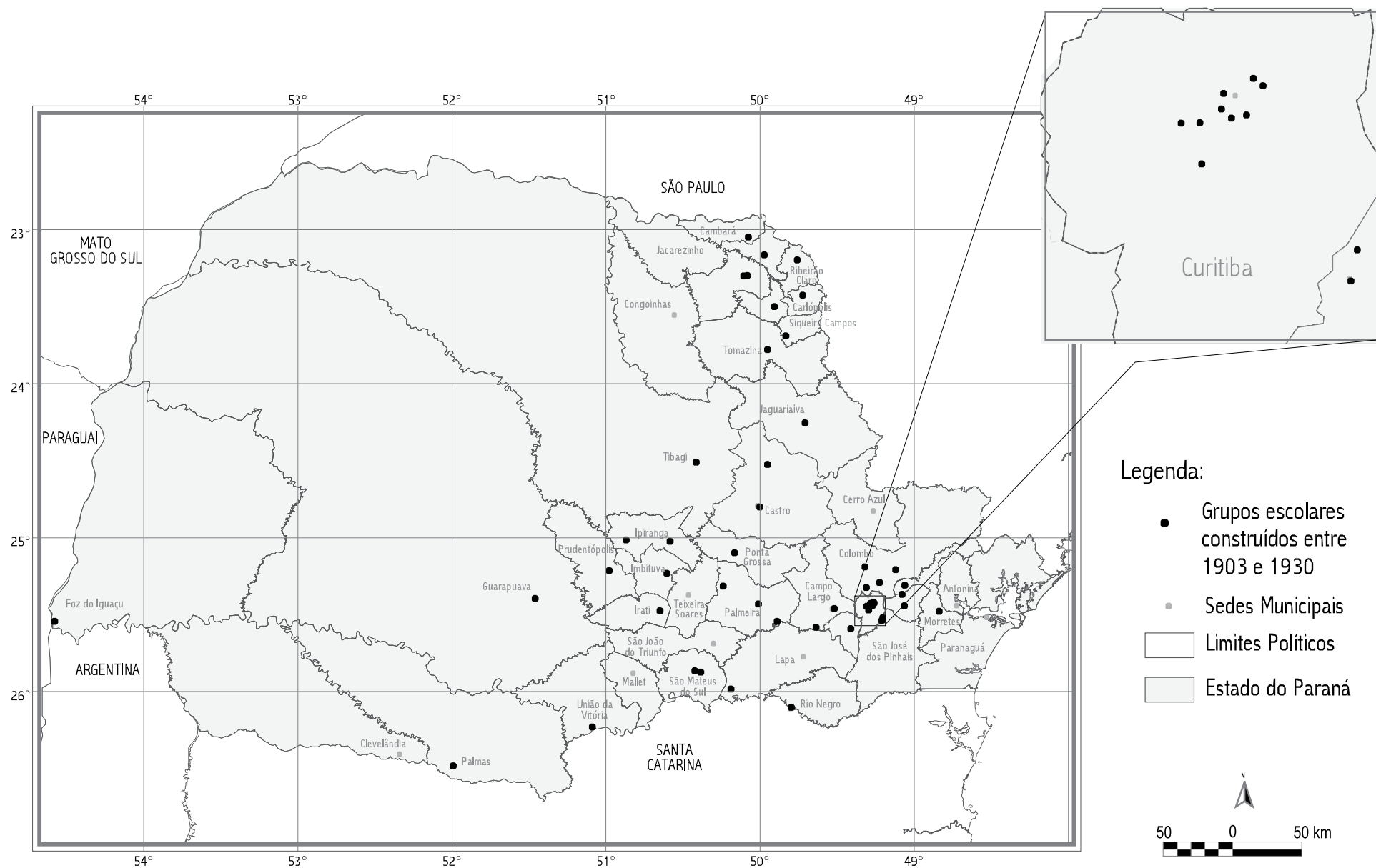
↓ Foto 31: Praça Tiradentes, em Curitiba - 1925



↓ Foto 32: Vista do Centro de Curitiba - 1929



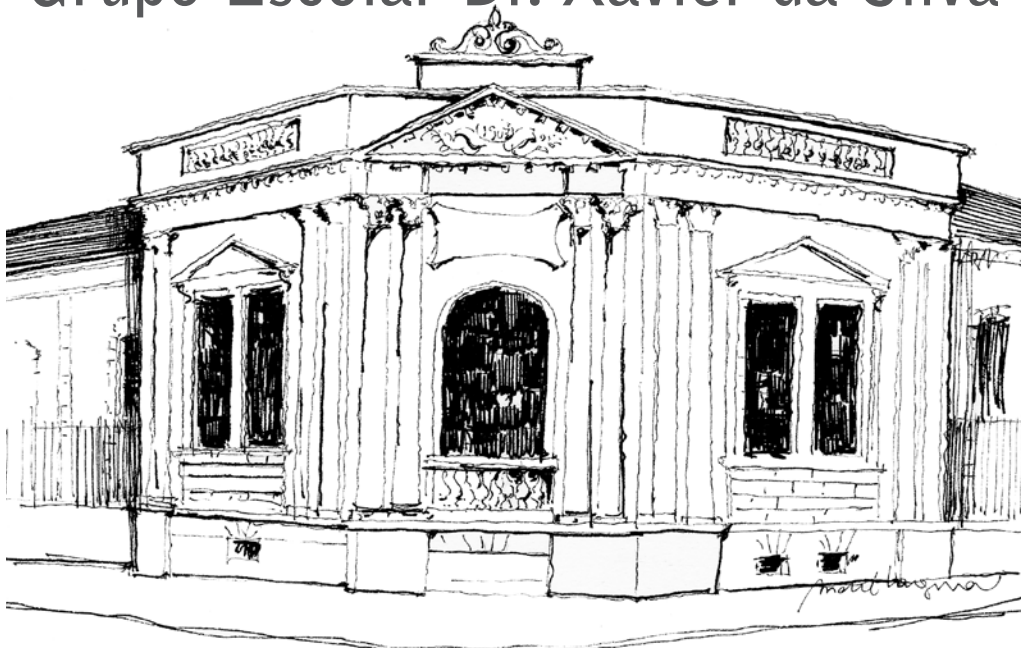
Mapa 02: Grupos Escolares construídos no Paraná entre 1903 e 1930



Mapa 03: Grupos escolares construídos em Curitiba até 1930



Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva



Ficha Técnica	
Denominação Inicial	Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva
Denominação Atual	Colégio Estadual Dr. Xavier da Silva
Endereço	Av. Silva Jardim, 613 – Rebouças
Autor do Projeto Arquitetônico	Cândido Ferreira de Abreu
Data do Projeto Arquitetônico	1902
Data da Inauguração	19/12/1903
Edifício Original	Preservado com modificações internas e ampliações
Área Total Construída	1.010,00 m ²
Número de Pavimentos	01
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “L”

Em 1896, um ano após a inauguração da Escola Tiradentes, o Governo do Paraná recebeu do Congresso Legislativo autorização para construir outra casa escolar na Capital, por meio da Lei nº 195 de 18 de fevereiro:

Art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a despende até a quantia de cinquenta contos de réis, com a construção de uma Casa Escolar nesta Capital, destinada a instrução primária do sexo masculino, a qual terá a denominação perpetua de “Escola Xavier da Silva”.¹

O momento era de transição, além das dificuldades financeiras que impediam a construção de mais escolas, as existentes não produziam os resultados esperados. Na mensagem ao Congresso Legislativo de 1896, o Governador do Paraná, Santos Andrade, relacionou uma série de problemas na instrução pública primária: professores despreparados, inspeção insatisfatória e, principalmente, baixa frequência dos alunos, devido à “criminosa indiferença da população iliterada pela instrução de sua prole”.²

Uma nova experiência estava dando seus primeiros passos em São Paulo, a implantação dos grupos escolares, prometendo qualidade, eficiência e economia.

Diante dessa situação, a edificação da Escola Xavier da Silva³ só voltou a ser considerada em 1903, quando Victor Ferreira do Amaral e Silva, Diretor-geral da Instrução Pública, anunciou que estava em andamento a construção do primeiro grupo escolar do Paraná:

No grupo escolar Xavier da Silva, em adiantada construção á rua Marechal Floriano Peixoto, pretendo instalar tres escolas para cada sexo, completamente separadas, sendo uma para a 1ª serie do primeiro grao, uma para a 2ª serie do 1º grao e a 3ª para ambas as series do 2º gráo.⁴

Projetada pelo engenheiro civil Cândido Ferreira de Abreu⁵, a escola foi implantada no

1 Lei nº 195, de 18 de fevereiro de 1896. In PARANÁ. 1897. Leis, Decretos e Regulamentos do Estado do Paraná de 1895-1896. Curitiba: Novo Mundo, 1897. (p. 196)

2 PARANÁ. Governo. 1896. Mensagem dirigida pelo Governador Dr. José Pereira Santos Andrade ao Congresso Legislativo do Estado do Paraná ao abrir-se a 2ª sessão ordinária da 3ª Legislatura em 1º de outubro de 1896. Curitiba: Atelier Novo Mundo, 1896. (p. 4)

3 A denominação da escola é uma homenagem a Francisco Xavier da Silva, político paranaense nascido em Castro que exerceu três vezes o cargo de Governador do Paraná.

4 Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. Secretario do Interior, Justiça e Instrução Publica pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva, Director Geral da Instrução Publica do Estado, em 31 de Dezembro de 1903. In PARANÁ. 1904. Relatório da Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrução Publica e anexos, em 31 de dezembro de 1903. Curitiba: Typ. d'A Republica, 1904. (p. 12)

5 PARANÁ. 1904a. Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Governador do Estado do Paraná, pelo Bacharel Arthur Pedreira de Cerqueira, Secretario d'Estado dos Negocios de Obras Publicas e Colonização, em 31 de dezembro de 1903. Curitiba: Typ. e Lith. Impressora Paranaense, 1904a. (p. 8)



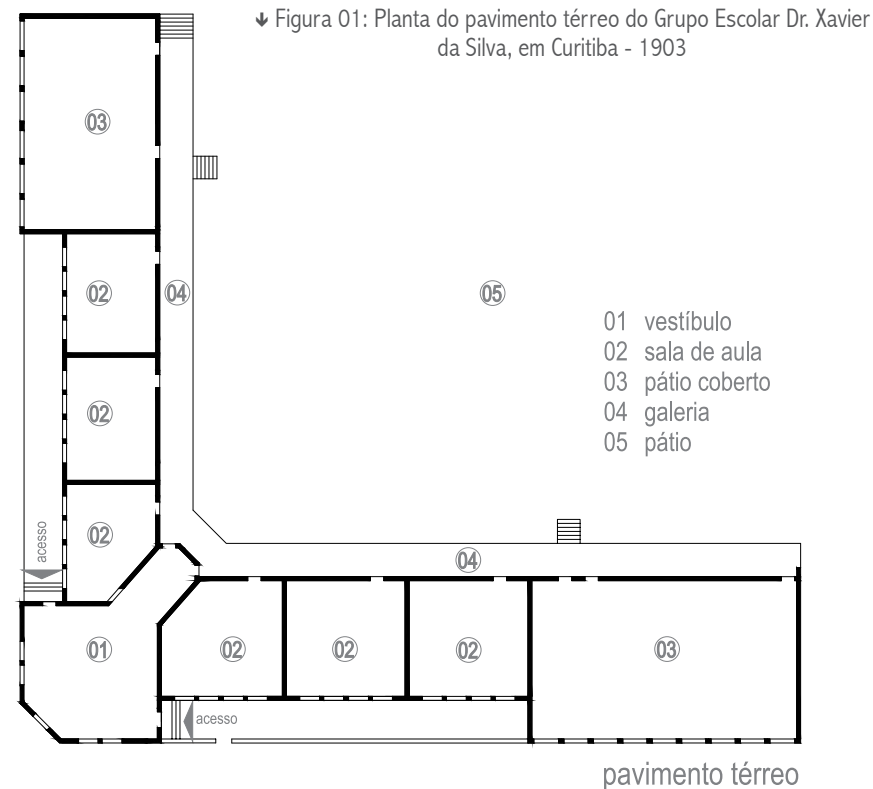
alinhamento predial, na esquina das Ruas Marechal Floriano Peixoto e Silva Jardim. Dessa maneira, acompanhou a linha construtiva de toda a quadra, denotando preocupação urbanística. Sua forma em “L”, voltada para as faces externas do terreno, possibilita que o edifício se desenvolva a partir de um eixo de simetria (localizado na diagonal do terreno) e define um pátio interno, protegido do movimento e dos olhares da rua. A composição plástica do edifício identifica-se com o ecletismo. O partido arquitetônico foi definido por uma ala central, localizada na esquina, e duas laterais. Há uma diferenciação formal entre estes setores. O central, demarcado por um frontispício, apresenta elementos de ordem coríntia, como entablamento e frontão com frisos e denticulos, além de colunetas e pilaretes com capitel com folhas de acanto. Os vãos também mostram diferenciação: o central, único e em arco abatido, os laterais, com janelas duplas de verga reta.

As alas laterais também alternam os vãos, retos e em arco, cada qual recebendo uma moldura em alvenaria. O entablamento é liso e simplificado. Há um jogo de volumes formado pelo avanço da ala central e da extremidade das alas laterais (correspondendo ao pátio coberto) e recuo das salas de aula das alas laterais. A solução surpreende com a opção de não centralizar o acesso ao prédio e de não torná-lo evidente, o que ocasionou a divisão das entradas. Não há registros da organização interna desta escola, mas é provável que o acesso diário dos alunos ocorresse nas extremidades laterais do conjunto, separando meninos e meninas e deixando as entradas da ala central para professores e visitantes.

Em relação à organização espacial, cada ala lateral abriga três salas de aula e área de recreio coberta. Esta configuração permite a separação completa de meninos e meninas, tanto no período de aulas como na entrada e saída - característica encontrada na Escola Normal de São Paulo e em seus grupos escolares. Os ambientes administrativos não constam nesse projeto inicial. A sala do diretor só veio a ser incorporada em 1913, quando o vestíbulo, localizado na área central, foi dividido.⁶ As instalações sanitárias situam-se fora do corpo do edifício. Foi utilizado o recurso do porão alto para nivelamento do edifício no terreno.

A presença de áreas cobertas para recreação nas extremidades do edifício deve ser destacada. Não foi uma característica encontrada nas escolas paulistas, embora

6 PARANÁ. 1913. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, Presidente do Estado do Paraná pelo Secretário d'Estado dos Negócios de Obras Publicas, Terras e Viação, Dr. Marins Alves de Camargo. Anno de 1913. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1913. (p. 106)



↓ Foto 01: Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva - 1930



já estivesse relacionada no programa arquitetônico dos grupos escolares franceses da época.⁷ Cândido de Abreu, ao incorporar este ambiente ao projeto, denotou um conhecimento aprofundado da arquitetura escolar, uma vez que as escolas franceses serviram de modelo para São Paulo.

O primeiro edifício construído especialmente para um grupo escolar no Paraná apresentou um programa arquitetônico de necessidades simplificado e uma ordenação espacial e uma linguagem formal singulares.

O novo edifício destinado ao grupo escolar Xavier da Silva, contendo espaçosas salas e recreios cobertos, ao ar livre, despertou a ideia de formar-se em outros prédios, como o antigo Gymnasio, novos grupos. Como bem pondera o Dr. Director estes grupos não devem consistir em simples aglomerações de escolas, mas si, em uma serie systematisada de ensino progressivo, contendo cursos de diversos graus, desde o material até o complementar.⁸

O Delegado Laurentino de Azambuja inspecionou a escola em 1907. Seu relatório elogiou as instalações e o sistema de grupos escolares:

Escolas da Capital
Grupo Xavier da Silva

No edificio assim denominado, situado á rua Marechal Floriano, funcionam 5 escolas, sendo 2 promiscuas, 1 para o sexo feminino e 2 para o sexo masculino, regidas pelas professoras dd. Olivina Caron de Villar Lucena, Palmyra Seiller Roriz, como substituta, Carolina Moreira e professores Lindolpho P. da Rocha Pombo e Lourenço Antonio de Souza.

A população escolar é de 315 alunos de ambos os sexos, demonstrando esta elevada frequência a excellente collocação do prédio com um centro de grande concurrencia de alumnos. Se tivessemos mais três grupos escolares identicos, situados em pontos diversos, muitas escolas publicas da capital não se ressentiam de más instalações em pavimentos terreos de sobrados e compartimentos acanhados de casas particulares, sem as precisas condições hygienicas.

Notei a falta de mappas, globbos, e mais utensilios indispensaveis ao ensino pratico e intuitivo. Apreciei o methodo de ensino adoptado por alguns dos citados professores, que vão satisfazendo as exigências do regulamento em vigor.

Convem a organização dos cursos, conforme o plano dos grupos escolares.

7 TIBIEUF, Georges. *Traité d'architecture théorique et pratique*. Vol. IV: Types de constructions diverses. Paris: H. Chairgrasse fils, [s.d]. (p. 7-8) e GUADET, Julien. *Éléments et théorie de l'architecture*. Livre VIII. Les Éléments de la composition dans les édifices d'enseignement et instruction publique. Paris: Librairie de la Construction Moderne, 1909. 1ª edição: 1901. (p. 218-219)

8 PARANÁ. 1905. Relatório da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública e anexos, em 31 de dezembro de 1904. Curitiba: Typ. d'A Republica, 1905. (p. 23)

Encontrei dous recreios cobertos, cujo solo ainda não se acha revestido de cimento ou assoalho, de modo que as enormes nuvens de poeira desprendidas do local, necessariamente prejudicarão a saúde dos que alli se reúnem nas horas do recreio para gosar de alguns momentos de diversão; officiei neste sentido ao Exmo. Snr. Dr. Secretario do Interior, pedindo urgente providencia.⁹

A constante escassez de recursos fez e ainda faz com que as obras públicas não sejam finalizadas. Quatro anos depois da inauguração ainda faltava o revestimento de piso nos recreios cobertos.

Ao longo dos mais de 100 anos de atividade do atual Colégio Estadual Dr. Xavier da Silva, foram construídas outras edificações, aumentando a capacidade de atendimento e, conseqüentemente, o conjunto arquitetônico. O edifício inicial encontra-se em bom estado de preservação, com poucas alterações em seu espaço interno.¹⁰



↑ Foto 02: Detalhe do acesso pela ala central - 2005

9 Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Director Geral da Instrução Pública pelo Delegado Fiscal da 1ª Circumscrição Escolar, Dr. Laurentino de Azambuja, em 27 de dezembro de 1907. In PARANÁ. 1908. (p. 63)

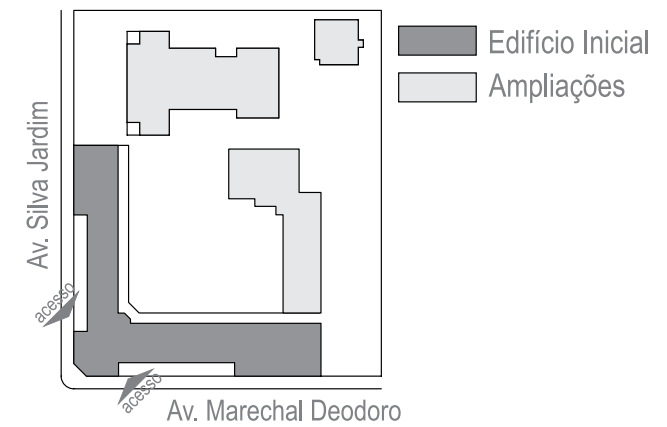
10 O detalhamento dessa evolução espacial pode ser conferido em estudo anterior: CASTRO, Elizabeth Amorim de; IMAGUIRE, Marialba Rocha Gaspar. *Ensaio sobre a Arquitetura em Curitiba - 2. Colégios e Educandários*. Curitiba: Edição das Autoras, 2006. (p. 33-42)



↓ Foto 03: Alunos do Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva no pátio interno - 1924



↓ Figura 02: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Dr. Xavier da Silva



← Foto 04: Detalhe da ala central - 2005

↓ Foto 05: Detalhe de balastrada na base inferior das janelas - 2005



→ Foto 06: Professores do Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva em frente à escola - 1924



Casa Escolar Cruz Machado



Ficha Técnica

Denominação Inicial	Casa Escolar Cruz Machado
Denominação Atual	
Endereço	Av. Bispo Dom José, 2.006 – Batel
Autor do Projeto Arquitetônico	Ângelo Bottechia
Data do Projeto Arquitetônico	1906
Data da Inauguração	01/02/1907
Edifício Original	Preservado com modificações internas e ampliações
Área Total Construída	285,76 m ²
Número de Pavimentos	01 e porão
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Bloco único

Logo após a inauguração do Grupo Escolar Xavier da Silva, Vicente Machado da Silva e Lima assumiu o governo, em 15 de fevereiro de 1904. Neste mandato, várias ações mereceram destaque na área da instrução pública. Foram construídos grupos escolares nas Cidades de Castro e Palmeira e, em Curitiba, inaugurados um jardim de infância e uma casa escolar no arrabalde do Batel.¹

Casa Escolar Cruz Machado

Foi este edifício construído no Batel em terreno de 25 m por 144m, adquirido pela quantia de 1.500\$000; é destinado a uma escola promiscua. Projectado pelo desenhista da Directoria de Obras e Viação, o sr. Ângelo Bottechia, foi construído sob a direcção d'este habil architecto e entregue á Secretaria do Interior em dias do mez de Dezembro. É um elegante edifício, dotado de um vestibulo, duas classes e dois gabinetes, tendo ao fundo um terraço com escada dupla para descida aos recreios e aos water-closets situados nos porões. Tem-se acesso ao vestibulo por uma escadaria de seis degraus de pedra artificial e passa-se deste para cada uma das salas de aulas e gabinetes, cuja altura é de 4m,75 em volta do edifício foi feita uma calçada, cuja largura é de 2,20m na rua e de 1m nos demais lados.²

A escola foi inaugurada em 1º de fevereiro de 1907. Com apenas duas salas de aula, recebeu inicialmente uma cadeira promiscua (ou seja, com meninos e meninas) sob responsabilidade da professora Alice Cornelia Daniel.³

O tratamento formal da edificação é aprimorado, com uma ornamentação eclética sofisticada. Concebida em bloco único e planta retangular, a escola foi elevada do solo. A fachada é marcada por um jogo de cheios e vazios. O vestibulo é central e aberto, com três vãos definidos por duas colunas. Em cada lado, situa-se um par de janelas em arco abatido e com moldura ornamentada. Considerando a localização afastada, pode-se questionar a elegância, mas a sofisticação compositiva era uma marca de Ângelo Bottechia, que também projetou os grupos escolares de Palmeira e Tibagi.

Embora situado em um terreno de grandes dimensões, com 3.600 m², e em região periférica, o edifício foi implantado no alinhamento predial. O programa arquitetônico consiste em duas salas de aula e duas salas de apoio, dispostas simetricamente em torno

1 PARANÁ. 1908. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva, Vice-Presidente do Estado do Paraná, pelo Bacharel Bento José Lamenha Lins, Secretario d'Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrução Publica. Curitiba, 1908. (p. 18)

2 PARANÁ. 1907. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Vicente Machado de Lima. Presidente do Estado do Paraná, por Francisco Gutierrez Beltrão, Secretario d'os Negocios de Obras Publicas e Colonização. Curitiba, Typografia d'A Republica, 1907. (p.29)

3 PARANÁ. 1908. (p. 33)



Grupos Escolares de Curitiba na primeira metade do século XX
Elizabeth Amorim de Castro

de um vestibulo central e aberto para o exterior, onde está inserida a escadaria que vence o desnível entre a rua e o pavimento térreo.

A um programa de necessidades enxuto correspondeu uma ordenação espacial compacta, que manteve a divisão em duas seções - masculina e feminina - e a diferenciação de acessos - um principal e dois secundários. Um diferencial importante neste projeto foi a incorporação das instalações sanitárias ao prédio, situadas no porão e com entradas voltadas para o pátio interno, próximas às escadas posteriores. Para isso, Ângelo Bottechia aproveitou o desnível do terreno.

O relatório de Laurentino de Azambuja, de 27 de dezembro de 1907, após um ano de funcionamento da escola, indicou um número excessivo de alunos.

Escolas da Capital

Escola Cruz Machado. Professora normalista D. Alice Cornelia Daniel. Matricula superior a 80 alunos de ambos os sexos, freqüência 70. O predio ressen-te-se de graves defeitos de Hygiene pedagogica e é insuficiente para o numero de alumnos que o freqüentam. A mobilia está bem conservada e a escripturação em ordem. Assisti a argüição feita pela professora sobre as matérias do 2º gráo, tendo os alumnos respondido satisfactoriamente.

Notei disciplina na escola, apesar das dificuldades de fiscalisação.⁴

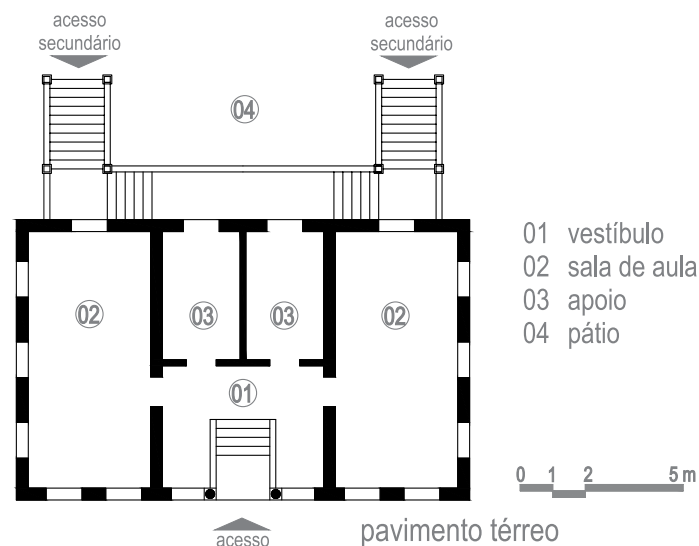
O delegado fiscal apontou “graves defeitos de Hygiene pedagogica”. É provável que estivesse falando das dimensões das salas de aula - 4,05 x 8,00 m. A largura é estreita e desproporcional em relação ao comprimento. O problema agrava-se com o número grande de alunos.

Mesmo apresentando essas dificuldades, no final de 1923, a escola foi relacionada como grupo escolar.⁵

Com a construção do Grupo Escolar D. Pedro II, em 1928, na mesma Avenida Bispo Dom José, o Grupo Escolar Cruz Machado foi desativado. Alguns anos depois, passou a ser sede de uma Delegacia de Polícia, situação que permanece até hoje.

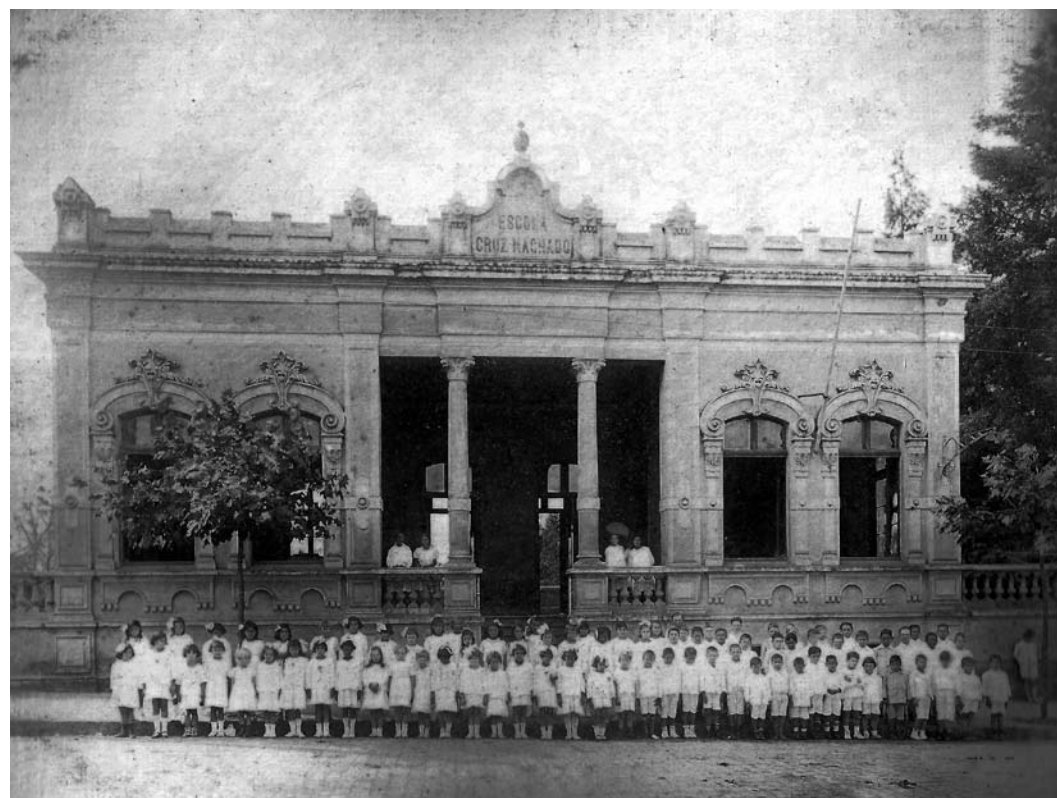
4 Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Director Geral da Instrução Publica pelo Delegado Fiscal da 1ª Circumscrição Escolar, Dr. Laurentino de Azambuja, em 27 de dezembro de 1907. In PARANÁ. 1908. (p. 63)

5 PARANÁ. 1924. Relatório da Secretaria Geral do Estado do Paraná apresentado a S. Exa. O Sr. Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado por Alcides Munhoz, Secretario Geral d'Estado. Referente aos serviços do exercício financeiro de 1922-1923. Curitiba, 31 de Dezembro de 1923. Primeiro Volume. Curitiba: Typ. d'A Republica, 1924. (p. 115)



← Figura 01: Planta do pavimento térreo da Casa Escolar Cruz Machado, em Curitiba

↓ Foto 01: Alunos do Grupo Escolar Cruz Machado em frente à escola - década de 1920



Grupo Escolar Professor Cleto



Um novo conjunto de edifícios escolares começou a ser projetado e construído em Curitiba a partir de 1910.

Grupo escolar na Rua Visconde de Nácar, na capital

Em 8 de Junho, após concorrência pública, foi lavrado com o constructor Carlos Detich para a construção do Grupo Escolar que deverá ficar situado no terreno adquirido pelo governo, no cruzamento das ruas Santa Mathilde e Visconde de Nácar.

O grupo é composto de quatro salões contíguos, tendo cada um as dimensões de 9m,30 x 6 m,50. O valor do contracto é de rs 17:800\$000, mas em virtude do acréscimo de alicerces e factura dos muros de fecho, complicados pela situação e natureza do terreno, elevarão o valor final para a cerca de rs 30:000\$000. O grupo está concluído.¹

A primeira escola desta partida foi edificada na Rua Visconde de Nácar e inaugurada no dia 3 de abril de 1911.

Notas e factos

Teve lugar hontem a inauguração do grupo escolar da rua Visconde de Nacar, ficando nelle instaladas as escolas redigidas pelos professores normalistas sr. Veríssimo de Souza, e d. Alexandrina Pereira Richter, Julia Soiler Barbosa e Helena Xavier. A escola daquele professor é para o sexo masculino, a desta última promiscua e as das outras duas para o sexo feminino.²

Em 13 de abril de 1912, por intermédio do Decreto nº 324, ganhou a denominação de Professor Cleto.³ Seu programa arquitetônico foi ainda mais simplificado: quatro salas de aula, não havendo ambientes de apoio. A escola, em bloco único, apresenta ordenação espacial baseada em uma circulação transversal, funcionando como um eixo de simetria, com duas salas de aula de cada lado. Nas extremidades deste corredor encontram-se os acessos ao edifício, possibilitados por escadaria. Esta disposição permite a separação em duas seções, como pode ser visto na Figura 01. Não há salas de professores, nem acesso principal. O edifício compõe-se de duas seções com duas salas de aula cada uma.

Ficha Técnica	
Denominação Inicial	Grupo Escolar Professor Cleto
Denominação Atual	Colégio Estadual Professor Cleto
Endereço	Rua Visconde de Nácar, 544 – Centro
Autor do Projeto Arquitetônico	Secretaria de Obras Públicas e Colonização
Data do Projeto Arquitetônico	1910
Data da Inauguração	03/04/1911
Edifício Original	Modificado com ampliações
Área Total Construída	327,69 m ²
Número de Pavimentos	01
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Bloco único

1 PARANÁ. 1910. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Presidente do Estado do Paraná, em 31 de Dezembro de 1910, pelo Bacharel Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, Secretario d'Estado dos Negocios de Obras Publicas e Colonização. Curitiba: Typografia d'A Republica, 1910. (p. 40)

2 NOTAS E FACTOS. Diario da Tarde, 4 de abril de 1911. (p. 2)

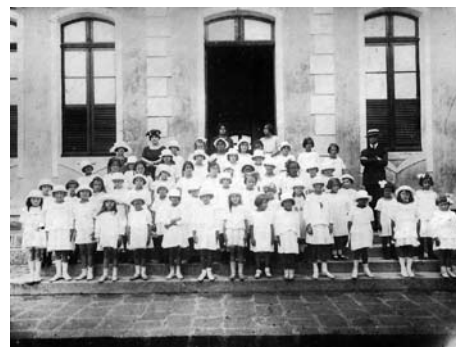
3 Decreto nº 324, de 13 de abril de 1912. PARANÁ. 1912. Leis e Decretos do Paraná. 1912.



A implantação do edifício no terreno proporciona uma visão panorâmica e permite compreender que a divisão não se limita ao edifício, estando presente em todo o terreno. Um muro separa alunos e alunas, mantendo acessos, pátios de recreação e instalações sanitárias distintos. Também merece destaque a distância que estas estavam do edifício principal, sendo necessário atravessar o pátio do recreio para utilizá-las.

A linguagem formal contida e austera deste edifício é condizente com seu programa arquitetônico e ordenação espacial. A fachada, de orientação eclética, foi concebida com pouca ornamentação. As entradas foram marcadas com pequeno frontão.

O edifício recebeu ampliações em 1937, no Governo de Manoel Ribas, e, em 1950, no de Moysés Lupion.⁴ A escola permanece em funcionamento.

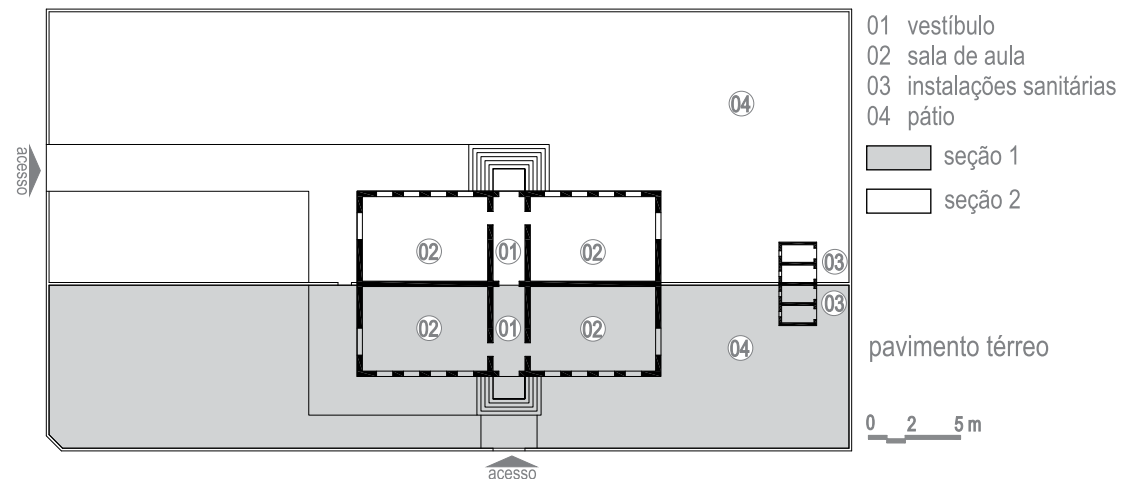


→ Foto 01: Alunas do Grupo Escolar Professor Cleto em frente à escola - década de 1920

↓ Foto 02: Grupo Escolar Professor Cleto - sem data



4 Respectivamente, COLÉGIO ESTADUAL Professor Cleto. Arquivo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 26 e PARANÁ. 1950. A concretização do Plano de Obras do Governador Moysés Lupion. 1947-1950. Curitiba, 1950. (p. 36)



↑ Figura 01: Planta de implantação e do pavimento térreo do Grupo Escolar Professor Cleto, em Curitiba

↓ Figura 02: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Professor Cleto



↑ Foto 03: Professores do Grupo Escolar Professor Cleto em frente à escola - década de 1920



Casa Escolar Presidente Pedrosa



Ficha Técnica

Denominação Inicial	Casa Escolar Presidente Pedrosa
Denominação Atual	Centro de Línguas Estrangeiras Modernas
Endereço	Av. República Argentina, 2.376 – Portão
Autor do Projeto Arquitetônico	Secretaria de Obras Públicas e Colonização
Data do Projeto Arquitetônico	1910
Data da Inauguração	1911
Edifício Original	Modificado com ampliações
Área Total Construída	195,37 m ²
Número de Pavimentos	01
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Bloco único

Casa escolar no Portão, capital.

Está sendo construída, com regular andamento, esta obra cujo contracto foi subscripto com o sr. André Petrelli pela importância de rs. 10:000\$000.

O edifício compreende dois salões de 7m,40 x 10 m,50 tendo um vestíbulo comum de 4 m,70 x 2m,00 cada um, e está situado no kilometro 3 da estrada do Portão.¹

A casa escolar do Portão, arrabalde de Curitiba, foi projetada e edificada em 1910 e inaugurada no ano seguinte. Em 13 de abril de 1912, por intermédio do Decreto nº 324, recebeu a denominação de Presidente Pedrosa.²

A planta da casa escolar é apresentada na Figura 01. As duas salas e o vestíbulo estão dispostos de modo a não existir circulação interna, sendo as ligações entre ambientes realizadas diretamente. Na volumetria, o vestíbulo corresponde a um avanço da fachada e marca o acesso principal ao edifício. Localizam-se, nas duas laterais do prédio, as entradas de alunos. Dessa forma, dois tipos de acesso ao edifício são mantidos, um principal e dois secundários, assim como a divisão do espaço em duas seções. A solução arquitetônica é simétrica e compacta. Persiste a utilização do porão alto para nivelamento da construção no terreno e a colocação das instalações sanitárias fora do corpo do prédio.

A linguagem formal, embora contendo elementos ecléticos, distancia-se da ostensividade ornamental encontrada na Casa Escolar Cruz Machado, também com duas salas de aula. Os vãos em arco abatido apresentam discreta moldura. A platibanda circunda o edifício.

O edifício manteve sua configuração original até 1937, quando foi ampliado. O acesso frontal deixou de existir e a escola passou a contar com quatro salas de aula.³

Em 1952, um pinheiro caiu sobre a escola e destruiu seus arquivos.⁴ Atualmente, o terreno da Avenida República Argentina está sendo ocupado por duas escolas: Colégio Estadual Pedro Macedo e Escola Municipal Presidente Pedrosa. Ambas estão instaladas em edifícios construídos recentemente. A antiga sede do Grupo Escolar Presidente Pedrosa está sendo ocupada pelo Centro de Línguas Estrangeiras Modernas.

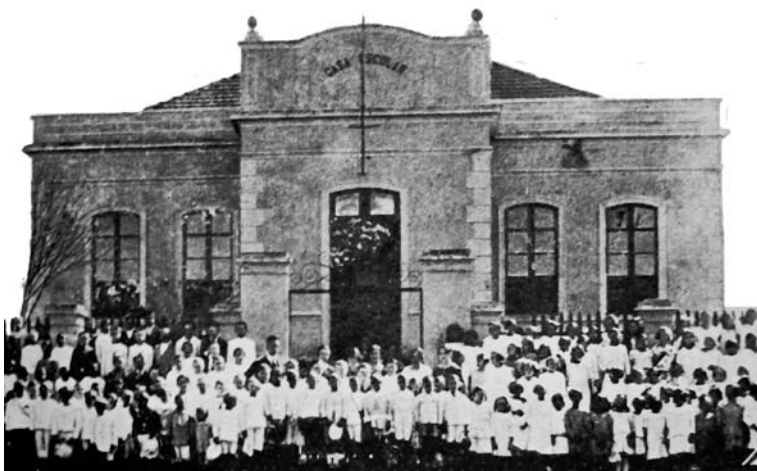
1 PARANÁ. 1910. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Presidente do Estado do Paraná, em 31 de dezembro de 1910, pelo Bacharel Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, Secretário d'Estado dos Negocios de Obras Publicas e Colonização. Curitiba, Typografia d'A Republica, 1910. (p. 41)

2 Decreto nº 324, de 13 de abril de 1912. In PARANÁ. 1912. Leis e Decretos do Paraná. 1912.

3 GRUPO ESCOLAR Presidente Pedrosa. Arquivo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 2479.

4 BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. Portão - o bairro na sua história. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, ano VII, nº 47, nov. 1980. (p. 13)





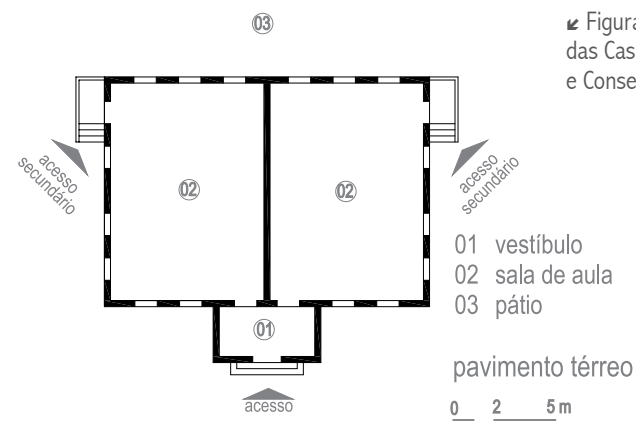
← Foto 01: Casa Escolar Presidente Pedrosa - 1924



← Foto 02: Aspecto do Grupo Escolar Presidente Pedrosa após a reforma de 1937



← Foto 03: Centro de Línguas Estrangeiras Modernas, antiga sede do Grupo Escolar Presidente Pedrosa - 2008



← Figura 01: Planta do pavimento térreo das Casas Escolares Presidente Pedrosa e Conselheiro Zacarias, em Curitiba



← Foto 04: Professores da Casa Escolar Presidente Pedrosa em frente à escola - década de 1920

Casa Escolar Conselheiro Zacarias



Ficha Técnica

Denominação Inicial	Casa Escolar Conselheiro Zacarias
Denominação Atual	Colégio Estadual Conselheiro Zacarias
Endereço	Rua Ubaldino do Amaral, 401 – Alto da Glória
Autor do Projeto Arquitetônico	Secretaria de Obras Públicas e Colonização
Data do Projeto Arquitetônico	1910
Data da Inauguração	1911
Edifício Original	Modificado com ampliações
Área Total Construída	195,34 m ²
Número de Pavimentos	01
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Bloco único

Edifício Escolar no Boulevard Floriano Peixoto

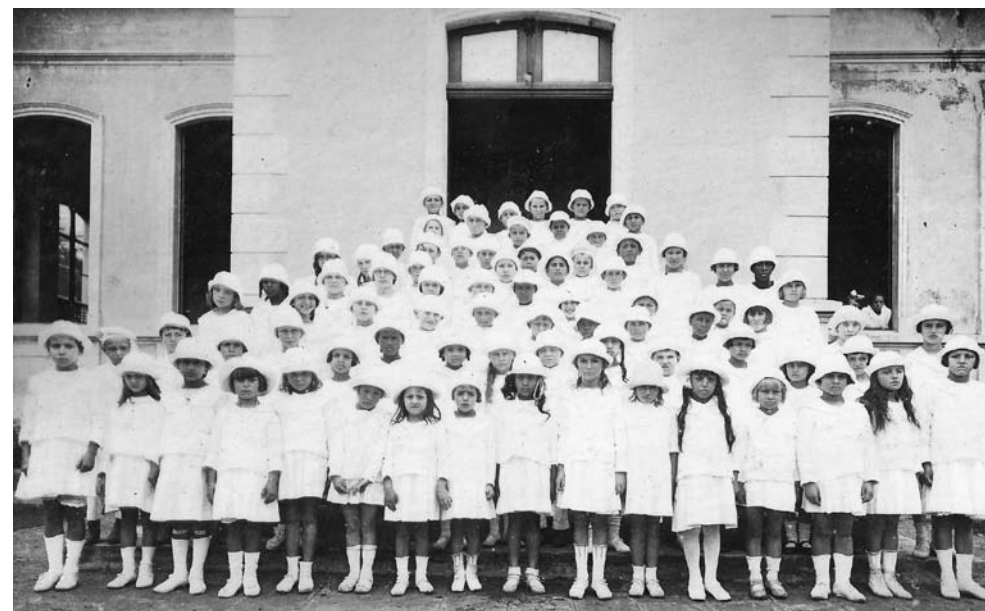
Com o Sr. Carlos Dietzsch, após concorrência pública, foi assignado contracto para a construcção deste edificio, tendo se despendido a quantia de 18:860\$900.

O edificio se acha bem situado, compreendendo dois vastos e arejados salões, de 7m,40 x 6m,50, tendo um vestíbulo commum de 4,70 x 2,40, nesta capital.

Falta completar o fecho de terreno, o que espero, será concluído até meados de Janeiro próximo.¹

As casas escolares do Portão e do Boulevard Floriano Peixoto (hoje Rua Ubaldino do Amaral) foram construídas no mesmo período. Assim como a primeira, esta foi batizada em 1912, recebendo o nome de Conselheiro Zacarias.

A escola permanece funcionando no mesmo endereço. O edificio original teve seu aspecto formal modificado, como pode ser visto na Foto 03. Seu conjunto arquitetônico, ao longo dos seus 97 anos, foi significativamente ampliado.



↑ Foto 01: Alunas da Casa Escolar Conselheiro Zacarias em frente à escola - década de 1920

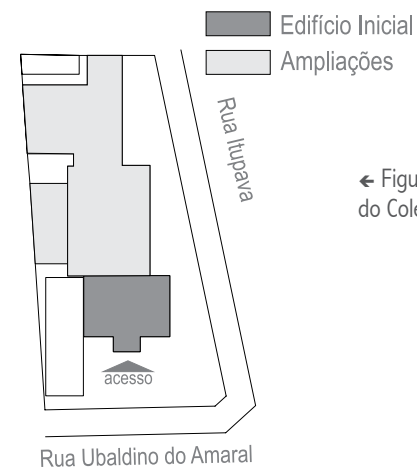
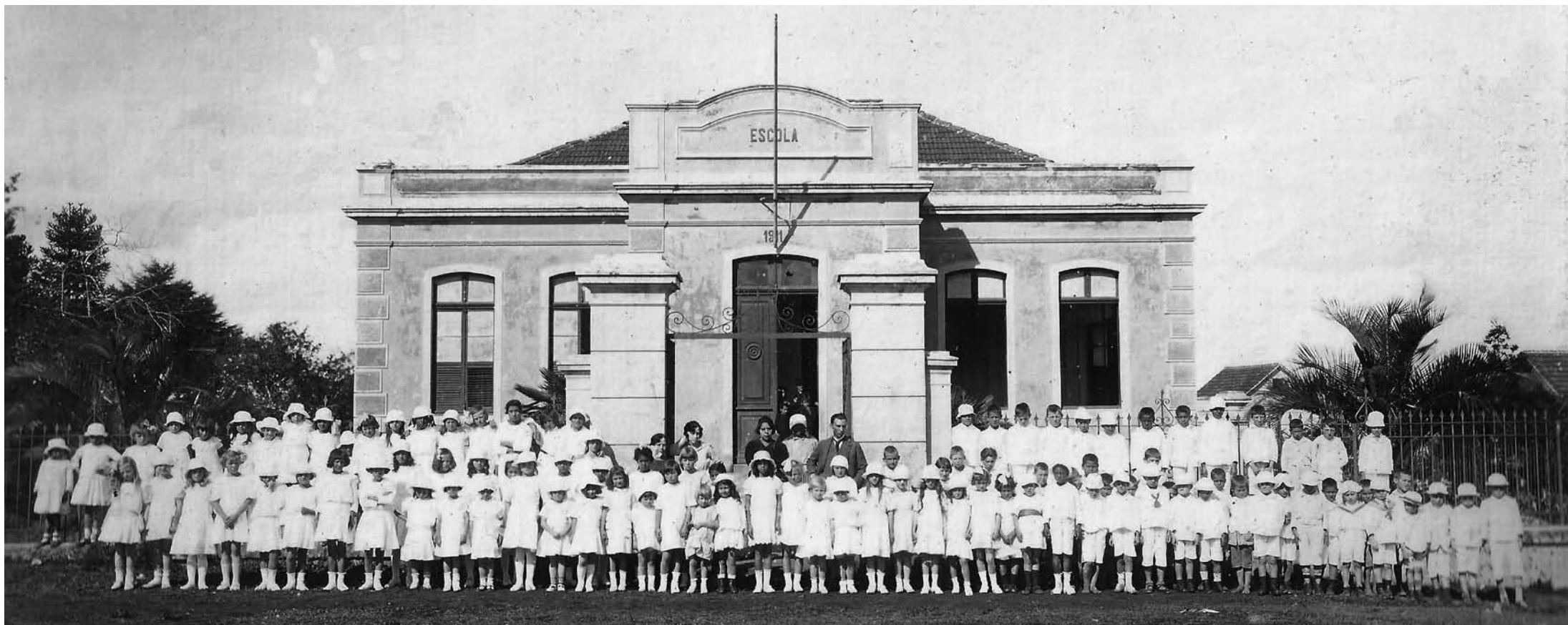
¹ PARANÁ. 1912. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Presidente do Estado do Paraná, em 31 de dezembro de 1911, pelo Bacharel Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, Secretário d'Estado dos Negocios de Obras Publicas e Colonização. Curitiba, 1912. (p. 23)



→ Foto 03: Aspecto atual do edifício de 1911 do Colégio Estadual Conselheiro Zacarias - 2008



↓ Foto 02: Casa Escolar Conselheiro Zacarias - década de 1920



← Figura 01: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Conselheiro Zacarias



Casa Escolar Professor Brandão



Rua da Graciosa (Capital)

Em 30 de Agosto, após concorrência pública, foi lavrado contracto com o sr. Ricardo Brusamolín para a construção de um edifício escolar, sito a rua da Graciosa, nesta Capital, pela quantia de 20:750\$000 inclusive o fecho do terreno, sendo o edifício igual ao do Boulevard Floriano Peixoto.¹

Ainda em 1911 foi inaugurada outra casa escolar na então Rua da Graciosa (hoje Av. João Gualberto), que recebeu o nome do Professor Brandão.² Trata-se de uma variação do projeto das Escolas Conselheiro Zacarias e Dr. Pedrosa. A planta é a mesma, só que posicionada de forma invertida. O vestíbulo passou para a parte posterior do edifício, transformando-se em sala de apoio. A fachada frontal da escola passa a ter apenas janelas, com um pequeno ressalto nas janelas centrais, acompanhado de um acabamento diferenciado na platibanda, onde fica a identificação da escola. O porão alto foi utilizado para afastar o piso da escola da umidade do solo.

A implantação, com esta modificação, também se transforma. Nos exemplos anteriores, enquanto o edifício encontra-se afastado dos limites do terreno, aqui ele foi colocado no alinhamento predial. Esta situação e a inversão da fachada frontal fizeram com que se tenha uma escola com uma linguagem formal e uma ordenação espacial completamente nova. Dois portões nas laterais do edifício permitem o acesso à escola, dividem-na em duas seções e eliminam o que antes seria o acesso principal destinado a professores e visitantes.

O edifício inicial foi demolido em 1965. Em seu lugar, foi erguida a nova sede da escola, inaugurada em 2 de agosto de 1968.³

Ficha Técnica

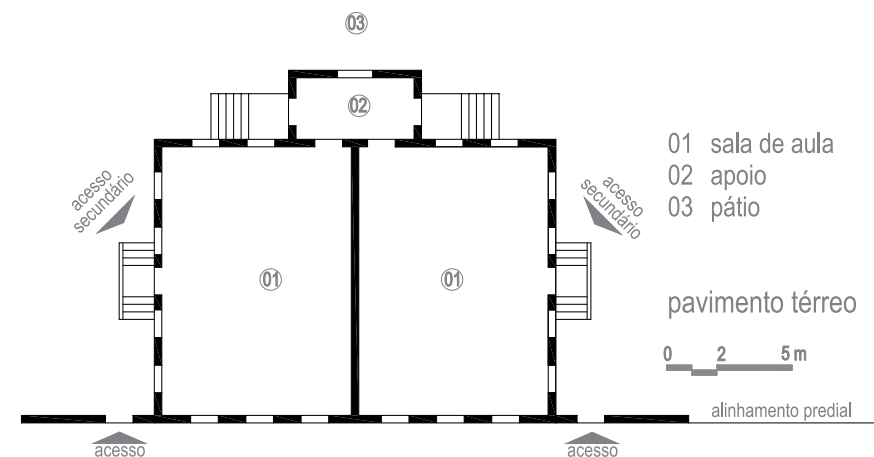
Denominação Inicial	Casa Escolar Professor Brandão
Denominação Atual	Colégio Estadual Professor Brandão
Endereço	Av João Gualberto, 953 – Alto da Glória
Autor do Projeto Arquitetônico	Secretaria de Obras Públicas e Colonização
Data do Projeto Arquitetônico	1910
Data da Inauguração	1911
Edifício Original	Demolido
Área Total Construída	195,37 m ²
Número de Pavimentos	01
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Bloco único

1 PARANÁ. 1912. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Presidente do Estado do Paraná, em 31 de Dezembro de 1911, pelo Bacharel Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, Secretario d'Estado dos Negocios de Obras Publicas e Colonização. Curitiba, 1912. (p. 25)

2 Decreto nº 324, de 13 de abril de 1912. PARANÁ. 1912. Leis e Decretos do Paraná. 1912.

3 GRUPO ESCOLAR Professor Brandão. Arquivo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 32 e COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR BRANDÃO. Quem foi Professor Brandão? Curitiba, sem data. 1 f, mimeo.





↑ Figura 01: Planta do pavimento térreo da Casa Escolar Professor Brandão, em Curitiba

← Foto 01: Casa Escolar Professor Brandão - sem data



← Foto 02: Casa Escolar Professor Brandão - sem data

↓ Foto 03: Colégio Estadual Professor Brandão - 2008



Grupo Escolar Rio Branco



Grupo escolar á rua Silva Jardim, na capital

Foi contractado com os srs, Germano Strobel&Filho, e não tem todo o acabamento que seria para desejar. Compreende igualmente quatro salões contíguos. O preço total é de 26:000\$000, devendo elle estar concluído dentro de alguns mezes.¹

Edifício escolar á rua Silva Jardim

Em 19 de Outubro de 1910 foi assignado contracto para a construcção desse edificio, mediante concurrencia publica, com os srs. Germano Strobel & Filho.

Os contractantes não deram cumprimento as clausulas do contracto acontecendo que até a data de 25 de Fevereiro deste anno somente estava em andamento a construcção dos alicerces e esses mesmos em condições de não serem aceitos. Resolvi então rescindir o contracto e o fiz de modo a não acarretar maior ônus para o Estado, mandando executar a obra em toda a sua plenitude, inclusive o que já se achava feito, que foi demolido, por administração desta Secretaria, encarregado do serviço o Desenhista da Secção de Obras e Viação, sr. Ângelo Bottechia, que deu cabal desempenho a sua missão.

Esse edificio, largo, espaçoso, perfeitamente arejado, um dos mais bellos dos seus similares da capital, é composto de quatro salões tendo cada um a superfície quadrada de 99.99, dous saguões, um para cada grupo de duas salas, gradil em volta do terreno nas ruas Silva Jardim e Brigadeiro Franco, muros divisórios de tijolos completamente rebocados.

Acha-se concluído sendo o custo total da obra de 51:000\$000.²

A construção do edificio escolar da Rua Silva Jardim começou em 1910 e foi interrompida em 25 de fevereiro de 1911. Em seguida, a obra foi reiniciada, não se aproveitando a fundação. O documento ainda informa que naquele ano a escola foi concluída.

Em 3 de abril de 1911, por intermédio de Decreto Estadual nº 1.040, o grupo escolar da Rua Silva Jardim foi criado. Esta data é considerada a da inauguração da escola.³ No entanto, é muito difícil que o edificio estivesse concluído naquele momento. Uma obra deste porte não poderia ficar pronta em apenas dois meses.

O edificio, concebido em bloco único, apresenta uma linguagem eclética sóbria, com pouca ornamentação (Fotos 01 e 02). Os vãos em arco abatido impõem ritmo horizontal,

Ficha Técnica	
Denominação Inicial	Grupo Escolar Rio Branco
Denominação Atual	Colégio Estadual Barão do Rio Branco
Endereço	Rua Brigadeiro Franco, 2.532 – Centro
Autor do Projeto Arquitetônico	Ângelo Bottechia
Data do Projeto Arquitetônico	1910
Data da Inauguração	1911
Edifício Original	Demolido
Área Total Construída	483,32 m ²
Número de Pavimentos	01
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Bloco único

1 PARANÁ. 1910. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Presidente do Estado do Paraná, em 31 de Dezembro de 1910, pelo Bacharel Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, Secretario d' Estado dos Negocios de Obras Publicas e Colonização. Curitiba, Typografia d'A Republica, 1910. (p. 40-41)

2 PARANÁ. 1912. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Presidente do Estado do Paraná, em 31 de Dezembro de 1911, pelo Bacharel Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, Secretario d' Estado dos Negocios de Obras Publicas e Colonização. Curitiba, 1912. (p. 23)

3 COLÉGIO ESTADUAL Barão do Rio Branco. Regimento Escolar. Curitiba, sem data. Mimeo. 1 f. (p. 1)



reforçado pelo entablamento liso. O volume é quebrado pela presença de um pórtico localizado em cada extremidade delimitado por colunas, marcando o acesso ao edifício.

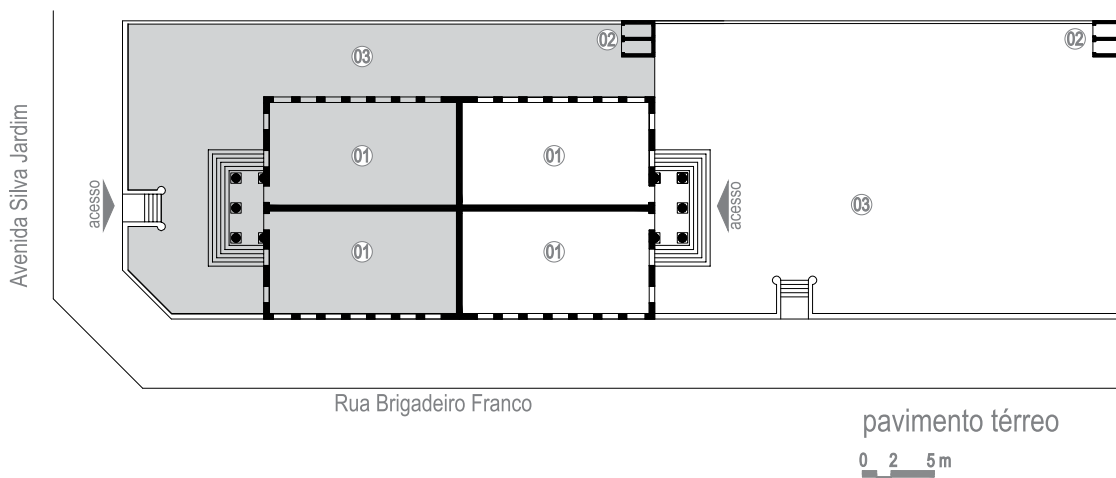
Uma característica que deve ser ressaltada é a implantação da escola. Optou-se por uma locação descentralizada, encostada no alinhamento da Rua Brigadeiro Franco. O deslocamento, devido à pouca largura do terreno, permitiu circulação externa e locação das instalações sanitárias na parede lateral de divisa. A setorização da escola aparece na Figura 01, permitindo observar que a seção destacada em branco dispõe de uma área de recreação (pátio) maior que aquela destinada à seção em cinza.

O programa arquitetônico compreende somente quatro salas de aula. Não há ambientes de apoio. A disposição simétrica faz com que cada pórtico dê acesso a duas salas de aula.

A denominação encontrada em documentos da Primeira Republica é de Grupo Escolar Rio Branco. Durante as comemorações do Centenário da Independência do Paraná, em 1953, foi inaugurada em 27 de junho uma nova sede para o Grupo Escolar Barão do Rio Branco, no mesmo local onde se situava o edifício de 1911. Não há registros da data da alteração do nome. A escola permanece em atividade e a nova sede será estudada no Período 1951-1955.

- 01 sala de aula
- 02 instalações sanitárias
- 03 pátio

- seção 1
- seção 2



↑ Foto 01: Grupo Escolar Rio Branco - sem data



↑ Foto 02: Grupo Escolar Rio Branco - 1923

← Figura 01: Planta de implantação e do pavimento térreo do Grupo Escolar Rio Branco, em Curitiba



→ Foto 03: Alunos do Grupo Escolar Rio Branco - década de 1920



Grupo Escolar Dezenove de Dezembro



Ficha Técnica

Denominação Inicial	Grupo Escolar Dezenove de Dezembro
Denominação Atual	Colégio Estadual Dezenove de Dezembro
Endereço	Rua Desembargador Motta, 2.082 – Centro
Autor do Projeto Arquitetônico	
Data do Projeto Arquitetônico	1910
Data da Inauguração	1911
Edifício Original	Demolido
Área Total Construída	600,00 m ²
Número de Pavimentos	01
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Dois blocos independentes

Grupo escolar á rua Montevideo, na capital

Em 15 de Abril, foi lavrado contracto com os srs. Decio Boni e José Maderna para a construcção deste grupo escolar, em vista de ter sido a proposta que apresentaram em concorrência publica, considerada a mais vantajosa.

O edificio compõe-se de dois corpos distinctos, separados por um espaço de 10 metros. Cada corpo é constituído por dois salões de 11m,00 x 9m,10 correspondendo a cada um deles, um vestibulo de 3m,00 x 3m,00, uma saleta central de 3m,00 x 3m,00 e um gabinete para latrina e mictorio, com 3m,00 x 3m,00.

Os salões das classes e compartimentos accessorios são completamente independentes uns dos outros. Amplamente ventilados e illuminados satisfazem a todas as regras pedagogicas exigidas, tendo até um cubo de ar, por alumno que em media poderá frequentar cada classe, superior ao que determinam os tratados que se preocupam com o importante assumpto da hygiene escolar.

O grupo todo, abrangendo a área de 300m², compreendendo entre os dois corpos, forma a área total de 900m².

Sobra assim, no terreno que para a sua edificacão foi adquirida, uma área de 1.335,6 m² para recreio dos alumnos.

O edificio, segundo as especificações que serviram de base para o contracto, deveria custar a importancia de rs 29:500\$000. Mas em virtude das condições de locação do predio, mudança radical de seu aspecto externo no ponto de vista architectonico, collocacão de ladrilho nos vestibulos e gabinetes reservados, collocacão de ladrilhos e azulejos nas escadarias, calçamento em volta e na frente, com ladrilhos nacionaes, e outras modificacões e alteracões, muitas das quaes não haviam sido previstas no contracto, o custo total da obra se elevará por occasião da medição final, a muito mais do preço a que se refere o contracto.

O edificio está em vias de conclusão.¹

Infelizmente, o projeto original desta escola não foi encontrado. Entretanto, a descrição realizada por Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, então Secretário de Estado dos Negócios de Obras Públicas e Colonização, permite a elaboração de uma planta esquemática da escola (Figura 01). A separação dos sexos foi levada ao extremo. Meninos e meninas foram colocados em edifícios diferentes. Estabeleceu-se um núcleo: sala de aula, sala de professores e instalações sanitárias (destacado na Figura 01 em cinza e repetido quatro vezes). Esta célula incorporou, de forma inédita e no mesmo pavimento que as salas de aula, as instalações sanitárias no corpo do edifício. É uma diferença substancial.

¹ PARANÁ. 1910. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Presidente do Estado do Paraná, em 31 de Dezembro de 1910, pelo Bacharel Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, Secretário d'Estado dos Negócios de Obras Publicas e Colonização. Curitiba, Typografia d'A Republica, 1910. (p. 40)

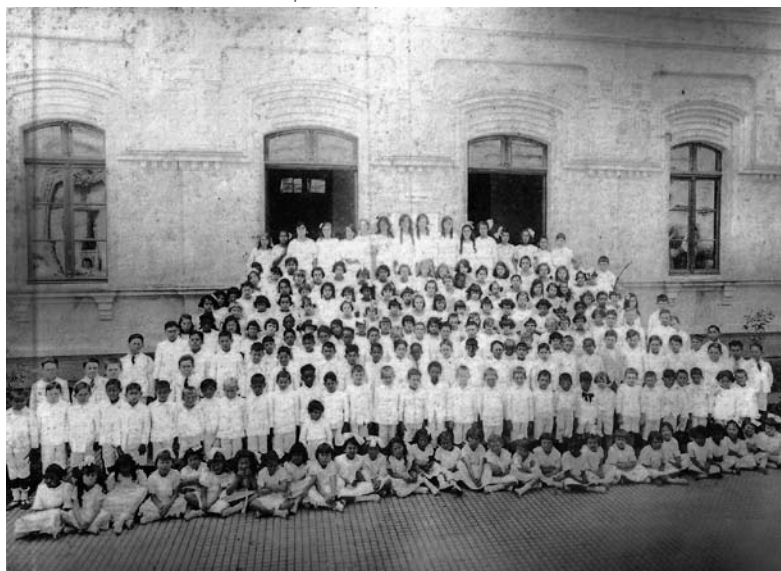


Outro ponto destacado no relatório foi a preocupação com o recreio. No entanto, não há registro de áreas cobertas, fato que compromete a atividade em dias chuvosos. A disposição é simétrica. A implantação dos edifícios foi feita no alinhamento predial.

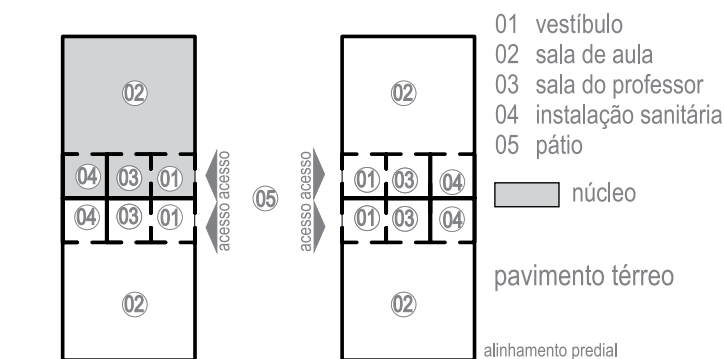
Os gastos extras com melhoria de acabamento e revestimento condizem com as imagens mostradas. As fotos mostram um conjunto arquitetônico, de vertente eclética, ricamente ornamentado. Cada uma das fachadas alinhadas com a rua apresenta dois pares de janelas, cada qual emoldurado por quadro em alvenaria também apresentando arco abatido. Completam a composição mísulas, cimbras destacadas e platibanda com frontão arredondado. O porão elevado é destacado pela diferença de revestimento. Entre os blocos, um gradil com embasamento e colunas de alvenaria faz o fechamento do conjunto.

O edifício, construído em 1911, foi demolido. Em seu lugar, encontra-se a nova sede do agora Colégio Estadual Dezenove de Dezembro.

↓ Foto 02: Alunos do Grupo Escolar Dezenove de Dezembro em frente à escola - década de 1920



← Foto 01: Grupo Escolar Dezenove de Dezembro - sem data



↑ Figura 01: Planta esquemática do pavimento térreo do Grupo Escolar Dezenove de Dezembro, em Curitiba



↑ Foto 04: Colégio Estadual Dezenove de Dezembro - 2008

← Foto 03: Professores do Grupo Escolar Dezenove de Dezembro em frente à escola - década de 1920



Grupo Escolar Dom Pedro II



Construção comemorativa do primeiro centenário do nascimento do grande Imperador do Brasil, com dezesseis salas de aula, gabinete do director, gabinete dentário, museu, etc.
Despendidos Rs. 450:000\$000.¹

O Grupo Escolar D. Pedro II foi inaugurado em 24 de fevereiro de 1928, ao final de oito anos na Presidência do Paraná de Caetano Munhoz da Rocha. Em meio às várias entregas de obras, características de final de governo, incluindo aí outros grupos escolares, o D. Pedro II, construído na Av. Bispo Dom José, no rocio de Curitiba, não mereceu mais do que essas duas frases de registro.

O projeto já tinha sido apresentado ao final de 1925 e a obra iniciada em 1926. É o principal grupo escolar construído por Caetano Munhoz da Rocha no Paraná, considerando a complexidade do programa, as dimensões do edifício, o tratamento formal apresentado e a sofisticação dos materiais de revestimentos. Sua localização, distante do centro da cidade, não impediu o esmero construtivo da única escola de instrução primária edificada em Curitiba nesta gestão. Em termos de edifícios escolares, o D. Pedro II rivalizou com os outros três marcos do período: as escolas normais de Curitiba, Ponta Grossa e Paranaguá.

O partido arquitetônico é uma variação da planta em “U”. Trata-se de duas alas paralelas, rebatidas, unidas na parte frontal pelo vestíbulo, sobre o qual fica o salão de recepção. Neste edifício não há, como ocorre em outros exemplos já citados, acessos laterais, nem diferenciação entre entradas de professores e de alunos. Optou-se por um acesso único, centralizado e monumentalizado com a presença de três portões ligados ao vestíbulo. Neste, encontra-se a escada interna de mármore, iluminada por vitral, semelhante a outras obras públicas da época. O guarda-corpo, de ferro, apresenta motivos art nouveau. O fluxo contorna a escada pelos dois lados, chegando às galerias de distribuição das alas de salas de aula.

Quanto à elevação principal, está composta por três blocos, sendo o central com platibanda mais alta e escadaria, que vence a distância até o solo, para os três vãos de acesso. Identifica-se o procedimento normal das fachadas ecléticas, com vãos em arco pleno no térreo e verga reta no piso superior. Para as elevações laterais, o tratamento

¹ PARANÁ. 1925. Relatório da Secretaria Geral de Estado para a Presidência do Estado, relativo ao exercício financeiro 1924-1925. Curitiba: Livraria Mundial e França e Cia., 31 de dezembro de 1925. (p. 110)

Ficha Técnica

Denominação Inicial	Grupo Escolar Dom Pedro II
Denominação Atual	Escola Estadual Dom Pedro II
Endereço	Avenida Bispo Dom José, 2.567 – Seminário
Autor do Projeto Arquitetônico	
Data do Projeto Arquitetônico	1925
Data da Inauguração	24/02/1928
Edifício Original	Preservado
Área Total Construída	1.555,00 m²
Número de Pavimentos	02
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “U”



Grupos Escolares de Curitiba na primeira metade do século XX
Elizabeth Amorim de Castro

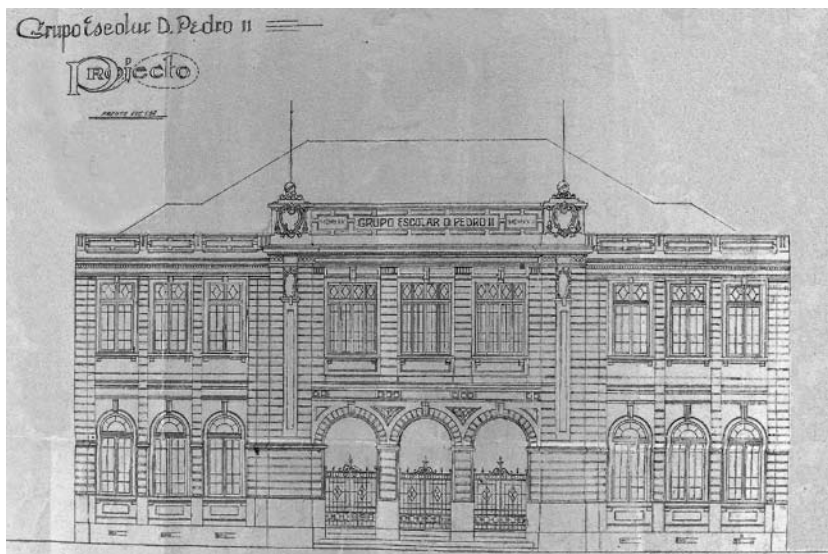
é homogeneizado com as vergas retas. No encontro das colunatas que definem o bloco central com a platibanda, há ornamentos em relevo.

A Figura 02 apresenta o projeto original da escola. Ao analisá-lo, constata-se que são 12 salas de aula e não 16, como anunciou Caetano Munhoz da Rocha. Em relação aos outros ambientes listados pelo então Presidente do Paraná, confirma-se a existência de um gabinete para o diretor. Quanto ao gabinete dentário e ao museu, não há indicação, mas como a distribuição de ambientes tomou como base aquela apresentada ainda na fase de projeto, pode-se contar com a possibilidade de alteração no momento da inauguração. Destaca-se ainda a presença no programa arquitetônico do salão nobre, uma novidade tratando-se de grupos escolares.

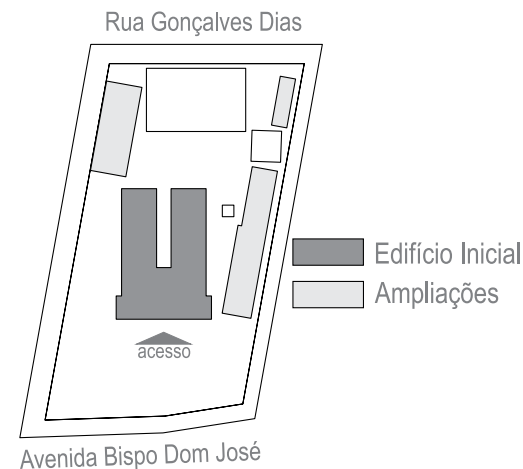
Atualmente, a Escola Estadual D. Pedro II tem capacidade para atender entre 761 e 960 alunos. Em relação ao espaço construído, conta com algumas construções anexas. O prédio inicial foi preservado e a sua utilização respeita, de maneira geral, à distribuição de ambientes original.

A Escola Estadual D. Pedro II está classificada na esfera municipal como uma UIP (Unidade de Interesse de Preservação) sob o número 23.085.010 e código 080.

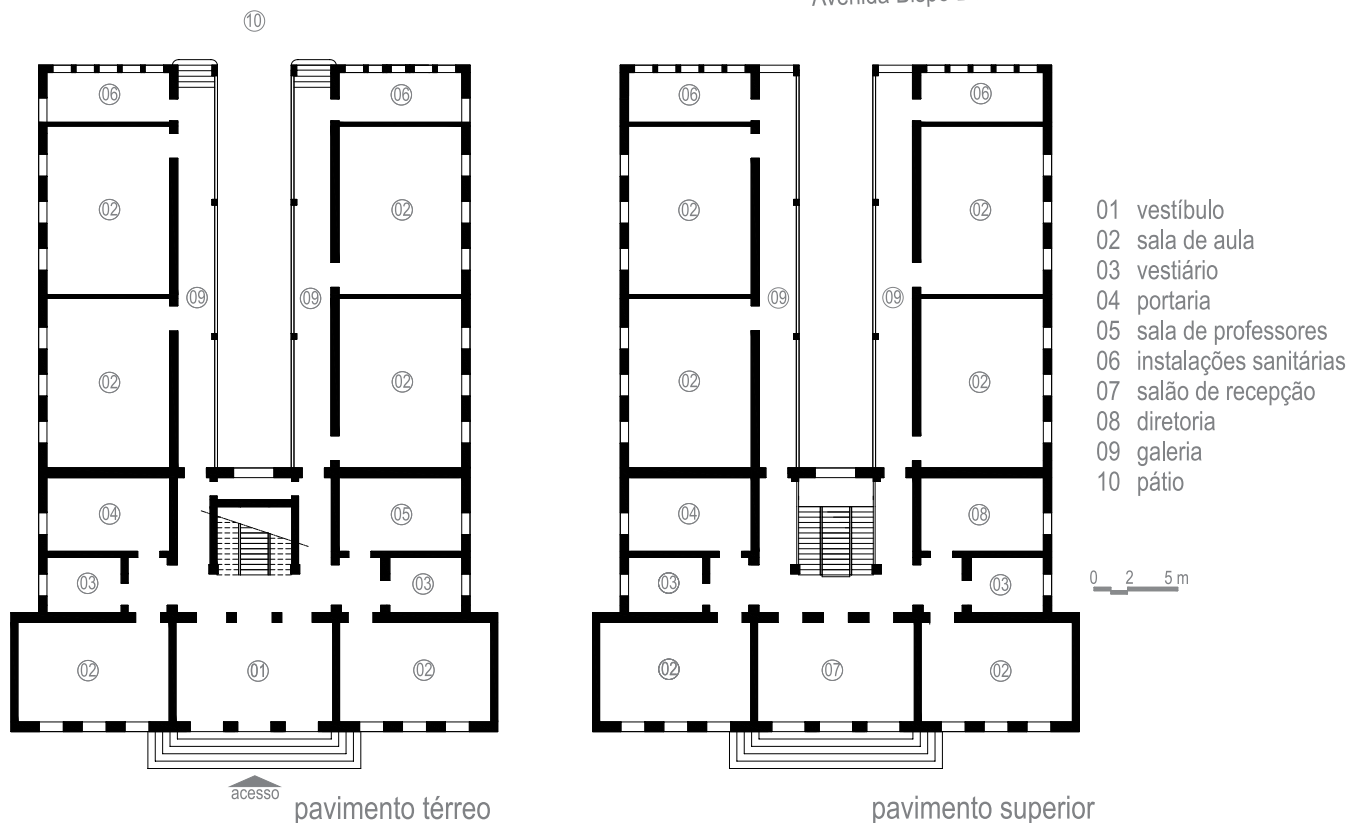
↓ Figura 01: Elevação principal do Grupo Escolar D. Pedro II apresentada em 1925

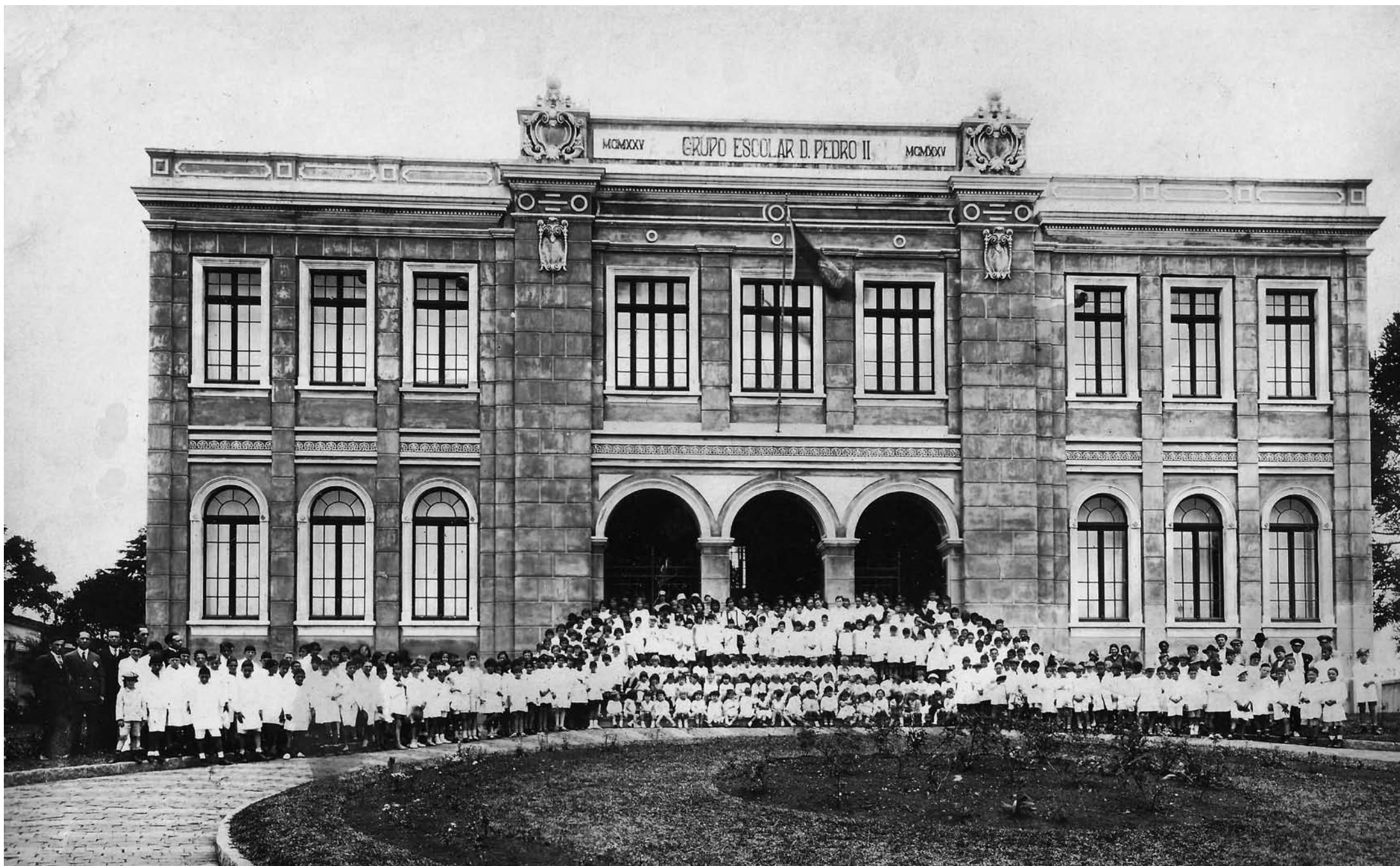


→ Figura 03: Planta de implantação atualizada da Escola Estadual D. Pedro II



↓ Figura 02: Plantas dos pavimentos térreo e superior do Grupo Escolar D. Pedro II, em Curitiba





↑ Foto 01: Grupo Escolar D. Pedro II - final da década de 1920





← Foto 02: Vista da fachada posterior - 2006



← Foto 03: Detalhe da escadaria no pavimento superior - 2006

→ Foto 04: Vestíbulo - 2006





Período: 1930-1945



As escolas de Manoel Ribas

O ano de 1930 foi um marco na história brasileira. Houve, nesse momento, mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais. As ações governamentais empreendidas durante a Primeira República na área da instrução pública foram consideradas intelectualistas, verbalistas e excludentes.

O ensino tradicional era considerado intelectualista porque se preocupava em desenvolver quase que exclusivamente a dimensão intelectual do ser humano, deixando de lado outras dimensões tão importantes como a física, a emocional, a social. Daí a proposta da Escola Nova de uma educação integral. Verbalista porque só valorizava a palavra, principalmente a escrita, desconsiderando a ação, a experiência, no processo de aprendizagem. Excludente porque atendia apenas a uma parcela das crianças em idade escolar.¹

A Escola Nova foi um movimento surgido no final do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, que se opunha às práticas pedagógicas tidas como tradicionais. Buscava uma educação que pudesse integrar o indivíduo na sociedade e, ao mesmo tempo, ampliar o acesso de todos à escola. No Brasil, o Escolanovismo está ligado à John Dewey, filósofo e pedagogo americano, que acreditava ser a educação o único meio efetivo para a construção de uma sociedade democrática, respeitando as características individuais de cada pessoa e considerando-a parte integrante e participativa de um todo. Desde a década de 1920, vários intelectuais brasileiros trabalhavam na chamada reconstrução educacional do país, entre os quais Anísio Teixeira, Fernando Azevedo, Carneiro Leão e Lourenço Filho. Em 1924, fundaram a Associação Brasileira de Educação e, a partir de 1927, promoveram as Conferências Nacionais de Educação, fóruns de discussão e elaboração de propostas sobre o tema.

Esses renovadores foram convidados por Getúlio Vargas a elaborar um plano educacional para o país. No entanto, o recém-criado Ministério da Educação e Saúde não esperou a proposta escolanovista e reestruturou o ensino secundário e superior brasileiro. Como resposta, os educadores escreveram, em 1932, o “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova”. No documento consta um diagnóstico do ensino público brasileiro e os princípios que deveriam ser seguidos para a sua reformulação. Alguns pontos merecem destaque: uma escola primária pública universal, leiga, obrigatória e gratuita e estar em harmonia com a realidade brasileira; a escolarização adaptada às características de cada região

e a formação em grau superior de todos os professores.

Esta nova visão da escola não ficou restrita aos pedagogos e filósofos da educação. A importância atribuída à educação e à consciência de que esta escola deveria assumir novos papéis também foi adotada pelos administradores públicos. A definição dos objetivos da escola primária no “Regimento Interno e Programa para Grupos Escolares”, de 29 de julho de 1932, é claramente influenciada pelos princípios da Escola Nova.

A escola primária, tendo por finalidade não somente a instrução, mas o desenvolvimento das qualidades físicas e morais da criança, afim de levá-la à felicidade e à realização de seus destinos, deve promover-lhe oportunidades ao cultivo de suas faculdades e despertar-lhe os sentimentos de sociabilidade.²

Esta função mais abrangente da escola necessitaria de “construções modernas em que o menor detalhe é previsto para a comodidade, para a amplidão, para a uniformidade de luz e de aeração das escolas”.³ Espaços planejados que atenderiam à crescente demanda escolar. Desta forma, o edifício escolar projetado e construído para esta finalidade novamente foi relacionado como aspecto importante na constituição da rede escolar pública.

No Paraná, Manoel Ribas, em seus mais de 13 anos de governo⁴, estabeleceu como prioridade a educação e a construção de escolas.

Efetivamente, nestes últimos anos, a população escolar cresceu de um modo maravilhoso: vinte mil crianças. No entanto, não têm escolas, que lhes bastem, nem professores que as instruem.

Precisamos de cem prédios escolares, inclusive as escolas insuladas. Só na capital precisamos de vários grupos escolares.⁵

Uma das maiores preocupações do Governo, tem sido a de difundir o ensino de acordo com as possibilidades orçamentárias, criando escolas em todos os lugares em que são reclamadas pelo aumento da população infantil.⁶

1 BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. Arquitetura e Educação: Organização do Espaço e Propostas Pedagógicas dos Grupos Escolares Paulistas, 1893/1971. São Carlos: Brasília: EdUFSCar; INEP, 2002. (p. 65)

2 Texto integrante do Artigo 62º, Capítulo XX do Decreto nº 1.874, de 29 de julho de 1932. PARANÁ. 1932. Diretoria Geral da Instrução Pública. Regimento Interno e Programa para Grupos Escolares. Curitiba: Irmãos Guimarães & Cia., 1932. (p.33) e repetido no Artigo 58º, Capítulo XIX do Decreto nº 9.592, de 26 de fevereiro de 1940. Regimento Interno e Programa para Grupos Escolares. In Decreto nº 9.592, de 26 de fevereiro de 1940. PARANÁ. 1940. Diretoria Geral da Educação. Regimento Interno e Programa para Grupos Escolares. Curitiba: Irmãos Guimarães & Cia., 1940. (p. 29)

3 TEIXEIRA, Anísio. 1928. Aspectos americanos de educação. Salvador: Diretoria Geral de Instrução Pública, 1928. (p. 76)

4 De 30 de janeiro de 1932 a 3 de novembro de 1945.

5 PARANÁ. 1935a. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Manoel Ribas D. D. Governador do Estado do Paraná pelo Secretário dos Negócios de Fazenda e Obras Públicas Othon Mäder, Exercício de 1934. Curitiba, junho de 1935. (p. 47)

6 PARANÁ. Governo. 1935. Mensagem apresentada pelo Exmo. Snr. Governador Manoel Ribas à Assembléia Legislativa do Estado ao instalar-se a 1ª Legislatura da Segunda Republica, em 16 de maio de 1935. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1935. (p. 18)



No início de sua administração, após ter constatado, que uma grande parte dos nossos prédios escolares muito deixava a desejar pela falta de acomodações necessárias às nossas populações escolares, o atual Governo determinou a organização de um plano geral de construção de modernos Grupos Escolares para o Estado e bem assim, a reforma completa e a ampliação de muitos prédios, que apesar de ainda se acharem em bom estado, não mais satisfaziam as necessidades do ensino.⁷

Sob a esforçada orientação do Bacharel Gaspar Duarte Veloso, a quem muito já deve no Paraná a causa do ensino, prossegue, sem desfalecimento, o trabalho de aperfeiçoamento da técnica escolar, e da ampliação e ininterrupto aperfeiçoamento do trabalho educativo no Estado.⁸

O aperfeiçoamento da técnica escolar, explicou em seguida Manoel Ribas, seria feito com a difusão de novas doutrinas pedagógicas no seio do magistério e a criação de novos serviços. Entre estes, estavam o atendimento médico e dentário, a ampliação do plano de educação física, a criação de parques infantis, a “execução de programas sobre festividades escolares de caráter cívico e artístico”, a criação de novas bibliotecas infantis e o melhoramento das antigas, aperfeiçoamento dos refeitórios escolares.⁹

Todas as atividades relacionadas exigiam um espaço específico, indicando que a ampliação e o ininterrupto aperfeiçoamento do trabalho educativo no Estado passavam pela reformulação do programa arquitetônico escolar. E para isso seria necessário

a modernização do plano de construções escolares com a adoção de novas plantas, confeccionadas segundo as exigências mais rigorosas da pedagogia, da arquitetura e da higiene modernas, trazidas de São Paulo e Rio de Janeiro e adaptadas às condições gerais de nosso ambiente.¹⁰

Assim como suas antecessoras, a solução arquitetônica buscou atender às demandas pedagógicas e higienistas com o vocabulário formal e construtivo da época. Se antes a linguagem eclética estava em voga, neste momento outros padrões estéticos tinham surgido. Ao estudar o período, o arquiteto Hugo Segawa identificou a presença de uma arquitetura de linhas geometrizarantes e com princípios racionalistas como “funcionalidade, eficiência e economia” e largamente utilizada pelas administrações públicas (principalmente em São Paulo e no Distrito Federal). Além das questões formais, foram incorporados ao

projeto arquitetônico outros “tópicos funcionais, programáticos e pedagógicos - orientação de janelas, organização do programa mínimo de dependências, acabamentos”.¹¹

Novamente, as questões higienistas se fizeram presentes. O trabalho desenvolvido em São Paulo pela Comissão Permanente nomeada para diagnosticar os problemas e propor soluções na área da educação pública, publicado em 1936, merece destaque. Além de um levantamento minucioso da situação existente naquele estado, o estudo insiste na importância do edifício escolar.

A escola se apresentará às nossas crianças, não como uma prisão de todos os dias, mas como um recinto alegre, cheio de luz, a estimular todos os impulsos bons de sua alma e de seu espírito.¹²

Para que a escola possa despertar este sentimento, é fundamental ser

um ambiente verdadeiramente apropriado para a sua superior função de ensinar, em salas espaçosas e altamente confortáveis.¹³

A escola primária exige ar puro e abundante, luz solar e espaço. Como as duas primeiras condições se subordinam à terceira, a questão do terreno para a edificação do prédio se reveste de excepcional importância.¹⁴

Com este princípio norteador, o trabalho esmuiça as condições ideais do terreno e as características principais que devem estar contidas no projeto do edifício, sempre sob uma ótica técnica e higienista, visando ao conforto dos usuários. Fórmulas, índices e parâmetros são especificados para dimensionamento de ambientes e cálculo de ventilação e iluminação. O grau de detalhamento desta publicação aproxima-se daquele encontrado nos manuais de arquitetura franceses do final do século XIX, já comentados em capítulo anterior.¹⁵ Também é semelhante ao do livro “Higiene Escolar”, de Leo Burgerstein, médico e professor da Universidade de Viena, publicado no Brasil em 1934, tendo como base a terceira edição alemã.¹⁶

7 PARANÁ. 1935a. (p. 325)

8 PARANÁ. Governo. 1937. Mensagem à Assembléia Legislativa do Estado, em 1º de setembro de 1937. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1937. (p. 29)

9 PARANÁ. Governo. 1937. (p. 29-30)

10 PARANÁ. Governo. 1937. (p. 31)

11 SEGAWA, Hugo. Arquiteturas escolares. In Projeto. Revista Brasileira de Arquitetura, Planejamento, Desenho Industrial e Construção. Nº 87. São Paulo: maio de 1986. (p. 66)

12 SÃO PAULO. 1936. Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Diretoria de Ensino. Novos prédios para grupo escolar. Estudos da Diretoria do Ensino e da Diretoria de Obras Públicas. São Paulo, 1936. (p. 14)

13 SÃO PAULO. 1936. (p. 15)

14 SÃO PAULO. 1936. (p. 31)

15 GUADET, Julien. Éléments et théorie de l'architecture. Livre VIII. Les Éléments de la composition dans les édifices d'enseignement et instruction publique. Paris: Librairie de la Construction Moderne, 1909. 1ª edição : 1901 e TUBEUF, Georges. Traité d'architecture théorique et pratique. Vol. IV: Types de constructions diverses. Paris: H. Chairgrasse fils, [s.d].

16 BURGERSTEIN, Leo. Higiene Escolar. Rio de Janeiro: Atlantida Editora, 1934.



No Paraná, o “Regulamento Sanitário do Estado”, de 1938, em seu Artigo nº 214, tratou das construções escolares e definiu índices e dimensões mínimos de pé-direito, de insolação e iluminação de salas de aula, de escadas, de número de latrinas, lavatórios e bebedouros e a obrigatoriedade da existência de espaços de recreio e de mobiliário adequado à idade do aluno.¹⁷ Confirma-se uma tendência de priorização técnica e higienista do edifício escolar, buscando funcionalidade, eficiência e economia.

Essa argumentação é também colocada no discurso dos arquitetos racionalistas:

Sejamos artistas do nosso tempo e teremos realizado uma nobre missão. Não podemos admitir hoje uma arquitetura que não seja racional, pois a escola deve aproveitar de todo o conforto das construções modernas, de todas as conquistas da ciência no sentido de realizar a perfeição sob o ponto de vista da higiene pedagógica. (...) A arquitetura racional exige o emprego de materiais da região, atendendo as condições de clima, usos, costumes, etc.¹⁸

Com essas diretrizes, a equipe de Manoel Ribas elaborou duas famílias de projetos arquitetônicos padronizados. A primeira série foi composta por escolas de duas, quatro, seis, oito e dez salas de aula (Figura 01), caracterizando a possibilidade de ampliação. A célula deste projeto possui duas salas de aula, duas administrativas e um vestíbulo. Trata-se de bloco único, de acesso centralizado, com as salas de aula localizadas nas extremidades do edifício. As escolas maiores apresentam alas laterais apostas ao núcleo inicial, passando a exibir a conhecida configuração em “U”.

A unidade com dez salas de aula acrescenta uma ala posterior, fechando o retângulo e definindo um pátio interno que lembra os claustros conventuais.

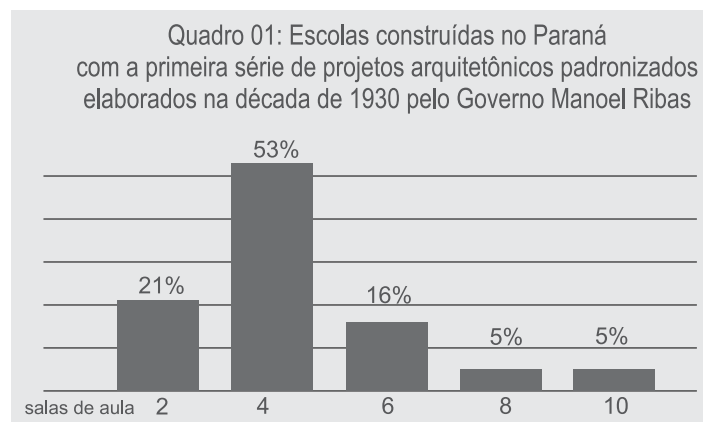
Há semelhanças com o conjunto de escolas projetadas e construídas na década anterior por Caetano Munhoz da Rocha. As unidades de quatro e seis salas de aula, por exemplo, têm praticamente a mesma ordenação espacial. A diferença mais significativa entre as escolas dos

dois períodos é a presença de instalações sanitárias no corpo do edifício. Sem dúvida, um grande ganho. Nas escolas com dez salas de aula, há um aumento de salas administrativas, de duas para quatro. Não há biblioteca, museu, gabinetes médico e odontológico.

Foram 19 grupos escolares construídos com estes projetos arquitetônicos, todos no interior do Estado e com um pavimento (Quadro 01). A linguagem formal filia-se ao art déco. Deste conjunto, dez unidades possuem quatro salas de aula, representando mais da metade das escolas. Nesta década de 1930, portanto, repete-se o programa de edifício escolar já consagrado na Primeira República: quatro salas de aula e duas administrativas. Consolida-se a ordenação espacial em “U” e as instalações sanitárias passam a integrar o edifício principal. Os edifícios ainda se mantêm elevados em relação ao solo. A utilização estrutural do concreto armado permitiu uma maior quantidade de aberturas e o aumento de suas dimensões. A presença de prateleiras de luz nas janelas é constante e demonstra uma preocupação com o controle da incidência da luz solar nos ambientes. Este elemento, presente em várias construções do período, transformou-se em um símbolo do Governo de Manoel Ribas.

As Fotos 01 e 02 mostram o Grupo Escolar Júlio Teodorico, em Ponta Grossa (oito salas de aula e inaugurado em 1935) e o Grupo Escolar Hugo Simas, em Londrina (quatro salas de aula e inaugurado em 1937), respectivamente. Os dois edifícios exemplificam as variantes formais desta série. A platibanda da escola de Ponta Grossa apresenta um rendilhado que não é encontrado na de Londrina. Outra diferença é a utilização do pó-de-pedra para o revestimento das paredes encontrado apenas no primeiro edifício.

Ainda dentro da estética déco, outra família de projetos arquitetônicos foi elaborada. São quatro edifícios de maior porte, com seis (Grupo Escolar Jesuíno Marcondes, em Palmeira, Foto 03), oito (segunda sede do Grupo Escolar Manoel Pedro, na Lapa) e 12 salas de aula (Grupo Escolar Duque de Caxias, em Irati, Foto 04, e segunda sede do Grupo Escolar Barão de Antonina, em Rio Negro). Neste grupo, o programa arquitetônico é mais elaborado, contando com auditório e nas unidades de 12 salas de aula: gabinetes médico e odontológico e biblioteca.



17 Decreto nº 6.155, de 12 de janeiro de 1938. PARANÁ. 1938. Decreto nº 6.155 e Regulamento sanitário que dá nova organização à Diretoria Geral de Saúde Pública. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1938. (p. 88-89)

18 SÃO PAULO. 1936. (p. 64)



↓ Figura 01: Plantas-tipo do pavimento térreo da primeira série de projetos arquitetônicos padronizados elaborados e construídos na década de 1930 pelo Governo Manoel Ribas



A planta em “T” concentra ambientes administrativos e salas de aula na ala frontal. Estas, nas duas extremidades, e aqueles, centralizados. Na ala transversal, o auditório e pavilhão de ginástica. Esta configuração mantém os acessos principal e secundários e possibilita a separação em seções feminina e masculina.

Embora apresente maior elaboração no programa arquitetônico, sua linguagem formal simplifica-se. A horizontalidade do edifício é marcada por linhas contínuas presentes em todo o perímetro, que definem o posicionamento das aberturas. Estas não possuem dimensões tão generosas como as encontradas na primeira série.

Em meados da década de 1930, Manoel Ribas construiu dois importantes edifícios escolares em Curitiba: a Escola de Aprendizes e Artífices e a Escola de Trabalhadores Rurais Carlos Cavalcanti.

A Escola de Aprendizes Artífices foi de todas a maior e a mais importante. (...) O edifício, hoje um dos mais belos e amplos desta Capital, tem a capacidade para ministrar instrução primária e ensino profissional a 600 alunos semi-internos do sexo masculino. (...) Devotado sempre ao ensino profissional, que reputo um dos fatores capazes de fazer grandeza econômica do Paraná, construí a “Escola de Trabalhadores Rurais Carlos Cavalcanti” prédio moderno e majestoso, situado no arrabalde do Bacacheri, destinado



↑ Foto 01: Grupo Escolar Júlio Teodorico, em Ponta Grossa - sem data



↑ Foto 02: Grupo Escolar Hugo Simas, em Londrina - sem data

ao preparo intelectual e profissional-rural dos menores desamparados. (...) Todo o conforto e higiene foram ministrados aos internados, professores e empregados. Ali se formarão os futuros condutores do trabalho rural os feitores das fazendas agrícolas e pastoris.¹⁹

As duas escolas ofereciam instrução primária, no entanto tinham também como objetivo o ensino profissionalizante. Seu programa arquitetônico diferenciava-se dos grupos escolares pela presença de oficinas, refeitórios e dormitórios. São os únicos exemplares de edifícios escolares edificados por Manoel Ribas na década de 1930, em Curitiba.

A política de construção de edifícios escolares manteve-se na primeira metade da década de 1940. O Governo de Manoel Ribas elaborou um novo projeto arquitetônico para um

19 PARANÁ. Governo. 1936. Mensagem apresentada pelo Exmo. Snr. Governador Manoel Ribas à Assembléia Legislativa do Estado ao instalar-se a 2ª sessão ordinária da 1ª Legislatura da Segunda Republica em 1º de setembro de 1936. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1936. (p. 96-97)



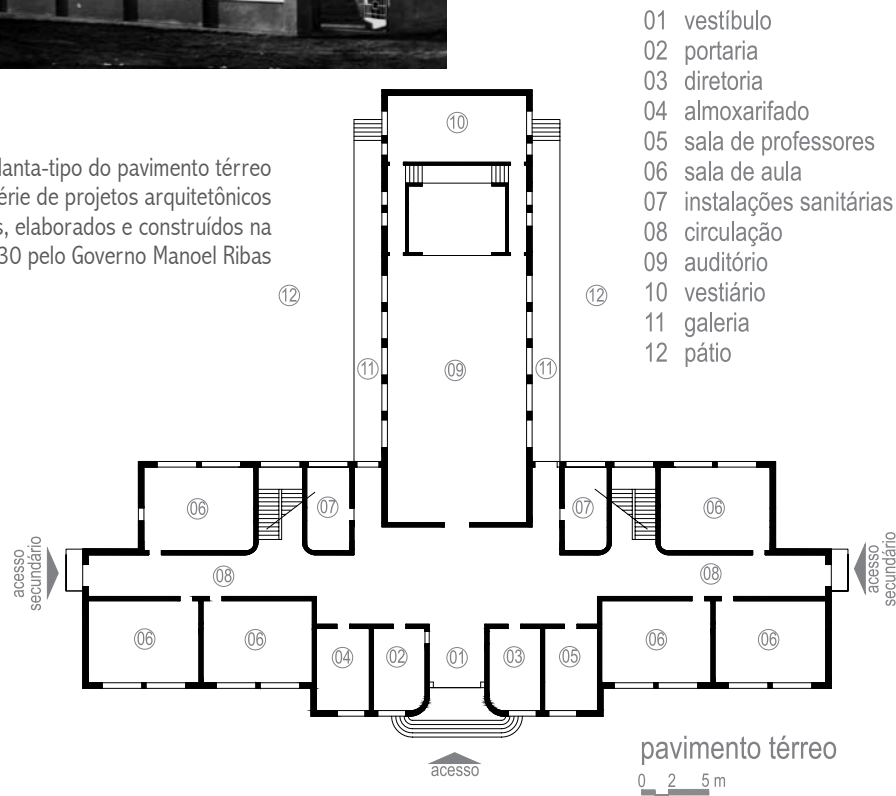


↑ Foto 03: Segunda sede do Grupo Escolar Jesuino Marcondes, em Palmeira - sem data



← Foto 04: Grupo Escolar Duque de Caxias, em Irati - sem data

→ Figura 02: Planta-tipo do pavimento térreo da segunda série de projetos arquitetônicos padronizados, elaborados e construídos na década de 1930 pelo Governo Manoel Ribas



grupo escolar com dez salas de aula em 1941. A nova solução apresenta um edifício de dois pavimentos, com configuração em “L”. Na ala frontal localizam-se as salas de aula, administrativas e de apoio pedagógico. Na ala lateral, o auditório. A ordenação espacial não é simétrica e não há divisão em duas seções distintas. A entrada principal não está centralizada e verifica-se a existência de apenas um acesso secundário.

O programa arquitetônico é enriquecido com gabinetes médico e odontológico, museu, biblioteca, cantina e auditório. A linguagem formal é modernista, de linhas puras e volumes geométricos, alinhada com as escolas construídas no Distrito Federal, entre 1931 e 1935, durante a gestão de Anísio Teixeira na Diretoria de Instrução Pública,²⁰ e em São Paulo,

20 DÓREA, Célia Rosângela Dantas. Anísio Teixeira e a Arquitetura Escolar: planejando escolas, construindo sonhos. São Paulo, 2003. 231p. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade). Curso de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (Capítulo 02)



↑ Foto 05: Escola de Aprendizes e Artífices, em Curitiba - 1935.
Hoje sede da Universidade Tecnológica Federal do Paraná

↘ Foto 06: Antiga sede da Escola de Trabalhadores Rurais Carlos Cavalcanti, em Curitiba - década de 1950.
Hoje pertencente à Universidade Federal do Paraná





↑ Foto 07: Grupo Escolar de Palmas - sem data

← Figura 03: Plantas dos pavimentos térreo e superior do Grupo Escolar de Palmas

entre 1934 e 1937, com a Comissão Permanente durante o Governo de Armando Sales de Oliveira.²¹

Este projeto arquitetônico foi executado nas Cidades de Palmas, São Mateus do Sul, Guarapuava, União da Vitória e Paranaguá.

Simultaneamente aos edifícios modernistas, Manoel Ribas construiu escolas neocoloniais. Esse movimento artístico iniciado em meados da década de 1910, comprometeu-se a valorizar a arte tradicional como manifestação de nacionalidade e elemento de constituição da arte brasileira. Na arquitetura, caracterizou-se pelo emprego de elementos formais construtivos do período colonial.

21 SEGAWA, Hugo. Arquiteturas escolares. 1986; BUFFA, E. Arquitetura e Educação. 2002 e SÃO PAULO. 1936.

Embora pouco estudado pela historiografia da arquitetura, o Neocolonial fez oposição ao Ecletismo, buscando o vocabulário formal da arquitetura barroca, portuguesa e colonial brasileira. Esse movimento situa-se em um contexto de resgate da identidade nacional, cuja bandeira foi a “emancipação artística do Brasil”.²² Participou, com suas colunas torsas, telhas de capa e canal, azulejos e varandas, tanto das Comemorações do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro como da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, no ano de 1922.

A linguagem neocolonial esteve presente nas escolas construídas durante a gestão de Fernando Azevedo, na Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal, nos últimos anos da década de 1920. Segundo a arquiteta Beatriz Santos de Oliveira:

A arquitetura escolar como uma das peças do “Sistema Educacional” que pretendia montar, deveria se enquadrar dentro dos princípios da Escola Nova e ao mesmo tempo contribuir para a descoberta e preservação das tradições nacionais. É neste momento, na administração Antonio Prado Jr. - Fernando de Azevedo no Distrito Federal e

22 SUTIL, Marcelo Saldanha. Beirais e Platibandas. A arquitetura de Curitiba na primeira metade do século 20. Curitiba, 2003. 200p. Tese (Doutorado em História). Curso de Pós-Graduação em História do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. (p. 69)



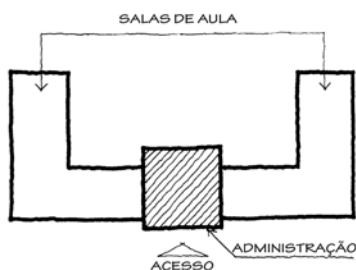
Washington Luis na Presidência da República, que se encontraram oficialmente a Escola Nova e o Neocolonial.²³

Dentre as diversas escolas do período, destacam-se a Escola Normal do Rio de Janeiro, projetada por Ângelo Brunhs e José Cortez, e os Grupos Escolares, Argentina, Uruguai e Estados Unidos, todos de Nereu Sampaio e Gabriel Fernandes.²⁴

As escolas neocoloniais paranaenses, em número reduzido, são tardias em relação às cariocas. Foram projetadas e construídas no final do Governo de Manoel Ribas. No entanto, esta estética esteve presente nas construções de Curitiba entre 1920 e 1940²⁵, fato que possibilita justificar sua adoção. O Quadro 02 relaciona os exemplares desta vertente e as Figuras 04 e 05 mostram desenhos dos edifícios de Morretes e Rebouças, respectivamente.

Os projetos arquitetônicos para os grupos escolares de Sertanópolis, Morretes, Rebouças e Joaquim Távora não são padronizados. Em comum, a planta simétrica em forma de “U”, a ala central ressaltada e com dois pavimentos, concentrando os ambientes administrativos e as laterais, abrigando salas de aula.

O Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa, construído em Curitiba, é o exemplar de maior porte da série de edifícios neocoloniais. Seu programa inclui, além das 12 salas de aula, auditório, gabinetes médico e odontológico, cantina, museu e biblioteca. O edifício de dois pavimentos será analisado nas próximas páginas. A ordenação espacial em “U” não apresenta a simetria dos demais exemplares neocoloniais. Este projeto arquitetônico foi repetido no Grupo Escolar de Jaguariaíva e no Colégio Estadual de Londrina, este destinado à instrução secundária.



No mesmo período foi projetado e iniciou-se a construção do Grupo Escolar do Bigorriho, em Curitiba, depois denominado Júlia Wanderley. Esta escola, de mesmo porte e programa arquitetônico que o Lysimaco Ferreira da Costa, apresenta uma solução distinta. De linhas retas e sóbrias, tem configuração em “T”, simétrica, semelhante à encontrada

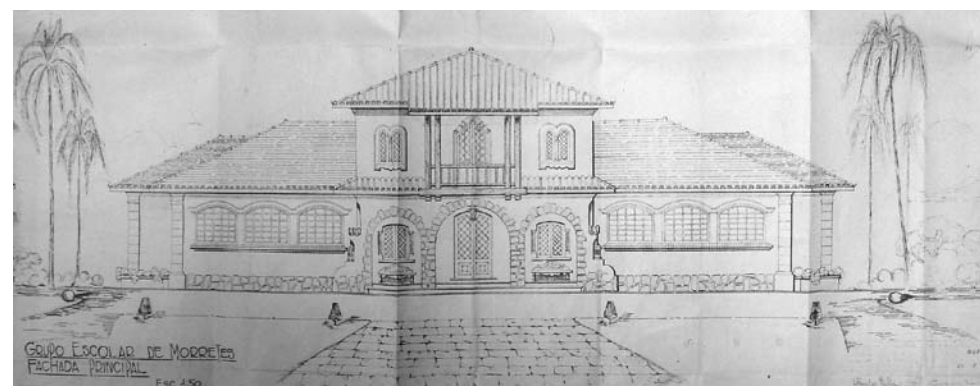
23 OLIVEIRA, Beatriz Santos de. A modernidade oficial: A arquitetura das escolas públicas do Distrito Federal (1928-1940). São Paulo, 1991. 360p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Curso de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. (p. 44)

24 OLIVEIRA, B. S. A modernidade oficial... 1991. (p. 44-53)

25 SUTIL, M. S. Beirais e Platibandas... 2003. (p. 71)

Quadro 02: Grupos escolares de linguagem neocolonial construídos por Manoel Ribas no Paraná (1940–1945)

Grupo Escolar de Jaguapitã, em Sertanópolis	06 salas de aula
Grupo Escolar de Morretes	09 salas de aula
Grupo Escolar Professor Júlio César, em Rebouças	08 salas de aula
Grupo Escolar Miguel Dias, em Joaquim Távora	08 salas de aula
Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa, em Curitiba	12 salas de aula
Grupo Escolar de Jaguariaíva	12 salas de aula



↑ Figura 04: Fachada principal do Grupo Escolar de Morretes

↓ Figura 05: Perspectiva do Grupo Escolar de Rebouças



na segunda série de projetos arquitetônicos de escolas produzidos na década de 1930.

Manoel Ribas projetou e iniciou a construção de duas escolas destinadas à instrução primária em Curitiba, que se caracterizam pelo seu grande porte, por apresentarem programa arquitetônico condizente com as demandas pedagógicas e higienistas do momento e por adotarem linguagem formal distintas. O Mapa 02 mostra que estes grupos escolares encontram-se afastados do centro da cidade. Também apresenta a escassez de escolas públicas primárias com sedes construídas para tal finalidade dentro da malha urbana da cidade. Othon Mäder, Secretário dos Negócios de Fazenda e Obras Públicas do Paraná, já havia diagnosticado em 1934 a falta de grupos escolares na capital do Estado.²⁶ Para contornar a situação, o governo estadual ampliou algumas escolas existentes, aumentando a capacidade de atendimento: os Grupos Escolares Dr. Xavier da Silva, Professor Cleto e Presidente Pedrosa.²⁷

A Prefeitura de Curitiba também procurou amenizar o problema e construiu, na primeira metade da década de 1940, edifícios escolares na periferia da cidade (Mapa 02). Desta forma, surgiram três escolas municipais nos Bairros do Cajuru, Santa Felicidade e Guabirota (Foto 10). Todas apresentam o mesmo projeto arquitetônico: unidades com quatro salas de aula, construídas em alvenaria de tijolos, planta em “U” e configuração formal extremamente simplificada. Ressalta-se que, mesmo com a condição de escolas periféricas, já apresentam a estrutura mínima de um grupo escolar, quatro salas de aula. Além disso, contam com diretoria, sala de professores, biblioteca e um vestíbulo que funciona como um pequeno auditório em ocasiões festivas. O programa arquitetônico das escolas municipais é mais completo que o encontrado na versão estadual. No entanto, não possuem instalações sanitárias no edifício principal, já encontradas nos projetos da década anterior.

Outra edificação escolar projetada no período e inaugurada em 1950 foi o Colégio Estadual do Paraná, instituição de ensino secundário localizada próxima ao Passeio Público de Curitiba. Sua infra-estrutura impressiona até hoje. São 20.000 m² de área construída, 56 salas de aula e laboratórios e a capacidade de atender 1.950 alunos por turno (Foto 11).²⁸

26 PARANÁ. 1935a. (p. 47)

27 PARANÁ. Governo. 1937 e PARANÁ. Governo. 1939. Relatório apresentado a S. Excia. o Snr. Dr. Getúlio Vargas M. D. Presidente da República pelo Snr. Manoel Ribas, Interventor Federal do Paraná. Exercício de 1932 a 1939. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1939.

28 CASTRO, Elizabeth Amorim de; IMAGUIRE, Marialba Rocha Gaspar. Ensaio sobre a Arquitetura em Curitiba - 2. Colégios e Educandários. Curitiba: Edição das Autoras, 2006. (p. 89)



↑ Foto 08: Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa, em Curitiba - 2008

↓ Foto 09: Grupo Escolar Júlia Wanderley, em Curitiba - 2008



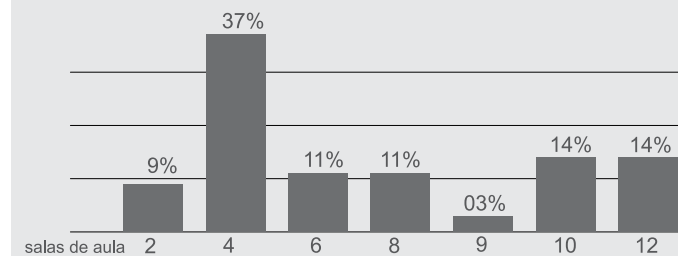
Em relatórios e mensagens oficiais do Governo de Manoel Ribas, identificou-se a construção de 35 grupos escolares em alvenaria e com implantação em área urbana (Mapa 02). O número está aquém das 36 unidades edificadas na Primeira República e da prioridade estabelecida para a instrução pública primária. Destas escolas, apenas cinco contaram com um programa arquitetônico completo: biblioteca, auditório, museu, gabinetes médico e odontológico e 12 salas de aula. Deste pequeno grupo, duas escolas foram construídas em Curitiba e as demais no interior, ou seja, se o espaço escolar é fundamental para a aplicação de novos métodos pedagógicos, poucas foram as unidades que puderam atingir esses objetivos. Bibliotecas, auditórios e museus não estavam presentes em muitas escolas do período, assim como poucas puderam contar com o atendimento médico-odontológico.

O Quadro 03 revela que a maioria das escolas construídas entre 1930 e 1945 possui quatro salas de aula. Somando-se estas com as unidades de duas salas de aula, tem-se 16 escolas, ou seja, 46% do total. Durante a Primeira República, das 36 escolas construídas, 27 possuíam duas ou quatro salas (75%).

Embora aparentemente tenha ocorrido uma redução na construção de escolas de pequeno porte, é preciso situar a política de Manoel Ribas de forma mais abrangente. Além dos 35 grupos escolares aqui relacionados, foram edificadas outros 16 em áreas rurais (denominados grupos escolares rurais). Destes, cinco possuíam entre duas e quatro salas de aula, e os demais, entre seis e oito salas de aula. Há registros também de 32 escolas isoladas, localizadas fora do perímetro urbano, com uma sala de aula e residência para o professor. Pode-se afirmar que as escolas de pequeno porte estiveram presentes na política de construção de unidades escolares estabelecida por Manoel Ribas.

O Mapa 01 permite a visualização de grandes extensões territoriais do Paraná que não possuíam edifícios escolares projetados e construídos para esta finalidade. Mesmo dentro das imposições deste estudo, edifícios destinados a grupos escolares situados nos limites urbanos, cidades como Clevelândia, Pitanga e Rolândia, situadas no Oeste do Estado (área de baixa ocupação), não apresentam escolas. A imagem mostra que o desafio da administração pública paranaense estava situado na dimensão quantitativa de unidades escolares.

Quadro 03: Grupos escolares construídos no Paraná entre 1930 e 1945 pelo Governo Manoel Ribas

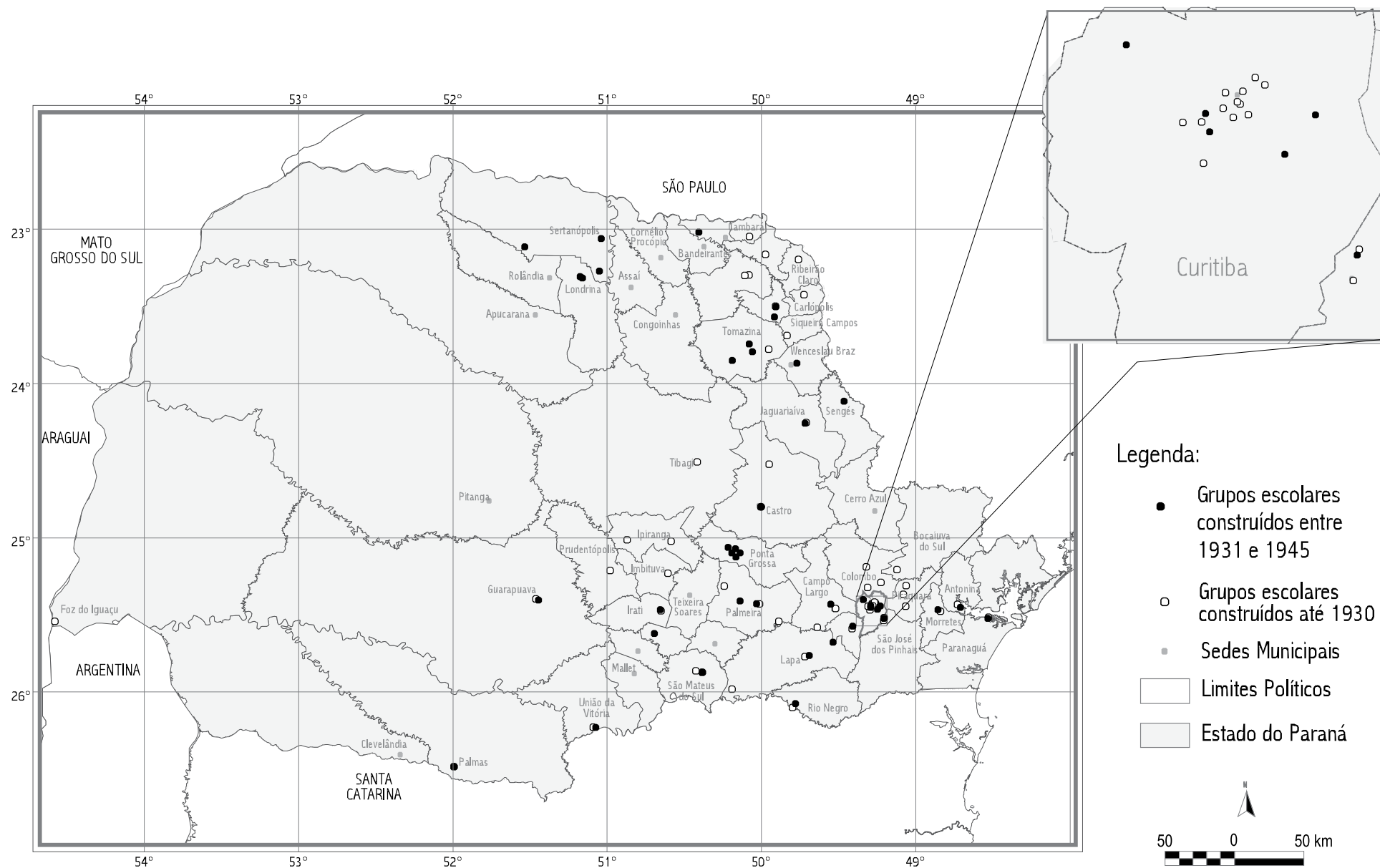


↑ Foto 10: Escola Municipal do Guabirota, em Curitiba - 1943

↓ Foto 11: Colégio Estadual do Paraná, em Curitiba - década de 1950



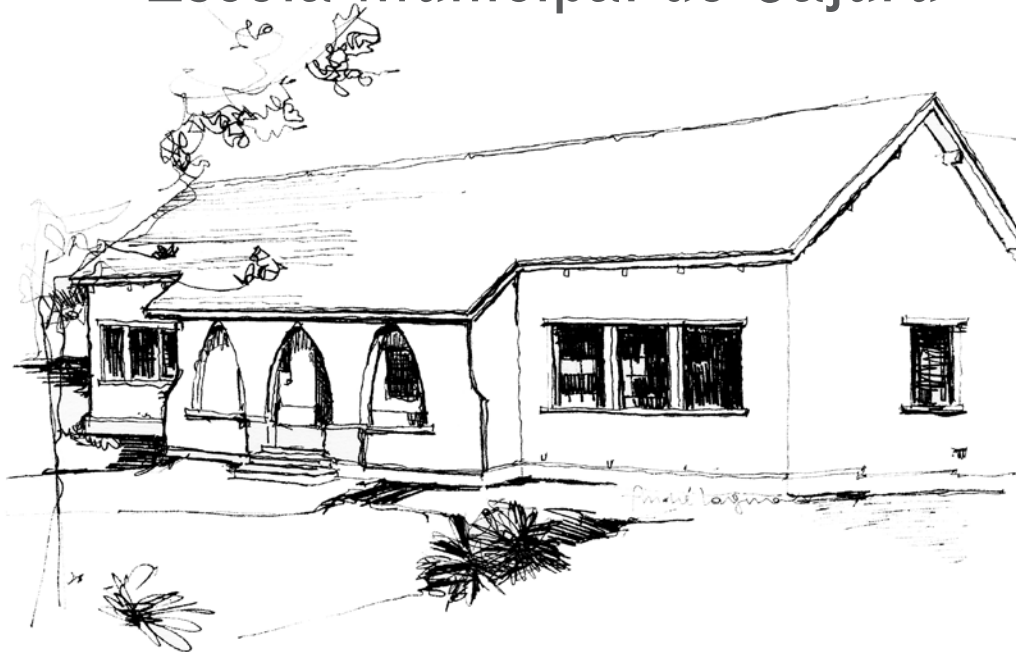
Mapa 01: Grupos escolares construídos até 1945 no Paraná



Mapa 02: Grupos escolares construídos até 1945 em Curitiba



Escola Municipal do Cajuru



Ficha Técnica

Denominação Inicial	Escola Municipal do Cajuru
Denominação Atual	Escola Estadual República Oriental do Uruguai
Endereço	Av. Presidente Affonso Camargo, 3.407 – Cajuru
Autor do Projeto Arquitetônico	
Data do Projeto Arquitetônico	1940/41
Data da Inauguração	05/05/1942
Edifício Original	Preservado com modificações internas e ampliações
Área Total Construída	442,00 m ²
Número de Pavimentos	01
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “U”

A construção da Escola Municipal do Cajuru começou em 1º de julho de 1941 e terminou em fevereiro de 1942. A obra foi uma iniciativa da Prefeitura Municipal de Curitiba, procurando dotar a região rural da cidade de escolas primárias. Com este propósito e com o mesmo projeto arquitetônico, foram edificadas também as Escolas Municipais do Guabirota e de Santa Felicidade.

O projeto arquitetônico, apesar de apresentar uma planta em “U”, traz algumas características que o diferenciam dos projetos-tipos de Manoel Ribas. Os ambientes de apoio (diretoria, sala de professores, um vestíbulo/auditório e um pequeno palco) ocupam toda a parte frontal da escola. O vestíbulo está posicionado em frente ao palco, fato que o transforma em um auditório para apresentações. As salas de aula localizam-se nas alas laterais e são alcançadas por uma galeria coberta. No centro da construção fica um pátio.



A composição é singela. Não há ornamentos na fachada e os vãos apresentam esquadrias de ferro. Um avanço com três aberturas em arco apontado marca a entrada da escola, apresentando, no seu vão central, uma pequena escadaria que vence o desnível do terreno. Não há platibandas.

No histórico elaborado pela escola, consta que, na região, existiam três escolas isoladas que foram reunidas com a sua inauguração. Em 30 de outubro de 1942, por intermédio do Decreto nº 1.280, ganhou a denominação de Grupo Escolar República do Uruguai.

Em 1945, a escola recebeu uma ampliação que dobrou o seu número de salas de aula, resultando em mais um pavimento devido ao aproveitamento do declive do terreno.

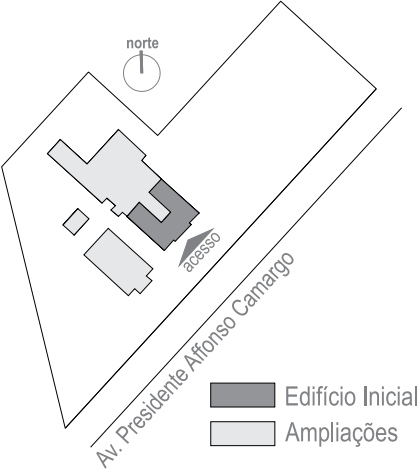
Uma dívida fez com que a Prefeitura de Curitiba passasse alguns imóveis para o governo estadual. A Lei Municipal nº 1.184, de 5/12/1955, e a Lei Estadual nº 2.636, de 20/3/1956, autorizaram a transferência do “prédio e respectivo terreno, onde se acha localizado o Grupo Escolar do Guabirota”.

O conjunto arquitetônico, ao longo de 66 anos de atividade da escola, teve sua área construída aumentada, sempre ao longo do edifício original. Esta característica preservou



a fachada frontal, mas esticou as alas laterais. O edifício ficou com um comprimento excessivo e desproporcional em relação à frente. O desnível do terreno para os fundos ameniza este problema. A intervenção que mais compromete a qualidade arquitetônica da escola é a cobertura metálica colocada no centro do edifício, escurecendo e impedindo a circulação de ar da área.

→ Figura 02: Planta de implantação atualizada da Escola Estadual República Oriental do Uruguai



↓ Figura 01: Planta do pavimento térreo das Escolas Municipais do Cajuru, do Guabiruba e de Santa Felicidade, em Curitiba



- 01 vestibulo
- 02 diretoria
- 03 sala de professores
- 04 biblioteca
- 05 palco
- 06 sala de aula
- 07 pátio
- 08 galeria

pavimento térreo
0 2 5 m



↑ Foto 01: Grupo Escolar do Cajuru - 1941

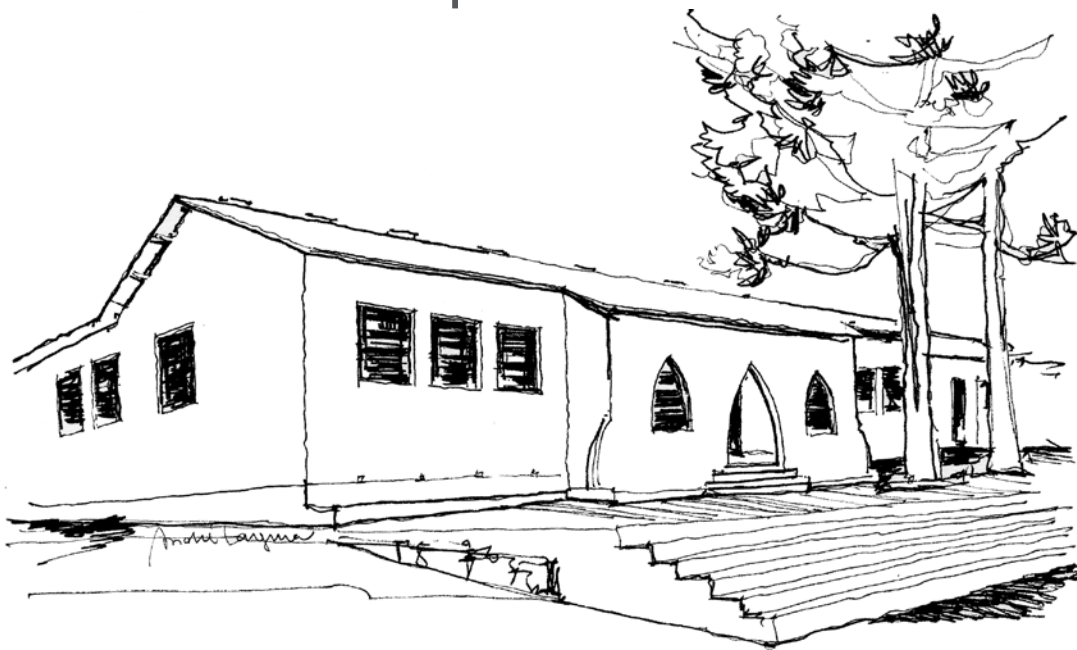
↓ Foto 02: Escola Municipal do Cajuru após ampliação - 1945



↓ Foto 03: Vista posterior do Grupo Escolar República do Uruguai após ampliação - 1945

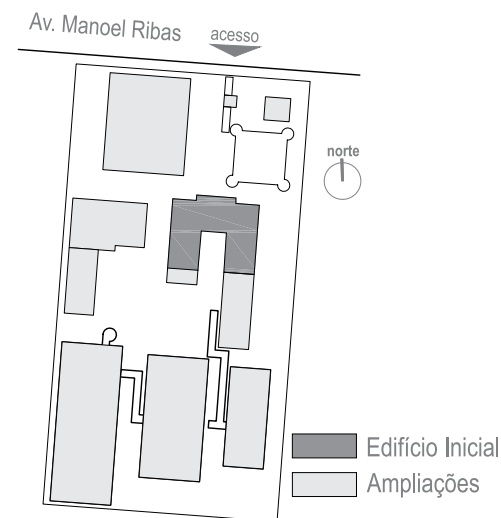


Escola Municipal de Santa Felicidade



A construção de um edifício escolar em Santa Felicidade, região habitada por colonos de origem italiana, foi iniciada em 1942 e concluída no ano seguinte a partir de uma solicitação da própria comunidade. Escola e posto de saúde foram edificados lado a lado, a primeira pela Prefeitura de Curitiba e o segundo pelo Governo do Estado. Naquele momento, só existiam os dois edifícios no local.

Em 11 de agosto de 1948, a escola foi elevada a grupo escolar, recebendo o nome de Professor Francisco Zardo. Como é esperado em região de grande crescimento populacional, a antiga escola de Santa Felicidade aumentou significativamente seu conjunto arquitetônico. Novas construções foram realizadas e o edifício inicial ampliado, como pode ser visto na Figura 01.



↑ Figura 01: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Professor Francisco Zardo

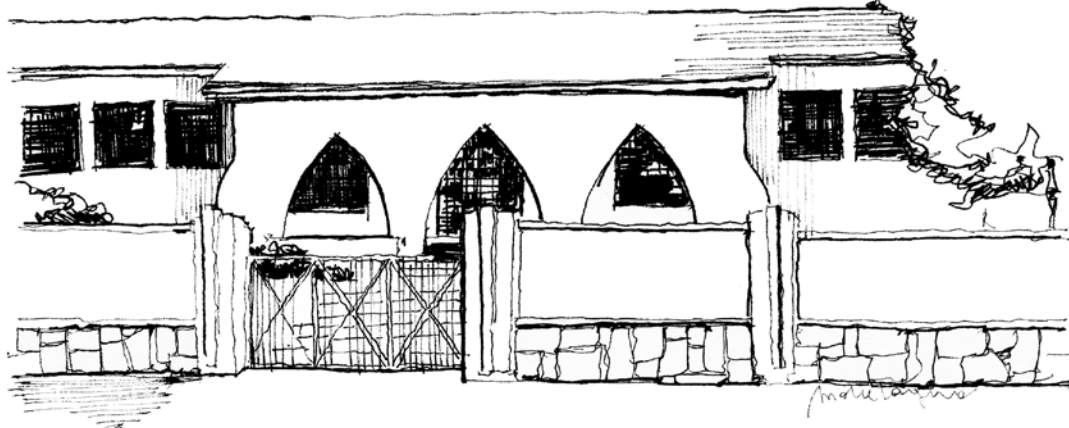
↓ Foto 01: Colégio Estadual Professor Francisco Zardo - 2008



Ficha Técnica	
Denominação Inicial	Escola Municipal de Santa Felicidade
Denominação Atual	Colégio Estadual Professor Francisco Zardo
Endereço	Av. Manoel Ribas, 7.149 – Santa Felicidade
Autor do Projeto Arquitetônico	
Data do Projeto Arquitetônico	1940/41
Data da Inauguração	1943
Edifício Original	Preservado com ampliações
Área Total Construída	442,00 m ²
Número de Pavimentos	01
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “U”

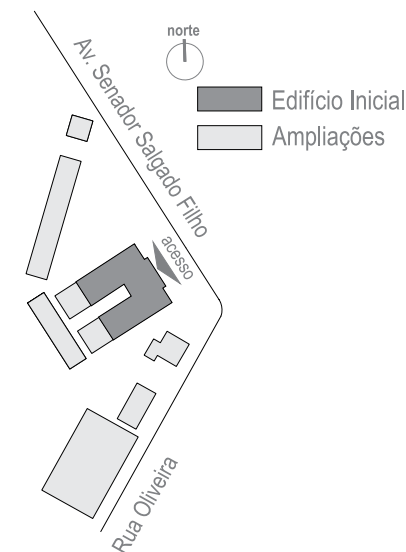


Escola Municipal do Guabirota



A Escola Municipal do Guabirota percorreu a mesma trajetória que a do Cajuru e a de Santa Felicidade: projeto e construção da Prefeitura de Curitiba, que, após a conclusão, passou o edifício para a administração estadual. A transferência do imóvel também ocorreu de forma semelhante às situações anteriores, por intermédio da Lei Municipal nº 1.184, de 5/12/1955, e a Lei Estadual nº 2.636, de 20/3/1956.

O edifício do Guabirota é o que se encontra em melhor estado de conservação. Constatou-se a ampliação das alas laterais, ficando o prédio principal com seis salas de aula. A ala central conserva a configuração original, inclusive com a presença do palco.



↑ Figura 01: Planta de implantação atualizada da Escola Estadual Professor Elysio Vianna

Ficha Técnica	
Denominação Inicial	Escola Municipal do Guabirota
Denominação Atual	Escola Estadual Professor Elysio Vianna
Endereço	Av. Senador Salgado Filho, 1.320 – Guabirota
Autor do Projeto Arquitetônico	
Data do Projeto Arquitetônico	1940/41
Data da Inauguração	1943
Edifício Original	Preservado com ampliações
Área Total Construída	442,00 m ²
Número de Pavimentos	01
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “U”

↓ Foto 01: Escola Municipal do Guabirota - 1943



Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa



Ficha Técnica

Denominação Inicial	Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa
Denominação Atual	Colégio Estadual Professor Lysimaco Ferreira da Costa
Endereço	Av. Iguaçu, 3.012 – Água Verde
Autor do Projeto Arquitetônico	Departamento de Edificações da Secretaria de Viação e Obras Públicas
Data do Projeto Arquitetônico	14/03/1944
Data da Inauguração	04/12/1946
Edifício Original	Preservado com ampliações
Área Total Construída	1.836,00 m ²
Número de Pavimentos	02
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “U”

Em setembro de 1943, iniciou-se a construção de uma nova sede para o então Grupo Escolar da Água Verde, cuja responsabilidade ficou a cargo da Construtora Caron & Velloso. A obra estendeu-se até 1946. Por intermédio do Decreto Estadual nº 2.268, de 29 de janeiro de 1946, a instituição teve sua denominação alterada para Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa, personagem importante para a educação do Paraná, falecido em 1941.

A inauguração da escola foi realizada no dia 04 de dezembro de 1946. Participaram da cerimônia diversas autoridades, entre as quais o interventor Mário Gomes da Silva.

Grupo - Escolar Lisimaco Costa

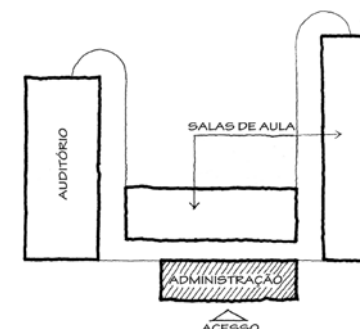
Inaugurado ontem o modelar educandário

Revestiram-se de excepcional brilhantismo as solenidades ocorridas, na manhã de ontem, da inauguração do grupo escolar “Lisimaco Costa”, localizado no Bairro do Água Verde.

Com instalações moderníssimas que obedecem aos requintes da mais adequada técnica, otimamente aparelhado, esse estabelecimento de ensino primário, de enorme valor educacional para a nossa terra; situa-se como uma casa modelar, no gênero, em todo o Estado.¹

Situado na Avenida Iguaçu, 3.012, no Bairro da Água Verde, em terreno de 5.946 m², elevado em relação ao nível da rua, o edifício do atual Colégio Estadual Professor Lysimaco Ferreira da Costa, destaca-se na paisagem urbana. Concebido e iniciado no Governo de Manuel Ribas, o Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa apresentou linhas neocoloniais. Integra um conjunto de projetos com esta opção formal, datados da primeira metade da década de 1940.²

A entrada é marcada por pequena torre que faz alusão às camarinhas dos grandes solares coloniais, assim como a presença de outros ornamentos: pedras em faixa que aludem à cantaria, óculos, sobrevergas e suportes de varanda que se assemelham aos cachorros (consolos). O programa arquitetônico deste grupo escolar ficou mais complexo.



¹ MAIS UMA CASA Modelar de Ensino. Gazeta do Povo. Curitiba, 5 de dezembro de 1946. (p. 3)

² Grupo Escolar Miguel Dias, em Joaquim Távora, Grupo Escolar Dr. Nilson Ribas, em Jaguapitã, e Grupo Escolar Professor Júlio César, em Rebouças - todas as cidades localizadas no interior do Paraná.



Além de um número maior de salas de aula e de instalações sanitárias mais frequentes no corpo do edifício, há gabinetes para médico e dentista, biblioteca, museu, auditório e almoxarifado. Embora assimétrico em sua composição, o Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa mantém a planta em “U”. O acesso principal ao prédio é feito à esquerda da torre e define-se por uma arcada que se abre para um vestíbulo. À esquerda da entrada principal, situa-se o auditório e, à direita, as salas de aula e as de apoio pedagógico e administrativo. As galerias guardam referência espacial aos claustros conventuais. Nesta ordenação espacial, não há mais a divisão em duas seções, masculina e feminina, permanece apenas uma entrada secundária para estudantes.

Outros dois edifícios escolares foram construídos com o mesmo projeto arquitetônico: o Grupo Escolar de Jaguariaíva, depois Colégio Estadual Rodrigues Alves, e o Colégio Estadual de Londrina, depois Colégio Estadual Marcelino Champagnat.

Ao longo dos anos, o Lysimaco Ferreira da Costa ampliou suas atividades. Algumas construções foram sendo incorporadas ao conjunto arquitetônico, como blocos isolados destinados a salas de aula. A escolha do local de tais edifícios deve ter sido orientada pelo espaço disponível no terreno, não parecendo haver um planejamento criterioso. O edifício principal não recebeu alterações significativas, sendo mantido o mesmo tipo de utilização de ambientes.

A denominação da instituição foi alterada várias vezes. Atualmente, é reconhecido como Colégio Estadual Professor Lysimaco Ferreira da Costa - Ensino Fundamental, Médio e Profissional. Possui capacidade para atender até 1.516 alunos em três turnos.³



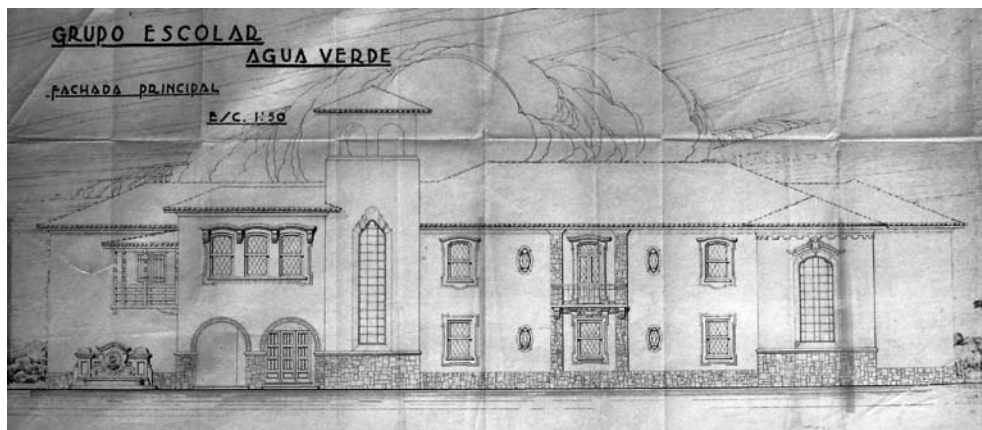
↑ Foto 01: Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa em construção - sem data

↓ Foto 02: Vista posterior do Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa em construção - sem data



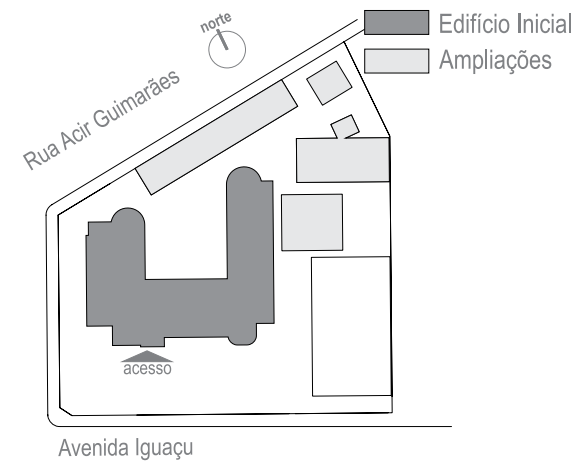
³ Uma análise mais aprofundada desta escola pode ser conferida no Capítulo 08 do livro CASTRO, Elizabeth Amorim de; IMAGUIRE, Marialba Rocha Gaspar. Ensaio sobre a Arquitetura em Curitiba - 2. Colégios e Educandários. Curitiba: Edição das Autoras, 2006.



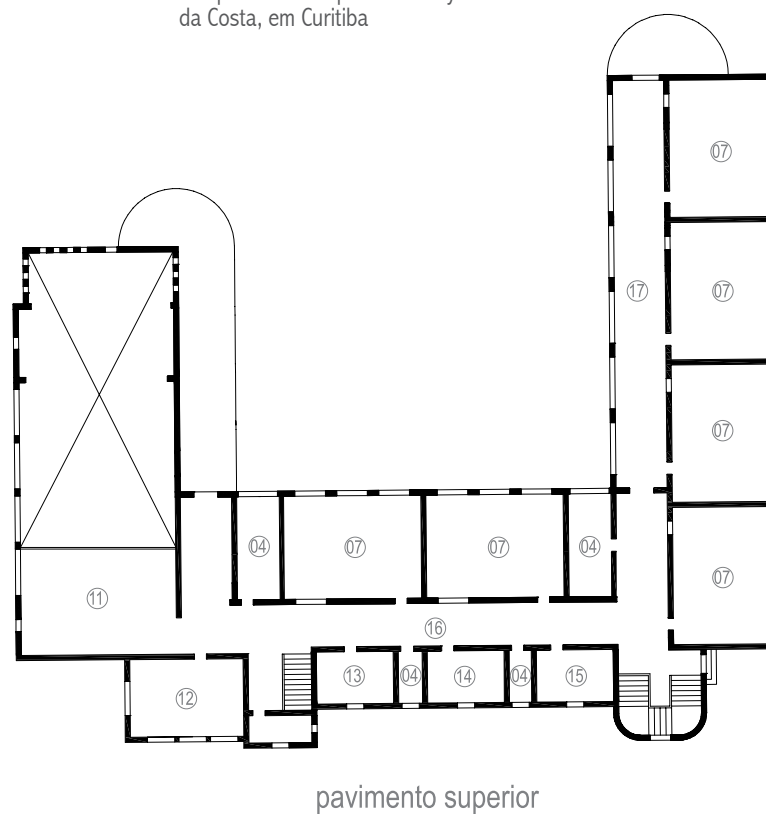
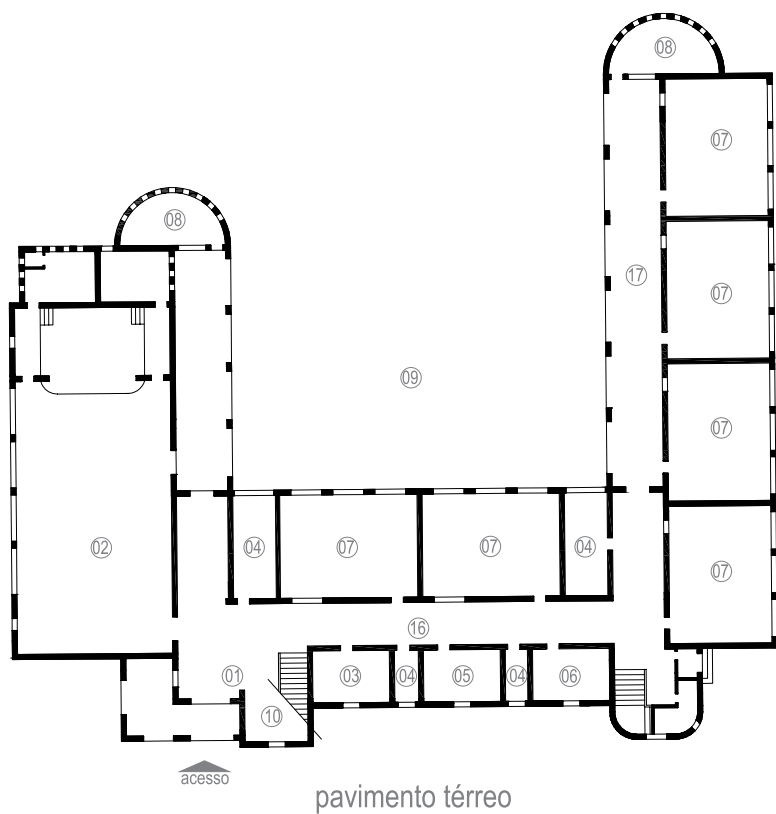


← Figura 01: Fachada principal do Grupo Escolar da Água Verde - sem data

→ Figura 03: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Lysimaco Ferreira da Costa



↓ Figura 02: Plantas dos pavimentos térreo e superior do Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa, em Curitiba



- 01 vestibulo
- 02 auditório
- 03 diretoria
- 04 instalações sanitárias
- 05 sala de professores
- 06 almoxarifado
- 07 sala de aula
- 08 cantina
- 09 pátio
- 10 portaria
- 11 balcão
- 12 biblioteca
- 13 gabinete médico
- 14 gabinete odontológico
- 15 museu
- 16 circulação
- 17 galeria

0 2 5m





→ Foto 04: Vista aérea do Colégio Estadual Professor Lysimaco Ferreira da Costa - 2004



↓ Foto 03: Colégio Estadual Professor Lysimaco Ferreira da Costa - 2005



← Foto 05: Detalhe da entrada principal - 2006

Grupo Escolar Júlia Wanderley



Ficha Técnica

Denominação Inicial	Grupo Escolar Júlia Wanderley
Denominação Atual	Colégio Estadual Júlia Wanderley
Endereço	Av. Vicente Machado, 1.643 – Batel
Autor do Projeto Arquitetônico	
Data do Projeto Arquitetônico	
Data da Inauguração	15/11/1946
Edifício Original	Preservado com ampliações
Área Total Construída	1.758,53 m ²
Número de Pavimentos	02
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “T”

O projeto arquitetônico original do Grupo Escolar Júlia Wanderley não foi encontrado, assim como não há referências desta escola nos relatórios técnicos e mensagens de governo. A única indicação encontrada está no decreto que altera o nome da escola:

Decreto nº 2.267, Dá a denominação de “Júlia Wanderley” ao grupo escolar do Bigorrrilho, de 29 de janeiro de 1946.

Art. 1º O grupo escolar recém-construído no Bigorrrilho nesta capital, passa a ter a denominação de “Júlia Wanderley”.¹

Considerando que Manoel Ribas deixou o Governo do Paraná em 3 de novembro de 1945 e que, quase três meses depois, a “recém-construída” edificação ganharia outro nome, é possível afirmar que tanto o projeto arquitetônico como o início da construção datam de seu período de interventoria. A inauguração da escola ocorreu alguns meses mais tarde, em 15 de novembro de 1946.

Quanto à arquitetura, é possível analisar dois aspectos que a aproximam e a distanciam das escolas até então construídas. A configuração espacial em “T” define duas alas: uma frontal, onde estão localizadas as salas de aula e os ambientes de apoio, e uma transversal, onde se encontra o auditório. Esta solução já tinha sido empregada em algumas escolas construídas no início do Governo de Manoel Ribas.²

A novidade está na linguagem formal adotada. Como já visto, a primeira metade da década de 1940 foi marcada por edifícios escolares de linhas neocoloniais, como exemplo, em Curitiba, o Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa. O Júlia Wanderley apresenta linhas austeras que não o permitem classificá-lo naquela corrente plástica. Na fachada principal predomina a horizontalidade de repetidos vãos, só quebrada pelo avanço de um volume que define a entrada. As linhas retas e a presença de uma sacada neste pórtico remetem a uma linguagem déco extremamente simplificada. Não há ornamentação. As linhas retas e a economia de ornamentos da fachada frontal fazem um contraponto às arcadas das galerias encontradas nos pátios internos.

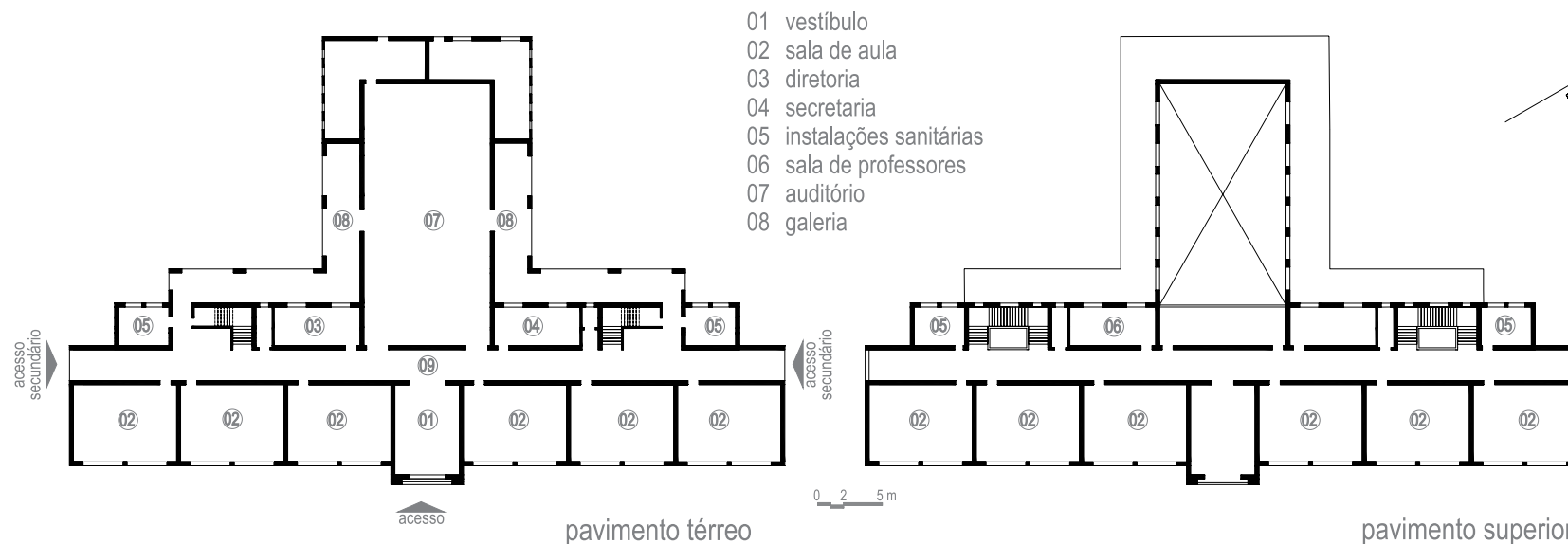
O Colégio Estadual Júlia Wanderley apresenta atualmente vários blocos de edifícios espalhados em seu amplo terreno.

¹ Decreto nº 2.267, de 29 de janeiro de 1946. PARANÁ. Diário Oficial do Estado do Paraná. Dá a denominação de “Júlia Wanderley” ao grupo escolar do Bigorrrilho. Curitiba, 4 de fevereiro de 1946. (p. 1)

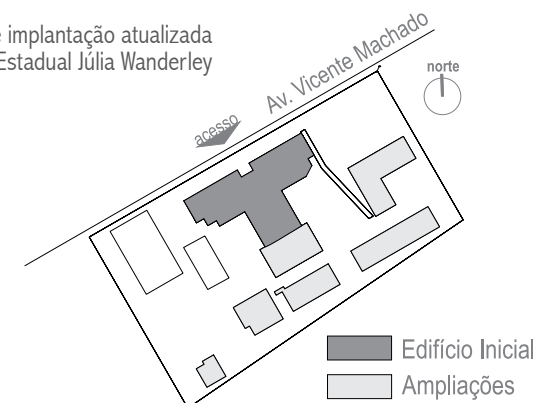
² Segunda sede do Grupo Escolar Jesuíno Marcondes, em Palmeira; segunda sede do Grupo Escolar Manoel Pedro, na Lapa, e segunda sede do Grupo Escolar Barão de Antonina, em Rio Negro.



↓ Figura 01: Plantas dos pavimentos térreo e superior do Grupo Escolar Júlia Wanderley, em Curitiba



→ Figura 02: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Júlia Wanderley



↓ Foto 02: Colégio Estadual Júlia Wanderley - 2008



← Foto 01: Rua Vicente Machado. À esquerda, o Grupo Escolar Júlia Wanderley - 1950





Período: 1945-1951



As escolas de Moysés Lupion

O período aqui estudado compreende as administrações dos interventores que sucederam Manoel Ribas e a do Governador Moysés Lupion. Entre 5 de novembro de 1945 e 6 de fevereiro de 1947, passaram pelo comando executivo do Paraná Clotário de Macedo Portugal, Brasil Pinheiro Machado e Mário Gomes da Silva que, devido a curtas permanências, não tiveram tempo de elaborar e implementar políticas na área de educação.

Moysés Lupion, em seus quase quatro anos de governo (12/3/1947 a 31/1/1951), realizou um diagnóstico da situação e elaborou um plano de ação nesta área.

No capítulo anterior, ressaltou-se a carência de escolas na rede pública de ensino primário do Paraná. Moysés Lupion, ao assumir o Governo do Estado e fazer um levantamento da situação existente, reafirmou esta questão.

Educação e Cultura

1 - O número de salas de aula, para ensino primário oficial, que encontramos, ao iniciar o nosso governo, era o seguinte:

Salas de aula em prédios do Estado 611

Salas de aula em prédios particulares 1.155

Essa simples indicação é suficiente para mostrar as nossas clamantes necessidades neste sentido.

O nosso planejamento prevê a construção, até 1950, de mais 700 salas de aulas aproximadamente. Com isso, dobramos o número atual das existentes em prédios do Estado, e ainda ficamos bastante aquém das nossas necessidades.¹

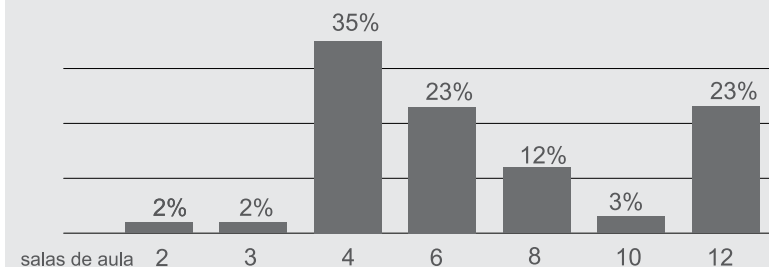
(...) clamantes exigências por um substancial aumento do número de salas de aulas, pois, por mais que tenhamos feito, as nossas escolas estão muito longe ainda de comportar os alunos que solicitam insistentemente matrícula em nossos cursos primários.²

Diante desses números, tratou o governo de construir escolas. As mensagens e relatórios oficiais registram a edificação de 60 grupos escolares nas áreas urbanas do Paraná,

1 PARANÁ. Governo. 1948. Planificação de obras para o Estado do Paraná organizada pelo Governo Moysés Lupion. Curitiba, 1948. (p. 104)

2 PARANÁ. Governo. 1948a. Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado por ocasião da Sessão Legislativa ordinária de 1948 pelo Senhor Moysés Lupion, Governador do Paraná. Curitiba, 1948. (p. 11)

Quadro 01: Grupos escolares construídos no Paraná entre 1945 e 1951

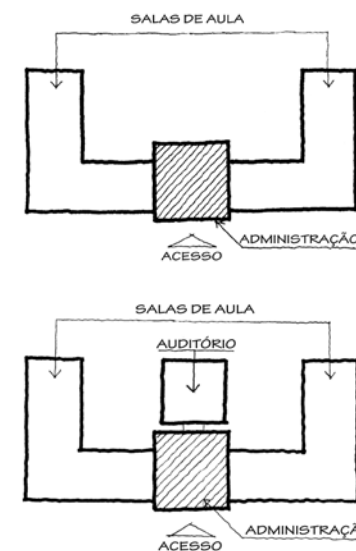


totalizando 417 salas de aula (Quadro 01). Sem dúvida, um número significativo se comparado às 36 escolas da Primeira República e às 35 do período de Manoel Ribas.

Deste conjunto, a maioria é de edifícios com quatro salas de aula (35%), situação verificada também nos períodos anteriores. No entanto, cresceu a participação de escolas de grande porte. Foram 14 grupos escolares construídos com 12 salas de aula, o que representa 23% do total.

A intensa construção de unidades escolares só foi possível com a utilização de projetos padronizados. O Governo de Moysés Lupion elaborou uma família de projetos padronizados que foram executados à exaustão em todo o Paraná. Todas as 21 escolas de quatro salas de aula construídas no período, por exemplo, são absolutamente iguais.

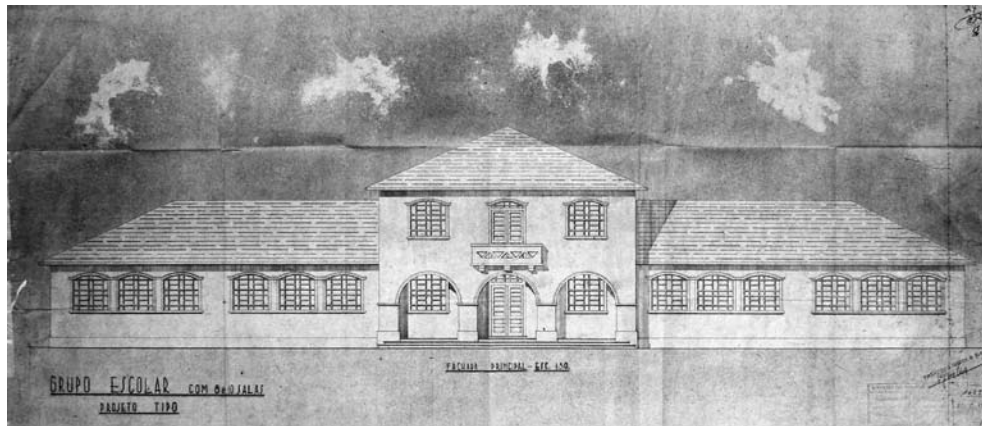
Os edifícios apresentam uma solução formal extremamente simplificada e com referências neocoloniais. Possuem uma ala central bem demarcada volumetricamente. Nela concentram-se acesso principal, vestíbulo e ambientes administrativos. Os prédios com quatro e seis salas possuem um pavimento e os demais, dois. Duas alas com formato em “L” ligam-se à principal de forma simétrica. A configuração final é o tradicional “U”. Esta solução é encontrada nas escolas com até dez salas de aula.





← Figura 01: Fachada principal do projeto-tipo de grupo escolar com quatro e seis salas

→ Foto 01: Grupo Escolar de Pitanga - sem data

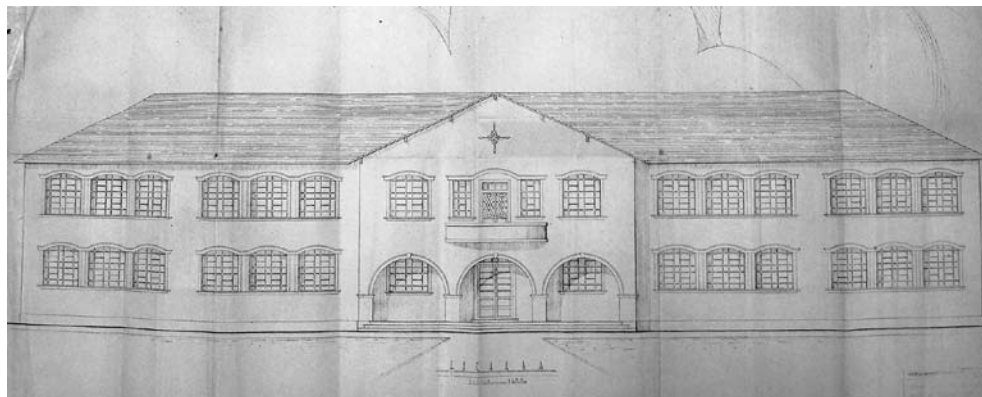


← Figura 02: Fachada principal do projeto-tipo de grupo escolar com oito e dez salas



← Foto 02: Grupo Escolar Leôncio Correia, em Curitiba - sem data

→ Foto 03: Grupo escolar de Arapongas - sem data

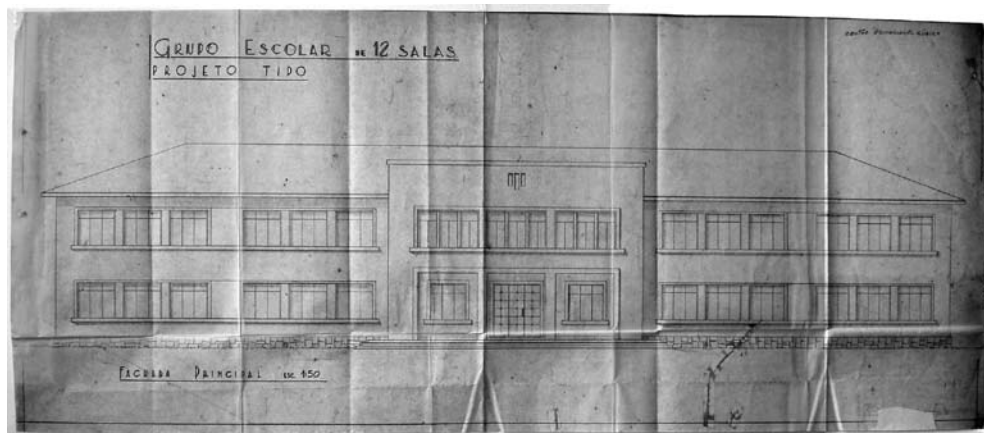


← Figura 03: Fachada principal do projeto-tipo de grupo escolar com 12 salas



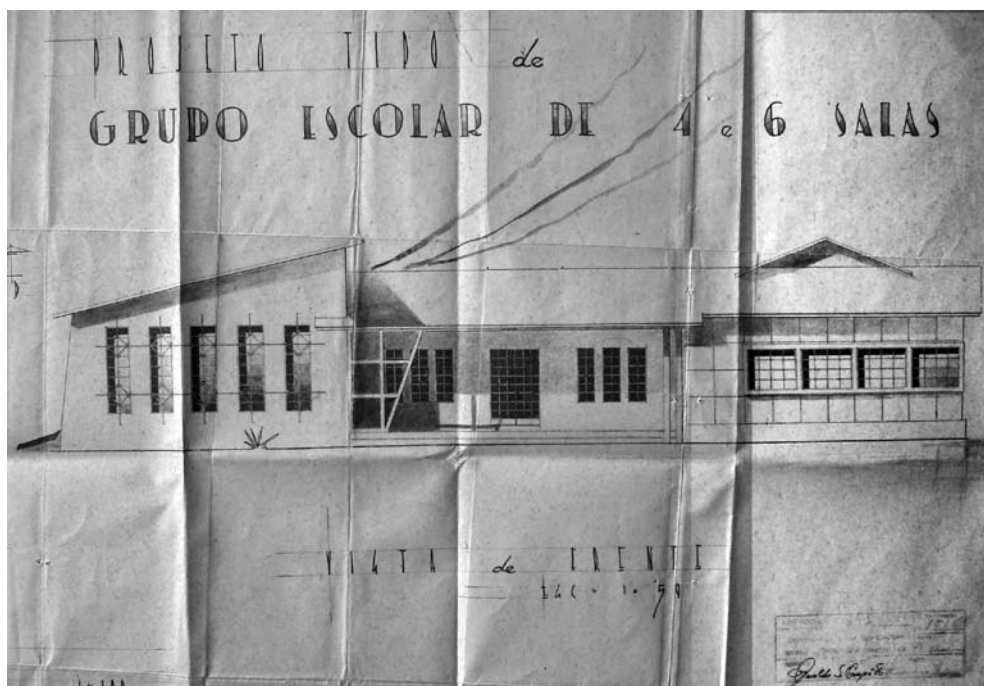
← Foto 04: Grupo Escolar do Cristo Rei, em Curitiba - sem data





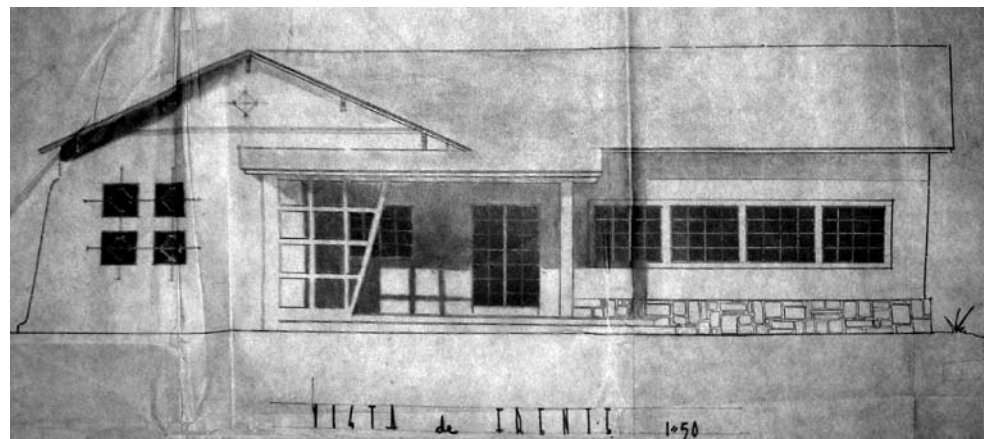
↑ Figura 04: Variante da fachada principal do projeto-tipo de grupo escolar com 12 salas

↓ Figura 05: Variante da fachada principal do projeto-tipo de grupo escolar com quatro e seis salas



↑ Foto 05: Terceira sede do Grupo Escolar Manoel Pedro, na Lapa - 2008

↓ Figura 06: Fachada principal do projeto-tipo de grupo escolar com duas salas



Em todas as unidades existem instalações sanitárias, diretoria, sala de professores, biblioteca e almoxarifado. À medida que aumenta o número das salas de aula, os ambientes administrativos e de apoio pedagógico também crescem. Nas escolas com oito salas já são encontrados museu e gabinetes médico e odontológico. Nas de 12, verifica-se a presença do auditório/ginásio. Nesta situação, a configuração assume o formato de um “E”, como pode ser verificado no esquema ao lado. As Figuras 01 a 03 mostram desenhos das fachadas principais desta família de projetos arquitetônicos.

Em 1950, as fachadas das escolas estaduais são renovadas. Apresentando a mesma ordenação espacial, surgem duas variantes nos projetos arquitetônicos. A Figura 04 apresenta a nova fachada das escolas com 12 salas de aula. As alterações são verificadas no volume do corpo central, que passa a ter platibanda reta, e nas aberturas com verga reta. As referências neocoloniais são abandonadas e o edifício recebe um tratamento geométrico. A Foto 05 mostra a terceira sede do Grupo Escolar Manoel Pedro, na Lapa, executado neste formato.

A outra renovação de fachada é encontrada para as escolas com quatro e seis salas de aula, com apenas um pavimento (Figura 05). Elas apresentam três volumes, cada qual com um tratamento diferenciado. O telhado possui águas com diferentes caimentos, resultando em variações volumétricas. A ala central está recuada. Uma coluna esbelta e um elemento vazado sustentam a cobertura da entrada. Há variação de tamanho e formato das aberturas. Nestes exemplares, há uma tentativa de alinhamento com a arquitetura modernista. No entanto, estas escolas apresentam um formato mais próximo das residências projetadas e construídas naquele momento. As salas de aula voltadas para a elevação principal possuem aberturas diferentes: à esquerda, são esbeltos retângulos, à direita, são quadrados em linha contínua. Este tratamento diferenciado para o mesmo ambiente não condiz com a racionalidade e funcionalidade próprias do movimento modernista. Da mesma forma que o alinhamento das escolas anteriormente relacionadas com a estética neocolonial é tênue e não se sustenta.

Os grupos escolares projetados e construídos no Paraná durante o Governo de Moysés Lupion apresentam, como característica, a pobreza arquitetônica, no sentido mais amplo da palavra. As escolas do período não mostram inovações técnicas, programáticas, de ordenação espacial ou estética.

A única tentativa de criar um outro padrão pode ser creditada à versão para duas salas de aula da família modernista de escolas. Aqui, o programa permanece o mesmo das escolas de Manoel Ribas com o mesmo porte (com diretoria e sala dos professores), mas as instalações sanitárias também são incluídas no edifício principal. Outra alteração é a configuração espacial que foge da simetria anterior.

No entanto, é preciso reconhecer o mérito quantitativo desta política. A rede de escolas públicas primárias aumentou de forma significativa no Estado, como pode ser visto no Mapa 01. O vazio da Região Oeste começa a ser enfrentado e os grupos escolares avançam nesta direção.

Outra ação complementar deste governo foi a construção de escolas isoladas para atender à demanda rural do ensino primário.

O primeiro fato ponderável que desejamos citar é o plano de aumento e ampliação da rede de ensino primário rural, que puzemos em execução estabelecendo um regime de acordo com os municípios, mediante o qual o Estado assumiu a responsabilidade financeira pela abertura de escolas na zona rural, pagando os professores, dotando-os de material e assistindo-as tecnicamente. No ano de 1949 pudemos abrir perto de quinhentas novas escolas na zona rural do Estado e em 1950 esperamos atingir as 1200 unidades que estão previstas no plano. Saliente-se o fato de que o total das escolas da zona rural ao assumirmos o governo não atingia em seu conjunto a 1.100 unidades.³

Em Curitiba, também se verificou um aumento expressivo de grupos escolares edificados. Foram nove escolas, implantadas em áreas afastadas do centro da cidade e que careciam deste serviço (Mapa 02). Deste grupo, quatro unidades possuem 12 salas de aula.

3 PARANÁ. Governo. 1950. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da Sessão Legislativa ordinária de 1950 pelo Senhor Moysés Lupion, Governador do Paraná. Curitiba, 1950. (p. 29-30)





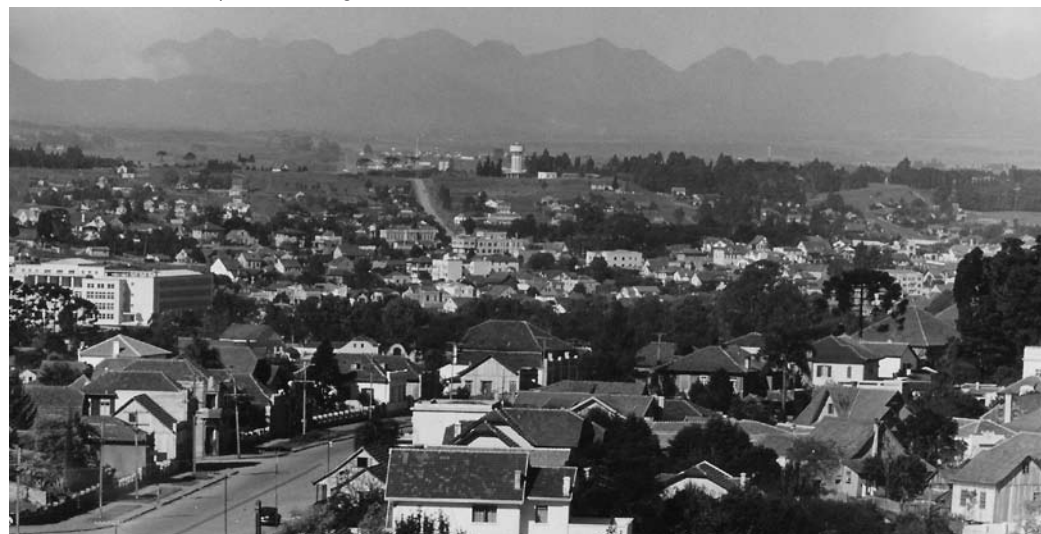
↑ Foto 06: Praça Tiradentes, em Curitiba - década de 1940

↓ Foto 08: Vista de Curitiba - década de 1940. Imagem do centro da cidade, onde se percebe a predominância de construções baixas. Ao fundo, o Bairro do Bigorrilho.

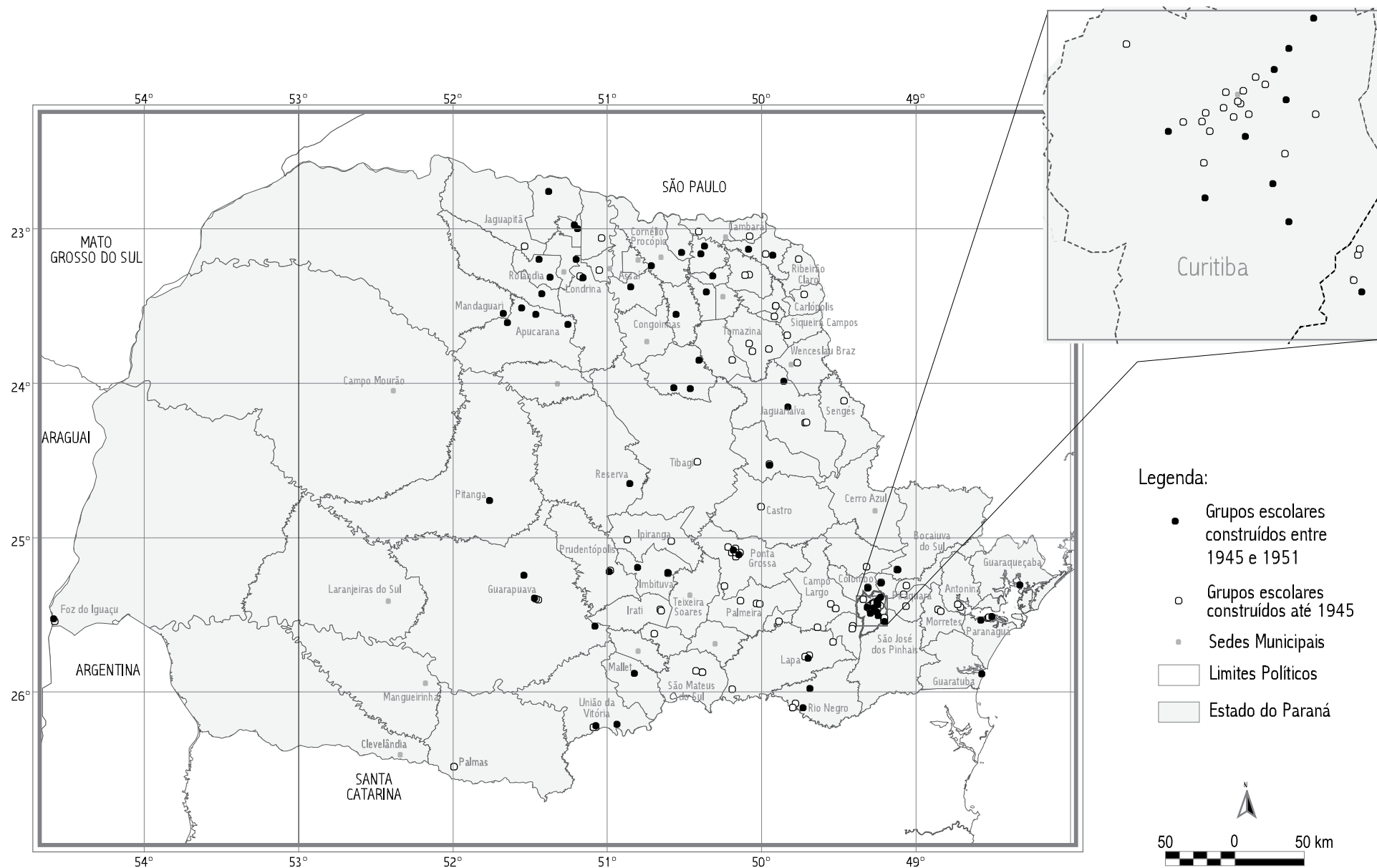


↑ Foto 07: Avenida João Pessoa, em Curitiba - década de 1940

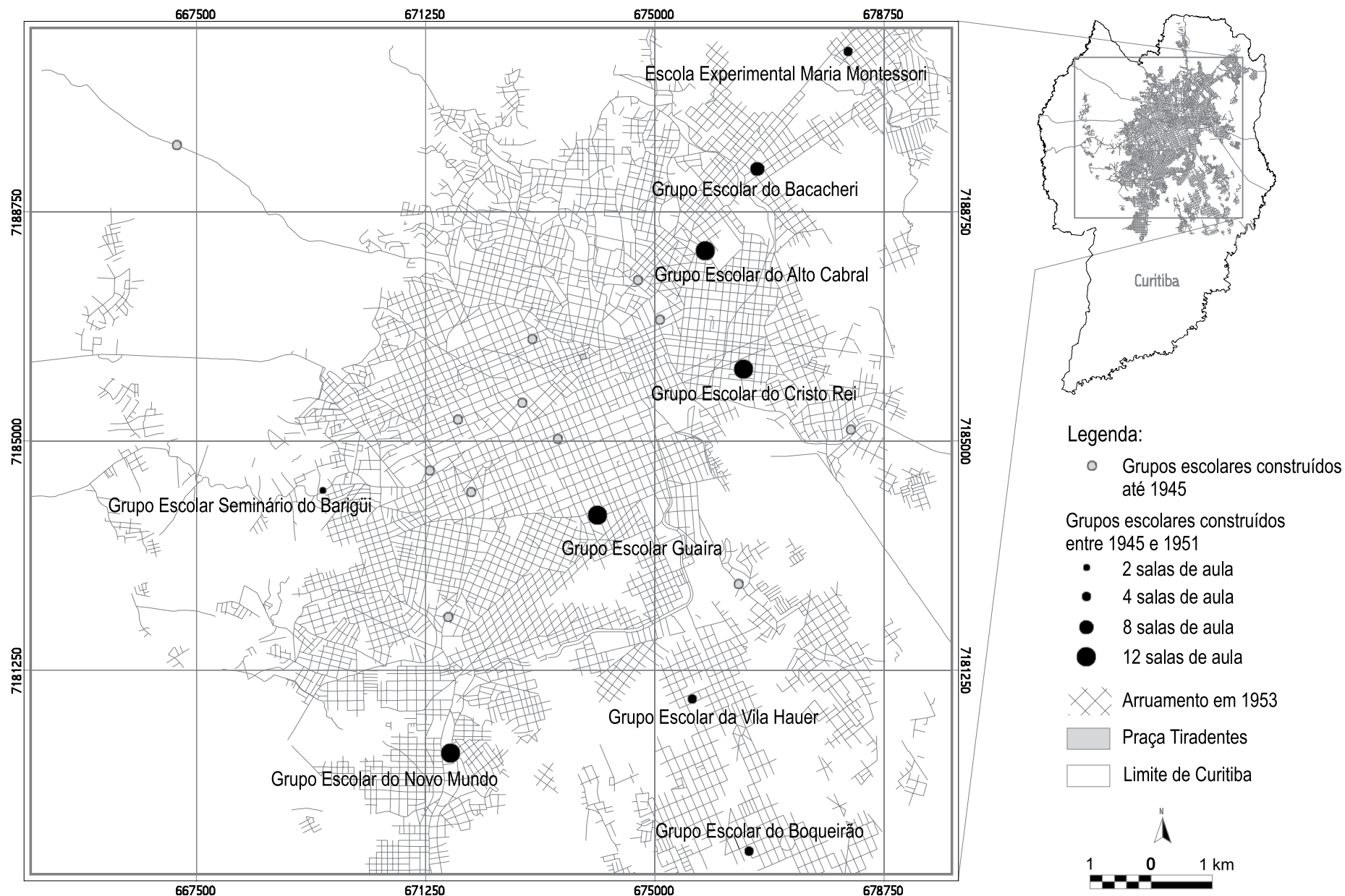
↓ Foto 09: Vista de Curitiba - década de 1940. Imagem do centro da cidade. À esquerda, o Colégio Estadual do Paraná. Ao fundo, o Bairro do Alto da XV.



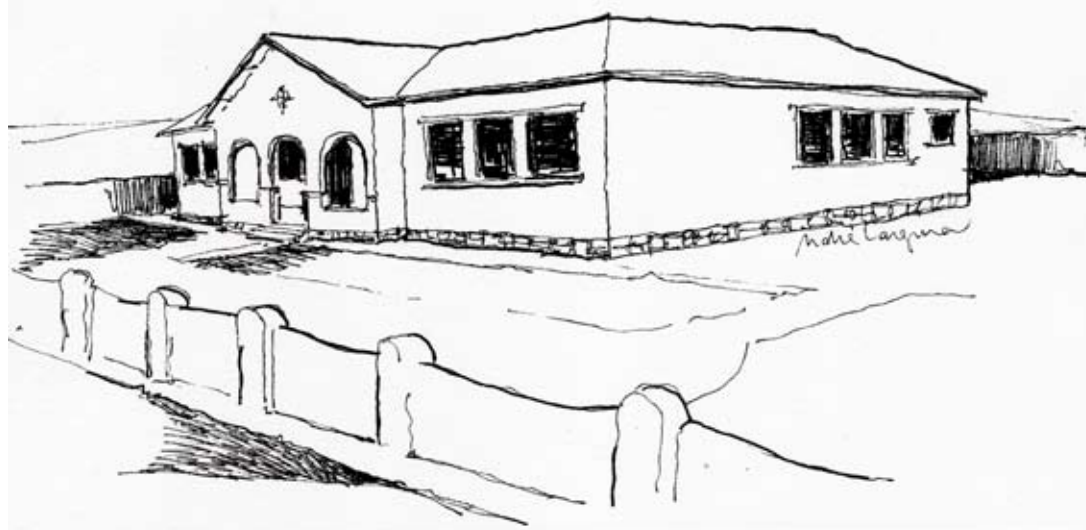
Mapa 01: Grupos escolares construídos até 1951 no Paraná



Mapa 02: Grupos escolares construídos até 1951 em Curitiba

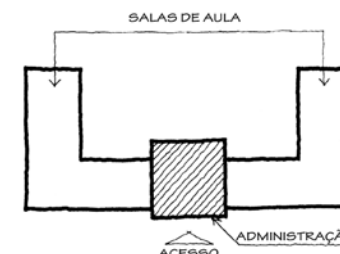


Grupo Escolar do Boqueirão



O estudo da arquiteta Ana Paula Pupo Correia destaca que a maioria das escolas da década de 1940 foi construída em regiões mais afastadas do Centro de Curitiba. O grupo escolar edificado no Bairro do Boqueirão estava circundado por chácaras quando foi inaugurado em 1950.¹

Em uma região de densidade populacional rarefeita, o edifício escolar apresentou um programa arquitetônico de apenas quatro salas de aula. Esta era a menor célula de uma família de projetos padronizados que chegava a contar com 12 salas de aula. O programa, compacto e simplificado, possuía também sala para diretoria, biblioteca e almoxarifado. Esses ambientes de apoio localizam-se na ala central, enquanto as salas de aula, nas duas laterais. O partido em “U” possibilitava ampliações futuras.



A singeleza também estava na composição plástica. Paredes lisas, janelas retas e telhados aparentes são as características desta escola, que vai destacar somente a entrada com uma pequena arcada de vãos arredondados. Este projeto foi aplicado em diversas escolas no Paraná, como relacionado no texto introdutório do período.

O contrato para a edificação do Grupo Escolar do Boqueirão foi assinado, em 7 de fevereiro de 1949, com a Construtora Leão Ribeiro S. A.² A inauguração da escola aconteceu em 1950.

A denominação “Nivaldo Braga” foi definida em 28 de novembro de 1955.³ Em 2001, a escola foi municipalizada.

Com 58 anos de funcionamento, a escola teve seu conjunto arquitetônico foi ampliado, porém, as intervenções realizadas não comprometeram a configuração formal e espacial do edifício inicial.

Ficha Técnica	
Denominação Inicial	Grupo Escolar do Boqueirão
Denominação Atual	Escola Municipal Nivaldo Braga
Endereço	Rua João Soares Barcelos, 3.400 – Boqueirão
Autor do Projeto Arquitetônico	Divisão de Projetos e Edificações da Secretaria de Viação e Obras Públicas
Data do Projeto Arquitetônico	18/04/1947
Data da Inauguração	1950
Edifício Original	Preservado com modificações internas e ampliações
Área Total Construída	410,00 m ²
Número de Pavimentos	01
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “U”

1 CORREIA, Ana Paula Pupo. História & Arquitetura Escolar: Os Prédios Escolares Públicos de Curitiba (1943-1953). Curitiba, 2004. 169 f. Dissertação (Mestrado em História e Historiografia da Educação). Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. (p. 74)

2 TERMO DE CONTRATO entre o Estado do Paraná, pela sua Secretaria de Viação e Obras Públicas, e a Construtora Leão Ribeiro S.A. para a construção de um prédio destinado ao Grupo Escolar do Boqueirão, em Curitiba, neste Estado. Diário Oficial do Estado do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 15 de fevereiro de 1949. (p. 5)

3 ESCOLA MUNICIPAL Nivaldo Braga. Síntese histórica do estabelecimento. Curitiba, sem data. Mimeo, 3f. (p. 3)





↑ Foto 01: Grupo Escolar do Boqueirão - 1950



← Foto 02: Alunas do Grupo Escolar Nivaldo Braga - sem data



← Foto 03: Escola Municipal Nivaldo Braga - 2008



↑ Figura 01: Fachada principal do projeto-tipo de grupo escolar com quatro e seis salas



↑ Figura 02: Planta do pavimento térreo do Grupo Escolar do Boqueirão e da Escola Experimental Maria Montessori, em Curitiba

→ Figura 03: Planta de implantação atualizada da Escola Municipal Nivaldo Braga



Escola Experimental Maria Montessori



Ficha Técnica

Denominação Inicial	Escola Experimental Maria Montessori
Denominação Atual	Colégio Estadual Maria Montessori
Endereço	Rua Guilherme Ihlenfeldt, 980 – Vila Tingüi
Autor do Projeto Arquitetônico	Divisão de Projetos e Edificações da Secretaria de Viação e Obras Públicas
Data do Projeto Arquitetônico	18/04/1947
Data da Inauguração	03/09/1952
Edifício Original	Preservado com modificações internas e ampliações
Área Total Construída	410,00 m ²
Número de Pavimentos	01
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “U”

Na Vila Tingüi, região periférica de Curitiba, Moysés Lupion iniciou a construção de outra escola em Curitiba, com o mesmo projeto utilizado naquela do Boqueirão. O contrato foi assinado dois meses antes do final de seu mandato¹, ficando a inauguração da escola para seu sucessor, Bento Munhoz da Rocha Netto, em 3 de setembro de 1952.

A iniciativa foi da professora Eny Caldeira, que, depois de um estágio na Europa com Maria Montessori, empenhou-se em fundar uma instituição de ensino que aplicasse o método da importante educadora. Com o apoio do governo e de uma equipe de professores da Universidade Federal do Paraná, foi escolhida a Vila Tingüi para receber a escola idealizada por Eny. A população era constituída por descendentes de colonos poloneses, alemães e italianos, com predomínio da religião católica, de famílias numerosas e de baixa renda.²

A escola foi vinculada ao Instituto de Educação do Paraná, antiga Escola Normal. No ano em que a escola de professores completava 30 anos de funcionamento, ganhou um centro de prática pedagógica. Segundo o Boletim da Secretaria da Educação:

a escola, que funciona sob a orientação do Instituto de Educação, desta Capital, constituir-se-à também num centro de prática pedagógica para as alunas deste Instituto no âmbito da escola rural, fato esse, ao que nos parece, inédito no Brasil. Esta escola primária rural vem cada vez mais se integrando na sua relevante função socializadora e, principalmente, vem se tornando centro irradiador que beneficiará a população local, conhecendo-lhe os anseios e aspirações, e dando-lhes um sentido de vida e de trabalho, procurando enfim trazer o homem ao conhecimento de si mesmo, do seu meio e das suas possibilidades como fator de produção.³

Tratada como uma escola primária rural modelo, a Maria Montessori trouxe “alegria” aos “corações daquele povo bom e trabalhador da Vila Tingüi, que via, finalmente, concretizado o seu sonho, com a inauguração do Grupo Escolar”, segundo a matéria do Jornal O Estado do Paraná.⁴

1 A assinatura do contrato aconteceu em 2 de dezembro de 1950 e Lupion deixou o governo em 31 de janeiro de 1951. TERMO DE CONTRATO entre o Estado do Paraná, pela sua Secretaria de Viação e Obras Públicas e as “Indústrias Arboris Ltda.” para a construção de um prédio destinado ao Grupo Escolar no Bairro Tingüi, em Curitiba, deste Estado. Diário Oficial do Estado do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 2 de dezembro de 1950. (p. 3)

2 COLÉGIO ESTADUAL Maria Montessori. Caracterização da Escola. Curitiba, sem data. Mimeo, 3 f. (p. 1)

3 RIBEIRO, Artur de Sá. Escola Experimental “Maria Montessori”. In PARANÁ. Secretaria de Educação e Cultura. Boletim da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná. Ano III, Número 10. Curitiba, janeiro e fevereiro de 1953. (p. 6)

4 INAUGURADA ONTEM a Escola Experimental “Maria Montessori”. O Estado do Paraná. Curitiba, 4 de setembro de 1952.



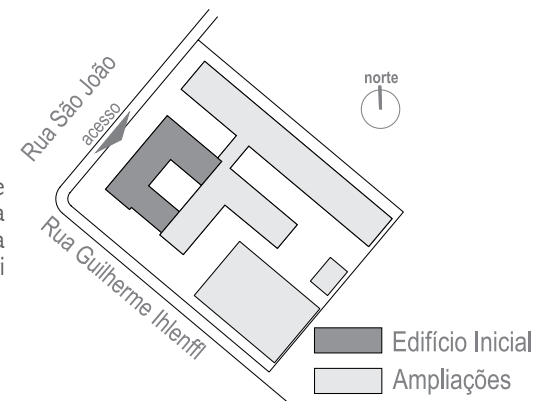


↑ Foto 01: Colégio Estadual Maria Montessori - 2008

→ Foto 05: Alunos da escola - sem data



→ Figura 01: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Maria Montessori



↓ Foto 02: Galeria de acesso às salas de aula - 1957



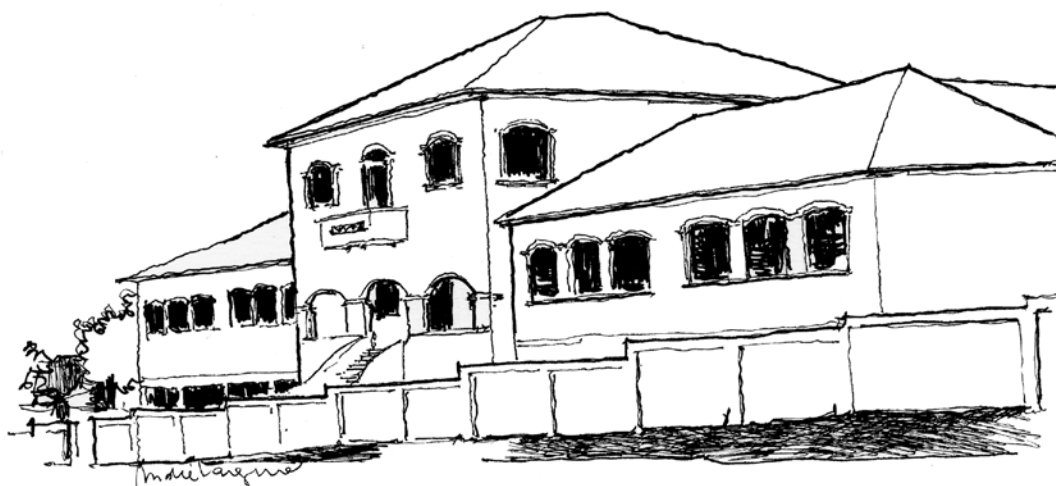
↓ Foto 03: Sala de aula - 1957



↓ Foto 04: Pátio interno - 1957



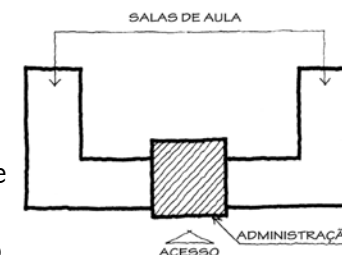
Grupo Escolar do Bacacheri



Em 31 de março de 1955, a nova sede da Escola do Bacacheri, fundada na década de 1940, foi concluída.¹ O projeto arquitetônico concebido no governo de Moysés Lupion adotou a linguagem neocolonial e a clássica configuração em “U”. Pertence à mesma família de projetos-tipo das escolas da Vila Tingüi (Grupo Escolar Maria Montessori) e do Boqueirão (Grupo Escolar Nivaldo Braga).

A padronização de projetos procura atender a diferentes demandas e à necessidade de crescimento. Nesta escola com oito salas de aula, o programa arquitetônico ficou mais complexo em relação às anteriores: contou também com biblioteca, museu e gabinete médico e odontológico.

Repete-se a configuração encontrada nas escolas do período: um corpo central com dois pavimentos concentra a entrada principal e os ambientes administrativos e de apoio pedagógico. As alas com as salas de aula, em forma de “L”, ligam-se simetricamente a este volume. Este projeto arquitetônico foi executado no Grupo Escolar Dario Velozo, hoje Colégio Estadual Dario Velozo, em Mallet.



Os elementos neocoloniais estão mais evidentes: telhados e beirais proeminentes e vãos em arco abatido emoldurados. Uma arcada define a entrada, composição reforçada por sacada centralizada situada no pavimento superior.

O Colégio Estadual Leôncio Correia é uma das maiores escolas da cidade, com mais de 6.000,00 m² de área construída. O conjunto arquitetônico cresceu desordenadamente, como pode ser visto na Figura 03. Este fato não afetou o edifício original que mantém suas configurações preservadas, mesmo considerando a ampliação da ala direita.

Ficha Técnica

Denominação Inicial	Grupo Escolar do Bacacheri
Denominação Atual	Colégio Estadual Leôncio Correia
Endereço	Rua Costa Rica, 233 – Bacacheri
Autor do Projeto Arquitetônico	Divisão de Projetos e Edificações da Secretaria de Viação e Obras Públicas
Data do Projeto Arquitetônico	23/08/1948
Data da Inauguração	
Edifício Original	Preservado com ampliações
Área Total Construída	1.069,10 m²
Número de Pavimentos	02
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “U”

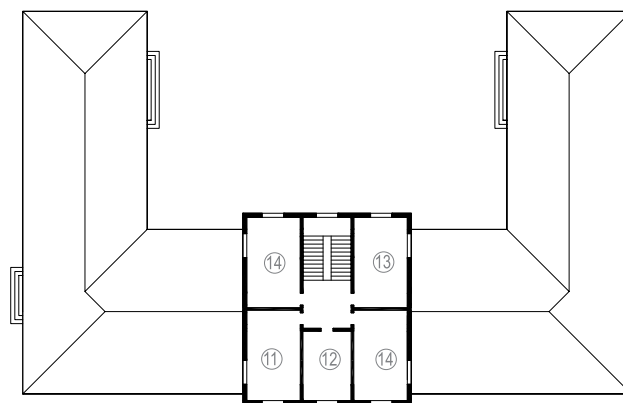
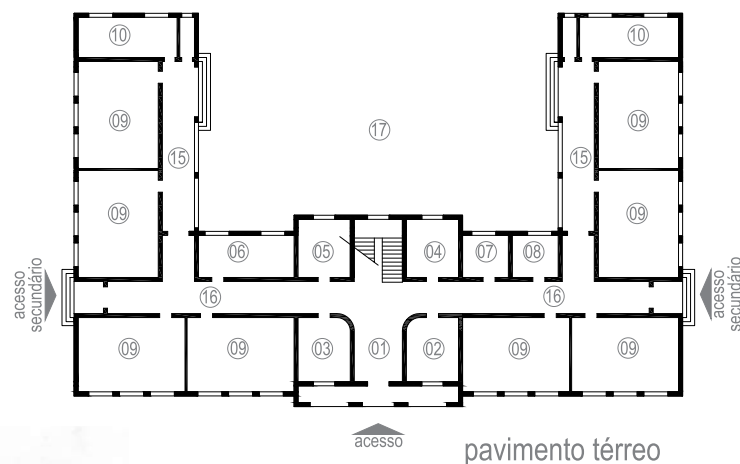
1 PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. 1955. Termo de entrega da obra Grupo Escolar do Bacacheri. Curitiba, 31 de março de 1955. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 1377.





← Figura 01: Projeto-tipo da fachada principal para grupo escolar de oito salas

→ Figura 02: Plantas dos pavimentos térreo e superior do Grupo Escolar do Bacacheri, em Curitiba



- 01 vestibulo
- 02 diretoria
- 03 secretaria
- 04 gabinete médico
- 05 sala de professores
- 06 cantina
- 07 gabinete odontológico
- 08 depósito
- 09 sala de aula
- 10 instalações sanitárias
- 11 biblioteca
- 12 museu
- 13 almoxarifado
- 14 administração
- 15 galeria
- 16 circulação
- 17 pátio

0 2 5 m

↓ Foto 01: Grupo Escolar Leônicio Correia - sem data

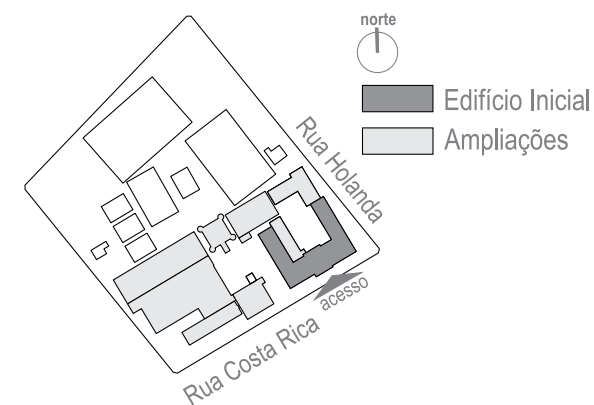


← Foto 03: Detalhe da fachada principal - sem data



↑ Foto 02: Fachada principal - 2008

↓ Figura 03: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Leônicio Correia



Grupo Escolar do Cristo Rei



O projeto do Grupo Escolar do Cristo Rei é o mais completo da família neocolonial. Mantém os ambientes administrativos e de apoio pedagógico no corpo central do edifício, as salas de aula nas alas laterais. O auditório, que também tem a função de ginásio, foi implantado no alinhamento do corpo central e logo atrás deste. Esta solução faz com que a planta configure-se em um “E”. O acesso a este ambiente pode ser feito pela frente do edifício (visitantes) ou pelas suas laterais (alunos).



O edifício inicial, concluído em 1952, mantém-se preservado, mesmo com a ampliação de seu conjunto arquitetônico para 2.262,00 m² de área construída.

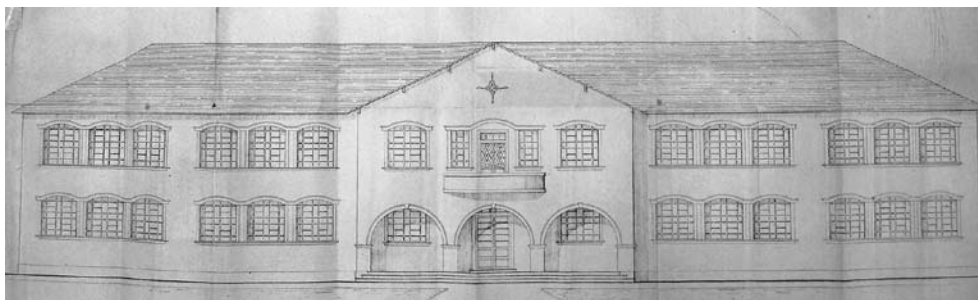
↓ Foto 01: Grupo Escolar do Cristo Rei em construção - 1950



→ Foto 02: Grupo Escolar do Cristo Rei - sem data

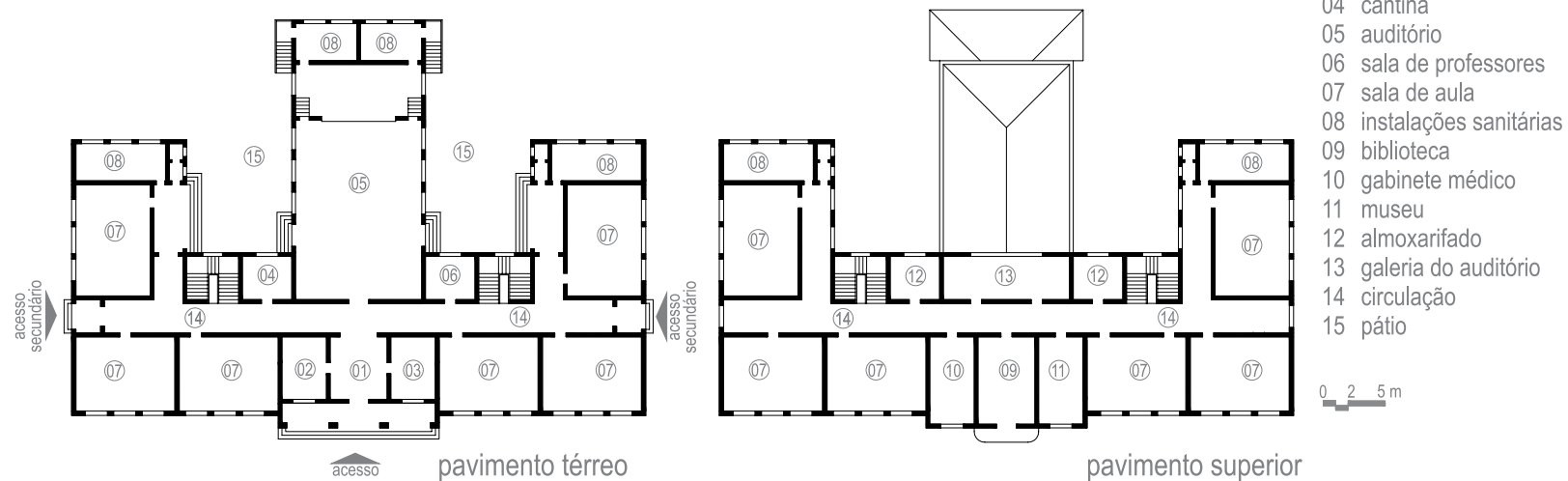
Ficha Técnica	
Denominação Inicial	Grupo Escolar do Cristo Rei
Denominação Atual	Colégio Estadual Professor Elias Abrahão
Endereço	Av. Souza Naves, 1.221 – Cristo Rei
Autor do Projeto Arquitetônico	Divisão de Projetos e Edificações da Secretaria de Viação e Obras Públicas
Data do Projeto Arquitetônico	22/09/1948
Data da Inauguração	
Edifício Original	Preservado com ampliações
Área Total Construída	1.791,00 m²
Número de Pavimentos	02
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “E”





← Figura 01: Projeto-tipo da fachada principal para grupo escolar de 12 salas

↓ Figura 02: Plantas dos pavimentos térreo e superior do Grupo Escolar do Cristo Rei, em Curitiba



→ Foto 03: Detalhe da fachada principal - 2008



↓ Figura 03: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Professor Elias Abrahão



Grupo Escolar do Alto Cabral



Ficha Técnica

Denominação Inicial	Grupo Escolar do Alto Cabral
Denominação Atual	Universidade Federal do Paraná – Campus Rua Bom Jesus
Endereço	Rua Bom Jesus, 650 – Cabral
Autor do Projeto Arquitetônico	Divisão de Projetos e Edificações da Secretaria de Viação e Obras Públicas
Data do Projeto Arquitetônico	22/09/1948
Data da Inauguração	
Edifício Original	Preservado
Área Total Construída	1.791,00 m²
Número de Pavimentos	02
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “E”

O Grupo Escolar do Alto Cabral não chegou a funcionar como escola primária. Quando concluído, em junho de 1952, foi doado pelo Governador Bento Munhoz da Rocha Netto ao Instituto de Química do Paraná, incorporado mais tarde à Universidade Federal do Paraná.¹ O edifício, com projeto arquitetônico idêntico ao do Grupo Escolar Cristo Rei, permanece abrigando atividades pedagógicas da universidade. Suas configurações formais e espaciais iniciais foram mantidas.

¹ CERTIDÃO de Doação de um prédio de 2 pavimentos do Estado do Paraná para o Instituto de Química do Paraná. Curitiba, 23 de junho de 1952. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 1034.

↓ Foto 01: Universidade Federal do Paraná – Campus Rua Bom Jesus – 2008





← Foto 02: Detalhe da fachada principal - 2008



↑ Foto 03: Edifício inicial visto do pátio interno - 2008



→ Foto 04: Vestíbulo e entrada do auditório - 2008

Grupo Escolar Guaíra



Ficha Técnica

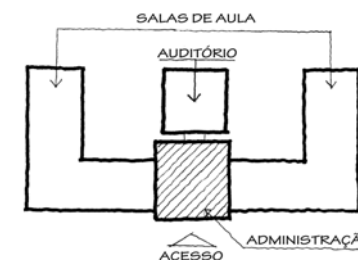
Denominação Inicial	Grupo Escolar Guaíra
Denominação Atual	Colégio Estadual Guaíra
Endereço	Rua Lamenha Lins, 1.962 – Rebouças
Autor do Projeto Arquitetônico	Divisão de Estudos e Projetos da Secretaria de Viação e Obras Públicas
Data do Projeto Arquitetônico	22/05/1950
Data da Inauguração	08/01/1954
Edifício Original	Preservado com ampliações
Área Total Construída	1.791,00 m²
Número de Pavimentos	02
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “E”

O Grupo Escolar Guaíra levou dois anos para ser construído, entre janeiro de 1952 e dezembro de 1953, durante o Governo Bento Munhoz da Rocha Netto.¹ A entrega da obra integrou os eventos de Comemoração dos 100 anos da Emancipação Política do Paraná. No entanto, a inauguração da escola foi realizada somente no ano seguinte, no dia 8 de janeiro de 1954, durante a realização da XI Conferência Nacional de Educação. Diversas autoridades compareceram, entre as quais Anísio Teixeira, então Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Foi ele o responsável pela realização da “abertura simbólica do edifício”.²

A escola iniciou suas atividades como o Centro de Demonstrações do Ensino Primário, que, segundo matéria do Jornal O Estado do Paraná, seria uma “modelar instituição de aprimoramento do magistério primário”.³

Idealizada pela professora Pórcia Guimarães Alves, da equipe da Universidade Federal do Paraná, a Escola Guaíra foi fundada no dia 13 de março de 1954. Dois anos depois a professora Pórcia instalou nas suas dependências, a primeira Clínica Psicológica do Estado, com o objetivo de melhor atender os alunos da escola. Dois anos mais tarde, em 1958, ela organizou a classe especial para os alunos com deficiência mental e que foi, também, a primeira Classe Especial a funcionar no Estado do Paraná.⁴

O projeto arquitetônico foi concebido ainda no Governo de Moysés Lupion. Sua planta é idêntica às dos Grupos Escolares do Cristo Rei e do Alto Cabral com a configuração em “E”. No entanto, a fachada foi modificada, ganhando elementos mais austeros. No avanço central foram eliminadas a arcada e as janelas com arcos abatidos, referências neocoloniais. A composição simétrica e geométrica aproxima-se da linguagem art déco.



1 TERMO DE CONTRATO entre o Estado do Paraná, pela sua Secretaria de Viação e Obras Públicas, e a firma Copara Ltda. para a construção de um prédio destinado ao Grupo Escolar na Vila Guaíra, em Curitiba, neste Estado. Diário Oficial do Estado do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 24 de janeiro de 1952 e PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. 1954 e PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. 1954. Termo de entrega da obra Grupo Escolar da Vila Guaíra. Curitiba, 12 de abril de 1954.

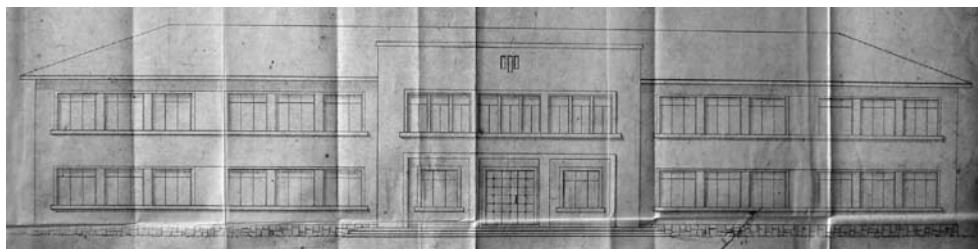
Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 492.

2 INAUGURADO O CENTRO de demonstrações do ensino primário. O Estado do Paraná. Curitiba, 9 de janeiro de 1954. (p. 3)

3 INAUGURADO O CENTRO de... 1954. (p. 3)

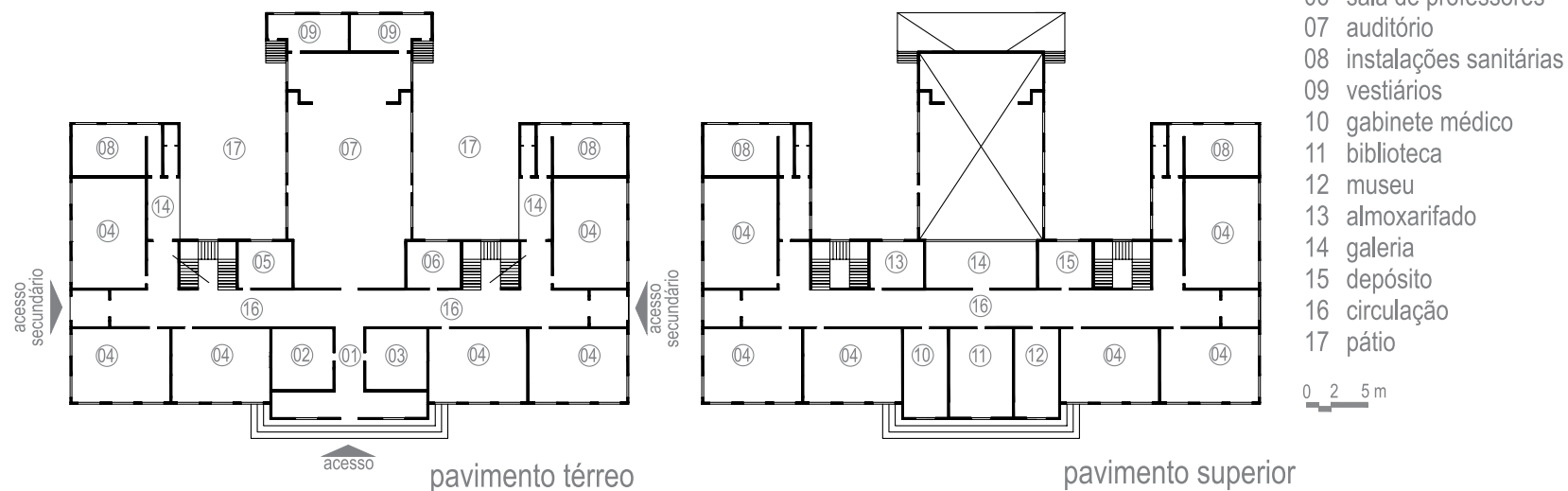
4 OS 35 ANOS da Escola Guaíra. Jornal Curitiba Hoje. Curitiba, 15 de março de 1989.





← Figura 01: Projeto-tipo da fachada principal para grupo escolar de 12 salas

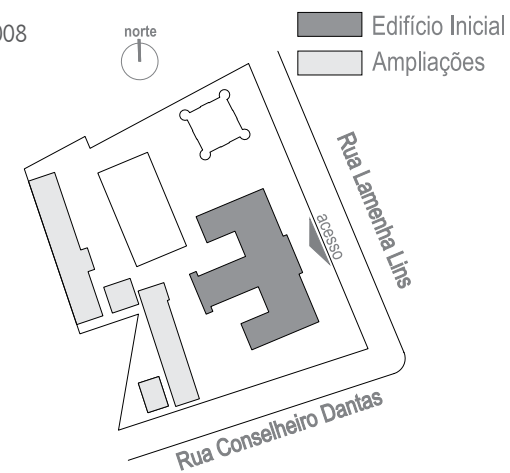
↓ Figura 02: Plantas dos pavimentos térreo e superior dos Grupos Escolares Guaíra e do Novo Mundo, em Curitiba



↓ Foto 01: Grupo Escolar Guaíra - 1954



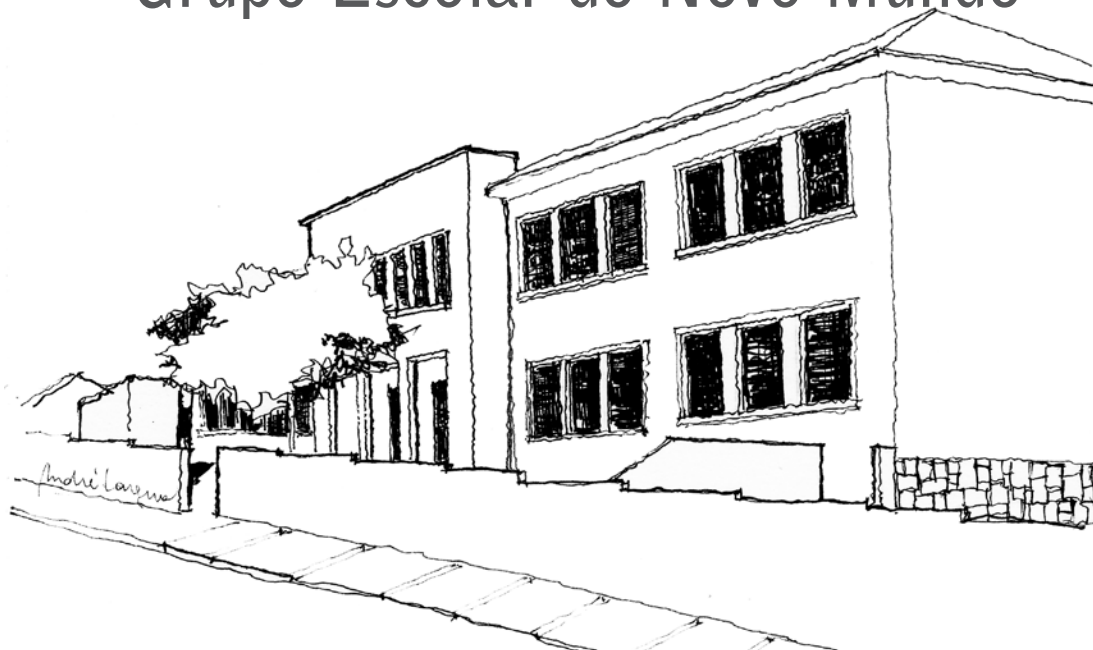
↓ Foto 02: Fachada principal do Colégio Estadual Guaíra - 2008



↑ Figura 03: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Guaíra



Grupo Escolar do Novo Mundo



Ficha Técnica

Denominação Inicial	Grupo Escolar do Novo Mundo
Denominação Atual	Colégio Estadual Dr. Francisco Azevedo Macedo
Endereço	Travessa Augusto Marach, 224 – Novo Mundo
Autor do Projeto Arquitetônico	Divisão de Estudos e Projetos da Secretaria de Viação e Obras Públicas
Data do Projeto Arquitetônico	22/05/1950
Data da Inauguração	
Edifício Original	Preservado com ampliações
Área Total Construída	1.791,00 m²
Número de Pavimentos	02
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “E”

As Escolas Reunidas Novo Mundo deram origem ao Grupo Escolar do Novo Mundo, criado pelo Decreto nº 2.297, de 3 de abril de 1946. Não há registro do local de funcionamento inicial desta escola. A nova sede foi concluída em 1953.¹

O edifício, de projeto arquitetônico idêntico ao do Colégio Estadual Guaíra, mantém suas configurações formais e espaciais inalteradas. As ampliações da área física da escola, mesmo locada em um terreno pequeno, foram realizadas em blocos independentes, como pode ser conferido na Figura 01.

¹ PARANÁ. Governo. 1955. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da 1ª Sessão Ordinária da 3ª legislatura pelo Senhor Antônio Annibelli, Governador do Paraná. Curitiba, 1955.

↓ Foto 01: Fachada principal do Colégio Estadual Dr. Francisco Azevedo Macedo - 2008



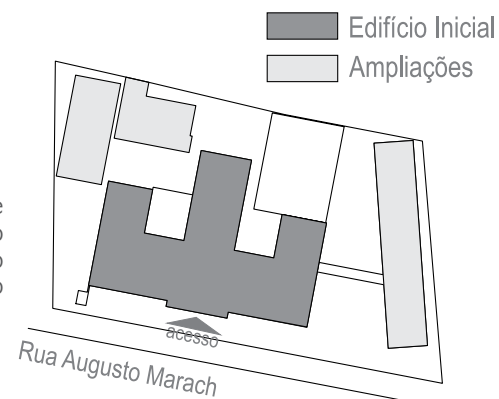


↑ Foto 02: Detalhe da entrada - 2008

↓ Foto 03: Vista posterior da ala do auditório - 2008



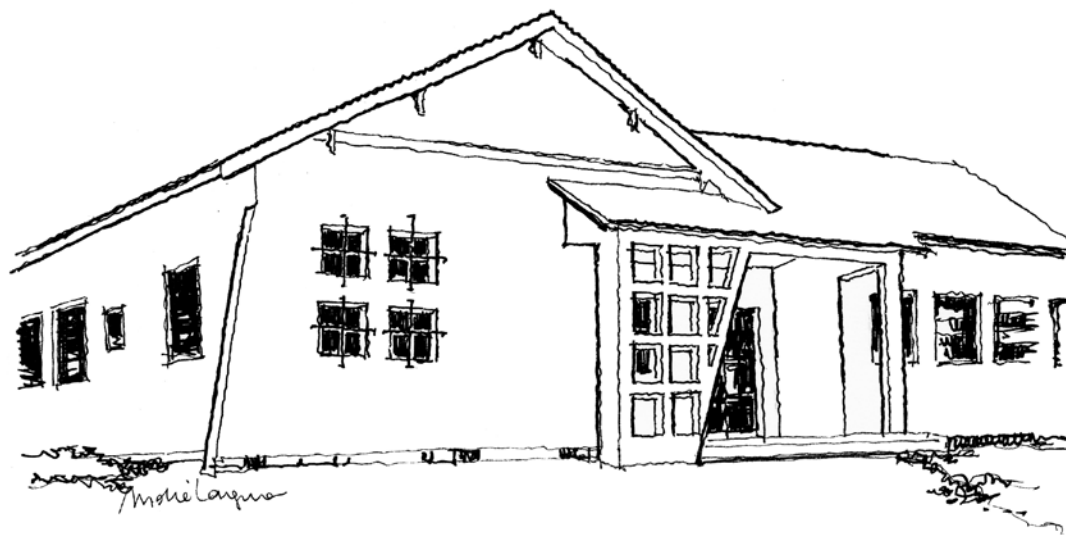
→ Figura 01: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Dr. Francisco Azevedo Macedo



→ Foto 04: Acesso lateral - 2008



Grupo Escolar Seminário do Barigüi



A escola isolada, localizada no Bairro do Seminário e nas proximidades do Rio Barigüi, ganhou uma nova sede em 3 de agosto de 1951.¹ O projeto arquitetônico, datado do final do Governo Lupion, apresenta inovações importantes. O programa arquitetônico da escola de apenas duas salas de aula incorporou salas para professores e para diretores e instalações sanitárias. A planta apresenta formato em “L” e, pela primeira vez, foge da simetria constante dos projetos anteriores (Figuras 01 e 02).

A linguagem formal é modernista, trazendo um jogo de volumes na cobertura. O acesso é marcado por uma marquise. Um esbelto pilar e um elemento vazado integram o conjunto. As aberturas têm tratamento diferenciado: para a sala de aula, uma linha contínua; para a diretoria, um quadro com quatro janelas menores.

Com o crescimento da demanda, o agora Grupo Escolar Seminário do Barigüi foi ampliado em 1960. O projeto arquitetônico, assinado por Romeu Paulo da Costa, incorporou o edifício inicial como pode ser visto na Figura 03.² A obra foi inaugurada em 7 de maio de 1962 e entregue oficialmente 13 dias depois.³

Barigui tem nova escola

Foi inaugurado, ontem de manhã, o novo grupo escolar “Arthur Ribeiro de Macedo”, no bairro do Barigüi do Seminário, com a presença do prof. Faustino Favario, representante do Governador do Estado e do secretário da Educação, e do bispo auxiliar, D. Jerônimo Mazarotto. A obra inaugurada compreende quatro salas de aula, cantina e sanitários. Foi, iniciada em agosto de 1960 e concluída em março do corrente ano, tendo custado Cr\$ 3,4 milhões.⁴

Ficha Técnica

Denominação Inicial	Grupo Escolar Seminário do Barigüi
Denominação Atual	Escola Estadual Arthur Ribeiro de Macedo
Endereço	Av. Nossa Senhora Aparecida, 1.743 – Seminário
Autor do Projeto Arquitetônico	Geraldo S. Campelo
Data do Projeto Arquitetônico	12/05/1950
Data da Inauguração	
Edifício Original	Alterado com ampliações
Área Total Construída	227,00 m²
Número de Pavimentos	01
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “L”

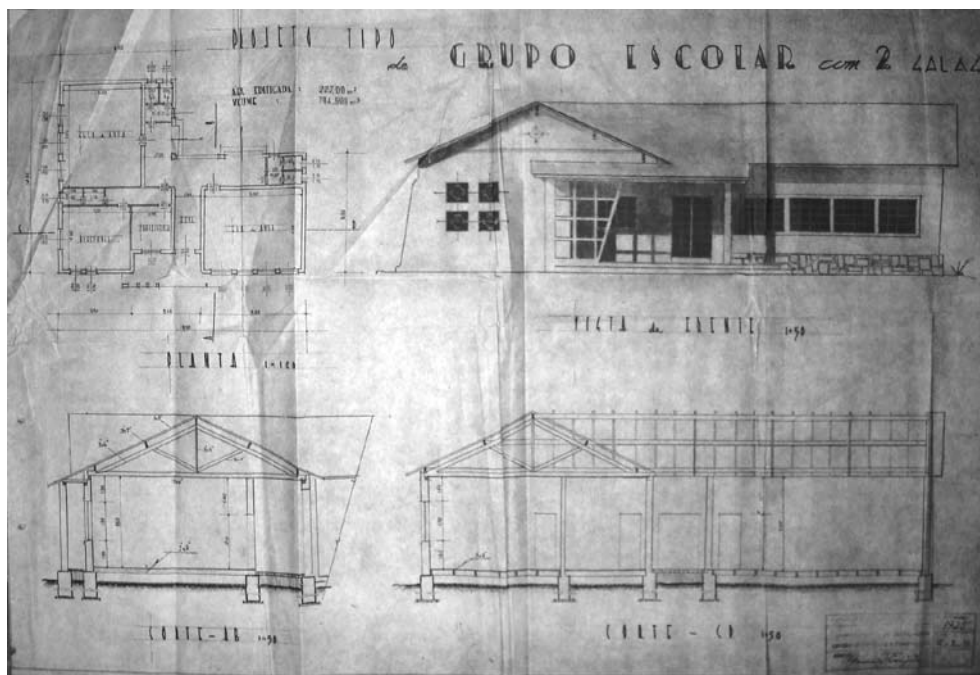
1 PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. 1951. Termo de entrega do Grupo Escolar do Seminário, com 2 salas de aula. Curitiba, 3 de agosto de 1951. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado.

2 PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. Departamento de Edificações. Divisão de Projetos. Ampliação do Grupo Escolar Arthur Ribeiro de Macedo - Barigüi do Seminário. Curitiba, 4 de novembro de 1961. Plantas do pavimento térreo e de cobertura apresentadas em uma prancha. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica, assinado por Romeu Paulo da Costa. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 639.

3 PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. 1962. Termo de entrega do Grupo Escolar do Seminário, com 6 salas de aula. Curitiba, 20 de março de 1962. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 639.

4 BARIGUI TEM NOVA ESCOLA. Diário do Paraná. Curitiba, 8 de maio de 1962.





← Figura 01: Projeto-tipo de grupo escolar com duas salas

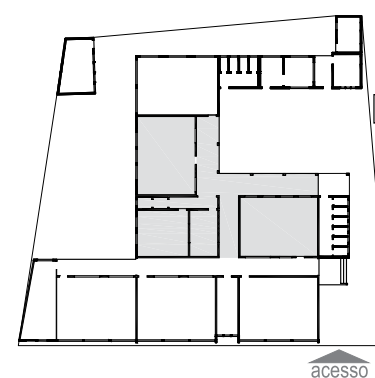


← Foto 01: Grupo Escolar do Seminário do Barigüi - 1953



↓ Foto 02: Escola Estadual Arthur Ribeiro de Macedo - 2008

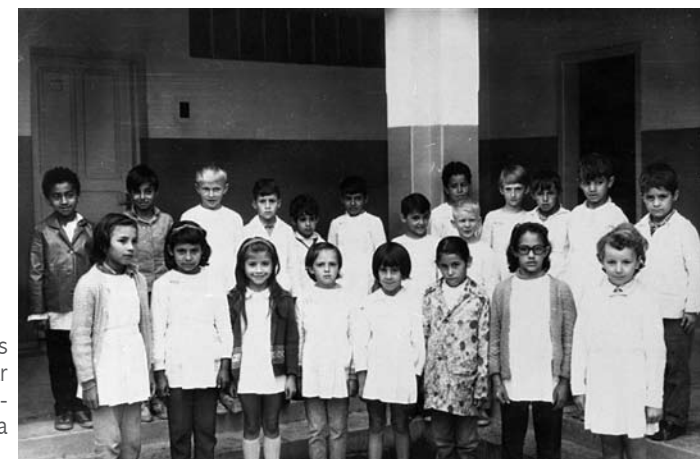
→ Figura 02: Planta do pavimento térreo do Grupo Escolar do Seminário do Barigüi, em Curitiba



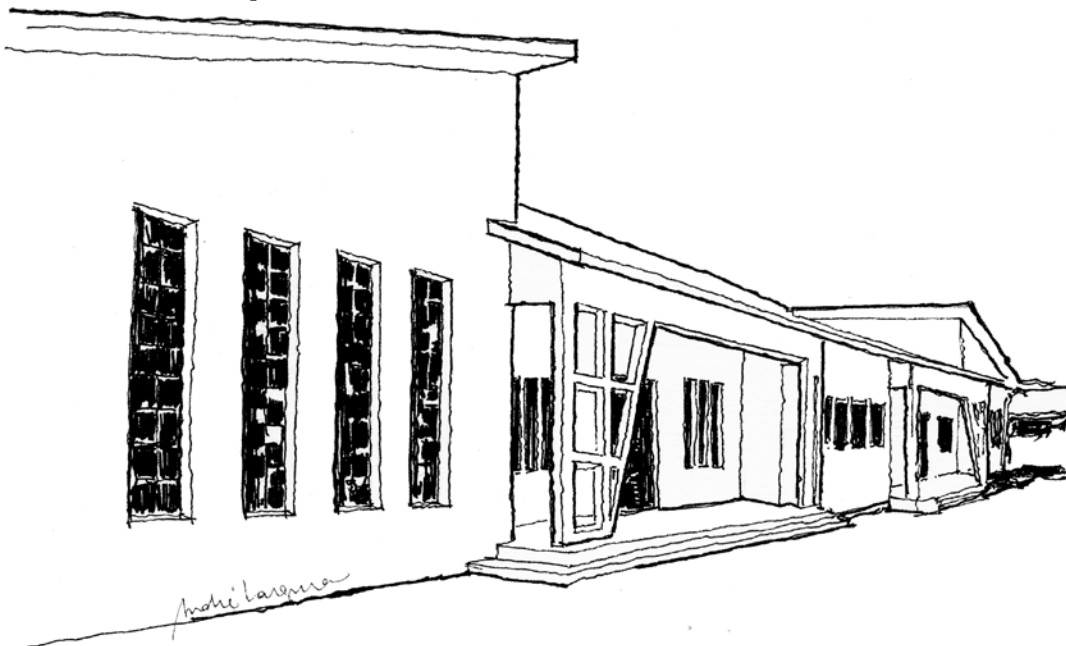
Edifício Inicial

← Figura 03: Planta de implantação atualizada e do pavimento térreo da Escola Estadual Arthur Ribeiro de Macedo

→ Foto 03: Alunos do Grupo Escolar do Seminário do Barigüi - sem data



Grupo Escolar da Vila Hauer



Ficha Técnica

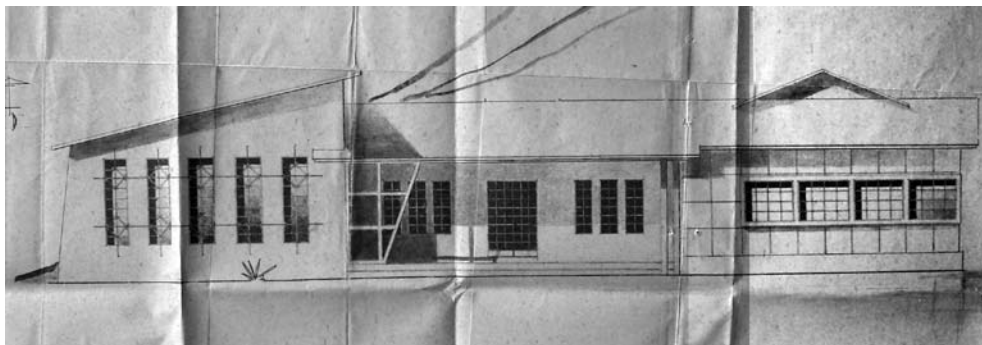
Denominação Inicial	Grupo Escolar da Vila Hauer
Denominação Atual	Colégio Estadual Segismundo Falarz
Endereço	Rua Isaías Regis de Miranda, 848 – Vila Hauer
Autor do Projeto Arquitetônico	Geraldo S. Campelo
Data do Projeto Arquitetônico	1950
Data da Inauguração	
Edifício Original	Alterado com ampliações
Área Total Construída	410,00 m²
Número de Pavimentos	01
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “U”

O projeto arquitetônico da Escola do Barigüi do Seminário fez parte de uma família de projetos padronizados, com opções para edifícios com duas, quatro e seis salas de aula. O Grupo Escolar da Vila Hauer, com quatro salas de aula, integra esta série, apresentando o mesmo padrão formal da escola anterior: jogo com diferentes volumes na cobertura, diferenciação de vãos, avanço marcando o acesso. No entanto, ao analisar a configuração espacial, percebem-se grandes diferenças. É a mesma planta encontrada nos projetos anteriores do governo Lupion. O “L” deu lugar ao tradicional “U”, simétrico, com a ala central abrigando os ambientes de apoio, as laterais e as salas de aula, ou seja, a fachada de orientação modernista esconde uma configuração tradicional.

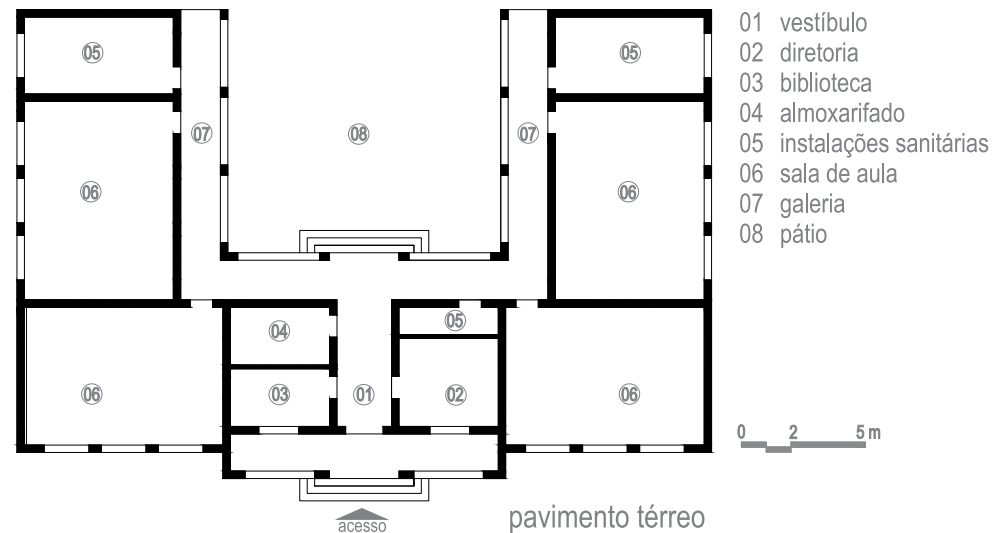
A escola foi inaugurada na gestão de Bento Munhoz da Rocha Netto durante as comemorações do Centenário do Paraná. A ampliação da escola transformou o “U” inicial em um “E” (Figura 03), rebatendo os elementos formais.

↓ Foto 01: Colégio Estadual Segismundo Falarz - 2008





↑ Figura 01: Projeto-tipo de grupo escolar com quatro e seis salas



↑ Figura 02: Planta do pavimento térreo do Grupo Escolar da Vila Hauer, em Curitiba



← Figura 03: Planta esquemática da ampliação do edifício inicial

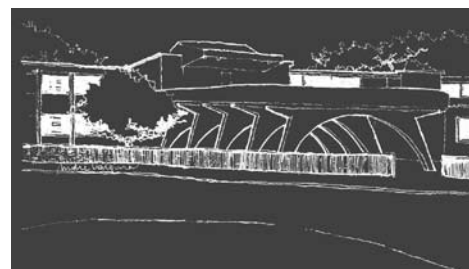
Edifício Inicial
Ampliação

↓ Foto 03: Pátio interno - 2008



← Foto 02: Detalhe da fachada principal - 2008





Período: 1951-1955



As escolas de Bento Munhoz da Rocha Netto

As escolas do Governo de Bento Munhoz da Rocha Netto foram projetadas sob a luz de um novo contexto e paradigma. A Arquitetura Modernista Brasileira encontrava-se em uma fase de amadurecimento. Um modo diferente de pensar e projetar já havia se consolidado. Uma estética comprometida com seu tempo, refutando o repertório do passado e trazendo os cinco elementos da nova arquitetura: pilotis, terraço-jardim, janelas horizontais e planta e fachada livre.

Grandes obras modernistas faziam parte do cenário brasileiro. O marco desta nova arquitetura foi a sede do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro, elaborada pelos arquitetos Lúcio Costa, Affonso Reidy, Jorge Moreira, Carlos Leão, Ernani Vasconcellos e Oscar Niemeyer, com colaboração de Le Corbusier, construída entre 1936 e 1943.

Na arquitetura escolar, o Modernismo foi incorporado juntamente com as concepções de Anísio Teixeira, educador e filósofo, que via a escola como veículo de reforma social. Para isso, ela deveria “colocar a criança como o centro do processo de ensino-aprendizagem e, mais ainda, educá-la para viver num mundo em constante transformação”.¹

Como a escola visa formar o homem para o modo de vida democrático, toda ela deve procurar, desde o início, mostrar que o indivíduo, em si e por si, é somente necessidades e impotências; que só existe em função dos outros e por causa dos outros; que a sua ação é sempre uma trans-ação com as coisas e pessoas e que saber é um conjunto de conceitos e operações destinados a atender àquelas necessidades, pela manipulação acertada e adequada das coisas e pela cooperação com os outros no trabalho que, hoje é sempre de grupo, cada um dependendo de todos e todos dependendo de cada um.²

Estes conceitos da Escola Nova, estabelecidos na década de 1930, orientaram o projeto de várias escolas, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. No entanto, a consolidação da Arquitetura Modernista e a realização do Convênio Escolar em São Paulo, na década de 1950, contribuíram para um novo formato para o edifício escolar.

1 BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. Arquitetura e Educação: Organização do Espaço e Propostas Pedagógicas dos Grupos Escolares Paulistas, 1893/1971. São Carlos: Brasília: EdUFSCar; INEP, 2002. (p. 65)

2 TEIXEIRA, Anísio. O processo democrático de educação. In Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Volume 25, nº 62. Rio de Janeiro, abril e junho de 1956. (p. 10)

O Convênio Escolar foi um acordo firmado entre o Governo do Estado e a Prefeitura da Capital, em 1949. Nele, o município se encarregaria da construção de edifícios escolares na cidade, enquanto que o estado ficaria responsável pela sua administração. As escolas resultantes foram projetadas por profissionais alinhados com o movimento modernista. Segundo o arquiteto Hugo Segawa, neste momento

introduzia-se, então, em São Paulo, a arquitetura moderna de inspiração carioca em obras oficiais, sob o traço de arquitetos formados no Rio de Janeiro (Hélio Duarte, Eduardo Corona, Roberto Tibau) com toda a morfologia caracterizadora: volumes geométricos simples predominantemente horizontais com coberturas inclinadas e/ou em “asas de borboleta”, estruturas em arcos, pilotis, quebra-sóis, rampas, fluidez de espaços, integrando com a natureza (o “verde”), etc.³

A produção arquitetônica resultante do referido convênio gerou um estudo profundo dos ambientes escolares e das atividades que poderiam ali ser desenvolvidas.

A nós arquitetos e engenheiros, ocorreu-nos perguntar? - Para que espécie de ensino deveriam ser feitos os grupos? Quais os rumos da Educação? Qual o meio subjetivo adequado a uma melhor integração da psíquica infantil? Qual o ambiente físico mais propício? Essas nossas perguntas ficaram sem respostas. Procuramos, então, contornar o problema imaginando um novo tipo de grupo que mais se aproximasse da mentalidade infantil. (...)

Pouco a pouco, mas seguramente, chegou a Comissão às seguintes resoluções parciais.

a) A característica primordial, arquitetônica, de um grupo escolar deve estar subordinada em primeiro lugar à criança.

É para a criança que se faz um grupo e não para os professores - como se faz um hospital para os doentes e não para os médicos. “Tudo o que é bom para o professor é mau para o aluno e vice-versa” assim se expressava o imortal criador de Iasnaia - Poliana. (...)

b) O problema a resolver, no momento, é o de ordem quantitativa. O grupo deverá ter tudo quanto necessita, mas será planejado de forma absolutamente econômica.

A qualidade virá como consequência da experiência adquirida.⁴

Uma escola na escala da criança, essa era a proposta da Comissão do Convênio Escolar. Uma escola que não é mais monumental e passa a se integrar com a paisagem e com seus usuários. No entanto, o Convênio Escolar foi criado para resolver o déficit de salas de aula dentro dos limites financeiros existentes. A qualidade deveria estar aliada à quantidade.

3 SEGAWA, Hugo. Arquiteturas escolares. In Projeto. Revista Brasileira de Arquitetura, Planejamento, Desenho Industrial e Construção. Nº 87. São Paulo: maio de 1986. (p. 65)

4 DUARTE, Hélio. O problema Escolar e a arquitetura. In Revista Habitat - revista das artes no Brasil. Nº 4. São Paulo: Habitat, set-dez de 1951. (p. 4)



Por isso, também há referências a padronizações de materiais e mobiliário, assim como, à possibilidade de ampliações futuras, partindo-se de um núcleo inicial que se expande de acordo com a necessidade.

Inicialmente, na sua condição mais primária, a escola mínima se assemelha a uma ameba. É um ser unicelular. Pode ser representada por, apenas, uma sala de aula. Seu crescimento corre paralelo à satisfação das necessidades baseadas no aumento da densidade infantil e, assim, vai o organismo, em processo evolutivo, tramando uma rede de tecidos e se diferenciando em funções especializadas, até que, atingindo o ápice do processo, estacione. (...)

O prédio não deve utilizar o terreno, antes ser com ele homogêneo, adaptar-se-lhe, ser como coisa “posta” e não “imposta”. Para a programação de um grupo de 12 salas de aulas estabelecemos as seguintes funções concatenadas:

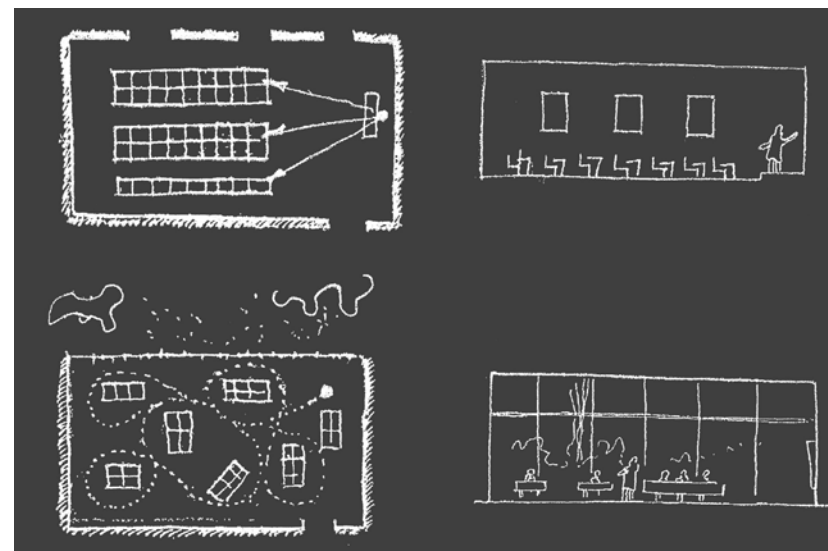
- ensino
- recreação
- administração (incluindo o setor assistencial).⁵

No setor de ensino, além das salas de aula, consta o museu escolar e a biblioteca. Na recreação, o recreio coberto e o auditório. Na administração, além dos ambientes afins, as salas para a assistência escolar (médica, dentária, social e nutricional). Não há novidades no programa arquitetônico apresentado.

Se a relação de ambientes não foi alterada, o entendimento das funções e atividades de cada um sim. A sala de aula passou a ser considerada “um sistema social e, portanto, um grupo de indivíduos trabalhando juntos, dentro de um sistema”.⁶ Não seria mais composta de fileiras de carteiras dispostas uniformemente e voltadas para o tablado do professor e o quadro negro. Não mais uma “sala estática, parada” e sim “dinâmica”, cujo “ponto focal é o trabalho de equipe”, como compara Hélio Duarte nos desenhos apresentados na Figura 01. Nas plantas, o arquiteto indicou a disposição do mobiliário. Nos cortes, comparou um ambiente com apenas três aberturas e outro com um pano de vidro que toma conta de toda a parede, permitindo que o verde entre no ambiente. Ficam nítidas as diferenças entre as duas salas de aula.

Outro exemplo:

O museu foi colocado à entrada, é peça de passagem obrigatória, não mais uma sala fechada, cheirando a mofo e morta, mas uma exposição viva, onde a criança deverá



↑ Figura 01: Comparação entre dois tipos de salas de aula, sendo a primeira de tipo tradicional e a segunda evidenciando a pedagogia ativa

ter a faculdade de ver, pegar, sentir enfim o que mais lhe interessar.⁷

Além da utilização distinta de cada ambiente, o edifício escolar modernista contou com novas possibilidades formais trazidas pelo aprimoramento das técnicas construtivas.

O concreto armado já estava sendo utilizado rotineiramente naquele momento. Como elemento estrutural, permitiu maior espaçamento entre pilares e a liberação do pavimento térreo. A primeira característica aumentou as dimensões das janelas, formando longas faixas horizontais nas fachadas ou ainda grandes panos de vidro com esquadrias de ferro. A segunda possibilitou a criação de áreas cobertas sustentadas por pilotis e destinadas à recreação. O recreio coberto foi incorporado ao conjunto arquitetônico da escola, deixando de ser um anexo colocado no fundo do terreno.

A melhoria das técnicas de impermeabilização fez com que o piso do edifício pudesse encostar no terreno, eliminando o recurso do porão alto para isolamento da unidade do solo. Desta forma, o nível do piso da escola coincide com o externo, incorporando os jardins ao edifício. Há uma continuidade entre o externo e o interno. Esta técnica construtiva reduz a altura do edifício e, conseqüentemente, diminui a monumentalidade.

5 DUARTE, H. O problema Escolar... 1951. (p. 5)

6 MARTINS, Joel. Planejamento e organização da sala de aula. In Revista Acrópole. Nº 210. São Paulo: Acrópole, abril de 1956. (p. 26)

7 DUARTE, H. O problema Escolar... 1951. (p. 5)



Trata-se de um momento importante de disseminação de técnicas e inovações que difundem uma nova linguagem arquitetônica. Elementos construtivos ganham destaque e tornam-se marcantes: os grandes caixilhos de ferro, ocupando quase todo o pé-direito, a ventilação cruzada feita através de tubos incrustados na alvenaria, os elementos vazados cerâmicos identificados como Janelcret, as lajes de forro, o piso em cerâmica vermelha, as portas de madeira, as pérgulas, as marquises, os esbeltos pilares em “V”, a telha de fibrocimento, os volumes em forma de “asa de borboleta” e o recreio coberto em arco pré-moldado de concreto.⁸

Outra inovação constatada tem relação com o partido arquitetônico e a conseqüente ordenação espacial. A escola passou a ser concebida como blocos independentes com funções e tratamento formal próprios, implantados de forma paralela ou ortogonal e interligados entre si. Desta forma, a ordenação espacial perde a rigidez e a simetria das configurações tradicionais, vistas nas escolas anteriores.

O edifício escolar modernista tornou-se mais fluido, “posto” e não “imposto” no terreno, belo para o “passante” e para o “vivente”, com a valorização e enriquecimento dos espaços internos.⁹

Bento Munhoz da Rocha Netto foi um entusiasta da Arquitetura Modernista. Sua administração introduziu, de forma pioneira, esta linguagem nas obras públicas, com grande destaque para a construção do Centro Cívico de Curitiba, obra de vulto iniciada no começo da década de 1950 para a comemoração do Centenário da Independência do Paraná (Foto 01).

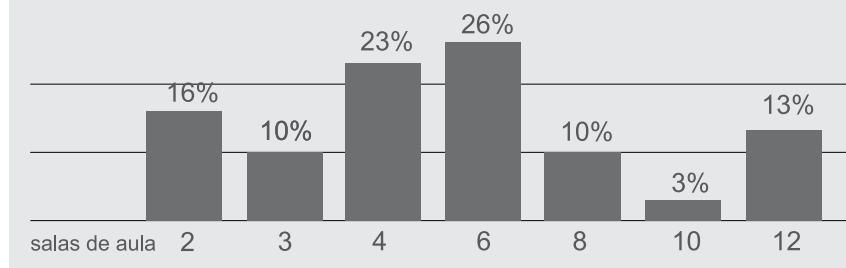
As escolas projetadas na sua gestão apresentam forma e conceito modernistas. Totalizaram, no entanto, apenas 31 unidades. O número reduzido deve-se ao fato de que boa parte das 61 escolas primárias, concebidas e creditadas a Moysés Lupion, foram concluídas pela administração que o sucedeu. Quando assumiu o Governo do Paraná, Bento Munhoz da Rocha Netto deparou-se com muitas obras recém-licitadas, iniciadas ou em andamento.

Dos 31 grupos escolares projetados e construídos entre 1951 e 1955, 49% representam escolas pequenas com duas ou quatro salas de aula; 36% de unidades médias com seis e oito salas e 15% com 10 ou 12 salas (Quadro 01).

8 FERREIRA, Avany de Francisco; MELLO, Mirela Geiger de Mello (org.). *Arquitetura Escolar Paulista - anos 1950 e 1960*. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2006. (p.17)

9 DUARTE, Hélio. Considerações sobre Arquitetura e Educação. In *Revista Acrópole*. Nº 210. São Paulo: Acrópole, abril de 1956 - (p. 236-238). (p. 34)

Quadro 01: Grupos escolares construídos no Paraná entre 1951 e 1955



↓ Foto 01: Vista aérea do Centro Cívico de Curitiba em construção - década de 1950





↑ Foto 02: Vista aérea do Centro de Curitiba - 1953



← Foto 03: Vista aérea do Centro de Curitiba. À esquerda, Biblioteca Pública do Paraná - 1953

O Mapa 01 mostra a localização das escolas primárias de Bento Munhoz da Rocha Netto. A Região Norte do Paraná recebeu a maioria destas unidades. Em seguida, estão cidades do Sul e do Leste. Estes grupos escolares possuem entre duas e oito salas de aula, sendo considerados de porte pequeno a médio.

As escolas construídas no interior do Paraná apresentam como características gerais: setorização definida por blocos independentes, interligados de forma assimétrica, implantação que permite ampliações futuras e presença de pátios cobertos incorporados ao edifício. Dos 26 edifícios deste conjunto, apenas um tem dois pavimentos. A linguagem formal é modernista, com a utilização freqüente de pilotis, grandes aberturas, volumes em asa de borboleta e diferenciação plástica para cada bloco. Não há projetos arquitetônicos padronizados, cada escola apresenta uma solução diferenciada, considerando-se suas especificidades geográficas. No entanto, possuem unidade no conceito dos projetos arquitetônicos.

Os edifícios de maiores dimensões foram implantados em Curitiba. Dos cinco grupos escolares construídos na capital, dois estão localizados na Região Central, como pode ser conferido no Mapa 02. Todos fizeram parte das Comemorações do Centenário da Independência do Paraná.

A escola que iniciou esta série foi o Grupo Escolar Barão do Rio Branco, de Romeu Paulo da Costa. Duas outras apresentam este mesmo projeto: o Grupo Escolar Paula Gomes e o Hildebrando de Araújo. A primeira está localizada no Centro de Curitiba, as demais em bairros mais afastados. O quarto edifício, o Grupo Escolar Pietro Martinez, também de Romeu Paulo da Costa, situa-se em região próxima ao centro da cidade.

Estes prédios possuem elementos comuns. São dois blocos interligados, o primeiro abriga os setores de ensino e administrativo e o segundo o auditório (setor de recreação). Ambos apresentam pátios cobertos, sustentados por pilotis. Nas aberturas predominam a horizontalidade. Os acessos são marcados por delgadas marquises em concreto armado. Os espaços internos são distribuídos a partir de um vestíbulo amplo, iluminado, com pé-direito duplo integrado por escadaria. A última escola deste grupo é a segunda sede própria do Grupo Escolar Tiradentes, projetada por Rubens Meister. O edifício caracteriza-se por uma setorização bem demarcada por blocos independentes com tratamento formal diferenciado e interligados de forma a aproveitar o exíguo terreno.



↓ Foto 04: Vista aérea do Centro de Curitiba.
À esquerda, Praça Osório - 1953



Planta de implantação esquemática
do Grupo Escolar Barão do Rio Branco



Planta de implantação esquemática
do Grupo Escolar Pietro Martinez



Planta de implantação esquemática
do Grupo Escolar Tiradentes



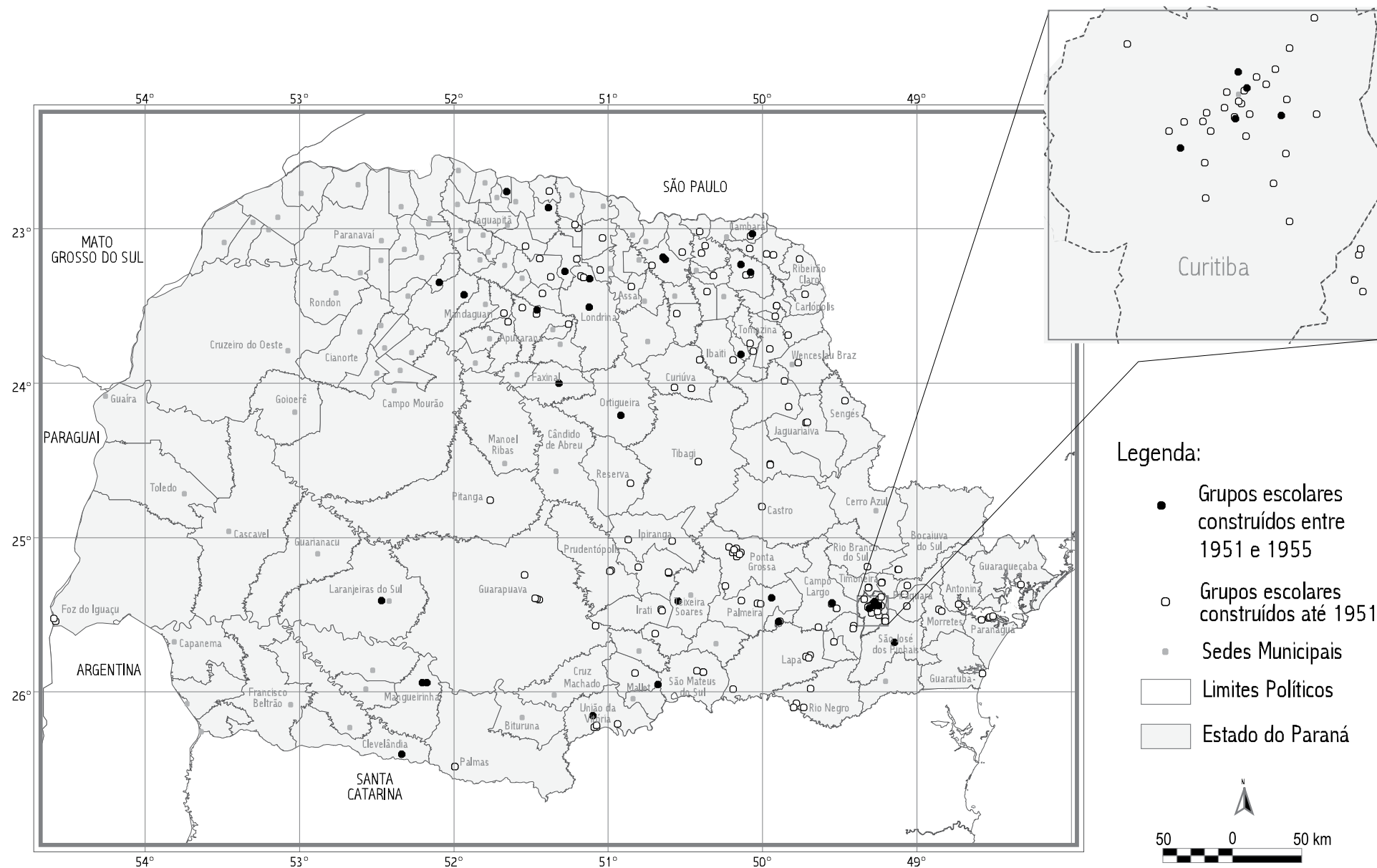
↑ Foto 05: Rua XV de Novembro, em Curitiba - 1953

Os lotes em que estas escolas foram implantadas são pequenos. Como apresentam um programa arquitetônico mais completo, uma área construída maior e uma taxa de ocupação alta, estão apertadas no terreno. Todas possuem espaço recreativo externo reduzido. Atualmente, encontram-se cercadas por muros altos e o seu entorno está tomado por construções e equipamentos urbanos. Infelizmente, são pouco visíveis. Bento Munhoz da Rocha Netto, ao investir nas grandes escolas modernistas, descuidou-se da escolha do terreno que as abrigasse. Optou por localizações mais centrais, onde a disponibilidade de áreas vazias de grandes dimensões é quase nula.

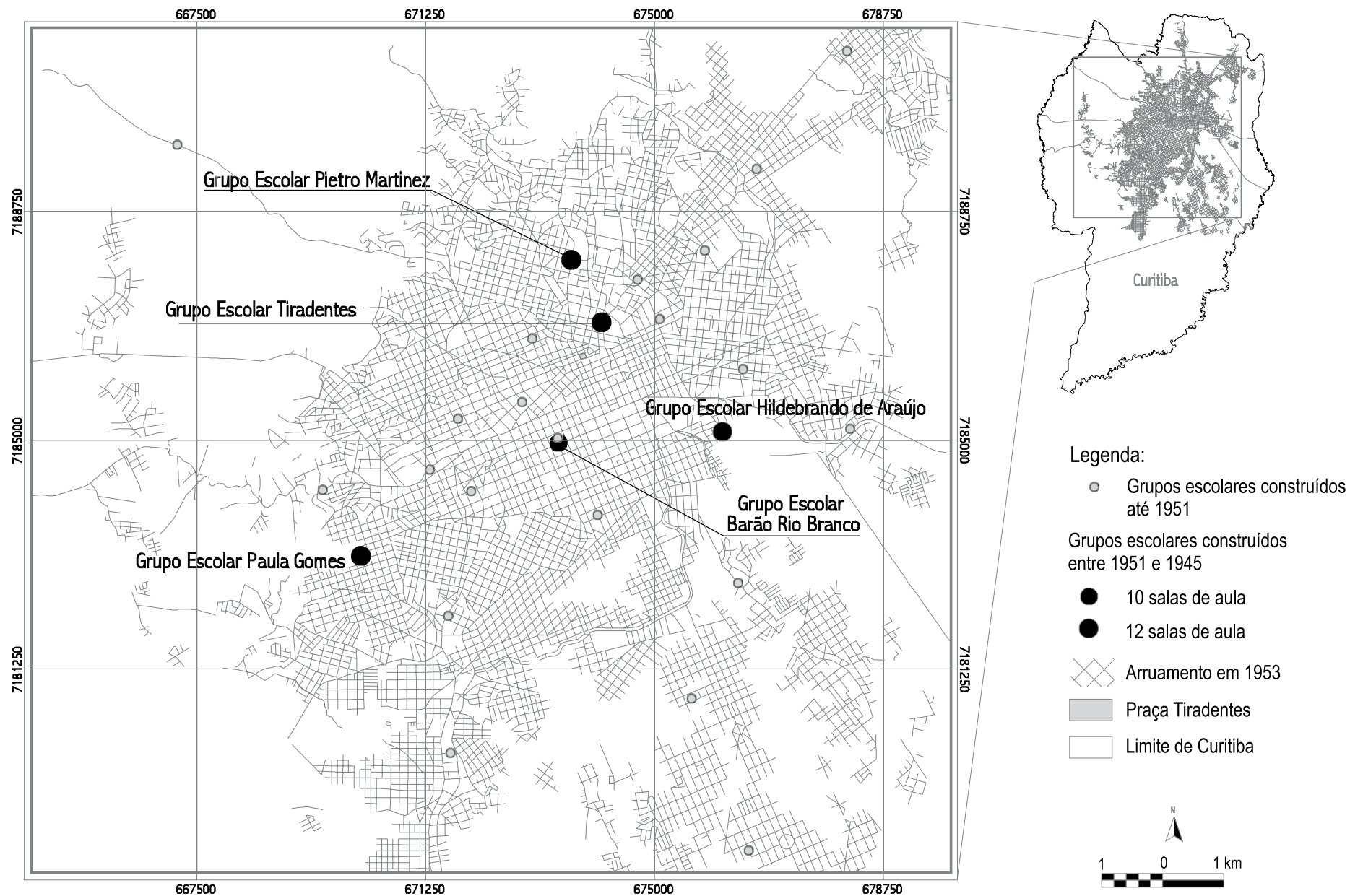
Mesmo assim, as escolas do período podem ser consideradas os exemplos mais representativos da Arquitetura Escolar Modernista no Paraná. Foram projetadas por arquitetos renomados e de sólida carreira. Apresentam características alinhadas com as propostas elaboradas e a produção arquitetônica do Convênio Escolar de São Paulo, fato que demonstra sua atualidade, mas não reproduziram um formato. São edifícios que se destacam pela originalidade formal.



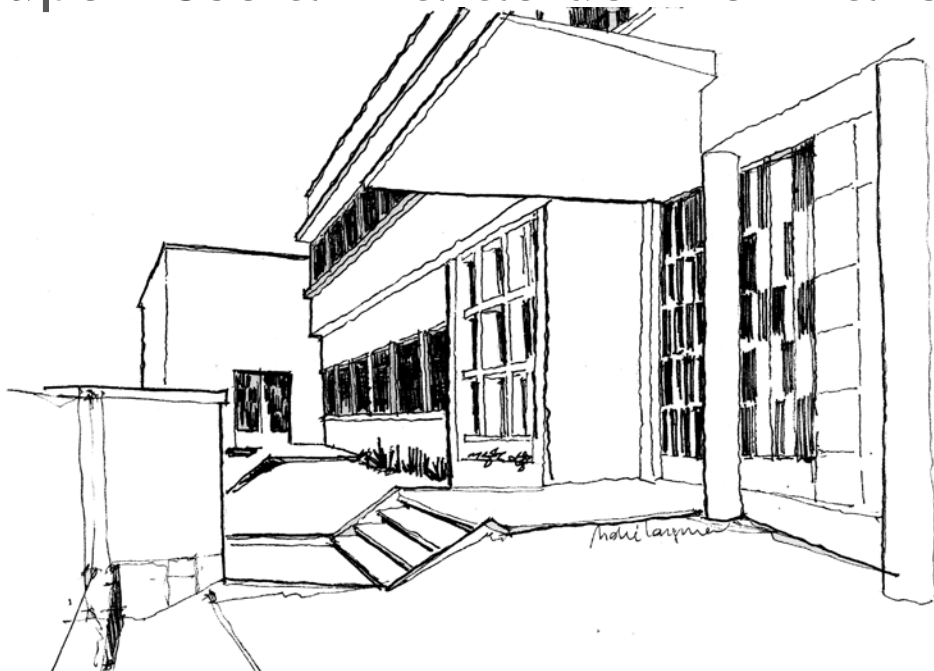
Mapa 01: Grupos escolares construídos até 1955 no Paraná



Mapa 02: Grupos escolares construídos até 1955 em Curitiba



Grupo Escolar Barão do Rio Branco



Ficha Técnica

Denominação Inicial	Grupo Escolar Barão do Rio Branco
Denominação Atual	Colégio Estadual Barão do Rio Branco
Endereço	Rua Brigadeiro Franco, 2.532 – Centro
Autor do Projeto Arquitetônico	Romeu Paulo da Costa
Data do Projeto Arquitetônico	25/04/1951
Data da Inauguração	27/07/1953
Edifício Original	Preservado com ampliações
Área Total Construída	1.029,60 m ²
Número de Pavimentos	02
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “T”

Esta pode ser considerada a primeira escola projetada no Governo de Bento Munhoz da Rocha Netto. Seu projeto arquitetônico apresenta características pioneiras dentro do universo estudado. Em primeiro lugar, está plenamente identificado com a Arquitetura Modernista. Não se trata apenas da presença de elementos formais deste repertório, o partido arquitetônico está comprometido com este movimento.

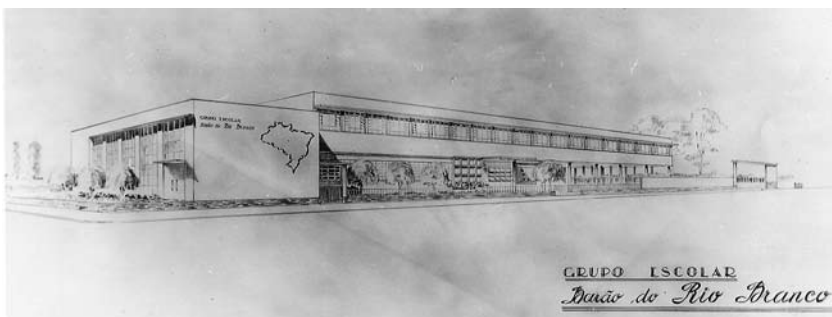
A organização espacial do edifício não é simétrica. A exígua largura do terreno determinou uma solução alongada para o bloco de dois pavimentos, com dez salas de aula e ambientes de apoio. A distribuição entre os pavimentos também não é uniforme. São duas salas de aula no térreo e as demais no primeiro pavimento. As atividades administrativas localizam-se ao rés do chão e as de apoio pedagógico, no andar superior. O pavimento térreo conta ainda com dois pátios nas extremidades deste conjunto, protegidos pela projeção do edifício e sustentados por pilotis. O auditório situa-se em bloco separado, aproveitando toda a largura do terreno.

O tratamento plástico do conjunto é dinâmico. O auditório é concebido como uma massa de alvenaria com grandes aberturas em duas de suas faces. O bloco principal apresenta leveza pela presença mais intensa de vãos com tratamentos diferenciados e das áreas livres nas duas extremidades. A entrada está definida por uma esbelta marquise. Em frente ao vestibulo, localiza-se escadaria monumental, integrando um ambiente de distribuição aberto e intensamente iluminado.

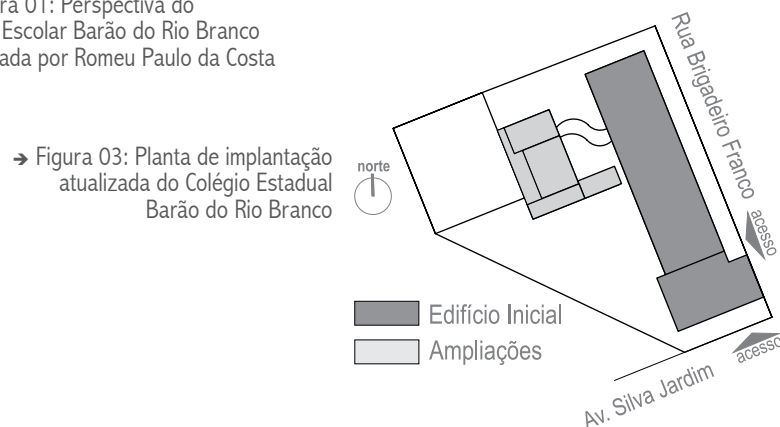
O projeto arquitetônico deste edifício é de Romeu Paulo da Costa, engenheiro civil lotado na Secretaria de Viação e Obras Públicas e professor da Escola de Engenharia da UFPR (Universidade Federal do Paraná). Segundo Lauri da Costa, arquiteta e filha de Romeu, os projetos escolares mereceram atenção de seu pai.

Destaque especial deve ser dado aos Grupos Escolares, outro dos temas da predileção de Romeu, cujos projetos introduziram novos conceitos nos edifícios para educação em Curitiba, através de projetos realizados para o governo. Quando retornou da França trouxe novas abordagens que pode aplicar em diferentes projetos, utilizando conceitos tais como claridade e luz natural controlada com o uso de parassóis (brises). Uma influência muito perceptível nos grupos escolares vinha das revistas americanas, Architectural Forum, Architectural Record e Progressive Architecture. A volumetria era simples, até porque a maioria era edifício de pequeno porte, partindo de uma forma ortogonal. Utilizava, além dos brises, janelas contínuas, com a modulação evidenciada. Marcava sempre a entrada com um elemento de destaque, como uma marquise, à qual

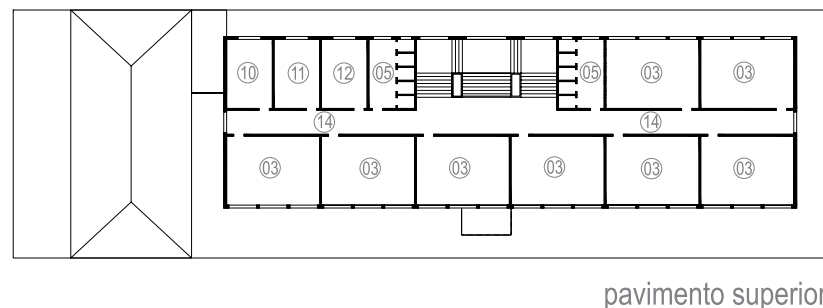
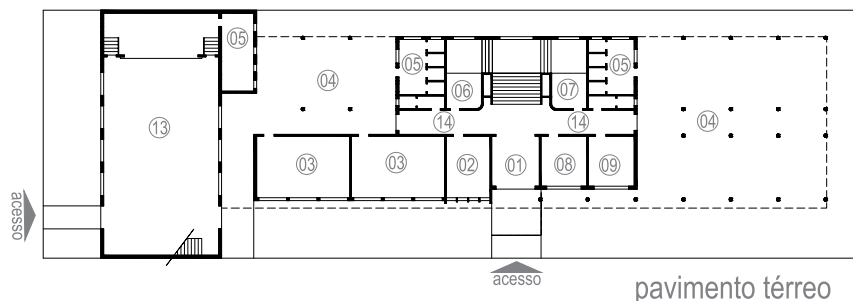




↑ Figura 01: Perspectiva do Grupo Escolar Barão do Rio Branco elaborada por Romeu Paulo da Costa



→ Figura 03: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Barão do Rio Branco



- 01 vestíbulo
- 02 sala de professores
- 03 sala de aula
- 04 pátio coberto
- 05 instalações sanitárias
- 06 cantina
- 07 almoxarifado
- 08 secretaria
- 09 diretoria
- 10 biblioteca
- 11 gabinete médico
- 12 museu
- 13 auditório
- 14 circulação

0 2 5 m

↖ Figura 02: Plantas dos pavimentos térreo e superior do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, em Curitiba



← Foto 01: Grupo Escolar Barão do Rio Branco - década de 1950

acrescentava algum elemento diferenciado nas aberturas de portas e janelas.¹

O edifício foi uma das principais obras do 1º Centenário da Emancipação Política do Paraná em 1953. Foi construído no mesmo local da primeira sede da escola, analisada anteriormente. A cerimônia de inauguração contou com a presença de autoridades e, na ocasião, a obra foi saudada como um “educandário a altura do desenvolvimento material e cultural de Curitiba”.²

Posteriormente, o conjunto arquitetônico foi ampliado com a construção de outro edifício, concebido na mesma linguagem do anterior e ligado a este por passarela coberta.

1 COSTA, Lauri da. Leitura (In)fluente. Reflexão sobre a literatura especializada, a arquitetura de Curitiba e algumas obras do período. Curitiba, 2002. 210 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Curso de Mestrado em Arquitetura. Convênio PROPARG-UFRRGS-PUCPR. (p. 137)

2 INAUGURAÇÃO DO Grupo “Barão do Rio Branco”. O Estado do Paraná. Curitiba, 28 de junho de 1953. (p. 3)



↑ Foto 02: Grupo Escolar Barão do Rio Branco - década de 1950



↑ Foto 03: Colégio Estadual Barão do Rio Branco - 2008

↓ Foto 04: Entrada principal - 2008



↓ Foto 05: Entrada principal - 2008



↓ Foto 06: Escadaria - 2008





↑ Foto 07: Hall de distribuição no pavimento superior - 2008



↑ Foto 09: Passarela coberta - 2008

← Foto 08: Bloco construído posteriormente - 2008



Grupo Escolar Paula Gomes



Ficha Técnica

Denominação Inicial	Grupo Escolar Paula Gomes
Denominação Atual	Colégio Estadual Paula Gomes
Endereço	Rua Curupis, 903 – Santa Quitéria
Autor do Projeto Arquitetônico	
Data do Projeto Arquitetônico	27/01/1952
Data da Inauguração	19/12/1954
Edifício Original	Preservado com ampliações
Área Total Construída	1.288,10 m ²
Número de Pavimentos	02
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “T”

Alguns meses depois da elaboração do projeto do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, surgiu uma nova versão com 12 salas de aula, destinada a dois bairros de Curitiba, Santa Quitéria e Capanema. Esta adaptação foi assinada por outro funcionário da Secretaria de Viação e Obras Públicas do Paraná, o engenheiro civil Lineu Borges de Macedo.¹ Trata-se de um alongamento do edifício com a colocação de mais duas salas de aula e três ambientes de apoio. Não há alteração na linguagem formal da escola.

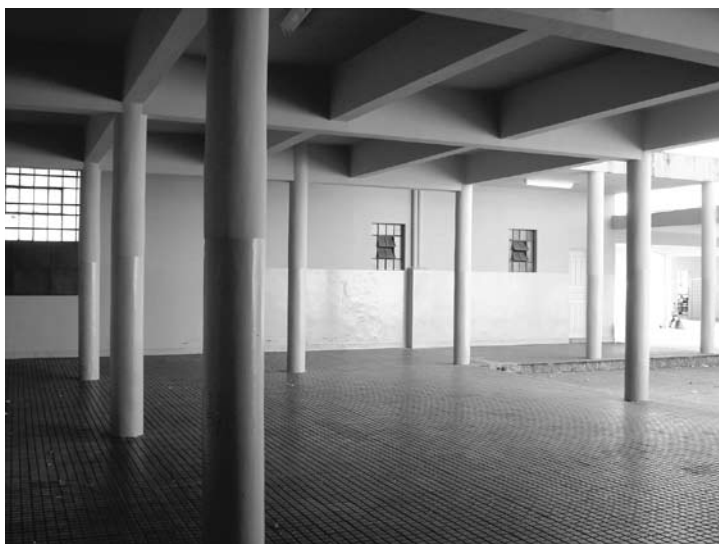
¹ PARANÁ. Secretaria de Obras e Viação Públicas. Departamento de Edificações. Divisão de Projetos e Construções. Grupo Escolar de Santa Quitéria, Paranavaí e Capanema. Curitiba, 27 de janeiro de 1952. Plantas dos pavimentos térreo e superior apresentadas em duas pranchas. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica, assinado por Lineu Borges de Macedo. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 2907.

↓ Foto 01: Colégio Estadual Paula Gomes - 2008





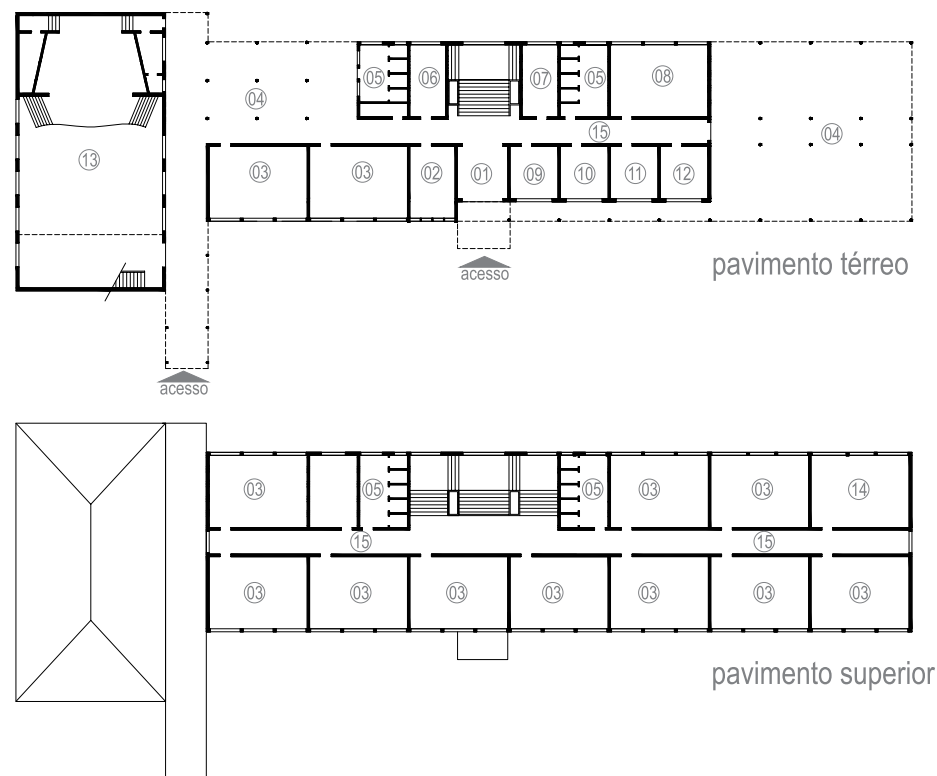
← Foto 02: Fachada principal - 2008



← Foto 03: Pátio coberto - 2008



← Foto 04: Fachada principal - 2008



↑ Figura 01: Plantas dos pavimentos térreo e superior dos Grupos Escolares Paula Gomes e Hildebrando de Araújo, em Curitiba



→ Figura 02: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Paula Gomes



Grupo Escolar Hildebrando de Araújo

O Grupo Escolar Hildebrando de Araújo foi construído para substituir a Escola Isolda General Carneiro, que funcionava na Vila Capanema desde 1947.

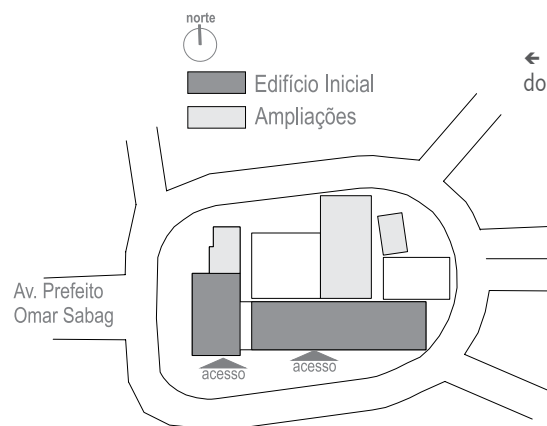


Ficha Técnica

Denominação Inicial	Grupo Escolar Hildebrando de Araújo
Denominação Atual	Colégio Estadual Hildebrando de Araújo
Endereço	Av. Prefeito Omar Sabbag, 721 – Jardim Botânico
Autor do Projeto Arquitetônico	
Data do Projeto Arquitetônico	27/01/1952
Data da Inauguração	19/12/1954
Edifício Original	Preservado com ampliações
Área Total Construída	1.288,10 m ²
Número de Pavimentos	02
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Em “T”

↓ Foto 01: Colégio Estadual Hildebrando de Araújo - 2008





← Figura 01: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Hildebrando de Araújo

→ Foto 03: Entrada principal - 2008

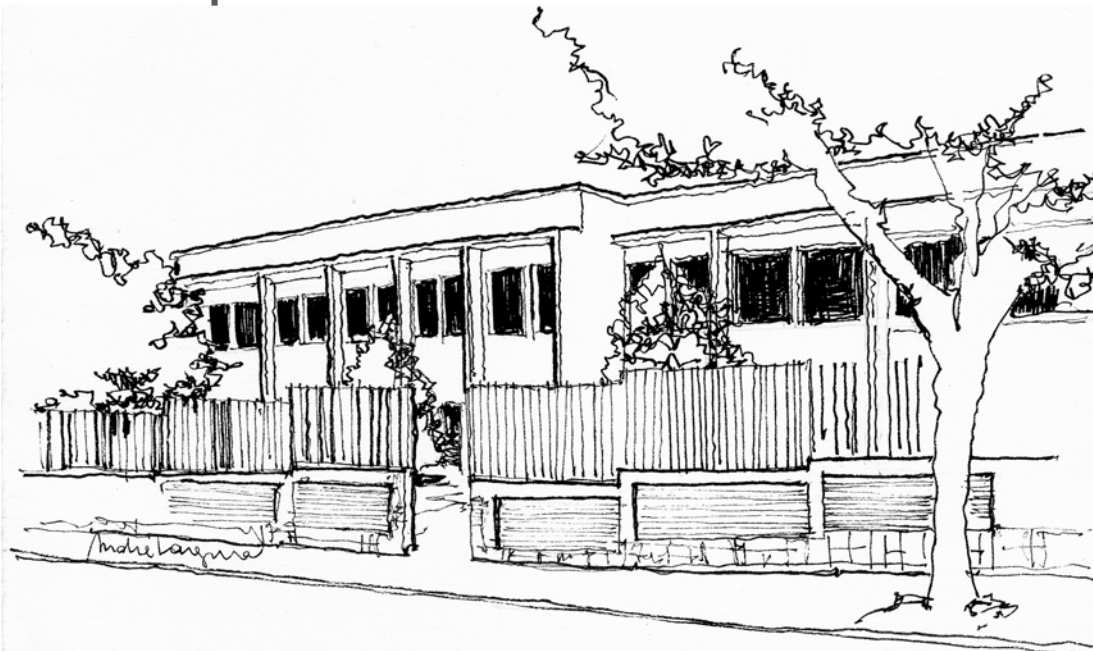
↓ Foto 02: Fachada principal - 2008



↓ Foto 04: Vista posterior do edifício principal - 2008



Grupo Escolar Pietro Martinez



Ficha Técnica

Denominação Inicial	Grupo Escolar Pietro Martinez
Denominação Atual	Colégio Estadual Pietro Martinez
Endereço	Rua Nilo Peçanha, 557 – Bom Retiro
Autor do Projeto Arquitetônico	Romeu Paulo da Costa
Data do Projeto Arquitetônico	20/06/1951
Data da Inauguração	19/12/1955
Edifício Original	Preservado
Área Total Construída	1.288,10 m ²
Número de Pavimentos	02
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Blocos independentes

Em 1910, foi inaugurada a Escola Isolada Vila Agostinho na região do atual Bairro Bom Retiro. A iniciativa foi do Coronel Agostinho de Macedo, para que suas duas filhas, Odete e Odília, pudessem lecionar. O Decreto nº 3.084, de 17 de julho de 1932, elevou a escola a Grupo Escolar Pietro Martinez.

A Figura 01 apresenta a localização da primeira sede do grupo escolar, uma residência adaptada, no mesmo terreno onde se situa o atual Colégio Estadual Pietro Martinez.

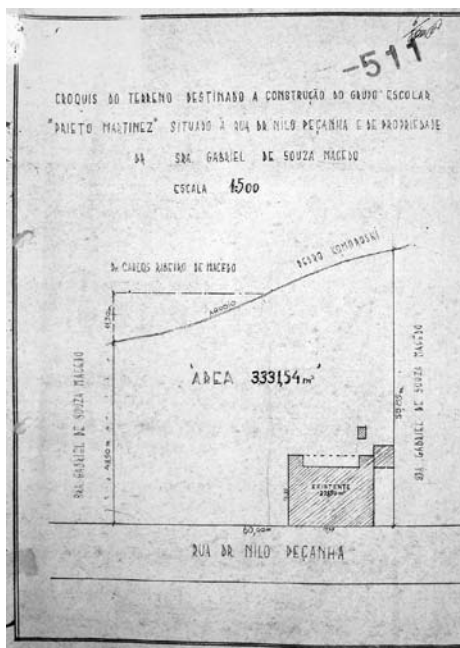
O projeto arquitetônico da nova sede da escola foi desenvolvido, durante o Governo de Bento Munhoz da Rocha Netto, por Romeu Paulo da Costa, também autor do Grupo Escolar Barão do Rio Branco. As duas escolas foram concebidas no mesmo ano, apresentando outras características semelhantes.

O edifício escolar da Rua Nilo Peçanha é um representante da Arquitetura Modernista e apresenta organização espacial semelhante à encontrada no Barão do Rio Branco. São dois blocos independentes interligados por uma passarela. O edifício frontal abriga as salas de aula e os ambientes administrativos. O outro bloco, localizado atrás do primeiro, é destinado ao auditório no nível do pavimento térreo e a um pátio coberto no subsolo, aproveitando o declive do terreno em relação à rua. O acesso a este pátio é feito por uma rampa semicircular que sai da passarela de ligação entre os blocos.

O edifício frontal de formato alongado ocupa praticamente toda a extensão de um terreno de pequenas dimensões (3.331,54 m²). Há apenas um pequeno recuo do alinhamento do terreno. Para quebrar a linearidade, o edifício frontal foi concebido como dois retângulos unidos de forma desalinhada - o direito recuado em relação ao esquerdo. A distribuição de ambientes com uma circulação central acompanha este movimento, evitando a monotonia de um corredor muito comprido. O ambiente interno surpreende pela elegância e grande iluminação das áreas comuns e de circulação.

O tratamento formal é austero. Somente a fachada frontal apresenta como elemento de destaque um quadro em concreto armado, marcando uma modulação. A platibanda percorre o perímetro dos blocos. Os vãos são generosos e apresentam delgadas esquadrias de ferro. A rampa e o pátio interno sustentado por pilotis são os elementos plásticos modernistas mais representativos deste conjunto. Merece destaque a solução elegante da casa do zelador.

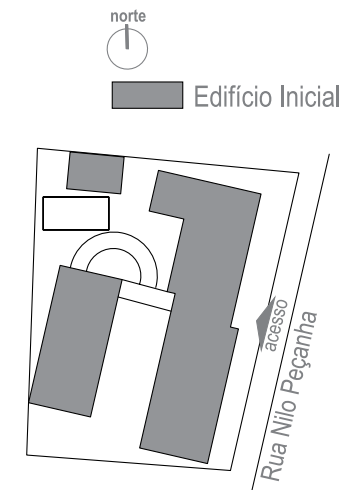




↑ Figura 01: Croquis de implantação da antiga sede do Grupo Escolar Pietro Martinez



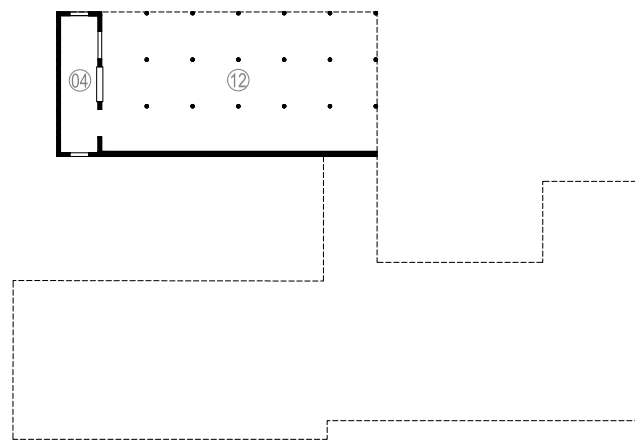
↑ Foto 01: Colégio Estadual Pietro Martinez - 2008



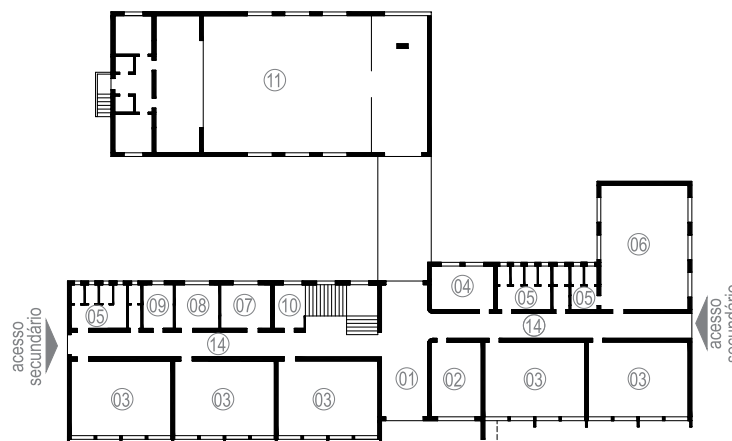
↑ Figura 03: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Pietro Martinez

- 01 vestíbulo
- 02 sala de professores
- 03 sala de aula
- 04 cantina
- 05 instalações sanitárias
- 06 jardim de infância
- 07 secretaria
- 08 diretoria
- 09 almoxarifado
- 10 depósito
- 11 auditório
- 12 pátio coberto
- 13 biblioteca
- 14 circulação

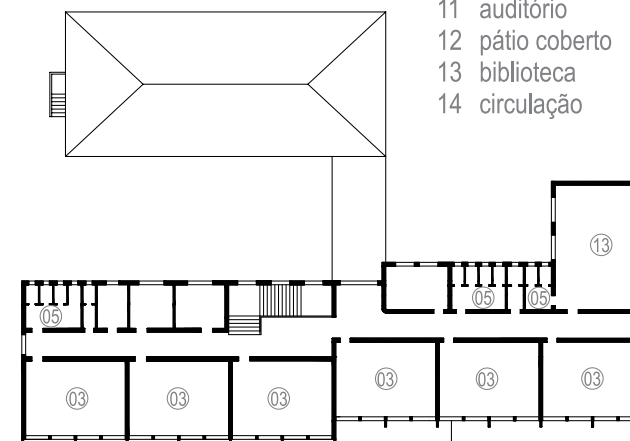
↓ Figura 02: Plantas do subsolo e dos pavimentos térreo e superior do Grupo Escolar Pietro Martinez, em Curitiba



subsolo



pavimento térreo



pavimento superior

0 2 5 m





← Foto 02: Fachada principal - 2008

→ Foto 04: Hall de distribuição do primeiro pavimento - 2008



↑ Foto 03: Detalhe da escada - 2008

← Foto 05: Detalhe do acesso à rampa e ao bloco posterior no térreo - 2008



→ Foto 06: Vista posterior do bloco frontal - 2008





← Foto 07: Rampa - 2008



↓ Foto 08: Rampa - 2008

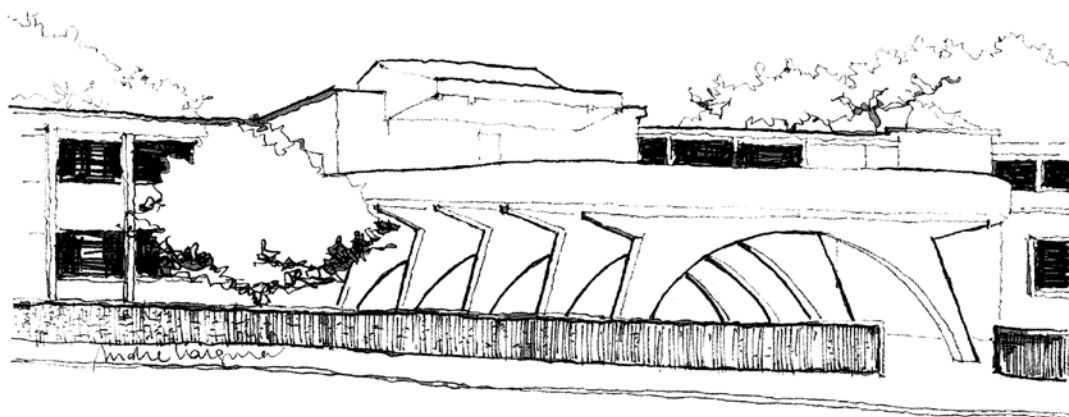


← Foto 09: Auditório - 2008



↑ Foto 10: Casa do zelador - 2008

Grupo Escolar Tiradentes



Desde a demolição da sua primeira sede, na antiga Rua do Serrito, em 1934, o Grupo Escolar Tiradentes continuou suas atividades em diversos locais de forma provisória. Essa situação ganhou outros contornos quando assumiu a direção da escola a professora Nair de Macedo, em 1952. Dentre suas realizações está a transferência da escola para uma nova sede própria.¹

A mensagem do Governador Bento Munhoz da Rocha Netto referente às atividades de 1952 registra que a obra do Grupo Escolar Tiradentes, com 12 salas de aula e auditório, foi colocada em concorrência pública.²

Este edifício escolar fez parte das comemorações do Centenário da Emancipação Política do Paraná. Para marcar esta importante data, Bento Munhoz construiu o Centro Cívico de Curitiba, uma nova sede para a Biblioteca Pública e outras edificações imponentes na cidade. As revistas da época registraram o projeto. A Figura 01 apresenta imagens da maquete sob diversos ângulos. Foi também realizada a descrição do edifício:

Grupo Escolar Tiradentes

Obra destinada às comemorações centenárias, o Grupo Escolar Tiradentes, fica entre a Praça 19 de Dezembro e o Passeio Público, e é um edifício com capacidade para 500 alunos.

A sua estrutura atende aos princípios pedagógicos mais avantajados, apresentando linhas moderníssimas. Desse modo, foram aproveitadas as mínimas condições do terreno, sendo que a sua situação privilegiada, dentro de uma vasta área não edificada, faz com que o Grupo se beneficie esplendidamente nas condições de aeração e claridade.

Encontrando-se na área central da cidade, essa escola pública permite ensino gratuito às crianças em zona onde se concentram edificações de apartamentos.

De acordo com a moderna técnica funcional, apresenta o prédio quatro partes distintas: 1ª) Parte de Ensino; 2ª) Administrativa; 3ª) Recreativa; 4ª) de Assistência ao Aluno.

A parte de ensino compreende um conjunto de 12 salas medindo 6,00 x 9,00m. Com capacidade para 45 alunos cada uma, limite considerado ótimo no ensino primário. Nesta parte, também ficam as instalações sanitárias, área de circulação, depósitos e vias de acesso.

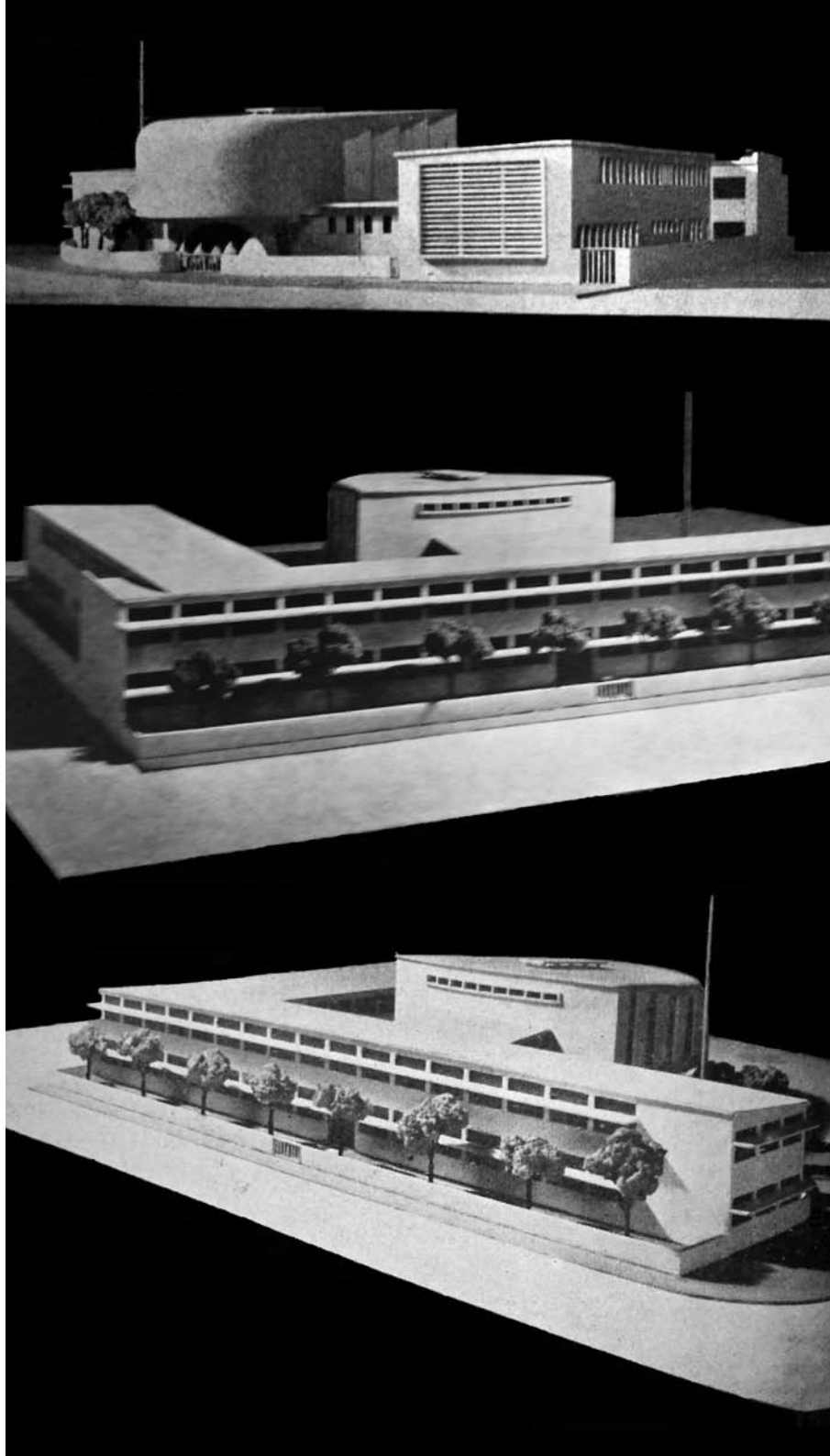
Ocupam as salas de aula os dois pavimentos de uma das alas, estando orientados para leste e possuindo excelentes condições de iluminação e acústica. A outra ala é ocupada pela parte administrativa comunicando-se imediatamente com a do ensino. Apresenta o edifício salas para as professoras e para a Diretoria, Portaria, Secretaria, Biblioteca e Almoxarifado.

¹ COLÉGIO ESTADUAL Tiradentes. Histórico da Escola Tiradentes. Curitiba, sem data. Mimeo, 3f. (p.2)

² PARANÁ. Governo. 1953. Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 3ª sessão ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Bento Munhoz da Rocha Netto, Governador do Paraná. Curitiba: 1953. (p. 101)

Ficha Técnica	
Denominação Inicial	Grupo Escolar Tiradentes
Denominação Atual	Colégio Estadual Tiradentes
Endereço	Rua Presidente Faria, 625 – Centro
Autor do Projeto Arquitetônico	Rubens Meister
Data do Projeto Arquitetônico	1952
Data da Inauguração	06/10/1962
Edifício Original	Preservado
Área Total Construída	2.232,28 m²
Número de Pavimentos	02
Técnica Construtiva	Alvenaria de tijolos
Tipologia da Planta	Blocos independentes





← Figura 01: Imagens da maquete do Grupo Escolar Tiradentes apresentadas em 1953

Na sessão recreativa contam o auditório e o pátio coberto, este sob o auditório. Apresentando um feitiço moderno, tem o auditório capacidade para 400 espectadores, podendo ser utilizado para projeções cinematográficas, teatro, salão de conferências ou para festas.

Construído sobre arcos de concreto, serve de cobertura a parte do pátio, onde existe um lago decorativo e um ajardinamento vazado em estilização moderna.

A parte assistencial do aluno conta com duas salas especiais para assistência médico-dentária e uma cantina com apetrechamento moderno, além da casa para o zelador.

Esta obra é devida ao grande mestre da arquitetura Dr. Rubens Meister, autor do Projeto do Teatro Guaíra.³

A descrição acima inicia antecipando uma questão que geraria inúmeras críticas: a localização. Com área de 2.546,15 m², o terreno foi considerado pequeno para uma escola deste porte. A intenção era aproveitar a proximidade com o Passeio Público e a Praça Dezenove de Dezembro. Esses espaços verdes e abertos compensariam a reduzida área do terreno.

O partido arquitetônico apresenta nova configuração. São blocos reunidos de forma a aproveitar o formato irregular do terreno e definir de forma clara suas atividades. A disposição não é simétrica. A setorização, portanto, foi um condicionante de projeto e está expressa integralmente no espaço. Cada bloco apresenta uma concentração de ambientes afins e um tratamento plástico diferenciado. A descrição apresentada no texto acima foi esquematizada na figura ao lado.

O acesso principal, definido pelo setor recreativo, está voltado para a Praça Dezenove de Dezembro e de frente para a monumental Avenida Cândido de Abreu, que dá acesso ao Centro Cívico - obras do Centenário da Emancipação Política do Paraná. Este bloco é composto pelo pátio coberto estruturado e definido por um conjunto de arcos. O pavimento superior abrigaria o auditório. O volume arredondado é destacado pela sua posição e pelo contraste com as formas retas dos demais blocos.

O bloco de ensino com as salas de aula, ao longo da Rua Presidente Faria, possui as janelas voltadas para o Passeio Público. A intenção de aproveitar essa grande área verde foi confirmada. No entanto, não se considerou que, ao longo do tempo, haveria um aumento do fluxo de veículos - fato que minimizou a condição inicial. As aberturas generosas marcam este bloco, garantindo às salas de aula iluminação adequada.

3 O PARANÁ NO Governo de Bento Munhoz da Rocha Netto. Curitiba: Comercial e Editora Sant'Ana, 1953. (p. 59-60)





↑ Foto 01: Colégio Estadual Tiradentes - 1978

Grupo Escolar Tiradentes

A construção deste grupo modelo foi confiada à C.E.O.C. [Comissão Especial das Obras do Centenário] que nela se empenhou com a máxima energia, vendo coroados de êxito seus esforços, pois foi a obra mais rápida até hoje em Curitiba. Com exceção do auditório, revestem-se as fachadas com pastilhas cerâmicas.⁴

A agilidade na construção não resultou na pronta utilização do edifício. A obra apresentou problemas estruturais, entre os quais rachaduras nos pilares, que resultaram na paralização da obra. Segundo a arquiteta Ana Paula Pupo Correia, em setembro de 1954, foi realizada uma avaliação técnica sobre as condições do edifício:

A estrutura, em especial a estrutura da cobertura, encontra-se completamente danificada, pois a quase totalidade das vigas, sustentadoras das lajes da cobertura estão rompidas, algumas com rupturas perfeitamente visíveis (...). Alguns pilares sustentadores das vigas anteriormente mencionadas apresentam grandes deformações. ...as rupturas existentes, nas peças do edifício do auditório, foram causadas por falta de segurança adequada, não prevista com margem suficiente nos cálculos de resistência e estabilidade (...) como dos defeitos técnicos apontados e os verificados com o ensaio do concreto simples, isso extensivo a toda a edificação do grupo Tiradentes e em particular a estrutura do auditório.⁵

4 PARANÁ. Governo. 1953. (p. 150)

5 CONTESTAÇÃO ao laudo da Comissão Instituída pela CEOC para dar parecer sobre o cálculo e estrutura do Grupo Escolar Tiradentes. Curitiba, 6 setembro de 1954. Parecer Técnico. In CORREIA, Ana Paula Pupo. História & Arquitetura Escolar: Os Prédios Escolares Públicos de Curitiba (1943-1953). Curitiba, 2004. 169 f. Dissertação (Mestrado em História e Historiografia da Educação). Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. (p.131)

A interrupção da construção por problemas técnicos gerou discussões, matérias nos jornais e pedidos de explicações de deputados estaduais.⁶ Em mensagem à Assembléia Legislativa referente ao ano de 1955, o então Governador Moysés Lupion comunicou, laconicamente, que o processo do Grupo Escolar Tiradentes, em Curitiba, estava em andamento.⁷ As discussões extrapolaram a questão estrutural e passaram a focar a inadequação do edifício para o funcionamento de um grupo escolar. A ausência de espaço recreativo e o excessivo trânsito do entorno foram alguns desses argumentos.

O deputado Lincoln da Cunha Pereira elaborou um projeto de lei autorizando a doação daquele prédio - em vias de conclusão - à Faculdade de Ciências Econômicas do Paraná, visto que, pelas precárias condições do mesmo, jamais serviria para ali se instalar um Grupo Escolar.⁸

A doação à faculdade não se concretizou. No entanto, o atual diretor da escola, professor Georges Luiz Marsolik, em 16 de setembro de 2008 durante uma entrevista, afirmou que, no início da década de 1960, o conjunto arquitetônico da atual escola abrigava o Museu de História Natural. Suas observações são confirmadas por um levantamento arquitetônico do edifício realizado pela Secretaria de Viação e Obras Públicas em 20 de março de 1961. No carimbo, consta Instituto de História Natural da Secretaria da Agricultura.⁹

Em 1962, o Governador Ney Braga resolveu concluir a obra. Em 6 de outubro de 1962, foi inaugurada a nova sede própria do Grupo Escolar Tiradentes. O Colégio Estadual Tiradentes permanece em atividade. Suas instalações atendem 772 alunos e mantêm as características originais de projeto. O auditório não foi construído. No local destinado a este ambiente encontra-se um terraço que possibilita uma visão panorâmica da região. Os problemas levantados em meados da década de 1950, barulho e falta de espaço, ainda são atuais. A escola, cercada por muros altos, esconde suas belas formas modernistas.

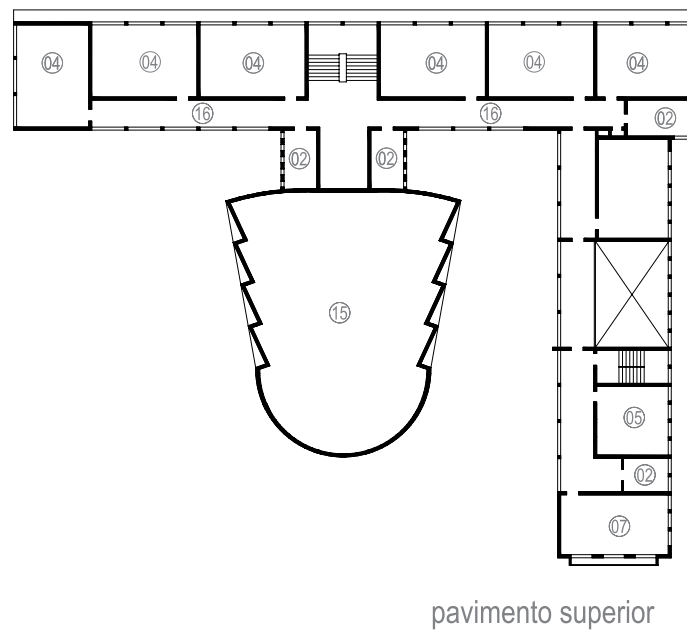
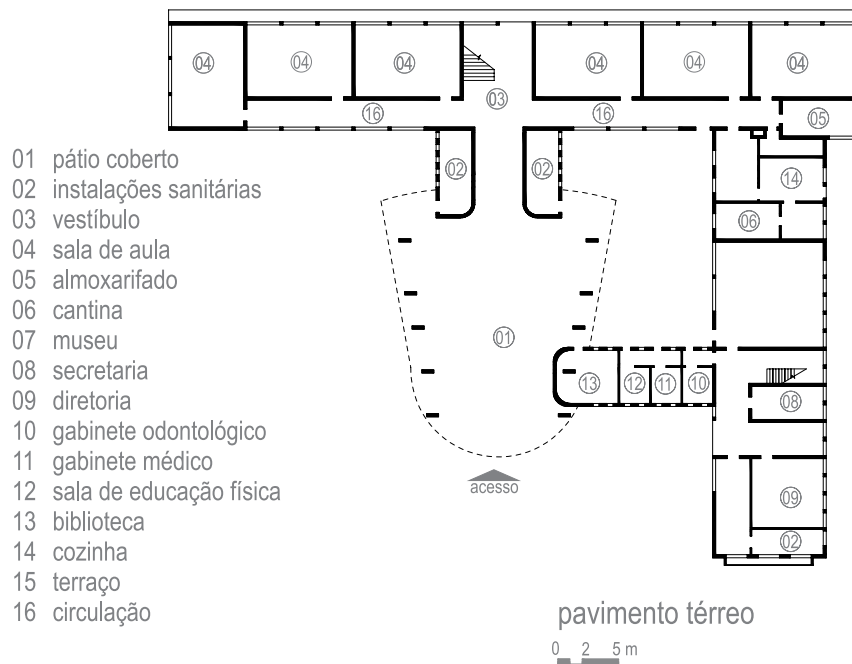
6 QUAIS OS DEFEITOS da construção defeituosa do Grupo Tiradentes. Gazeta do Povo, 30 de novembro de 1955; CONDENADO PELA TÉCNICA o prédio construído para a instalação do Grupo Escolar Tiradentes. Gazeta do Povo. Curitiba, 4 de fevereiro de 1956 e UM PROBLEMA ESCOLAR. Gazeta do Povo. Curitiba, 4 de fevereiro de 1956.

7 PARANÁ. Governo. 1956. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da sessão legislativa ordinária de 1956 pelo Senhor Moysés Lupion, Governador do Paraná. Curitiba: 1956. (p. 82)

8 CONDENADO PELA TÉCNICA ... 1956.

9 PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. Departamento de Edificações. Divisão de Planejamento. Instituto de História Natural da Secretaria da Agricultura. Curitiba, 20 de março de 1961. Plantas dos pavimentos térreo e superior apresentadas em duas pranchas. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 600.





↓ Figura 03: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Tiradentes



↑ Figura 02: Plantas dos pavimentos térreo e superior do Grupo Escolar Tiradentes, em Curitiba

↓ Foto 03: Entrada principal - 2008

↓ Foto 02: Entrada principal - 2008





↑ Foto 04: Bloco administrativo - 2008



↑ Foto 05: Acesso ao bloco administrativo - 2008

↓ Foto 06: Jardim entre o bloco administrativo e o de ensino - 2008



↓ Foto 08: Escadaria do bloco de ensino - 2008

↑ Foto 07: Hall e circulação do pavimento térreo no bloco de ensino - 2008



→ Foto 09: Fachada voltada para a Rua Presidente Faria - 2008

↓ Foto 10: Arcada do acesso principal - 2008





Considerações Finais

Como bem pode ser verificado, existe em todas as unidades apresentadas a mesma ordem de idéias - porque arquitetura é isto mesmo - ordem, questão de organização - estabelecimento de espaços ordenados com dimensões apropriadas de sorte a assegurar com um mínimo de esforço humano a ligação lógica das peças a fim de que o conjunto seja, necessariamente, uma unidade congruente e definitiva. É sob esse ponto de vista que a arquitetura é trabalho de síntese.¹

Os poucos edifícios escolares construídos no final do século XIX confirmam que a constituição de uma rede de escolas públicas de ensino primário em Curitiba e no Paraná ocorreu na Primeira República. Foi nesse momento que surgiu uma Arquitetura Escolar, com a produção sistematizada de edifícios projetados especialmente para esta finalidade. As escolas construídas entre o final do Império e a segunda década do século XX apresentam muitas semelhanças. Inicialmente com uma sala de aula e, em seguida, com duas ou quatro, estes edifícios foram concebidos em bloco único e com linguagem eclética. Não eram grupos escolares e, sim, escolas reunidas em um mesmo edifício.

Esta situação mudou na década de 1920, quando Caetano Munhoz da Rocha, na Presidência do Paraná, mostrou uma solução diferente para o edifício escolar: a planta em “U”. Esta configuração esteve presente nas Escolas Normais de Curitiba, Paranaguá e Ponta Grossa e no Grupo Escolar D. Pedro II, em Curitiba. Além disso, o programa arquitetônico tornou-se mais elaborado com a presença de ambientes até então inexistentes nas escolas paranaenses, como auditório, sala de direção, portaria e almoxarifado.

Nos períodos seguintes, os elementos ecléticos foram substituídos pelo art déco e o neocolonial. A planta em “U” resistiu e foi utilizada até o final da década de 1940. O programa mais complexo consolidou-se e as escolas de maior porte foram ganhando espaço.

Foi com Bento Munhoz da Rocha Netto, Governador do Paraná entre 1951 e 1955, que a Arquitetura Modernista e a Escola Nova imprimiram suas marcas no edifício escolar paranaense. A organização espacial libertou-se das amarras impostas pela hierarquia e

¹ DUARTE, Hélio. O problema Escolar e a arquitetura. In Revista Habitat - revista das artes no Brasil. Nº 4. São Paulo: Habitat, set-dez de 1951. (p. 5)





← Grupo Escolar
Barão do Rio Branco -
sem data



pela simetria, características dos períodos anteriores. Passa a ser valorizada a qualidade do espaço interno, com ênfase à sala de aula e demais ambientes pedagógicos. A monumentalidade presente nas escolas ecléticas e neocoloniais, dá lugar a escala humana do edifício modernista.

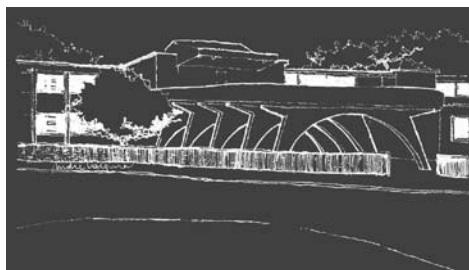
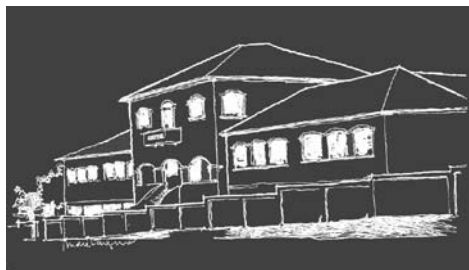
O edifício escolar é uma síntese de demandas e expectativas de ordem técnica, social e política. Materializa em seu espaço processos pedagógicos, requisitos higienistas e métodos construtivos vigentes, mas também registra a importância assumida pela instituição escolar em nossa sociedade e a valorização a elas atribuída pelas políticas públicas. Enquanto produto arquitetônico, expressa a arte e técnica de construir espaços, de estabelecer ordem e limites, de atender a demandas específicas, de traduzir valores, de materializar e simbolizar uma ação. É, portanto, “um trabalho de síntese”, como escreveu o arquiteto Hélio Duarte, uma manifestação cultural que, analisada de forma plena, pode contribuir para a história da Arquitetura, o entendimento do processo de instituição e consolidação da rede de escolas públicas e, em última instância, a história da Educação no Paraná.

Este livro é um dos três produtos resultantes da pesquisa “Grupos Escolares de Curitiba na primeira metade do século XX”. Uma exposição itinerante e um CD completam este trabalho, que busca levar a um público amplo a história da cidade e a importância da preservação deste patrimônio edificado.

Por fim, a pesquisa “Grupos Escolares de Curitiba na primeira metade do século XX” faz parte de um trabalho de investigação e registro da história de Curitiba, com foco na arquitetura, que vem sendo desenvolvido desde 2004. Até agora, mais de 70 edifícios foram pesquisados e integram um dos quatro livros da Coleção “Ensaio sobre a Arquitetura em Curitiba”.

Considera-se que documentar também é uma forma de preservar e que a preservação exige uma documentação que a fundamente. Assim espera-se que o registro desses edifícios, a análise de sua arquitetura e a apresentação de dados históricos relevantes contribuam para a preservação de nosso Patrimônio Arquitetônico e a sedimentação da Educação Patrimonial.





Glossário

Ala	Parte de um edifício que se projeta da parte central ou principal deste subordinado a ela.
Alvenaria	Parede construída de tijolos.
Arcada	Série de arcos sustentados por pilares ou colunas.
Arco abatido	Arco com altura menor que a metade de seu vão.
Arco apontado	Arco com coroa pontiaguda.
Arco pleno	Arco semicircular.
Art Déco	Tendência estética de concepção moderna e industrialista que ocupou uma posição intermediária entre uma arquitetura mais técnica, pragmática e funcional, praticada por engenheiros, e a acadêmica, representada pelo neoclássico e o ecletismo, de cunho historicista. No Brasil, foi utilizada com frequência na década de 1930, estando relacionada às obras públicas da Era Vargas.

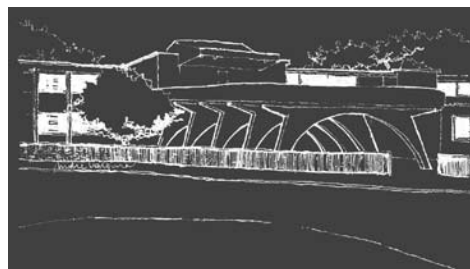
Arquitetura Eclética	Corrente acadêmica marcada pela utilização do repertório de diferentes épocas, variando ou mesclando elementos decorativos de tempos históricos diferentes. Na Europa, esse movimento ganhou força no século XIX. Já no Brasil, o período de maior expressividade coincide com a Primeira República.
Arquitetura Modernista	Conjunto de movimentos e escolas que compõe a arquitetura produzida durante grande parte do século XX (especialmente os períodos entre as décadas de 1910 e 1950), inserida no contexto artístico e cultural do Modernismo. Suas características podem ser encontradas em origens diversas, como na Bauhaus, na Alemanha; em Le Corbusier, na França; em Frank Lloyd Wright, nos Estados Unidos, ou nos construtivistas russos, alguns ligados à Escola Vuthemas, entre muitos outros. A renovação e a rejeição de toda a expressão anterior ao movimento foram alguns dos princípios do Modernismo.
Arquitetura Neoclássica	Corrente acadêmica marcada pelos referenciais da arquitetura greco-romana. Na Europa, esse movimento iniciou-se no século XVIII, sendo trazido ao Brasil pela Missão Francesa, em 1808.
Arquitetura Neocolonial	Tendência estética que fez oposição ao ecletismo, buscando o vocabulário formal da arquitetura barroca e colonial brasileira. Esse movimento situa-se em um contexto de resgate da identidade nacional, cuja bandeira foi a emancipação artística do Brasil, iniciada na segunda década do século XX.
Bandeira	Abertura localizada acima da porta e separada deste por travessão.
Beiral	Borda inferior de um telhado que se prolonga para além da parede.
Caixilho	Armação fixa ou móvel de uma janela ou porta, onde são instaladas as vidraças.
Cimalha	Alto das paredes de um edifício que faz sacada onde assentam os beirais do telhado ou a parte mais alta da cornija.
Circulação	Área de passagem de pessoas ou coisas localizada dentro do edifício.
Colunata	Série de colunas espaçadas de forma regular, que sustentam um entablamento e normalmente um dos lados da estrutura de um telhado.
Composição arquitetônica	Arranjo de partes ou elementos em uma proporção ou relação adequadas de modo a formarem um todo unificado.
Coroa	Elemento projetado, semelhante a uma laje, de uma cornija clássica.



Entablamento	Parte horizontal de uma ordem clássica, apoiada sobre colunas e normalmente composta de cornija, friso e arquitrave.
Esquadria	Moldura final que contorna o vão de uma porta ou janela.
Fachada	Frente de um edifício ou qualquer uma de suas laterais que dão para uma via ou espaço público
Frontão	Remate de uma parede de empena que oculta as declividades de um telhado e que recebe um tratamento ornamental
Frontispício	Fachada principal, ou parte de uma fachada, normalmente tratada como um elemento à parte do projeto e realçada por meio de ornamentação.
Galeria	Área de passagem coberta de pessoas ou coisas localizada nas extremidades do edifício e voltada para o pátio interno.
Linguagem formal ou plástica	Tratamento estético recebido pelo edifício considerando um vocabulário estilístico.
Marquise	Pequena cobertura estruturada protegendo uma porta de entrada ou acesso de um edifício.
Medalhão	Placa ornamental aplicada a uma parede, uma platibanda ou um friso.
Mísula ou consolo	Projeção a partir de uma superfície vertical que dá apoio estrutural a cornijas, sacadas ou janelas.
Ordem	Repertório ornamental de colunas, capitéis e entablamentos da arquitetura clássica.
Ordem Coríntia	A mais ornamental das três ordens desenvolvidas pelos gregos, caracterizada por base alta, pedestal, fuste canelado por filetes, capitéis ornamentados com folhas de acanto estilizadas e cornija elaborada. Foi utilizada na arquitetura neoclássica em edifícios de maior importância.
Ordem Toscana	Ordem clássica romana considerada uma simplificação da ordem dórica desenvolvida pelos gregos, caracterizada por uma coluna não acanelada e uma base, um capitel e um entablamento lisos, sem nenhuma decoração afora as molduras.
Ordenação ou organização espacial	Arranjo, organização e distribuição dos diferentes ambientes a partir de critérios como setorização, hierarquia, fluxo de atividades, etc., dentro de uma unidade coerente ou todo funcional.

Partido arquitetônico	Esquema básico ou conceito de um projeto arquitetônico representado por um diagrama.
Pérgola	Estrutura de colunatas que sustentam uma cobertura vazada de vigas dispostas em paralelo.
Piloti	Qualquer uma de uma série de colunas que sustenta um edifício acima de um piso térreo aberto.
Pavimento	Divisão horizontal de um edifício, dotada de um piso contínuo e compreendendo o espaço entre dois níveis adjacentes.
Pé-direito	Altura medida entre o piso e o teto de um pavimento.
Planta de arquitetura	Planta de um pavimento de um edifício vista de cima após a execução de um corte horizontal e a retirada da parte de cima, que mostra a forma, a distribuição e as dimensões dos espaços internos, as paredes, as janelas e as portas que os delimitam.
Planta de implantação	Planta que indica a forma, a localização e a orientação de um edifício em um terreno.
Platibanda	Parede protetora baixa que se ergue acima do telhado, fazendo parte da parede externa de um edifício.
Pórtico	Apêndice externo de um edifício sustentado por colunas que forma uma entrada coberta.
Programa arquitetônico de necessidades	Relação dos ambientes necessários a uma edificação.
Projeto arquitetônico	Desenho destinado à representação e à especificação dimensional de um edifício.
Técnica construtiva	Conjunto de métodos e procedimentos de edificação e de um grupo de materiais construtivos aprimorados ao longo do tempo.
Tipologia da planta	Classificação de tipos de plantas arquitetônicas de acordo com seu formato geral.
Vão	Abertura de uma parede a qual é encaixada esquadria de porta ou janela.
Verga ou travessa	Peça superior de um batente de porta ou janela.
Vestíbulo	Pequeno ambiente de entrada localizado entre a porta principal de acesso e o interior de um edifício.





Relação de Imagens

As primeiras escolas no Paraná e em Curitiba

- Figura 01: Planta de uma sala de aula de ensino mútuo para 304 alunos. In CARDOSO, Tereza Fachada Levy. Saber compartilhado. In Nossa História. Ano 3, nº 25. São Paulo: Vera Cruz, novembro de 2005. (p. 81)
- Figura 02: Planta do pavimento térreo da Escola Faria Sobrinho, em Paranaguá. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Departamento de Obras e Viação. Grupo Escolar Faria Sobrinho. Paranaguá, 1941. Plantas de implantação e do pavimento térreo apresentadas em uma prancha. Levantamento arquitetônico em cópia heliográfica. In PARANÁ. Departamento de Obras e Viação. 1ª Residência. Relatório de 1941. Curitiba, 1941.
- Figura 03: Planta do pavimento térreo da Escola da Lapa. Desenho elaborado em 2008, tendo como base BRASIL. Ministério da Cultura. IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) - 10ª Superintendência Regional. 1999. 10ª Superintendência Regional.
- Foto 01: Vista panorâmica do Centro de Curitiba, a partir da Rua Borges de Macedo - 1889. Coleção: Júlia Wanderley. Acervo: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná.
- Foto 02: Passeio Público, em Curitiba - 1887. A Escola Tiradentes foi construída alguns anos depois nas proximidades deste parque. Coleção: Júlia Wanderley. Acervo: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná.
- Foto 03: Rua XV de Novembro, em Curitiba - 1907. Fonte: Revista Paraná. Nº III, Ano I. Curitiba, outubro de 1907. Acervo: Diretoria do Patrimônio Histórico da Fundação Cultural de Curitiba.
- Foto 04: Curitiba - 1875. Fonte: Revista Ilustração Brasileira. Edição Comemorativa do Centenário da

Emancipação Política do Paraná. 1853-1953. Nº 224, Ano XLIV. Dezembro de 1953. Acervo: Diretoria do Patrimônio Histórico da Fundação Cultural de Curitiba.

- Foto 05: Escola Faria Sobrinho, em Paranaguá - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 4827.
- Foto 06: Escola Manoel Pedro, na Lapa - sem data. Acervo: Escola Municipal Dr. Manoel Pedro.
- Mapa 01: Edifícios escolares construídos no Paraná até 1903. Mapa elaborado por Eduardo Vedor de Paula, tendo como base os dados municipais do Paraná Cidade e os mapas disponíveis no acervo digital do ITCG (Instituto de Terras, Cartografia e Geociências).
- Mapa 02: Edifícios escolares construídos em Curitiba até 1895. Mapa elaborado por Eduardo Vedor de Paula e Ana Paula Marés Mikosik, tendo como base os mapas da cidade disponíveis no acervo da Diretoria do Patrimônio Cultural da FCC (Fundação Cultural de Curitiba) e da COMEC (Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba).

Escola Carvalho

- Foto 01: Escola Carvalho como sede da Escola de Artes e Indústrias do Paraná - 1891. Fonte: ESCOLA DE ARTES e Industrias do Paraná. Datas e conquistas principais do estabelecimento. Quadro comemorativo. Curitiba, 31 de dezembro de 1891. Acervo: Museu Paranaense.
- Foto 02: Vista posterior da Escola Carvalho como sede da Escola de Artes e Indústrias do Paraná - 1891. Fonte: ESCOLA DE ARTES e Industrias do Paraná. Datas e conquistas principais do estabelecimento. Quadro comemorativo. Curitiba, 31 de dezembro de 1891. Acervo: Museu Paranaense.
- Foto 03: Sala de espera da Escola de Artes e Indústrias do Paraná - 1891. Fonte: ESCOLA DE ARTES e Industrias do Paraná. Datas e conquistas principais do estabelecimento. Quadro comemorativo. Curitiba, 31 de dezembro de 1891. Acervo: Museu Paranaense.
- Foto 04: Portaria e zeladoria da Escola de Artes e Indústrias do Paraná - 1891. Fonte: ESCOLA DE ARTES e Industrias do Paraná. Datas e conquistas principais do estabelecimento. Quadro comemorativo. Curitiba, 31 de dezembro de 1891. Acervo: Museu Paranaense.
- Foto 05: Secretaria e arquivo da Escola de Artes e Indústrias do Paraná - 1891. Fonte: ESCOLA DE ARTES e Industrias do Paraná. Datas e conquistas principais do estabelecimento. Quadro comemorativo. Curitiba, 31 de dezembro de 1891. Acervo: Museu Paranaense.
- Foto 06: Escola Carvalho - sem data. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.
- Foto 07: Vista aérea da Escola Normal. À direita, o jardim de infância (antiga sede da Escola Carvalho) - sem data. Acervo: Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto.
- Foto 08: Jardim de infância da Escola Normal (antiga sede da Escola Carvalho) - sem data. Acervo: Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto.

Escola Oliveira Bello

- Figura 01: Escola Oliveira Bello - sem data. Fonte: ESCOLAS DE BELAS ARTES E INDÚSTRIAS DO PARANÁ. Acervo: Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/FCC (Fundação Cultural de Curitiba).



- Foto 01: Alunos da Escola Oliveira Bello - sem data. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.
- Foto 02: Alunos da Escola Oliveira Bello - sem data. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.

Escola Tiradentes

- Figura 01: Planta esquemática do pavimento térreo da Escola Tiradentes. Desenho elaborado em 2008.
- Foto 01: Escola Tiradentes - sem data. Acervo: Colégio Estadual Tiradentes.
- Foto 02: Alunos da Escola Tiradentes - setembro de 1905. Coleção: Júlia Wanderley. Acervo: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná.
- Foto 03: Professora Júlia Wanderley e alunos na Escola Tiradentes - 1900. Acervo: Museu Paranaense.

As escolas da Primeira República

- Foto 01: Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva, em Curitiba - sem data. Acervo: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná.
- Foto 02: Ginásio Paranaense, em Curitiba - sem data. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.
- Foto 03: Grupo Escolar Vicente Machado, em Castro - sem data. Fonte: Castro antiga. Imagens e Lembranças. Curitiba: Secretaria de Estado do Esporte e do Turismo, sem data.
- Foto 04: Grupo Escolar Cruz Machado, em Curitiba - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 05: Grupo Escolar Jesuino Marcondes, em Palmeira - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 277.
- Foto 06: Grupo Escolar Macedo Soares, em Campo Largo - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 4684.
- Foto 07: Grupo Escolar Barão de Antonina, em Rio Negro. Sem data. Fonte: FORFAZ, Djalma. Centenário da Colonização Alemã - Rio Negro e Mafra (Paraná e Santa Catarina) 1829-1929. Curitiba, sem data.
- Foto 08: Grupo Escolar Professor Raposo, em Jacarezinho - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 151.
- Foto 09: Grupo Escolar Izabel Branco, em Jaguariaíva - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio Cultural da SEEC (Secretaria de Estado da Cultura).
- Foto 10: Grupo Escolar Dias da Rocha, em Araucária - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 4848.
- Foto 11: Grupo Escolar Manoel Eufrásio, em Piraquara - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 5556.
- Foto 12: Grupo Escolar Professor Brandão, em Curitiba - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 32.
- Foto 13: Grupo Escolar Visconde de Guarapuava, em Guarapuava - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 4525.

- Foto 14: Grupo Escolar Barão de Capanema, em Prudentópolis - sem data. Fonte: PARANÁ. Prudentópolis. Curitiba: Empresa Editora Olivero, 1929.
- Foto 15: Grupo Escolar Silveira da Motta, em São José dos Pinhais - sem data. Acervo: Museu Paranaense.
- Foto 16: Grupo Escolar Senador Correia, em Ponta Grossa - sem data. Fonte: PARANÁ. Ponta Grossa. Curitiba: Capri & Olivero, [s.d].
- Foto 17: Grupo Escolar Rio Branco, em Curitiba - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 2417.
- Foto 18: Grupo Escolar Dezenove de Dezembro, em Curitiba - sem data. Acervo: Colégio Estadual Dezenove de Dezembro.
- Foto 19: Grupo Escolar Telêmaco Borba, em Tibagi - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio Estadual da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 4690.
- Foto 20: Grupo Escolar Dr. Claudino dos Santos, em Ipiranga - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio Cultural da SEEC (Secretaria de Estado da Cultura).
- Foto 21: Grupo Escolar Professor Serapião, em União da Vitória - sem data. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.
- Foto 22: Escola Normal de Curitiba - sem data. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.
- Foto 23: Escola Normal de Ponta Grossa - sem data. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.
- Foto 24: Escola Normal de Paranaguá - sem data. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.
- Foto 25: Grupo Escolar de Ribeirão Claro - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio Estadual da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 4566.
- Foto 26: Grupo Escolar de Piraí do Sul - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio Estadual da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 455.
- Foto 27: Grupo Escolar de Tomazina - sem data. Acervo: Museu Paranaense.
- Foto 28: Grupo Escolar de Foz do Iguaçu - sem data. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.
- Foto 29: Grupo Escolar D. Pedro II, em Curitiba - 2005. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 30: Praça Tiradentes, em Curitiba - 1900. Fonte: ILUSTRAÇÃO Brasileira. Edição comemorativa do Centenário do Paraná. 1853-1953. Ano XLIV, nº 224. Dezembro de 1953.
- Foto 31: Praça Tiradentes, em Curitiba - 1925. Fonte: ILUSTRAÇÃO Brasileira. Edição comemorativa do Centenário do Paraná. 1853-1953. Ano XLIV, nº 224. Dezembro de 1953.
- Foto 32: Vista do Centro de Curitiba - 1929. Fonte: MARTINS, Romário. Curitiba. Capital do Estado do Paraná. Edição da Ilustração Paranaense. Curitiba, março de 1930.
- Mapa 01: Edifícios escolares construídos em Curitiba até 1906. Mapa elaborado por Eduardo Vedor de Paula e Ana Paula Marés Mikosik, tendo como base os mapas da cidade disponíveis no acervo da Diretoria do Patrimônio Cultural da FCC (Fundação Cultural de Curitiba) e da COMEC (Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba).



- Mapa 02: Grupos escolares construídos no Paraná entre 1903 e 1930. Mapa elaborado por Eduardo Vedor de Paula, tendo como base os dados municipais do Paraná Cidade e os mapas disponíveis no acervo digital do ITCG (Instituto de Terras, Cartografia e Geociências).
- Mapa 03: Grupos escolares construídos em Curitiba até 1930. Mapa elaborado por Eduardo Vedor de Paula e Ana Paula Marés Mikosik, tendo como base os mapas da cidade disponíveis no acervo da Diretoria do Patrimônio Cultural da FCC (Fundação Cultural de Curitiba) e da COMEC (Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba).
- Quadro 01: Edifícios escolares construídos no Paraná durante a Primeira República. Elaborado em 2008, tendo como fontes: PARANÁ. 1903; PARANÁ. 1903a; PARANÁ. 1904; PARANÁ. 1907; PARANÁ. 1910; PARANÁ. 1912; PARANÁ. 1913; PARANÁ. 1913ª; PARANÁ. 1914; PARANÁ. 1915; PARANÁ. 1917a; PARANÁ. 1920; PARANÁ. 1924; PARANÁ. 1924a; PARANÁ. 1925; PARANÁ. Governo. 1902; PARANÁ. Governo. 1926; PARANÁ. Governo. 1928 e PARANÁ. Governo. 1929.

Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva

- Figura 01: Planta do pavimento térreo do Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva - 1903. Desenho elaborado em 2007, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Planta de implantação e arquitetônica do Colégio Dr. Estadual Xavier da Silva. Curitiba, sem data e Planta de implantação do Translado da Escritura Pública de compra e venda do terreno onde se situa o Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva. Curitiba, sem data.
- Figura 02: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Dr. Xavier da Silva. Desenho elaborado em 2007, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Planta de implantação e arquitetônica do Colégio Estadual Dr. Xavier da Silva. Curitiba, sem data.
- Foto 01: Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva - 1930. Acervo: Colégio Estadual Dr. Xavier da Silva
- Foto 02: Detalhe do acesso pela ala central - 2005. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 03: Alunos do Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva no pátio interno - 1924. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.
- Foto 04: Detalhe da ala central - 2005. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 05: Detalhe de balaustrada na base inferior das janelas - 2005. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 06: Professores do Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva em frente à escola - 1924. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.

Casa Escolar Cruz Machado

- Figura 01: Planta do pavimento térreo da Casa Escolar Cruz Machado, em Curitiba. Desenho elaborado em 2007, tendo como base PARANÁ. Departamento de Obras e Viação. Seção Técnica. Delegacia de Polícia do Batel. Terreno e Edifício - Planta. Curitiba, 29 de fevereiro de 1940. Plantas de implantação e do pavimento térreo apresentadas em uma prancha. Levantamento arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 137.

- Foto 01: Alunos do Grupo Escolar Cruz Machado em frente à escola - década de 1920. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.

Grupo Escolar Professor Cleto

- Figura 01: Planta de implantação e do pavimento térreo do Grupo Escolar Professor Cleto, em Curitiba. Desenho elaborado em 2007, tendo como base PARANÁ. Departamento de Obras e Viação Públicas. Grupo Escolar Professor Cleto. Curitiba, 26 de janeiro de 1940. Planta do pavimento térreo apresentada em uma prancha. Levantamento arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 26.
- Figura 02: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Professor Cleto. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Colégio Estadual Professor Cleto. Curitiba, janeiro de 2004. Planta de implantação apresentada em uma prancha. Levantamento arquitetônico em arquivo digital realizado por Ana Paula Pupo Correia. Acervo: Fundepar.
- Foto 01: Alunas do Grupo Escolar Professor Cleto em frente à escola - década de 1920. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.
- Foto 02: Grupo Escolar Professor Cleto - sem data. Arquivo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 26.
- Foto 03: Professores do Grupo Escolar Professor Cleto em frente à escola - década de 1920. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.

Casa Escolar Presidente Pedrosa

- Figura 01: Planta do pavimento térreo das Casas Escolares Presidente Pedrosa e Conselheiro Zacarias, em Curitiba. Desenho elaborado em 2007, tendo como base PARANÁ. Departamento de Obras e Viação. Seção Técnica. Grupo Escolar Conselheiro Zacarias - Prédio e Terreno. Curitiba, 14 de fevereiro de 1940. Plantas de implantação e do pavimento térreo apresentadas em uma prancha. Levantamento arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD - Pasta 1717 e PARANÁ. Departamento de Obras Públicas. Grupo Escolar Presidente Pedrosa. Curitiba, 15 de março de 1929. Planta do pavimento térreo apresentada em uma prancha. Levantamento arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 2479.
- Foto 01: Casa Escolar Presidente Pedrosa - 1924. Fonte: PARANÁ. 1924. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Secretário Geral de Estado pelo Professor César Pietro Martinez, Inspector Geral do Ensino. Curitiba: Typ. da Penitenciária do Estado, 1924.
- Foto 02: Aspecto do Grupo Escolar Presidente Pedrosa após a reforma de 1937. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 2479.
- Foto 03: Centro de Línguas Estrangeiras Modernas, antiga sede do Grupo Escolar Presidente Pedrosa - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 04: Professores da Casa Escolar Presidente Pedrosa em frente à escola - década de 1920. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.



Casa Escolar Conselheiro Zacarias	
Figura 01:	Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Conselheiro Zacarias. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Colégio Estadual Conselheiro Zacarias. Curitiba, 22 de abril de 2002. Planta de implantação apresentada em uma prancha. Levantamento arquitetônico em arquivo digital realizado por Celso Ayres Gasparim. Acervo: Fundepar.
Foto 01:	Alunas da Casa Escolar Conselheiro Zacarias em frente à escola - década de 1920. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.
Foto 02:	Casa Escolar Conselheiro Zacarias - década de 1920. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.
Foto 03:	Aspecto atual do edifício de 1911 do Colégio Estadual Conselheiro Zacarias - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

Casa Escolar Professor Brandão	
Figura 01:	Planta do pavimento térreo da Casa Escolar Professor Brandão, em Curitiba. Desenho elaborado em 2007, tendo como base PARANÁ. Departamento de Obras e Viação. Grupo Escolar Professor Brandão. Prédio e Terreno. Curitiba, 23 de fevereiro de 1940. Plantas de implantação e do pavimento térreo apresentadas em uma prancha. Levantamento arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 32.
Foto 01:	Casa Escolar Professor Brandão - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 32.
Foto 02:	Casa Escolar Professor Brandão - sem data. Acervo: Colégio Estadual Professor Brandão.
Foto 03:	Colégio Estadual Professor Brandão - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

Grupo Escolar Rio Branco	
Figura 01:	Planta de implantação e do pavimento térreo do Grupo Escolar Rio Branco, em Curitiba. Desenho elaborado em 2007, tendo como base PARANÁ. Departamento de Obras e Viação. Grupo Escolar Rio Branco. Curitiba, setembro de 1940. Plantas de implantação e do pavimento térreo apresentadas em uma prancha. Levantamento arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 2417.
Foto 01:	Grupo Escolar Rio Branco - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 2417.
Foto 02:	Grupo Escolar Rio Branco - 1923. Fonte: ESTADO DO PARANÁ. São Paulo: Empreza Editora Brazil, 1923. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.
Foto 03:	Alunos do Grupo Escolar Rio Branco - década de 1920. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.

Grupo Escolar Dezenove de Dezembro	
Figura 01:	Planta esquemática do pavimento térreo do Grupo Escolar Dezenove de Dezembro,

	em Curitiba. Desenho elaborado em 2007, tendo como base a descrição encontrada em PARANÁ. 1910. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Presidente do Estado do Paraná, em 31 de Dezembro de 1910, pelo Bacharel Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, Secretario d'Estado dos Negocios de Obras Públicas e Colonização. Curytiba, Typografia d'A Republica, 1910. (p. 40)
Foto 01:	Grupo Escolar Dezenove de Dezembro - sem data. Acervo: Colégio Estadual Dezenove de Dezembro.
Foto 02:	Alunos do Grupo Escolar Dezenove de Dezembro em frente à escola - década de 1920. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.
Foto 03:	Professores do Grupo Escolar Dezenove de Dezembro em frente à escola - década de 1920. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.
Foto 04:	Colégio Estadual Dezenove de Dezembro - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

Grupo Escolar D. Pedro II	
Figura 01:	Elevação principal do Grupo Escolar D. Pedro II apresentada em 1925. Fonte: PARANÁ. 1925. Relatório da Secretaria Geral de Estado para a Presidência do Estado, relativo ao exercício financeiro 1924-1925, em 31 de dezembro de 1925. Curityba: Livraria Mundial e França e Cia., 1925.
Figura 02:	Plantas dos pavimentos térreo e superior do Grupo Escolar D. Pedro II, em Curitiba. Desenho elaborado em 2007, tendo como base PARANÁ. 1925. Relatório da Secretaria Geral de Estado para a Presidência do Estado, relativo ao exercício financeiro 1924-1925, em 31 de dezembro de 1925. Curityba: Livraria Mundial e França e Cia., 1925.
Figura 03:	Planta de implantação atualizada da Escola Estadual D. Pedro II. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Escola Estadual Dom Pedro II. Curitiba, 22 de fevereiro de 2002. Plantas de implantação e dos pavimentos térreo e superior apresentadas em uma prancha. Levantamento arquitetônico em arquivo digital. Acervo: Fundepar.
Foto 01:	Grupo Escolar D. Pedro II - final da década de 1920. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.
Foto 02:	Vista da fachada posterior - 2006. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 03:	Detalhe da escadaria no pavimento superior - 2006. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 04:	Vestíbulo - 2006. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

As escolas de Manoel Ribas	
Figura 01:	Plantas-tipo do pavimento térreo da primeira série de projetos arquitetônicos padronizados elaborados e construídos na década de 1930 pelo Governo Manoel Ribas. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Departamento de Obras e Viação. Grupo Escolar de 2 a 10 salas - projeto tipo. Curitiba, 1934. Plantas apresentadas em cinco pranchas. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração).



- Figura 02: Planta-tipo do pavimento térreo da segunda série de projetos arquitetônicos padronizados, elaborados e construídos na década de 1930 pelo Governo Manoel Ribas. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Departamento de Obras e Viação. Seção Técnica. Grupo Escolar de 6 salas. Curitiba, 14 de junho de 1936. Planta do pavimento térreo e fachadas apresentadas em duas pranchas. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração).
- Figura 03: Plantas dos pavimentos térreo e superior do Grupo Escolar de Palmas. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Departamento de Obras e Viação. Seção Técnica. Grupo Escolar de 10 salas. Curitiba, 5 de abril de 1941. Plantas dos pavimentos térreo e superior e fachadas apresentadas em uma prancha. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 5016.
- Figura 04: Fachada principal do Grupo Escolar de Morretes. Fonte: PARANÁ. Departamento de Obras e Viação. Seção Técnica. Grupo Escolar de Morretes. Curitiba, 26 de maio de 1945. Plantas dos pavimentos térreo e superior e fachada principal apresentadas em duas pranchas. Levantamento arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 4844.
- Figura 05: Perspectiva do Grupo Escolar de Rebouças. Fonte: PARANÁ. Departamento de Obras e Viação. Seção Técnica. Divisão de Serviços Técnicos e Fiscalização de contratos. Serviço de Edifícios. Projeto de um grupo escolar com 8 salas. Curitiba, 27 de setembro de 1944. Plantas dos pavimentos térreo e superior, corte, elevação e perspectiva apresentados em quatro pranchas. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 1225.
- Foto 01: Grupo Escolar Julio Teodorico, em Ponta Grossa - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 4416.
- Foto 02: Grupo Escolar Hugo Simas, em Londrina - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 150.
- Foto 03: Segunda sede do Grupo Escolar Jesuíno Marcondes, em Palmeira - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 277.
- Foto 04: Grupo Escolar Duque de Caxias, em Irati - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 197.
- Foto 05: Escola de Aprendizes e Artífices, em Curitiba - 1935. Fonte: PARANÁ. 1935. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Othon Mader, D. D. Secretario da Fazenda e Obras Públicas pelo Engº Ângelo Lopes, Diretor do Departamento de Obras e Viação. Curitiba, 1935.
- Foto 06: Antiga sede da Escola de Trabalhadores Rurais Carlos Cavalcanti, em Curitiba - década de 1950. Hoje pertencente à Universidade Federal do Paraná. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 906.

- Foto 07: Grupo Escolar de Palmas - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 5016.
- Foto 08: Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa, em Curitiba - 2005. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 09: Grupo Escolar Júlia Wanderley, em Curitiba - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 10: Escola Municipal do Guabirota, em Curitiba - 1943. Fotografia de Arthur Wischral. Coleção: Arthur Wischral. Acervo: Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/FCC (Fundação Cultural de Curitiba).
- Foto 11: Colégio Estadual do Paraná, em Curitiba - década de 1950. Coleção: Elizabeth Amorim de Castro.
- Mapa 01: Grupos escolares construídos até 1945 no Paraná. Mapa elaborado por Eduardo Vedor de Paula, tendo como base os dados municipais do Paraná Cidade e os mapas disponíveis no acervo digital do ITCG (Instituto de Terras, Cartografia e Geociências).
- Mapa 02: Grupos escolares construídos em Curitiba até 1945. Mapa elaborado por Eduardo Vedor de Paula e Ana Paula Marés Mikosik, tendo como base os mapas da cidade disponíveis no acervo da Diretoria do Patrimônio Cultural da FCC (Fundação Cultural de Curitiba) e da COMEC (Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba).
- Quadro 01: Escolas construídas no Paraná com a primeira série de projetos arquitetônicos padronizados elaborados na década de 1930 pelo Governo Manoel Ribas. Tabela elaborada em 2008, tendo como fontes: PARANÁ. 1933; PARANÁ. 1935; PARANÁ. 1935a; PARANÁ. Governo. 1935; PARANÁ. Governo. 1937 e PARANÁ. Governo. 1939.
- Quadro 02: Grupos escolares de linguagem neocolonial construídos pelo Governo Manoel Ribas no Paraná (1940-1945). Elaborado em 2008 tendo como base pesquisa desenvolvida pela autora no arquivo da Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração).
- Quadro 03: Grupos escolares projetados no Paraná entre 1930 e 1945 pelo Governo Manoel Ribas. Elaborado em 2008, tendo como fontes: PARANÁ. 1933; PARANÁ. 1935; PARANÁ. 1935a; PARANÁ. Governo. 1935; PARANÁ. Governo. 1937; PARANÁ. Governo. 1939; PARANÁ. Governo. 1941 e PARANÁ. Governo. 1945.

Escola Municipal do Cajuru

- Figura 01: Planta do pavimento térreo das Escolas Municipais do Cajuru, do Guabirota e de Santa Felicidade, em Curitiba. Desenho elaborado em 2008, tendo como base OBRAS DA PREFEITURA Municipal de Curitiba. Nº 8, Tomo II Grupo Escolar Republica do Uruguai. Revista Técnica. Curitiba: Diretório Acadêmico de Engenharia do Paraná, janeiro-março de 1945 e levantamento realizado nas três escolas.
- Figura 02: Planta de implantação atualizada da Escola Estadual República Oriental do Uruguai. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Escola Estadual República Oriental do Uruguai. Curitiba, 5 de agosto de 2006. Planta de implantação e projeto arquitetônico apresentados em três



- pranchas. Levantamento e projeto arquitetônico realizado por Ana Carolina Ventura Mendes. Acervo: Fundepar.
- Foto 01: Grupo Escolar do Cajuru - 1941. Acervo: Divisão Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná.
- Foto 02: Vista posterior do Grupo Escolar República do Uruguai após ampliação - 1945. Fonte: OBRAS DA PREFEITURA Municipal de Curitiba. Nº 8, Tomo II Grupo Escolar Republica do Uruguai. Revista Técnica. Curitiba: Diretório Acadêmico de Engenharia do Paraná, janeiro-março de 1945. (p. 55-57)
- Foto 03: Vista posterior do Grupo Escolar República do Uruguai após ampliação - 1945. Fonte: OBRAS DA PREFEITURA Municipal de Curitiba. Nº 8, Tomo II Grupo Escolar Republica do Uruguai. Revista Técnica. Curitiba: Diretório Acadêmico de Engenharia do Paraná, janeiro-março de 1945. (p. 55-57)

Escola Municipal de Santa Felicidade

- Figura 01: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Professor Francisco Zardo. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Colégio Estadual Professor Francisco Zardo. Curitiba, 24 de outubro de 2006. Planta de implantação e projeto elétrico apresentados em três pranchas. Levantamento arquitetônico e projeto elétrico realizado por Maurício Guilherme Pinto. Acervo: Fundepar.
- Foto 01: Colégio Estadual Professor Francisco Zardo - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

Escola Municipal do Guabirotuba

- Figura 01: Planta de implantação atualizada da Escola Estadual Professor Elysio Vianna. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Escola Estadual Professor Elysio Vianna. Curitiba, 17 de agosto de 2006. Plantas de implantação e do pavimento térreo apresentadas em duas pranchas. Levantamento arquitetônico realizado por Rodrigo Alves de Novaes. Acervo: Fundepar.
- Foto 01: Escola Municipal do Guabirotuba - 1943. Fotografia de Arthur Wischral. Coleção: Arthur Wischral. Acervo: Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/FCC (Fundação Cultural de Curitiba).

Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa

- Figura 01: Fachada principal do Grupo Escolar da Água Verde - sem data. PARANÁ. Divisão de Serviços e Edifícios da SVOP (Secretaria de Viação e Obras Públicas). Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa. Curitiba, 14 de março de 1944. Plantas dos pavimentos térreo e superior e elevação principal apresentadas em três pranchas. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 307.
- Figura 02: Plantas dos pavimentos térreo e superior do Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa, em Curitiba. Desenho elaborado em 2005, tendo como base PARANÁ. Divisão de Serviços e Edifícios da SVOP (Secretaria de Viação e Obras Públicas). Grupo Escolar Lysimaco

Ferreira da Costa. Curitiba, 14 de março de 1944. Plantas dos pavimentos térreo e superior e elevação principal apresentadas em três pranchas. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 307.

- Figura 03: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Lysimaco Ferreira da Costa. Desenho elaborado em 2005, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Colégio Estadual Lysimaco Ferreira da Costa. Curitiba, maio de 2004. Plantas de implantação e de paisagismo apresentadas em uma prancha. Levantamento arquitetônico em arquivo digital. Acervo: Fundepar.
- Foto 01: Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa em construção - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 307.
- Foto 02: Vista posterior do Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa em construção - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 307.
- Foto 03: Colégio Estadual Professor Lysimaco Ferreira da Costa - 2005. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 04: Vista aérea do Colégio Estadual Professor Lysimaco Ferreira da Costa - 2004. Acervo: Colégio Estadual Lysimaco Ferreira da Costa.
- Foto 05: Detalhe da entrada principal - 2006. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

Grupo Escolar Júlia Wanderley

- Figura 01: Plantas dos pavimentos térreo e superior do Grupo Escolar Júlia Wanderley, em Curitiba. Desenho elaborado em 2005, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Colégio Estadual Júlia Wanderley. Curitiba, 01 de setembro de 2005. Plantas de implantação e dos pavimentos térreo e superior apresentadas em três pranchas. Levantamento arquitetônico em arquivo digital realizado por Antonieta Costa da Costa. Acervo: Fundepar.
- Figura 02: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Júlia Wanderley. Desenho elaborado em 2005, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Colégio Estadual Júlia Wanderley. Curitiba, 01 de setembro de 2005. Plantas de implantação e dos pavimentos térreo e superior apresentadas em três pranchas. Levantamento arquitetônico em arquivo digital realizado por Antonieta Costa da Costa. Acervo: Fundepar.
- Foto 01: Rua Vicente Machado. À esquerda Grupo Escolar Júlia Wanderley - 1950. Fotografia de Arthur Wischral. Coleção: Arthur Wischral. Acervo: Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/FCC (Fundação Cultural de Curitiba).
- Foto 02: Colégio Estadual Júlia Wanderley - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

As escolas de Moisés Lupion

- Figura 01: Fachada principal do projeto-tipo de grupo escolar com quatro e seis salas. Fonte: PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. Grupo Escolar do Boqueirão. Curitiba, 18 de abril



- de 1947. Plantas de implantação e do pavimento térreo e elevação apresentadas em uma prancha. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 1338.
- Figura 02: Fachada principal do projeto-tipo de grupo escolar com oito e dez salas. Fonte: PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. Grupo Escolar com 8 salas - projeto-tipo. Curitiba, 23 de agosto de 1948. Plantas dos pavimentos térreo e superior e fachadas principal e lateral apresentadas em quatro pranchas. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 1377.
- Figura 03: Fachada principal do projeto-tipo de grupo escolar com doze salas. Fonte: PARANÁ. Divisão de Estudos e Projetos. Secção de Projetos Arquitetônicos - SVOP (Secretaria de Viação e Obras Públicas). Grupo Escolar com 12 salas - projeto-tipo. Curitiba, 22 de setembro de 1948. Elevação apresentada em uma prancha. Desenho nº 1672. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 672.
- Figura 04: Variante da fachada principal do projeto-tipo de grupo escolar com doze salas. Fonte: PARANÁ. Divisão de Estudos e Projetos. Secção de Projetos Arquitetônicos - SVOP (Secretaria de Viação e Obras Públicas). Grupo escolar de 12 salas - projeto-tipo. Curitiba, 22 de maio de 1950. Elevação principal apresentada em uma prancha. Desenho nº 1927. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 492.
- Figura 05: Variante da fachada principal do projeto-tipo de grupo escolar com quatro e seis salas. Fonte: PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. Departamento de Edificações. Divisão de Projetos e Construções. Projeto-tipo: grupo escolar de 4 e 6 salas. Curitiba, 1950. Planta do pavimento térreo, elevação e cortes apresentados em uma prancha. Nº do desenho: 1915. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 1449.
- Figura 06: Fachada principal do projeto-tipo de grupo escolar com duas salas. Fonte: PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. Departamento de Edificações. Divisão de Projetos e Construções. Projeto-tipo: grupo escolar com 2 salas. Curitiba, 12 de maio de 1950. Planta do pavimento térreo, elevação e cortes apresentados em uma prancha. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 639.
- Foto 01: Grupo Escolar de Pitanga - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 4655.
- Foto 02: Grupo Escolar Leôncio Correia, em Curitiba - sem data. Acervo: Colégio Estadual Leôncio Correia.
- Foto 03: Grupo escolar de Arapongas - sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 5656.
- Foto 04: Grupo Escolar do Cristo Rei, em Curitiba - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

- Foto 05: Terceira sede do Grupo Escolar Manoel Pedro, na Lapa – 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 06: Praça Tiradentes, em Curitiba - década de 1940. Coleção: Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 07: Avenida João Pessoa, em Curitiba - década de 1940. Coleção: Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 08: Vista de Curitiba - década de 1940. Coleção: Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 09: Vista de Curitiba - década de 1940. Coleção: Elizabeth Amorim de Castro.
- Mapa 01: Grupos escolares construídos até 1951 no Paraná. Mapa elaborado por Eduardo Vedor de Paula, tendo como base os dados municipais do Paraná Cidade e os mapas disponíveis no acervo digital do ITCG (Instituto de Terras, Cartografia e Geociências).
- Mapa 02: Grupos escolares construídos em Curitiba até 1951. Mapa elaborado por Eduardo Vedor de Paula e Ana Paula Marés Mikosik, tendo como base os mapas da cidade disponíveis no acervo da Diretoria do Patrimônio Cultural da FCC (Fundação Cultural de Curitiba) e da COMEC (Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba).
- Quadro 01: Grupos escolares construídos no Paraná entre 1945 e 1950. Elaborado em 2008, tendo como fontes: PARANÁ. 1953. PARANÁ. Governo. 1948. PARANÁ. Governo. 1948a. PARANÁ. Governo. 1949. PARANÁ. Governo. 1950. PARANÁ. Governo. 1950a.

Grupo Escolar do Boqueirão

- Figura 01: Fachada principal do projeto-tipo de grupo escolar com quatro e seis salas. Fachada principal do projeto-tipo de grupo escolar com quatro e seis salas. Fonte: PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. Grupo Escolar do Boqueirão. Curitiba, 18 de abril de 1947. Plantas de implantação e do pavimento térreo e elevação apresentadas em uma prancha. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 1338.
- Figura 02: Planta do pavimento térreo do Grupo Escolar do Boqueirão e da Escola Experimental Maria Montessori, em Curitiba. Desenho elaborado em 2005, tendo como base PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. Grupo Escolar do Boqueirão. Curitiba, 18 de abril de 1947. Plantas de implantação e do pavimento térreo e elevação apresentadas em uma prancha. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 1338.
- Figura 03: Planta de implantação atualizada da Escola Municipal Nivaldo Braga. Desenho elaborado em 2008, tendo como base CURITIBA. IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba). Escola Municipal Nivaldo Braga. Curitiba, julho de 2003. Planta de implantação apresentada em uma prancha. Levantamento arquitetônico em arquivo digital realizado por Jefferson Luiz Keller. Acervo: IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba).
- Foto 01: Grupo Escolar do Boqueirão - 1950. Fonte: PARANÁ. 1950. A concretização do Plano de Obras do Governador Moisés Lupion. 1947-1950. Curitiba, 1950.
- Foto 02: Alunas do Grupo Escolar Nivaldo Braga - sem data. Acervo: Escola Municipal Nivaldo Braga.
- Foto 03: Escola Municipal Nivaldo Braga - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.



Escola Experimental Maria Montessori

- Figura 01: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Maria Montessori. Ao fundo, o pátio interno. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Colégio Estadual Maria Montessori. Curitiba, sem data. Plantas de implantação e do pavimento térreo apresentadas em uma prancha. Levantamento arquitetônico em arquivo digital realizado por Alcdir José Dambros. Acervo: Fundepar.
- Foto 01: Colégio Estadual Maria Montessori - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 02: Galeria de acesso às salas de aula - 1957. Acervo: Museu da Imagem e do Som do Paraná.
- Foto 03: Sala de aula - 1957. Acervo: Museu da Imagem e do Som do Paraná.
- Foto 04: Pátio interno - 1957. Acervo: Museu da Imagem e do Som do Paraná.
- Foto 05: Alunos da escola - sem data. Acervo: Colégio Estadual Maria Montessori.

Grupo Escolar do Bacacheri

- Figura 01: Projeto-tipo da fachada principal para Grupo Escolar de oito salas. PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. Grupo Escolar com 8 salas - projeto-tipo. Curitiba, 23 de agosto de 1948. Plantas dos pavimentos térreo e superior e fachadas principal e lateral apresentadas em quatro pranchas. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 1377.
- Figura 02: Plantas dos pavimentos térreo e superior do Grupo Escolar do Bacacheri, em Curitiba. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. Grupo Escolar com 8 salas - projeto-tipo. Curitiba, 23 de agosto de 1948. Plantas dos pavimentos térreo e superior e fachadas principal e lateral apresentadas em quatro pranchas. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 1377.
- Figura 03: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Leôncio Correia. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Colégio Estadual Leôncio Correia. Curitiba, 28 de março de 2006. Planta de implantação e do pavimento térreo apresentadas em uma prancha. Levantamento arquitetônico em arquivo digital realizado por Dagoberto Bostelmann. Acervo: Fundepar.
- Foto 01: Grupo Escolar Leôncio Correia - sem data. Acervo: Colégio Estadual Leôncio Correia.
- Foto 02: Fachada principal - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 03: Detalhe da fachada principal - sem data. Acervo: Colégio Estadual Leôncio Correia.

Grupo Escolar do Cristo Rei

- Figura 01: Projeto-tipo da fachada principal para Grupo Escolar de doze salas. PARANÁ. Divisão de Estudos e Projetos Seção de Projetos Arquitetônicos - SVOP (Secretaria de Viação e Obras Públicas). Grupo Escolar com 12 salas - projeto-tipo. Curitiba, 22 de setembro de 1948. Elevação apresentada em uma prancha. Desenho nº 1672. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 672.

- Figura 02: Plantas dos pavimentos térreo e superior do Grupo Escolar do Cristo Rei, em Curitiba. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Divisão de Estudos e Projetos Seção de Projetos Arquitetônicos - SVOP (Secretaria de Viação e Obras Públicas). Grupo escolar com 12 salas - projeto-tipo. Curitiba, 22 de setembro de 1948. Plantas dos pavimentos térreo e superior apresentadas em uma prancha. Desenho nº 1672. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 672.

- Figura 03: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Professor Elias Abrahão. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Colégio Estadual Professor Elias Abrahão. Curitiba, sem data. Plantas de implantação e dos pavimentos térreo e superior apresentadas em uma prancha. Levantamento arquitetônico em arquivo digital realizado por Alcdir José Dambros. Acervo: Fundepar.

- Foto 01: Grupo Escolar do Cristo Rei em construção - 1950. Fonte: PARANÁ. 1950.

- Foto 02: Grupo Escolar do Cristo Rei - sem data. Acervo: Colégio Estadual Professor Elias Abrahão.

- Foto 03: Detalhe da fachada principal - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

Grupo Escolar do Alto Cabral

- Foto 01: Universidade Federal do Paraná - Campus Rua Bom Jesus - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 02: Detalhe da fachada principal - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 03: Edifício inicial visto do pátio interno - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 04: Vestíbulo e entrada do auditório - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

Grupo Escolar Guaíra

- Figura 01: Projeto-tipo da fachada principal para Grupo Escolar de doze salas. Fonte: PARANÁ. Divisão de Estudos e Projetos Seção de Projetos Arquitetônicos - SVOP (Secretaria de Viação e Obras Públicas). Grupo escolar de 12 salas - projeto-tipo. Curitiba, 22 de maio de 1950. Elevação principal apresentada em uma prancha. Desenho nº 1927. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 492.
- Figura 02: Plantas dos pavimentos térreo e superior dos Grupos Escolares Guaíra e do Novo Mundo, em Curitiba. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Divisão de Estudos e Projetos Seção de Projetos Arquitetônicos - SVOP (Secretaria de Viação e Obras Públicas). Grupo escolar com 12 salas - projeto-tipo. Curitiba, 22 de setembro de 1948. Plantas dos pavimentos térreo e superior apresentadas em uma prancha. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 492.
- Figura 03: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Guaíra. Desenho elaborado por Elizabeth Amorim de Castro, em 2008, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Colégio Estadual Guaíra. Curitiba, novembro



de 2005. Plantas de implantação e dos pavimentos térreo e superior apresentadas em três pranchas. Levantamento arquitetônico em arquivo digital realizado por Marcelo Antônio Skrobot. Acervo: Fundepar.

Foto 01: Grupo Escolar Guaíra - 1954. Acervo: Colégio Estadual Guaíra.

Foto 02: Fachada principal do Colégio Estadual Guaíra - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

Grupo Escolar do Novo Mundo

Figura 01: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Dr. Francisco Azevedo Macedo. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Colégio Estadual Francisco Azevedo de Macedo. Curitiba, setembro de 2005. Plantas de implantação e dos pavimentos térreo e superior apresentadas em três pranchas. Levantamento arquitetônico em arquivo digital realizado por José César Simões. Acervo: Fundepar.

Foto 01: Fachada principal do Colégio Estadual Dr. Francisco Azevedo Macedo - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

Foto 02: Detalhe da entrada - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

Foto 03: Vista posterior da ala do auditório - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

Foto 04: Acesso lateral - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

Grupo Escolar do Seminário do Barigüi

Figura 01: Projeto-tipo de grupo escolar com duas salas. Fonte: PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. Departamento de Edificações. Divisão de Projetos e Construções. Projeto-tipo: grupo escolar com 2 salas. Curitiba, 12 de maio de 1950. Planta do pavimento térreo, elevação e cortes apresentados em uma prancha. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 639.

Figura 02: Planta do pavimento térreo do Grupo Escolar do Seminário do Barigüi, em Curitiba. Desenho elaborado em 2005, tendo como base PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. Departamento de Edificações. Divisão de Projetos e Construções. Projeto-tipo: grupo escolar com 2 salas. Curitiba, 12 de maio de 1950. Planta do pavimento térreo, elevação e cortes apresentados em uma prancha. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 639.

Figura 03: Planta de implantação atualizada e do pavimento térreo da Escola Estadual Arthur Ribeiro de Macedo. Desenho elaborado em 2005, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Escola Estadual Arthur Ribeiro de Macedo. Curitiba, janeiro de 2006. Planta de implantação e do pavimento térreo apresentada sem duas pranchas. Levantamento arquitetônico em arquivo digital realizado por Marcelo Antônio Skrobot. Acervo: Fundepar.

Foto 01: Grupo Escolar do Seminário do Barigüi - 1953. Fonte: ROSA, Sá Barreto J. Gomes (org.). Panorama Pedagógico. Monografia editada sob os auspícios da Prefeitura Municipal. Curitiba: Habitat Editora Limitada, 1953.

Foto 02: Escola Estadual Arthur Ribeiro de Macedo - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

Foto 03: Alunos do Grupo Escolar do Seminário do Barigüi - sem data. Fonte: ACERVO FOTOGRÁFICO. Paróquia Nossa Senhora Aparecida. Curitiba, 2006. Reprodução e acervo: Dico Kremer.

Grupo Escolar da Vila Hauer

Figura 01: Projeto-tipo de grupo escolar com quatro e seis salas. Fonte: PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. Departamento de Edificações. Divisão de Projetos e Construções. Projeto-tipo: grupo escolar de 4 e 6 salas. Curitiba, 1950. Planta do pavimento térreo, elevação e cortes apresentados em uma prancha. Nº do desenho: 1915. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 1449.

Figura 02: Planta do pavimento térreo do Grupo Escolar da Vila Hauer, em Curitiba. Desenho elaborado por Elizabeth Amorim de Castro, em 2005, tendo como base Fonte: PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. Departamento de Edificações. Divisão de Projetos e Construções. Projeto-tipo: grupo escolar de 4 e 6 salas. Curitiba, 1950. Planta do pavimento térreo, elevação e cortes apresentados em uma prancha. Nº do desenho: 1915. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 1449.

Figura 03: Planta esquemática da ampliação do edifício inicial. Desenho elaborado em 2008, tendo como base tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Colégio Estadual Segismundo Falarz. Curitiba, dezembro de 2001. Plantas de implantação e do pavimento térreo apresentadas em uma prancha. Levantamento arquitetônico em arquivo digital realizado por José Fernando Skrobot. Acervo: Fundepar.

Foto 01: Colégio Estadual Segismundo Falarz - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

Foto 02: Detalhe da fachada principal - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

Foto 03: Pátio interno - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

As escolas de Bento Munhoz da Rocha Netto

Figura 01: Comparação entre dois tipos de salas de aula, sendo a primeira de tipo tradicional e a segunda evidenciando a pedagogia ativa. Fonte: DUARTE, Hélio. O problema Escolar e a arquitetura. 1951. In Revista Habitat - revista das artes no Brasil. Nº 4. São Paulo: Habitat, set-dez de 1951. (p. 6)

Foto 01: Vista aérea do Centro Cívico de Curitiba em construção - década de 1950. Coleção: Elizabeth Amorim de Castro.

Foto 02: Vista aérea do Centro de Curitiba - 1953. Fonte: ILUSTRAÇÃO Brasileira. Edição comemorativa do Centenário do Paraná. 1853-1953. Ano XLIV, nº 224. Dezembro de 1953.



- Foto 03: Vista aérea do Centro de Curitiba. À esquerda, Biblioteca Pública do Paraná - 1953. Fonte: ILUSTRAÇÃO Brasileira. Edição comemorativa do Centenário do Paraná. 1853-1953. Ano XLIV, nº 224. Dezembro de 1953.
- Foto 04: Vista aérea do Centro de Curitiba. À esquerda, Praça Osório - 1953. Fonte: ILUSTRAÇÃO Brasileira. Edição comemorativa do Centenário do Paraná. 1853-1953. Ano XLIV, nº 224. Dezembro de 1953.
- Foto 05: Rua XV de Novembro, em Curitiba - 1953. Fonte: ILUSTRAÇÃO Brasileira. Edição comemorativa do Centenário do Paraná. 1853-1953. Ano XLIV, nº 224. Dezembro de 1953.
- Mapa 01: Grupos escolares construídos até 1955 no Paraná. Mapa elaborado por Eduardo Vedor de Paula, tendo como base os dados municipais do Paraná Cidade e os mapas disponíveis no acervo digital do ITCG (Instituto de Terras, Cartografia e Geociências).
- Mapa 02: Grupos escolares construídos em Curitiba até 1955. Mapa elaborado por Eduardo Vedor de Paula e Ana Paula Marés Mikosik, tendo como base os mapas da cidade disponíveis no acervo da Diretoria do Patrimônio Cultural da FCC (Fundação Cultural de Curitiba) e da COMEC (Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba).
- Quadro 01: Grupos escolares construídos no Paraná entre 1951 e 1955. Elaborado em 2008, tendo como fontes: PARANÁ. 1953; PARANÁ. Governo. 1951; PARANÁ. Governo. 1953 e PARANÁ. Governo. 1955.

Grupo Escolar Barão do Rio Branco

- Figura 01: Perspectiva do Grupo Escolar Barão do Rio Branco elaborada por Romeu Paulo da Costa. Acervo: Romeu Paulo da Costa.
- Figura 02: Plantas dos pavimentos térreo e superior do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, em Curitiba. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. Departamento de Edificações. Divisão de Projetos e Construções. Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Curitiba, 25 de abril de 1951. Plantas dos pavimentos térreo e superior apresentadas em duas pranchas. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica, assinado por Romeu Paulo da Costa. Nº do desenho: 1981a. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 515.
- Figura 03: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Barão do Rio Branco. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná - Fundepar. Colégio Estadual Barão do Rio Branco. Curitiba, fevereiro de 2006. Planta de implantação e dos pavimentos térreo e superior apresentadas em três pranchas. Levantamento arquitetônico em arquivo digital realizado por Marcelo Antonio Skrobot. Acervo: Fundepar.
- Foto 01: Grupo Escolar Barão do Rio Branco - década de 1950. Fotografia de Romeu Paulo da Costa.
- Foto 02: Grupo Escolar Barão do Rio Branco - década de 1950. Fotografia de Romeu Paulo da Costa.
- Foto 03: Colégio Estadual Barão do Rio Branco - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 04: Entrada principal - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

- Foto 05: Circulação - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 06: Escadaria - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 07: Hall de distribuição no pavimento superior - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 08: Bloco construído posteriormente - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 09: Passarela coberta - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

Grupo Escolar Paula Gomes

- Figura 01: Plantas dos pavimentos térreo e superior dos Grupos Escolares Paula Gomes e Hildebrando de Araújo, em Curitiba. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. Departamento de Edificações. Divisão de Projetos e Construções. Grupo Escolar de Santa Quitéria, Paranavaí e Capanema. Curitiba, 27 de janeiro de 1952. Plantas dos pavimentos térreo e superior apresentadas em duas pranchas. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica, assinado por Lineu Borges de Macedo. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 2907.
- Figura 02: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Paula Gomes. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Colégio Estadual Paula Gomes. Curitiba, fevereiro de 2002. Plantas de implantação e dos pavimentos térreo e superior apresentadas em uma prancha. Levantamento arquitetônico em arquivo digital realizado por José Fernando Skrobot. Acervo: Fundepar.
- Foto 01: Colégio Estadual Paula Gomes - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 02: Fachada principal - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 03: Pátio coberto - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 04: Fachada principal - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

Grupo Escolar Hildebrando de Araújo

- Figura 01: Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Hildebrando de Araújo. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Colégio Estadual Hildebrando de Araújo. Curitiba, janeiro de 2002. Plantas de implantação e dos pavimentos térreo e superior apresentadas em uma prancha. Levantamento arquitetônico em arquivo digital realizado por José Fernando Skrobot. Acervo: Fundepar.
- Foto 01: Colégio Estadual Hildebrando de Araújo - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 02: Fachada principal - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 03: Entrada principal da escola - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
- Foto 04: Vista posterior do edifício principal - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.



Grupo Escolar Pietro Martinez	
Figura 01:	Croquis de implantação da antiga sede do Grupo Escolar Pietro Martinez. Fonte: PARANÁ. Croquis do terreno destinado à construção do Grupo Escolar Pietro Martinez, situado a Rua Nilo Peçanha, pertencente à Gabriela de Souza Macedo. Sem data. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 511.
Figura 02:	Plantas do subsolo e dos pavimentos térreo e superior do Grupo Escolar Pietro Martinez, em Curitiba. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas Departamento de Edificações. Divisão de Projetos e Construções. Grupo Escolar Pietro Martinez. Curitiba, 20 de junho de 1951. Plantas do subsolo e dos pavimentos térreo e superior apresentadas em duas pranchas. Projeto arquitetônico em cópia heliográfica, assinado por Romeu Paulo da Costa. Acervo: Coordenadoria do Patrimônio do Estado da SEAD (Secretaria de Estado da Administração) - Pasta 511.
Figura 03:	Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Pietro Martinez. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Colégio Estadual Pietro Martinez. Curitiba, 29 de setembro de 2005. Plantas de implantação, do subsolo e dos pavimentos térreo e superior apresentadas em três pranchas. Levantamento arquitetônico em arquivo digital realizado por Paulo Roberto de Oliveira Gaica. Acervo: Fundepar.
Foto 01:	Colégio Estadual Pietro Martinez - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 02:	Fachada principal - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 03:	Detalhe da escada - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 04:	Hall de distribuição do primeiro pavimento - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 05:	Detalhe do acesso à rampa e ao bloco posterior no térreo - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 06:	Vista posterior do bloco frontal - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 07:	Rampa - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 08:	Rampa - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 09:	Auditório - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 10:	Casa do zelador - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.

Grupo Escolar Tiradentes

Figura 01:	Imagens da maquete do Grupo Escolar Tiradentes apresentadas em 1953. Fonte: O PARANÁ NO Governo de Bento Munhoz da Rocha Netto. Curitiba: Comercial e Editora Sant'Ana, 1953. (p. 59-60)
------------	--

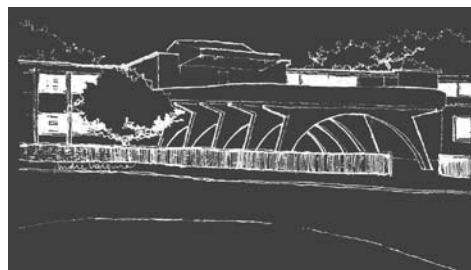
Figura 02:	Plantas dos pavimentos térreo e superior do Grupo Escolar Tiradentes, em Curitiba. Desenho elaborado em 2008, tendo como base CORREIA, Ana Paula Pupo. História & Arquitetura Escolar: Os Prédios Escolares Públicos de Curitiba (1943-1953). Curitiba, 2004. 169 f. Dissertação (Mestrado em História e Historiografia da Educação). Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. (p. 128-129)
Figura 03:	Planta de implantação atualizada do Colégio Estadual Tiradentes. Desenho elaborado em 2008, tendo como base PARANÁ. Fundepar (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná). Colégio Estadual Tiradentes. Curitiba, 24 de abril de 2002. Plantas de implantação e dos pavimentos térreo e superior apresentadas em uma prancha. Levantamento arquitetônico em arquivo digital realizado por Celso Ayres Gasparim. Acervo: Fundepar.
Foto 01:	Colégio Estadual Tiradentes - 1978. Fonte: PRÉDIOS escolares de Curitiba. Cadastro fotográfico. Curitiba: SEEC, IPPUC, Fundepar, junho de 1978.
Foto 02:	Entrada principal - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 03:	Entrada principal - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 04:	Bloco administrativo - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 05:	Acesso ao bloco administrativo - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 06:	Jardim entre o bloco administrativo e o de ensino - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 07:	Hall e circulação do pavimento térreo no bloco de ensino - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 08:	Escadaria do bloco de ensino - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 09:	Fachada voltada para a Rua Presidente Faria - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Foto 10:	Arcada do acesso principal - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Página 007:	Detalhe da fachada principal do Colégio Estadual Dr. Xavier da Silva, em Curitiba - 2008. Fotografia de Elizabeth Amorim de Castro.
Página 143:	Grupo Escolar Barão do Rio Branco - sem data. Fotografias de Romeu Paulo da Costa.
Página 157:	Casa Escolar Cruz Machado, em Curitiba - 1906. Fonte: PARANÁ. 1907. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Vicente Machado de Lima. Presidente do Estado do Paraná, por Francisco Gutierrez Beltrão, Secretário dos Negócios de Obras Públicas e Colonização. Curitiba: Tipografia d'A Republica, 1907. Acervo: Museu Paranaense.





↑ Casa Escolar Cruz Machado, em Curitiba - 1906.





Agradecimentos

Adilar Antonio Cigolini
Beatriz A. Spréa
Dico Kremer
Elisabeth Seraphin Prosser
Humberto Mezzadri
Janice Meister
Lauri da Costa
Paulo Vitola
Romeu Paulo da Costa
Salvador Gnoato
Vania Mercer
Vidal Costa

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL
Maria do Carmo Cattani
Hugo Tavares

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Canísio Miguel Morch
Giuliano Teodoro Bertoncello
Ivone Aparecida Alves
Josefina Palazzo Ayres
Lídia Mara Rosa Gross
Luiz Gustavo Ramos
Mara Rejane Vicente Teixeira
Maria da Graça Simão Gonçalves

COLÉGIO ESTADUAL BARÃO DO RIO BRANCO
Pedro Billo

COLÉGIO ESTADUAL CONSELHEIRO ZACARIAS
Waldecyr Simioni

COLÉGIO ESTADUAL DEZENOVE DE DEZEMBRO
Eliana Denise Klein

COLÉGIO ESTADUAL DR. FRANCISCO A. MACEDO
Dartagnan Franca Ferraz

COLÉGIO ESTADUAL GUAÍRA
Norma Gonçalves
Hermínia Rabello

COLÉGIO ESTADUAL HILDEBRANDO DE ARAÚJO
Osvaldo Alves de Araújo
Cláudia Quaquarelli Geronazzo
Rosely Caron Moroz
Marialba Silva Antunes Rodriguez

COLÉGIO ESTADUAL JÚLIA WANDERLEY
Josias Fagundes
Lardy Pereira Junior

COLÉGIO ESTADUAL LEÔNCIO CORREIA
Vanderlei Carlos Galdioli

COLÉGIO ESTADUAL MARIA MONTESSORI
Luciane Cristina Alexandrini
Maria Cristina Subkoviak

COLÉGIO ESTADUAL PAULA GOMES
Waldir Flemming
Dulcemar Amaro Vieira

COLÉGIO ESTADUAL PEDRO MACEDO
Deuzita Cardoso da Silva

COLÉGIO ESTADUAL PIETRO MARTINEZ
Alzimeire Maria de Souza Figueiredo

COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR CLETO
Maria Eliza da Silva
Osmarina Queiroz da Silva

COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR ELIAS
ABRAHÃO
Siham Boehm Ibrahim Arram
Luciane Cazetta da Cruz

COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR FRANCISCO
ZARDO
Bernadete Pelissari



COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR LYSIMACO
FERREIRA DA COSTA
Marconi Burgath

COLÉGIO ESTADUAL TIRADENTES
George Luiz Marsolik

COLÉGIO ESTADUAL SEGISMUNDO FALARZ
Maria da Glória Barbosa
Lúcia Maria Alvarez Gonçalves

COLÉGIO ESTADUAL DR. XAVIER DA SILVA
Ednamar Salvina Silva

COMEC (COORDENAÇÃO DA REGIÃO
METROPOLITANA DE CURITIBA)
Carla Gerhardt

COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
Aimoré Índio do Brasil Arantes
Edney Fraga
Marcelo Polinari
Rosina Coeli Alice Parchen

COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO DO ESTADO
SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO
Ivaldo Lopes
Luiz Alberto Pinto de Carvalho
Paulo Buono

ESCOLA ESTADUAL ARTHUR RIBEIRO
DE MACEDO
Carla Cristina Boscardin Noering

ESCOLA ESTADUAL DOM PEDRO II
Ruthi Mara Trenti Moraes

ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR BRANDÃO
Marilda da Cunha Macchi

ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ELYSIO VIANA
Josélia Rodrigues
Shirlei Terezinha Fraga Ribeiro

ESCOLA ESTADUAL REPÚBLICA ORIENTAL
DO URUGUAI
Karime Gaetner Farhat

ESCOLA MUNICIPAL PRESIDENTE PEDROSA
Rosângela de Jesus Narciso

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA
Ana Maria Hladczuk
Aparecida Bahls
Christine Vianna Baptista
Cláudio A. Florêncio de Faria
Jussara Reinert Ferreira
Marcelo Catani
Marcelo Sutil

Maria Inês Barreto
Norma Elizabeth Callado
Priscila Jacewicz
Roberson Maurício Caldeira Nunes
Sandra Guimarães

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ
PROFESSOR ERASMO PILOTTO
José Frederico de Mello
Mariza Terezinha Peruzzo
Fernando Fumio

INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO
E ETNOGRÁFICO DO PARANÁ
Ernani Costa Straube

IPHAN (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
E ARTÍSTICO NACIONAL)
10ª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - PARANÁ
José La Pastina Filho
José Luiz Lautert

IPPUC (INSTITUTO DE PESQUISA
E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA)
Ana Lúcia Ciffoni
Oscar Ricardo Schmeiske

ITCG (INSTITUTO DE TERRAS, CARTOGRAFIA
E GEOCIÊNCIAS)
Eduardo Farias
Fernando Canesso
José Antonio Gediel

MUSEU PARANAENSE
Daniel Artmann Tramontim
Euclides Marchi
Márcia Medeiros
Sílvia Marchiorato
Vera Coelho

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM
Graça Bandeira
Stefanie Carina Freiburger

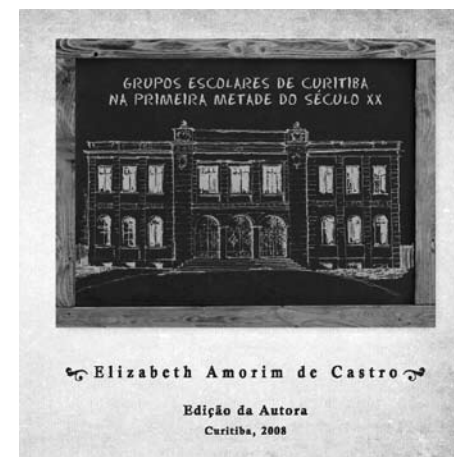
MEMORIAL LYSIMACO FERREIRA DA COSTA
Maria Josefina Franco Ferreira
da Costa
Luiz Guilherme Grein Vieira
Thereza Cristina Grein
Vera Lúcia Castro Grein Mercier

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
Denise Toniolo



O projeto cultural **Grupos Escolares de Curitiba na primeira metade do século XX** foi financiado com recursos do Fundo Municipal de Cultura da Fundação Cultural de Curitiba. São três os produtos culturais resultantes desta pesquisa: este livro, um CD e uma exposição itinerante.

História e arquitetura são reunidas para registrar o processo de constituição e consolidação da rede de escolas públicas na cidade. Com base no edifício escolar, esta análise percorre as especificidades políticas, pedagógicas e arquitetônicas de cada momento, identificando permanências e mudanças.



Coleção Ensaio sobre a Arquitetura em Curitiba

Estudo contextualizado da arquitetura de Curitiba, tendo como ponto de partida conjuntos de edifícios de mesma função. Instituições de isolamento, colégios, educandários, grupos escolares, conventos e seminários são analisados, buscando permanências e mudanças em suas soluções espaciais ao longo do tempo.



A Arquitetura do Isolamento em Curitiba na República Velha

Elizabeth Amorim de Castro. Editado em 2004, com 168 páginas.

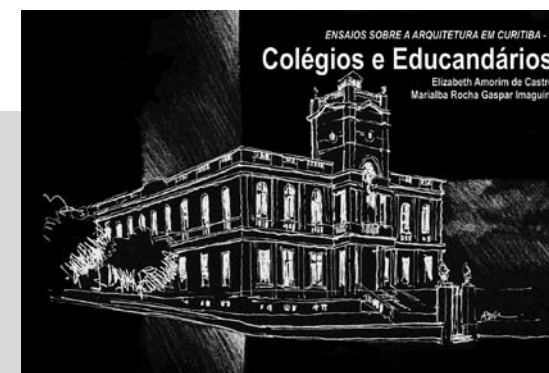
Estudo histórico da arquitetura das instituições de isolamento construídas em Curitiba (hospícios, penitenciárias, asilos, orfanatos e hospitais) no contexto da urbanização e história da cidade e da arquitetura paranaense.



Ensaio sobre a Arquitetura em Curitiba 1 – Conventos e Seminários

Elizabeth Amorim de Castro e Marialba Rocha Gaspar Imaguire. Editado em 2006, com 166 páginas.

Registro pioneiro da arquitetura conventual na primeira metade do século XX. Traz o estudo histórico e arquitetônico de 14 conventos e seminários de Curitiba.



Ensaio sobre a Arquitetura em Curitiba 2 – Colégios e Educandários

Elizabeth Amorim de Castro e Marialba Rocha Gaspar Imaguire. Editado em 2006, com 208 páginas.

Estudo histórico e arquitetônico de 17 edifícios de ensino de Curitiba, divididos em três grupos: colégios públicos, religiosos e educandários. A análise, tendo como base o edifício escolar, percorre as especificidades de cada grupo e identifica semelhanças e diferenças entre os programas arquitetônicos.